

LEONICE PORTELA

DREW PEARSON: AS PERCEPÇÕES DE UM JORNALISTA NORTE-AMERICANO  
NO CONTEXTO DA GUERRA FRIA (1950-1957)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial e final para obtenção do grau de mestre em História, sob a orientação da Profa. Dr. Ana Luiza Setti Reckziegel.

Passo Fundo

2016

Primeiramente, agradeço a uma força superior, que muitos chamam de Deus, que me guiou e  
que ouviu minhas preces nesta minha vida acadêmica.

À FAPERGS, pela bolsa que permitiu a realização do mestrado.

Ao Programa de Pós-Graduação em História da UPF, pela estrutura disponibilizada e à  
Jênifer, em especial, pela atenção e o auxílio.

Aos funcionários dos Acervos do Museu Hipólito da Costa, de Porto Alegre, Arquivo  
Histórico Regional, de Passo Fundo, Museu Olívio Otto, de Carazinho, e aos acervos  
particulares da Ana Maria Farias e do Vagner Guarezi.

À professora Ana Luiza, que foi muito mais do que uma orientadora, nesta jornada  
estabelecemos uma relação de amizade e de confiança, ao longo da minha vida acadêmica,  
desde a iniciação científica até o mestrado. Ela me ajudou a lapidar e ladrilhar os caminhos da  
pesquisa histórica, com sabedoria e inteligência, sendo firme e atenciosa. E me incentivou a  
deixar o meu tijolinho na parede da História.

Em especial ao meu noivo, Gustavo, pela paciência incondicional e o auxílio nas atividades  
práticas da pesquisa, por sempre acreditar no meu potencial, desde a graduação.

Aos meus colegas da PPGH, David, Nathan, Adriano, Jaqueline e Priscila, pelo  
companheirismo.

E às minhas colegas da graduação Ariela e a Lindalva.

À minha amiga de todas as horas, Raquel Cesar, pela leitura atenta na revisão deste trabalho e  
pela amizade, pelos seus inúmeros conselhos e sugestões acadêmicas e amorosas.

À professora Ironita e à professora Flávia, pela atenção e pelos abraços carinhosos.

À professora Gizele, pela leitura atenta e pelas sugestões no exame de qualificação.

Aos meus pais, pelo incentivo, pelas lembranças de “você precisa comer”, “você precisa  
dormir” e “você precisar sair deste quarto”.

Aos meus amigos e aos meus familiares, pela compreensão sobre o fato de estar sempre  
ausente nas jantãs de sábado à noite e nos almoços de domingo, em especial à tia Rosí e à  
Raquel.

Aos incentivos e à compreensão dos meus colegas e alunos das escolas Maurício Cardoso e  
Júlia Lopes, em especial Cinara e Ângela.

Muito obrigado a todos que fizeram parte desse trabalho. O resultado só foi alcançado graças  
ao apoio de TODOS vocês.

## RESUMO

Esta pesquisa está centrada na análise dos artigos do jornalista Drew Pearson, publicados na revista *O Cruzeiro*, numa coluna denominada *Carrossel do Mundo*, durante a década de 1950. O jornalista norte-americano Drew Pearson (1897-1969) era considerado um correspondente internacional e um importante jornalista investigativo. Assinou a coluna *Carrossel do Mundo* entre os anos de 1947 a 1963, nas páginas da revista *O Cruzeiro*. A revista *O Cruzeiro* cobriu de forma marcante um expressivo e importante período histórico (1928-1975). Considerada um dos marcos na história do jornalismo ilustrado do Brasil, a revista foi o periódico de maior circulação do país. Trata-se de uma fonte de pesquisa relevante para pesquisadores e historiadores de diversas áreas, pois o conteúdo de suas páginas já suscitou inúmeras pesquisas. O recorte da pesquisa está calcado nos anos de 1950 a 1957, na conjuntura da Guerra Fria, e objetiva evidenciar o cruzamento da história com a imprensa e o seu discurso sobre esse contexto. Consistindo a Guerra Fria num confronto de estratégias que se resumiam a um confronto bipolar entre Estados Unidos e União Soviética na sua intensa corrida nuclear, nos movimentos militares e na conquista de aliados. A análise proposta visa perceber o discurso de Drew Pearson em relação aos países da América Latina, sobre a construção do inimigo comunista, sobre a União Soviética e sobre a corrida armamentista nas disputas de poder da Guerra Fria. A pesquisa se orientou com base nas referências metodológicas da análise de conteúdo e análise de discurso, utilizando, como referencial teórico, as reflexões sobre o discurso das mídias e a sua influência nas relações de poder. A análise enfatiza, primordialmente, o discurso de Drew Pearson, objetivando perceber as concepções ideológicas e políticas que norteavam seus artigos, considerando suas percepções sobre as relações internacionais dos Estados Unidos como eixo central e suas relações com os países estratégicos e subdesenvolvidos.

Palavras-chave: Imprensa. Guerra Fria. Estados Unidos. História.

## ABSTRACT

This research focuses on the analysis of articles written by journalist Drew Pearson, published in the magazine *O Cruzeiro*, in a column named *Carrossel do Mundo*, during the decade of 1950. The American journalist Drew Pearson (1897-1969) was regarded as an international correspondent and an important investigative journalist. He signed the *Carrossel do Mundo* column, in the pages of *O Cruzeiro*, during the years 1947 to 1963. The magazine *O Cruzeiro* covered, in an impactful way, a significant and important historical period (1928-1975). Considered one of the milestones in the history of illustrated journalism of Brazil, the magazine was the periodic with the largest circulation in the country. *O Cruzeiro* is an important research source for researchers and historians from different areas and the content of its pages have allowed several studies. The research presented here is delimited by the years of 1950-1957, in the Cold War context, and aims to highlight the intersection of history and press and its discourse. The Cold War consisted in coping strategies that were restricted inside of a bipolar confrontation between the United States and the Soviet Union in their intense nuclear arms race, military movements and the winning of allies. The proposed analysis aims to understand the speech of Drew Pearson about Latin America countries on the matter of construction of the communist enemy, of the Soviet Union and the arms race during the Cold War power struggles. The research is oriented on the basis of methodological references of content and discourse analysis, using, as theoretical framework, the reflections on the discourse of the media and its influence on power relations. The analysis emphasizes primarily the speech of Drew Pearson, in order to realize the ideological and political conceptions that guided his articles, considering his perceptions on international relations of the United States as a central axis, as well as its relations with strategic and underdeveloped countries.

Keywords: Press. Cold War. United States. History.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Levantamento dos dados por Eixo Temático (1950-1957).....	54
Gráfico 2 - Temas que compõem o Eixo Temático Arsenal Bélico (1950- 1957).....	59
Gráfico 3 - Temas que compõem o Eixo Temático Comunismo (1950- 1957). ....	61
Gráfico 4 - Total de artigos em cada região continental (1950- 1957).....	63
Gráfico 5 - Países da América Central e México mencionados .....	134
Gráfico 6 - Países da América do Sul mencionados nos artigos e seus percentuais (1950-1957).....	138

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Revistas mapeadas (1950- 1957).....	52
Tabela 2 - Quantidade de artigos em cada região (1950- 1957).....	64

## **LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AFP – Agence France Presse

CIA – Central Intelligence Agency

CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil

EUA – Estados Unidos da América

FBI – Federal Bureau of Investigation

FGV – Fundação Getúlio Vargas

KGB – Comité de Segurança do Estado.

NBC – News para as Américas

NSC – Conselho Nacional de Segurança

OEA – Organização dos Estados Americanos

ONU – Organização das Nações Unidas

OSS – Escritório de Serviços Estratégicos

Otan – Organização do Tratado do Atlântico Norte

PS – Post Script

TIAR – Tratado Interamericano da Assistência recíproca

UA – Universidade Americana

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
1 A PRESENÇA DE DREW PEARSON NA IMPRENSA BRASILEIRA.....	24
1.1 <i>O Cruzeiro</i> e Drew Pearson.....	43
1.2 O discurso de Drew Pearson na coluna Carrossel do Mundo.....	51
2 GUERRA E PAZ: O DISCURSO DE DREW PEARSON SOBRE ARSENAL BÉLICO .....	66
2.1 Ao invés de rublos, armas e munições: produção de armamento.....	68
2.2 A espionagem como arma de guerra .....	80
3 CONSTRUINDO UM INIMIGO: ESTADOS UNIDOS X UNIÃO SOVIÉTICA.....	87
3.1 URSS – Um inimigo real .....	91
3.2 Ameaça comunista.....	110
4 RELAÇÕES INTERNACIONAIS: CORRE PERIGO A POLÍTICA DE BOA VIZINHANÇA ENTRE ESTADOS UNIDOS E A AMÉRICA LATINA.....	123
4.1 Drew Pearson e seu olhar sobre Argentina.....	143
4.2 O Brasil na coluna Carrossel do Mundo.....	158
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	180
REFERÊNCIAS.....	185
ANEXOS .....	191

## INTRODUÇÃO

O objetivo desta dissertação é analisar os artigos escritos pelo jornalista norte-americano Drew Pearson, transcritos na coluna Carrossel do Mundo, da revista *O Cruzeiro*, no período de 1950 a 1957. A pesquisa selecionou 355 artigos, os quais foram classificados nos seguintes eixos temáticos: Arsenal Bélico, Comunismo e Relações Internacionais. Cada eixo contempla o discurso de Drew Pearson em um contexto de Guerra Fria, desde a produção de armamentos, espionagem, ameaça do avanço comunista e as relações internacionais. O problema de pesquisa está centrado na análise do discurso do jornalista Drew Pearson sobre esse contexto de bipolarização mundial, procurando identificar quais eram as variáveis daquele momento que o jornalista considerava como mais importantes no jogo de poder entre os Estados Unidos e a União Soviética. A partir dos artigos de Pearson pretendemos compreender, também, como a imprensa se constituiu em um ator histórico, um elemento mobilizador de opiniões e de posicionamentos naquele momento específico da Guerra Fria.

O recorte cronológico entre os anos de 1950 e 1957 foi adotado em razão de um questionamento surgido quando da pesquisa na coluna de Drew Pearson e que se referia a uma percepção de que poderia ter havido um certo abandono por parte do governo dos Estados Unidos em relação aos países latino-americanos nesse período. Em contraste com o que ocorreu a partir da Revolução Cubana, quando a política norte-americana priorizou o cenário latino-americano, ao seu ver, estavam vulneráveis ao avanço do comunismo, notamos que essa região, antes de 1959, não registrou o mesmo interesse por parte dos EUA. Entendemos, então, que a análise da coluna nesse rasgo temporal, 1950-1957, forneceria variáveis importantes para entendermos historicamente os primeiros anos de um mundo polarizado sob a Guerra Fria e os movimentos dos Estados Unidos em relação à nova confluência política, situada aí a América Latina.

Pretendemos enfatizar primordialmente os estudos que se fazem presentes na análise do discurso, que perpassam os pontos primordiais do sujeito na figura do jornalista norte-americano Drew Pearson, na ideologia que transcorre tanto na revista, como fonte e objeto que são retratados nos artigos nela publicados, quanto no contexto histórico da Guerra Fria.

O período da Guerra Fria suscitou muitos estudos que evidenciaram o duelo entre duas potências, os Estados Unidos e a União Soviética, num embate pela soberania internacional.

Constituiu-se num dos fenômenos mais importantes e polêmicos do século XX, adquirindo a dimensão de um conflito multifacético.<sup>1</sup>

Para o historiador Issac Deutscher, a partir de qualquer dos ângulos que se olhe para a Guerra Fria, deve-se primeiramente analisar a sua origem, “ela se desenvolveu diretamente das tensões subjacentes da Segunda Guerra Mundial”<sup>2</sup>, onde estavam Estados Unidos, União Soviética e Grã-Bretanha reunidos contra um inimigo em comum. No entanto, as tensões emergentes da Guerra Fria foram mais “profundas e mais graves do que podemos encontrar em qualquer coalização de tempo de guerra.”<sup>3</sup> Uma das projeções do final da Segunda Guerra Mundial era de “se esperar que a Grande Aliança desses países sobrevivesse à sua vitória sobre a Alemanha nazista, a vitória foi grande demais para que os vitoriosos a dirigissem”<sup>4</sup>. Isaac Deutscher conclui que o desequilíbrio do poder social<sup>5</sup> e político gerado pela vitória desencadeou alterações demasiadamente assustadoras para o mundo.

Para o autor Paulo Vizontini, “as origens da Guerra Fria encontram-se, também nas divergências entre os aliados ocidentais e os soviéticos acerca da ordem pós-guerra.”<sup>6</sup> Nessa perspectiva, o autor analisa os fenômenos e as transformações da Guerra Fria em 4 fases distintas: a Pax Americanização e o desencadeamento da Guerra Fria: a fase europeia (1947-1949) se materializou com a Doutrina Truman e o Plano Marshall, consolidando a partilha da Europa<sup>7</sup>; dos Conflitos à Coexistência Pacífica: a Guerra Fria na periferia (1950-1962), aqui a Guerra da Coreia se constitui como ponto de inflexão mais significativa, os índices econômicos da União Soviética propunham ultrapassar economicamente os Estados Unidos em pouco tempo, Berlim durante os 10 anos pós-guerra, recebeu mais investimentos públicos em ajuda do que toda a América Latina, somando-se a esse contexto a Revolução Cubana, que se consolidou com a chegada de Fidel Castro ao poder, em 1959<sup>8</sup>; a *détente* e o equilíbrio estratégico: a Guerra Fria mundial (1962-1979), Washington intensificava sua ofensiva na América Latina e no Vietnã, ao passo que Moscou tentava restaurar sua liderança no campo

---

<sup>1</sup> VIZENTINI, Paulo Fagundes. *A Guerra Fria (1947-1987): conflito ou sistema?* Revista do Programa Pós-Graduação em História, Passo Fundo, v. 6, n. 2, jul./dez. 2006. p. 10.

<sup>2</sup> DEUTSCHER, Isaac. *Ironias da História: Ensaio sobre o comunismo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 175.

<sup>3</sup> DEUTSCHER, 1968, p. 175.

<sup>4</sup> DEUTSCHER, 1968, p. 175.

<sup>5</sup> Entendemos que poder social não é uma coisa ou uma posse, mas sim uma relação entre pessoas. Contudo, não existe Poder se não existe, ao lado do indivíduo ou grupo que o exerce, outro indivíduo ou grupo que é induzido a comportar-se tal como aquele deseja. Sem dúvida, como acabamos de mostrar, o Poder pode ser exercido por meio de instrumentos ou de coisas BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Brasília: Universidade de Brasília, 1998, p. 933-942.

<sup>6</sup> VIZENTINI, 2006, p. 11.

<sup>7</sup> VIZENTINI, 2006, p. 14.

<sup>8</sup> VIZENTINI, 2006, p. 21.

socialista; da intensificação da Guerra Fria ao seu fim (1979-1987), o Kremlin, debilitado, viu-se limitado a ajudar as suas nações aliadas, os Estados Unidos e seus aliados mais militarizados poderiam esmagar os movimentos e regimes revolucionários, por fim, no plano ideológico, a bandeira dos direitos humanos pela defesa democracia e do combate ao narcotráfico e ao terrorismo.<sup>9</sup>

Paulo Vizentini percebe que estudiosos, quando analisam a Guerra Fria, em muitos casos, divergem e, por fim, acabam caindo num reducionismo quanto à natureza desse conflito, apontando que,

Muitos acadêmicos, inclusive, reduzem-na ao próprio conflito ideológico, enquanto outros a abordam como mera luta pelo poder entre superpotências, visando à dominação mundial. Além disso, muitos estudos procuram, unicamente, estabelecer o “culpado” pelo seu desencadeamento, seja o “expansionismo soviético” (de caráter político), seja o “imperialismo americano” (de viés econômico), dentro de uma visão de história ocidental ou dependente da vontade pessoas dos estadistas. Geralmente tais enfoques representam uma dimensão militar-nuclear como eixo de análise, o que representa uma distorção da realidade. [...] [Partindo] das condições e necessidades objetivas dos dois protagonistas ao fim da Segunda Guerra Mundial, enfocando o contexto histórico mais amplo. Nesse sentido a Guerra Fria adquire a dimensão de um conflito multifacetado, racionalmente explicável à luz das enormes transformações que marcaram o século XX.<sup>10</sup>

O principal foco da Guerra Fria era o jogo de estratégias das relações diplomáticas, ideológicas e de poder. Nesta conjuntura, destaca-se o discurso de Drew Pearson nas páginas da revista *O Cruzeiro*, mostrando, de forma singular e atuante, esse embate que se configura, de forma simbólica, como um jogo de xadrez, no qual cada movimento deveria ser muito cauteloso. O discurso do jornalista salienta as movimentações desse jogo de poder, revelando-o também como um ator das relações internacionais que, ao expor sua opinião, acaba movimentando o cenário de discussões políticas do período.

Para realizarmos o cruzamento da História com a Imprensa, faremos uso de um caminho de possibilidade dúplice, que leva em consideração a imprensa tanto como fonte de reconstrução de cenários históricos quanto como objeto de análise. Primamos por um estudo “*por meio da imprensa*”<sup>11</sup>, percebendo sua importância para ampliar reflexões sobre outro viés de compreensão da história.

P. Alberte e F. Terrou apresentam na obra a *História da Imprensa* como trabalhar com a imprensa:

<sup>9</sup> VIZENTINI, 2006, p. 34.

<sup>10</sup> VIZENTINI, 2006, p. 10.

<sup>11</sup> DE LUCA, Tânia Regina. Fontes Impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 118.

A sua função principal, que consiste em restituir à vida dos jornais e especificar o papel que eles representaram na evolução das sociedades, a história da imprensa acrescenta uma espécie de função derivada: a de ajudar os historiadores a utilizar o testemunho dos jornais. Não se pode construir ou compreender um determinado período histórico sem refletir sobre a evolução geral das sociedades; “de todos objetivos da pesquisa histórica, o jornal é talvez o que mantém as mais estreitas relações com o estado político, a situação econômica, a organização social e o nível cultural do país e da época dos quais constitui reflexo.”<sup>12</sup>

Evidencia-se que a revista não é meramente mais uma fonte histórica utilizada pelo historiador, mas sim uma ponte entre as relações sociais e o cotidiano dos cidadãos de um determinado período da história. A revista é fonte de sua própria história e das mais diversas situações nas quais se encontram dados sobre a sociedade, seus ritos e costumes, informações sobre questões políticas e econômicas inseridas em seu discurso através de palavras e imagens.

Nesta perspectiva, Derocina Sosa afirma que:

O uso de fonte jornalística como instrumento a ser utilizado em história política, conseqüentemente, não tem como deixar de levar em consideração o viés ideológico, presente ou na feitura do texto ou em sua leitura à época em que foi produzido. Isso conduz, inapelavelmente, à pesquisa não só das peças textuais em si, mas também do momento histórico em que foram produzidas e, dado o volume das mesmas, impõe-se ao pesquisador uma necessária e clara delimitação de cenários e tópicos envolvidos no processo.<sup>13</sup>

Percebe-se a importância de se estudar a imprensa para compreender as relações de poder<sup>14</sup> que estão interligadas com o cotidiano da sociedade. Propomo-nos a desconstruir a imagem da imprensa, não mais utilizada com a finalidade de confirmar hipóteses, mas sim como uma ferramenta empregada para ampliar novos estudos, desafiando a conceituar, mapear e esclarecer condições de produção.

Pretende-se perceber a imprensa como uma fonte para analisar a maneira com que se constituiu o discurso midiático nos tempos da Guerra Fria, especificamente a fala de um

<sup>12</sup> ALBERT, P.; TERROU, F. *História da imprensa*. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p. 32.

<sup>13</sup> SOSA, Derocina Campos Alves. *Imprensa e História*. Biblos, Rio Grande, 19: 2006, p. 123.

<sup>14</sup> Partimos do entendimento de poder com um dos fenômenos mais difundidos na vida social. Pode-se dizer que não existe praticamente relação social na qual não esteja presente, de qualquer forma, a influência voluntária de um indivíduo ou de um grupo sobre o comportamento de outro indivíduo ou de outro grupo. Não devemos nos surpreender ao verificar que o conceito de Poder foi empregado para interpretar os mais diversos aspectos da sociedade: desde os pequenos grupos da administração de produção, e desde a família, até às relações entre as classes sociais. Todavia, o campo em que o Poder ganha seu papel mais crucial é o da política; em relação aos fenômenos políticos. (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 933-942).

jornalista norte-americano publicado na coluna Carrossel do Mundo. Dessa maneira, a imprensa será concomitantemente fonte e objeto desta análise.

Para fins desta pesquisa, utilizaremos como recurso metodológico os procedimentos da análise de conteúdo e da análise do discurso. Recorremos às contribuições da autora Laurence Bardin, que nos auxilia no aperfeiçoamento dos métodos de análise de conteúdo, de como podemos trabalhar com os registros e com o contexto da pesquisa. As técnicas de análise de conteúdo desenvolvidas permitem uma seleção do objeto da análise (*corpus*), bem como uma uniformização de procedimentos específicos para o tratamento desse *corpus*.

Buscamos aliar as técnicas de análise de conteúdo e as contribuições teórico-metodológicas da análise do discurso da escola francesa, as contribuições de Jean-Jacques Courtine, Michel Foucault e Eni Orlandi, para podermos compreender como estabelecer esta estreita relação entre a História e Imprensa, na análise do discurso de Drew Pearson nas páginas da revista *O Cruzeiro*, que perpassa no conflito de poder, de ideologias e de políticas diplomáticas no período da Guerra Fria.

Eni Orlandi sintetiza os principais princípios da análise de discurso:

A análise de Discurso não procura o sentido “verdadeiro”, mas o real do sentido em sua materialidade histórica. O que se espera do dispositivo do analista é que ela lhe permita trabalhar não numa posição neutra, mas que seja relativizada em face da interpretação [...]. O dispositivo de análise: não reflete, mas situa compreender, o movimento da interpretação inscrito no objeto simbólico que é o alvo. Ele pode então contemplar (teorizar) e expor (descrever) os efeitos da interpretação. Ele não se coloca fora da história, do simbólico ou da ideologia. Por isso que dizemos que o analista de discurso à diferença do hermeneuta não interpreta, ele trabalha nos limites da interpretação. Ele se coloca em uma posição deslocada que lhe permite contemplar o processo de produção de sentidos em suas condições históricas.<sup>15</sup>

Jean-Jacques Courtine afirma que “o discurso é pensado como uma relação, uma correspondência entre língua e questões que sejam no exterior desta, no que diz respeito a todo discurso concreto.”<sup>16</sup>

Em seu estudo, o autor elenca uma estrutura de primeira análise do discurso<sup>17</sup>, que orienta identificar: Quem fala? Qual o sujeito do discurso? Do que fala o discurso? Como identificar dentro dele a importância de temas determinados? Em quais condições, enfim, o discurso não é apenas produzido, mas também compreendido? Essas questões nos guiaram em

<sup>15</sup> ORLANDI, Eni Puccinelli. (Coord.) *Gestos de Leitura: da história no discurso*. Campinas: Ed. Universidade Estadual de Campinas, 1994.

<sup>16</sup> COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos Cristãos*. São Carlos: Ed. Universidade Federal de São Carlos, 2009.

<sup>17</sup> COURTINE, 2009, p. 54.

nosso estudo, no qual priorizamos entender e compreender o discurso produzido por Drew Pearson em seus artigos.

Jean-Jacques Courtine, acrescenta que:

[...] análise de discurso implica de um método para determinar as relações inerentes ao texto, as quais por hipóteses onde definem a estrutura do discurso, e suas relações são aquelas que considerados os termos do texto: as palavras, sintagmas frases, mantêm entre si<sup>18</sup>.

Para o autor Jean-Jacques Courtine, as palavras pelas palavras não têm significado nenhum e muito menos um *emaranhado* de frases. Porém, se estas estiverem simultaneamente interligadas, formando um texto, elas podem nos revelar uma ideologia. A partir daí poderemos realizar um questionamento sobre essa ideologia enquanto discurso.

Michel Foucault destaca que “é visto que a história não cessa de nos ensinar que o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo que porque, pelo que se luta, poder do qual podemos nos apoderar”.<sup>19</sup>

Para Eni Orlandi, a análise de discurso:

Trabalha na confluência desses campos de conhecimento, irrompe em suas fronteiras e produz um novo recorte de disciplina, constituindo um novo objeto que vai afetar essas formas de conhecimento em seu conjunto: este é novo objeto é o discurso. Para a análise de discurso, não se trata apenas de transmissão de informação, nem há essa linearidade na disposição dos elementos da comunicação, como se a mensagem ressaltasse de um processo assim serializado, alguém fala, refere-se alguma coisa, baseando-se em um código, e o receptor capta a mensagem, decodificando-a. Análise do discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. Também não procura um sentido verdadeiro através de uma chave de interpretação. Não há esta chave, há método, há construção de um dispositivo teórico. Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender.<sup>20</sup>

Em suma, a análise de discurso visa a compreensão, como o objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. Essa compreensão, por sua vez, implica em explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido.<sup>21</sup>

Neste sentido, adotamos a definição de informação dentro da análise de discurso sugerida pelo autor Patrick Charaudeau:

<sup>18</sup> COURTINE, 2009, p. 56.

<sup>19</sup> FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p. 19.

<sup>20</sup> ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001, p. 23-26

<sup>21</sup> ORLANDI, 2001, p. 28

A noção de informação pode ser tratada como um gênero discursivo. Desde que se levem em consideração a finalidade intencional da situação de comunicação, a identidade dos parceiros da troca (daquele que dá a informação), a natureza do propósito (o saber de conhecimento e do saber da crença). [...] é preciso considerar como informação: a que é explícita ou a que é implícita (ele quer me fazer compreender que...)?<sup>22</sup>

A análise empírica estará apoiada nos estudos de Patrick Charaudeau no que se refere ao papel das mídias e ao discurso do jornalista, tratando de interpretar como se organiza o contexto da lógica simbólica. Nesse sentido, justifica-se a necessidade de ter um olhar apurado para os bastidores da imprensa com a qual se trabalha, no caso a revista *O Cruzeiro* e a coluna Carrossel do Mundo, escrita por Drew Pearson.

A revista *O Cruzeiro* foi fundada em 24 de maio de 1928, no Rio de Janeiro, na sede de *O Jornal*, e funcionava num prédio estreito de 3 andares, localizado na Rua Rodrigo Silva, nº 14, que mais tarde ficou conhecida como “O mundo em papel *couche*”. Em reunião com jornalistas convidados com o intuito de fundar a Sociedade Anônima Empresa Gráfica *O Cruzeiro*, Assis Chateaubriand apresentou o investimento. Era uma revista semanal ilustrada e a maior da América Latina, posteriormente circulando em todo o Brasil, em Portugal, na Argentina, no Chile e no México. Em seus 46 anos, inúmeras reportagens de diversas faces foram feitas pelos jornalistas da revista, desde a cobertura do carnaval do Rio de Janeiro, passando pela morte de Getúlio Vargas, o disco voador na Barra da Tijuca, a Bomba Atômica Russa, o desembarque de tropas americanas no Líbano, até a espionagem em Berlim, enriquecendo assim as suas 150 páginas em papel *couche*.

Com tiragem inicial de 50 mil exemplares, estabelecia um verdadeiro recorde para os padrões da época, chegando à tiragem de 600 milhões de exemplares em média, entre o meio e o final da década de 1950, atingindo um público estimado entre 3 e 4 milhões de leitores (devemos lembrar que cada revista normalmente era lida por várias pessoas).<sup>23</sup>

Os temas culturais, a coluna social e a transformação de elementos da sociedade e da paisagem em espetáculo constituem um periódico voltado a entreter e informar o público.<sup>24</sup> *O Cruzeiro*, de fato, foi mais do que uma revista ilustrada, foi um modelo para a mídia

---

<sup>22</sup> CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 279.

<sup>23</sup> ROMANELLO, J. L. *A natureza no discurso fotográfico da revista O Cruzeiro: paisagens e imaginários no Brasil desenvolvimentista*. Assis, 2006. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2006.

<sup>24</sup> GAWRYSZEWSKI, Alberto (Coord.). *O Cruzeiro: uma revista (muito) ilustrada*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009.

brasileira, ou, melhor dizendo, foi uma lançadora de modelos que motivou importantes mudanças nas estruturas da própria comunicação do país.

Ana Maria Mauad salienta que a revista *O Cruzeiro* era considerada um dos marcos na história do jornalismo ilustrado do Brasil, destacando que,

tanto por introduzir uma linha editorial de influência, marcadamente, norte-americana, como pelo aumento significativo no uso de fotos. Com novas técnicas de impressão, tais como a rotogravura, quanto por uma redefinição no perfil do mercado editorial, fatores que levaram a uma mudança significativa no padrão das publicações ilustradas.<sup>25</sup>

Ao longo das décadas em que a revista circulou, as matérias e reportagens veiculadas em suas páginas ganharam a confiança dos leitores e eram, em larga medida, encaradas como “*a verdade*” sobre os fatos e não apenas uma versão entre as muitas possíveis.<sup>26</sup>

*O Cruzeiro* cobriu de forma marcante um expressivo e importante período histórico (1928-1975), e foi considerada o rosto e a voz do Brasil, desde o seu lançamento, como destaca Marlise Meyrer:

O primeiro número circula no dia 10 de novembro de 1928, em todas as cidades importantes do Brasil, além de Buenos Aires e Montevideú. Sua impressão era feita em papel de qualidade superior para a época e os modernos equipamentos garantiam, além da velocidade, uma alta qualidade gráfica, maior nitidez e impressão a cores. Desde o início, suas páginas eram recheadas de anúncios, muitos deles coloridos. Automóveis Lincoln, Filmes da Metro Goldwin Mayer, produtos de higiene e beleza, entre tantos outros, ajudavam a compor as primeiras 64 páginas da revista.<sup>27</sup>

A história da revista *O Cruzeiro* também se confunde com a história da vida do advogado e jornalista Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, conhecido publicamente como Assis Chateaubriand e, pelos íntimos, simplesmente como Chatô. Nascido em 1892, em *Umbuzeiro*, na Paraíba, ainda como estudante da Faculdade de Direito do Recife, Chateaubriand lançou-se na carreira jornalística, fazendo das polêmicas públicas uma forma de se projetar. Ele já havia descoberto o poder dessa prática, ainda com 17 anos, quando

<sup>25</sup> ANDRADE, Ana Maria Mauad de Sousa. *Sob o signo da imagem: A Produção da Fotografia e Controle dos Códigos de representação Social da Classe Dominante*, no Rio de Janeiro, na Primeira Metade do Século XX. 1990. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1990, p. 207-212.

<sup>26</sup> GAWRYSZEWSKI, 2009, p. 55.

<sup>27</sup> MEYRER, Marlise Regina. *Representações do desenvolvimento nas Fotorreportagens da Revista O Cruzeiro (1955-1957)*. 2007. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade de Católica do Rio Grande do Sul, 2007, p. 31.

travou uma polêmica<sup>28</sup> com Sílvio Romero pelas páginas dos jornais, tornando-se momentaneamente o centro das atenções locais.

Chateaubriand adoeceu no início de 1960 e, apesar de seus esforços para continuar à frente de suas empresas, não conseguia superar as debilidades causadas pela doença. Os *Diários Associados* sofreram, então, duros golpes durante a Revolução de 1930 e, com a crise da falta de papel oriunda das mudanças políticas decorrentes da instalação da Ditadura Militar (1964-1985) e das mudanças do cenário cultural do país. A televisão avançava para tomar o lugar de mídia principal, e as revistas ilustradas começavam a se enfraquecer em todo o mundo. Com o falecimento de Chateaubriand, em 1968, a derrocada da revista tornou-se inevitável e acelerada, e culminou com seu fechamento, em 1975.<sup>29</sup>

A revista *O Cruzeiro* é uma fonte de pesquisa relevante para pesquisadores e historiadores de diversas áreas, pois suas páginas já suscitaram inúmeras pesquisas, estudos e trabalhos que resultaram em artigos, monografias, dissertações, teses e livros.<sup>30</sup>

No intuito de contemplar uma revisão historiográfica do tema proposto – os artigos da coluna Carrossel do Mundo e da história da revista *O Cruzeiro* como eixo condutor de pesquisas e estudos –, podemos citar os trabalhos que a analisaram e mencionaram o jornalista Drew Pearson.

O foco da dissertação de Kellen Bammann<sup>31</sup> está centrado no processo de americanização dos Estados Unidos em determinados segmentos, o trabalho realiza um estudo entre um periódico brasileiro, *O Cruzeiro*, e outro alemão, *Der Spiegel*, no período de 1947 a 1952, percebendo o que levou os grupos de pressão para a sua americanização. Explorando e mencionando especificamente 6 artigos de Drew Pearson, nos anos de 1947 e 1948, a pesquisadora também dedicou-se à análise de outras reportagens da revista, salientando o posicionamento e as ações dos Estados Unidos no contexto da Guerra Fria. Na dissertação

---

<sup>28</sup> Trata-se do episódio em que Assis Chateaubriand, ainda um desconhecido jornalista, sai à procura de uma polêmica que o projete nacionalmente. E o inimigo que “iria receber a estocada de seu florete” aparece na figura do afiadíssimo sergipano Sílvio Romero, um dos grandes intelectuais que este país conheceu. “A morte da polidez” foi o título da série de 5 artigos, logo transformados em livro. Esperava-se que o famoso Romero revidasse, colocando Chatô na evidência nacional pretendida. Romero não revidou o ataque, abortando a pretensão do futuro criador dos poderosos Diários e Emissoras Associados, primeiro império de mídia do país. COSTA, Carlos. O caso Policarpo Júnior e a imprensa. *Conjur.* Disponível em: <<http://www.conjur.com.br/2012-mai-23/direito-midia-policarpo-junior-imprensa-golpista>>. Acesso em: 3 out. 2015.

<sup>29</sup> MORAIS, Fernando. *Chatô o Rei do Brasil: A vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

<sup>30</sup> O detalhamento dos estudos sobre a revista *O Cruzeiro* será contemplado no capítulo 1.

<sup>31</sup> BAMMANN, Kellen. *Americanização no Brasil e na Alemanha: uma proposta de interpretação através dos grupos de pressão de O Cruzeiro e Der Spiegel (1947-1957)*. 2011. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

apresentada por Vagner Guarezi<sup>32</sup>, o pesquisador analisa a coluna Carrossel do Mundo no período de 1959 a 1961 no contexto da Guerra Fria, percebendo os moldes de americanização da revista em agregar os artigos de Drew Pearson, tratando de explorar a história do periódico, de seu proprietário e como ocorreram as modificações durante seu processo de modernização. Na tese de doutorado de Mateus Dalmáz<sup>33</sup> percebemos que o estudo analisa a crítica que a revista *O Cruzeiro* faz sobre a Argentina no período de 1946 a 1966, o início do governo Juan Perón e a queda do presidente Arturo Illia, utilizando-se de colunas, fotorreportagens, depoimentos de jornalistas e imagens. Dentre a pesquisa realizada em diversas reportagens do periódico estão inseridos os artigos de Drew Pearson do período de 1948 a 1958, somente artigos referentes ao contexto argentino, sendo intercalados durante esse período. Os estudos que se debruçam sobre os artigos de Drew Pearson na revista *O Cruzeiro* foram entrecruzados com de outros jornalistas da revista, artigos sem uma ampla sequência, descrevendo brevemente o posicionamento do jornalista em um artigo específico, ou fazendo um relato da sua presença na revista. Não foram encontramos mais registros durante essa pesquisa sobre Drew Pearson na revista *O Cruzeiro* até o presente momento.

A pesquisa se desenrola especificamente em uma de suas colunas, num determinado recorte cronológico que entrecruza o discurso do colunista e fontes bibliográficas no contexto da Guerra Fria, sendo até o presente momento considerada inédita, tanto pela sua quantidade de dados mapeados no período de 1950-1957 como por seu viés teórico-metodológico.

No ano de 1947 foi incorporada a coluna Carrossel do Mundo, na revista *O Cruzeiro*, assinada pelo jornalista Drew Pearson<sup>34</sup> (ver em anexo 1), considerado um famoso e conhecido jornalista investigativo, permanecendo na revista até o ano de 1963. Sendo anunciado pela revista no dia 26 de julho de 1947, foi destacado o perfil desse jornalista:

Drew Pearson, um dos maiores comentaristas é o novo colaborador de *O Cruzeiro*. Considerado pelos próprios jornalistas americanos um dos mais profundos e autorizados conhecedores da política interna de Washington é temido, respeitado e admirado, perfazendo uma circulação de 20 milhões de exemplares. Tem 48 anos, veste-se esportivamente, e ganha anualmente mais 100 mil dólares (2 milhões de cruzeiros).

Seu programa radiofônico semanal intitulado “Predições sobre o futuro político”, é escutado religiosamente por mais de nove milhões de pessoas. Seus inimigos

<sup>32</sup> GUAREZI, Vagner Paulo Cazarotto. *Visão de um jornalista norte-americano na imprensa brasileira: Drew Pearson na revista O Cruzeiro: 1959-1961*. 2014. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Passo Fundo, 2014.

<sup>33</sup> DALMÁZ, Mateus. *DEMOCRACIA E CONCERTO AMERICANO: A visão de O Cruzeiro sobre a Argentina nas relações interamericanas (1946-1966)*. 2014. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

<sup>34</sup> Em anexo 1: Foto do jornalista Drew Pearson na capa da revista norte-americana *Time* no dia 13 dezembro de 1948.

acusam-no de escutar conferências e conversas particulares escondido em baixo de mesas ou atrás de reposteiros, mas a verdade é que sabe de fatos inéditos, sendo autor de “furos” espetaculares.

E esse jornalista excepcional, ídolo de milhões de americanos, que o *Cruzeiro* apresentará semanalmente, com exclusividade para todo o Brasil.<sup>35</sup>

O jornalista Andrew Russell (Drew) Pearson, nasceu em 13 de dezembro de 1897, em Evanston, Illinois, e faleceu em 1 de setembro de 1969. Tornou-se professor de oratória na Faculdade Swarthmore e, em 1931, foi contratado como chefe do jornal americano *Baltimore Sun* Washington, iniciando sua carreira jornalística.

Entre as décadas de 1940 e 1950, a revista *O Cruzeiro* foi o periódico de maior circulação do país, chegando a atingir 205 mil exemplares no primeiro semestre de 1947, e 750 mil exemplares na metade dos anos 1950.<sup>36</sup> Os artigos revelam uma riqueza de detalhes sobre o contexto da Guerra Fria, embora seu aspecto de maior relevância fosse o “confronto militar e cada vez mais a frenética corrida armamentista no Ocidente,”<sup>37</sup> não foi somente esse o fator predominante. Nesse sentido, em que a coluna Carrossel do Mundo torna-se um estudo inédito, trataremos não apenas da corrida armamentista, mas também do confronto político-ideológico, ampliando assim as relações diplomáticas com regiões consideradas periféricas.<sup>38</sup>

O discurso de Drew Pearson nas páginas da revista *O Cruzeiro* configura-se nas suas opiniões sobre o contexto da Guerra Fria, sendo possível, através de sua análise, perceber uma verdadeira região ideológica, na qual o debate é pautado pela oposição entre capitalismo e comunismo.

Partindo dessa definição, realizaremos uma análise do discurso de Drew Pearson nos artigos do período, tais análises classificadas em dois segmentos, nos quais se destacam, em primeiro lugar, o discurso de Drew Pearson sobre a Guerra Fria, a produção de armamentos, e, em segundo, o discurso de Drew Pearson sobre América Latina na perspectiva do avanço comunista.

Podemos ressaltar que dentre as características dos artigos publicados na coluna Carrossel estão a variedade temática e o tamanho. Trata-se de artigos longos e detalhes nem sempre inteligíveis ao leitor menos atento aos assuntos da política internacional. Acreditamos

<sup>35</sup> GUAREZI, 2014, p. 39.

<sup>36</sup> Tiragem pela qual a revista *O Cruzeiro* se responsabilizou entre janeiro de 1947 e 1949. O *Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 01 mar. 1947 (MEYRER, Marlise Regina. *Representações do Desenvolvimento nas Fotorreportagens da Revista O Cruzeiro (1955-1957)*. 2007. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007, p. 32.

<sup>37</sup> HOBBSAWM, E. J. *Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 234

<sup>38</sup> Termo utilizado pelo historiador Paulo F. Vizontini quando denomina a fase das periferias.

que, como em Washington estavam sendo publicados diariamente<sup>39</sup>, estes eram reunidos durante toda a semana e enviados para a revista publicá-los semanalmente. Os artigos tinham em média em torno de 21 dias de diferença, entre os acontecimentos e a publicação dos artigos em *O Cruzeiro*. Porém, determinados acontecimentos eram publicados muito antes, como exemplo a descoberta da Bomba Atômica pela União Soviética nos artigos do ano de 1950. Drew Pearson afirmava que a União Soviética possuía uma Bomba Atômica<sup>40</sup>, o que não tardaria para que o mundo tomasse conhecimento. Diversos títulos eram repetidos anos depois, alguns passam a sensação de que foram reescritos e que não contêm a mesma linguagem jornalística de Drew Pearson dos anteriores.

Na medida em que os artigos seguem a linha cronológica estabelecida (1950-1957), identificamos algumas oscilações em seu discurso, com relação aos países que são mencionados. Na sua diagramação, percebemos que, ao longo dos anos, em especial os de 1959 e 1960, os artigos diminuíram de tamanho e passaram a trazer assuntos específicos de acordo com os títulos, não como as anteriores, que abordavam mais de um assunto ou uma temática por artigo. Percebemos que, nesse período, o espaço anteriormente utilizado pelo artigo foi ocupado pela publicidade e propaganda. Durante os meses de outubro a dezembro de 1958 não foram publicados artigos de Pearson. De acordo com registros, há suspeitas que neste período, o jornalista estivesse proibido de publicar seus artigos; acreditamos que ele poderia estar exilado<sup>41</sup> em algum país da Europa, como aconteceria em outras ocasiões.

Grande parte das informações sobre Drew Pearson usadas nessa pesquisa tem como fonte a documentação disponível na Universidade Americana<sup>42</sup>, em especial seu acervo, que conta com uma coleção das fitas que eram gravadas em seu programa de rádio, os anais escritos por ele, que eram divulgados em vários jornais e revistas, dentre outras curiosidades deste jornalista. Tudo isso está disponível no acervo da Biblioteca da Universidade Americana, em Washington.<sup>43</sup>

---

<sup>39</sup> American Library University Coleções Especiais Unidade mantém as cópias datilografadas para a coluna que o sindicato enviou ao escritório de Pearson, ao mesmo tempo os originais datilografados foram distribuídos para jornais de todo o país. Artigos Conforme publicado em vários jornais podem ser ligeiramente diferentes das originais datilografados representadas aqui. Disponível em: <<http://www.aladin0.wrlc.org/gsd/collect/pearson/pearson.shtml>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

<sup>40</sup> PEARSON, Drew. A bomba atômica russa. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 21 jan. 1950. Carrossel do Mundo, p. 58

<sup>41</sup> AMERICAN UNIVERSITY. Arquivo digital de pesquisa: Drew Pearson Disponível em: <<http://www.aladin0.wrlc.org/gsd/collect/pearson/pearson.shtml>>. Acesso em 10 dez. 2014.

<sup>42</sup> AMERICAN UNIVERSITY. Arquivo digital de pesquisa: Drew Pearson. Disponível em: <<http://auislandora.wrlc.org/islandora/object/pearson%3A1>>. Acesso em: 3 out. 2015.

<sup>43</sup> Em realidade não se tem conhecimento de trabalhos de pesquisa a respeito da atividade jornalística de Drew Pearson no período abordado nesta dissertação. As informações que levantamos sobre o jornalista foram retiradas do site American Library University, que concentra dados sobre seu arquivo e uma pequena biografia.

Os locais de pesquisa nos quais tivemos acesso à revista foram: o Arquivo Histórico Regional, em Passo Fundo, sendo que seu acervo disponibiliza 41 revistas<sup>44</sup>; o Museu Olívio Otto, em Carazinho, no qual havia no acervo de cerca de 250 revistas; em acervos pessoais do jornalista Vagner Guarezi, em Constantina, que disponibiliza um conjunto de mais de 300 revistas; um acervo pertence à professora de História Ana Maria Farias, contendo cerca de 60 revistas; e o Museu Hipólito da Costa, em Porto Alegre, que possui mais de 500 revistas.

No que corresponde a sua trajetória jornalística em outros veículos de comunicação e correspondências oficiais no Brasil, anteriores e posteriores a sua chegada à revista *O Cruzeiro*, pesquisamos no acervo da Biblioteca Nacional<sup>45</sup>, que disponibiliza o acesso aos periódicos: *O Semanário*, *A Noite*, *A Última Hora*, *Correio Paulistano* e *Novos Rumos*. No acervo do Jornal *O Globo*, disponível no acervo do arquivo do CPDOC<sup>46</sup>, encontramos uma série de correspondências políticas.

A dissertação aqui introduzida está estruturada em 4 capítulos.

No capítulo 1 abordaremos o perfil jornalístico de Drew Pearson no Brasil, percebendo de forma breve sua trajetória jornalística até sua chegada à revista *O Cruzeiro*, visando identificar sua presença nos veículos de comunicação brasileiros. Nosso objetivo é demonstrar que os artigos de Drew Pearson estavam disseminados de forma considerável pela chamada grande imprensa do centro do país, não se restringindo a *O Cruzeiro*. Em um segundo momento, identificaremos particularmente a inserção de Pearson em *O Cruzeiro* e, mais especificamente, na coluna Carrossel do Mundo.

No capítulo 2 analisaremos o discurso de Drew Pearson no eixo temático Arsenal Bélico, resultado dos temas selecionados em seus artigos durante o período de 1950 a 1957. Por meio do exame de seu discurso sobre o aumento do arsenal atômico, espionagem, ampliação de equipamentos militares e produção de armamentos pelos Estados Unidos e União Soviética, pretendemos analisar a razão de tal temática ser recorrente nos artigos publicados na Coluna.

---

Portanto, trabalhamos com informações que podem ser acusadas de certa parcialidade, porém são as que temos até o momento. O site informa que os artigos de Pearson teriam sido censurados, em algumas ocasiões, pelo governo norte-americano, por conterem elementos que prejudicavam as estratégias militares e informações que influenciariam diretamente no campo de batalha da Guerra Fria. Não conseguimos, no entanto, apurar a veracidade das informações.

<sup>44</sup> No período em que foi realizada a pesquisa, no ano de 2010, estavam disponíveis estes exemplares. Atualmente estão todas disponíveis no Arquivo Histórico Regional de Passo Fundo por meio de uma doação do jornalista Vagner Guarezi em 2014 mais de 400 revistas *O Cruzeiro*.

<sup>45</sup> Disponível em: <https://www.bn.br/>

<sup>46</sup> Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/>

No capítulo 3 examinaremos o eixo temático Comunismo, no qual estão inseridos os temas referentes à ameaça comunista. Identificando no discurso de Drew Pearson a representação<sup>47</sup> do comunismo, objetivamos apresentar os argumentos usados pelo jornalista, já no início da Guerra Fria, para advertir o governo norte-americano sobre uma suposta superioridade da União Soviética.

No capítulo 4 trataremos de analisar o eixo temático Relações Internacionais, que aborda questões políticas, diplomáticas e comerciais manifestadas nos artigos de Drew Pearson. Os artigos salientados descrevem o discurso de Drew Pearson sobre as relações entre os Estados Unidos e América Latina, ao longo do período de 1950 a 1957, e como esse intercâmbio poderia pesar na balança de poder da Guerra Fria.

O estudo prima por compreender e analisar as representações da Guerra Fria presentes no discurso de Drew Pearson na coluna Carrossel do Mundo. Que se intitulava como correspondente internacional, o jornalista esteve sempre próximo das movimentações políticas, fazendo da imprensa um canal de divulgação de suas percepções, que exerceram influência na compreensão dos fatos. Na perspectiva gramsciana, a imprensa, o jornalismo e os jornalistas, cada qual em sua dimensão específica, tornam-se agentes históricos que podem influenciar no direcionamento da opinião pública, interferindo no processo de conservação ou de modificação da sociedade.<sup>48</sup>

Dessa forma, a presente pesquisa expressa o empenho de analisar a imprensa numa perspectiva histórica, com fins de extrair e examinar o discurso de Drew Pearson, transcrito na coluna Carrossel do Mundo, no sentido de compreender as variáveis que ele elegia como sendo significativas no contexto da Guerra Fria.

No percurso da pesquisa, identificamos outras possibilidades de trabalho a partir dos textos selecionados, as quais não puderam ser contempladas nesta dissertação. Para além de nosso *corpus* documental há, ainda, um vasto material de autoria de Drew Pearson na imprensa brasileira, suscitando ser revisitado em uma próxima etapa de trabalho ou investigado por outros pesquisadores.

---

<sup>47</sup> Compreenderemos por representação baseado no entendimento de Patrick Charaudeau, identificando como sendo construídas numa organização do real através de imagens mentais transpostas em discurso ou outras manifestações comportamentais dos indivíduos que vivem em sociedade. As representações se baseiam na observação empírica das trocas sociais e fabricam um discurso de justificativa dessas trocas. Em resumo, as representações apontam para um desejo social, produzem normas e revelam sistema de valores no discurso (CHARAUDEAU, 2006, p. 47).

<sup>48</sup> GRAMSCI, Antônio apud MORAES, Denis. *Mídia, Poder e Contrapoder: Da concentração monopólica à democracia da informação*. São Paulo: Biotempo, 2013, p. 105.

## 1 A PRESENÇA DE DREW PEARSON NA IMPRENSA BRASILEIRA

Neste capítulo trataremos de analisar a trajetória do jornalista de Drew Pearson, desde os primeiros registros, identificados nesta pesquisa, em nível nacional e internacional na imprensa. Optou-se por expor, de forma breve, a presença de Pearson na imprensa brasileira desde os anos de 1930, antes e durante o período delimitado como recorte do estudo. Verificamos a presença deste polêmico e notório<sup>49</sup> jornalista na imprensa brasileira, e acreditamos que, com uma busca mais apurada, um vasto material sobre os textos de Drew Pearson, publicados no Brasil, pode ser encontrado. Todas as informações inseridas neste estudo sobre a vida e a trajetória jornalística de Drew Pearson foram retiradas de forma literal do site<sup>50</sup> *American University*<sup>51</sup>, da sua biografia, sendo esta nossa única fonte de pesquisa sobre o jornalista.

Andrew Russell (Drew) Pearson (1897-1969) foi um dos jornalistas – de jornal e rádio – mais bem sucedidos de sua época. Sua carreira durou quase 50 anos. Foi contratado em 1931, como chefe do jornal americano *Baltimore Sun Washington*, onde comandou a coluna *Washington Merry-Go-Round*. Em 1940, o sindicato dessa coluna incluía cerca de 350 jornais de todo o país e, em 1969, havia mais de 600 periódicos, com um número de leitores estimado em 60 milhões.<sup>52</sup>

Em 1935, de acordo com sua biografia,<sup>53</sup> Drew Pearson direcionou seus interesses para transmissão de mídia, na qual era repórter de um programa de rádio semanal que mais

---

<sup>49</sup> Assim identificado pelo jornal *O Globo* na reportagem do dia 02 de setembro de 1969. *Morre Drew Pearson, jornalista polêmico*. Rio de Janeiro. 1969, Geral, Acervo Digital - O Globo. p. 8

Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/busca/?tipoConteudo=artigo&ordenacaoData=relevancia&allwords=drew+pearson&anyword=&noword=&exactword=&decadaSelecionada=1960&anoSelecionado=1969>> Acesso em: 3 jan. 2015.

<sup>50</sup> Estamos cientes de que o site AMERICAN UNIVERSITY, que nos forneceu os dados sobre a vida e obra de Drew Pearson necessita ser analisado a partir de uma problemática crítico-reflexiva mais profunda, o que não foi possível realizar nos limites dessa dissertação.

<sup>51</sup> AMERICAN UNIVERSITY. Arquivo digital de pesquisa: Drew Pearson. Disponível em: <<http://auislandora.wrlc.org/islandora/object/pearson%3A1>> Acesso em: 3 jan. 2015.

<sup>52</sup> AMERICAN UNIVERSITY. Arquivo digital de pesquisa: Drew Pearson. Disponível em: <<http://auislandora.wrlc.org/islandora/object/pearson%3A1>> Acesso em: 3 jan. 2015.

<sup>53</sup> AMERICAN UNIVERSITY. Arquivo digital de pesquisa: Drew Pearson. Disponível em: <<http://auislandora.wrlc.org/islandora/object/pearson%3A1>> Acesso em: 3 jan. 2015.

tarde ficou conhecido como *Washington Merry-Go-Round*. Nos anos de 1940 ele foi para emissora NBC (News para as Américas). Na década de 1950, o seu programa de rádio *Washington Merry-Go-Round* foi distribuído em todo os Estados Unidos, assim como seus programas de televisão. Em Washington, por exemplo, na emissora ABC (AM630 / FM107.3) seu programa *Washington-Merry-Go-Round* ia ao ar todos os domingos, servindo como um gatilho para a discussão de assuntos públicos e um protótipo para produções semelhantes que se tornariam populares durante os anos 1960.

Uma característica marcante das colunas e transmissões de Drew Pearson eram as suas “previsões de coisas futuras”. Esse foi um dos predicados mencionados no seu anúncio na revista *O Cruzeiro*, previsões de eventos que estavam propensos a ocorrer e a identificação das pessoas que se envolveriam neles.<sup>54</sup>

De acordo com o site, Drew Pearson ganhou visibilidade internacional durante a Segunda Guerra Mundial, quando criou uma controvérsia ao assumir o caso de John Gates<sup>55</sup>, membro do Partido Comunista Americano, que não foi autorizado a participar nas D-Day<sup>56</sup> desembarques. Gates depois ressaltou:

O jornalista e colunista Drew Pearson publicou um relato do meu caso [...] a coluna tinha boas intenções, mas continha todos os tipos de informação militar não autorizada, segredos - o nome do meu batalhão, o fato de que tinha sido alertado para o exterior, a minha carta para o presidente e sua resposta e depoimentos dos policiais. Como resultado dessa violação de segredo militar, a data para o equipamento indo para o exterior foi adiada, a ordem de me restaurar para o meu batalhão foi revogada e eu estava fora de mim. Parece que alguns dos meus amigos [...] tinham dado Pearson toda esta informação, pensando que a publicidade pudesse me fazer o bem<sup>57</sup>.

Dentre as entrevistas realizadas por Drew Pearson podemos destacar as realizadas com o Premier Nikita Khrushchev (1961, 1963), o presidente Tito, da Jugoslávia (1962), o Rei e a Rainha da Grécia, e Fanfani, Premier da Itália.<sup>58</sup> Em 1962 o jornalista acompanhou o presidente Kennedy à Venezuela e Colômbia.<sup>59</sup>

<sup>54</sup> AMERICAN UNIVERSITY. Arquivo digital de pesquisa: Drew Pearson. Disponível em: <<http://uislandora.wrlc.org/islandora/object/pearson%3A1>> Acesso em: 3 jan. 2015.

<sup>55</sup> John Gates era um jornalista norte-americano comunista, membro do Partido Comunista dos Estados Unidos.

<sup>56</sup> O dia D, a reconstrução do fim da guerra.

<sup>57</sup> AMERICAN UNIVERSITY. Arquivo digital de pesquisa: Drew Pearson. Disponível em: <<http://uislandora.wrlc.org/islandora/object/pearson%3A1>> Acesso em: 3 jan. 2015.

<sup>58</sup> O site AMERICAN UNIVERSITY não fornece datas sobre quando foram realizadas tais entrevistas.

<sup>59</sup> AMERICAN UNIVERSITY. Arquivo digital de pesquisa: Drew Pearson. Disponível em: <<http://uislandora.wrlc.org/islandora/object/pearson%3A1>> Acesso em: 3 jan. 2015.

Muitas de suas acusações eram comprovadas com “uma farta documentação que analisava cuidadosamente”,<sup>60</sup> dando assim sustentação às suas acusações, e suas denúncias chegavam ao grande público, que anunciavam as ilícitas manobras dos membros do governo.

O site *American University* afirma que Pearson ficou conhecido por seus inéditos e polêmicos furos de reportagens, assim como pelo fato de que possuía informantes. Um dos mais importantes contatos do jornalista era um funcionário do Escritório de Serviços Estratégicos (OSS), Ernest Cuneo. Eles eram amigos muito próximos e, nessa condição, o funcionário vazou várias histórias para Drew Pearson, incluindo um relativo ao general George S. Patton<sup>61</sup>. Mas esse era apenas um dentre outros contatos e informantes que o jornalista mantinha dentro da Casa Branca, no Congresso, nos campos de batalha e espalhados pelo mundo.

O site acrescenta, ainda, que suas posições eram bem conhecidas como, por exemplo: o apoio ao *New Deal*<sup>62</sup> e o fato de que Pearson foi um dos primeiros a se manter firme contra o macarthismo. Ele era um defensor da liberdade e da democracia no leste europeu e se opôs à guerra do Vietnã.<sup>63</sup> Publicou dez livros, incluindo *Jogo diplomático americano* (1935), *EUA: Segunda Classe Poder* (1958), *O caso contra o Congresso: a Acusação* (1958), *Corrupção em Capitol Hill* (1958), seus próprios *Diários, 1949-1959* (1974), bem como um boletim de notícias pessoais. Também ministrou palestras, sendo duas delas na Universidade Americana. Em abril de 1961 foi orador convidado no banquete anual do capítulo de Sigma Delta Chi, a sociedade de jornalismo profissional da Universidade Americana, realizada em Mary Graydon Center.

De acordo com que pesquisamos no site *American University*, Drew Pearson era frequentemente o primeiro a descobrir e informar sobre as notícias controversas. Relatou em primeira mão as propinas tomadas de funcionários da Casa pelo congressista de New Jersey J. Parnell Thomas, assim como a notícia de que o senador Robert F. Kennedy, como procurador-

---

<sup>60</sup> AMERICAN UNIVERSITY. Arquivo digital de pesquisa: Drew Pearson. Disponível em: <<http://uislandora.wrlc.org/islandora/object/pearson%3A1>> Acesso em: 3 jan. 2015.

<sup>61</sup> George Patton foi um general norte-americano que participou da Segunda Guerra Mundial, tendo sido designado para comando do Terceiro Exército na França, no qual obteve muito sucesso.

<sup>62</sup> Foi um conjunto de medidas econômicas adotadas pelo governo de Roosevelt, entre os anos de 1933 e 1937, com o objetivo de recuperar a economia dos Estados Unidos mediante a crise de 1929.

<sup>63</sup> AMERICAN UNIVERSITY. Arquivo digital de pesquisa: Drew Pearson. Disponível em: <<http://uislandora.wrlc.org/islandora/object/pearson%3A1>> Acesso em: 3 jan. 2015.

geral, tinha autorizado a vigilância eletrônica do reverendo Martin Luther King. Suas posições sobre outras questões eram bem conhecidas também.<sup>64</sup>

O nome de Drew Pearson<sup>65</sup> evocava a imagem do onipresente, hiperativo falcão da notícia, com colarinho aberto, bigode, chapéu, falando em um microfone. Porém, salientam os críticos, membros do governo americano e colegas de profissão – colunistas e jornalistas –, que no auge de sua fama, ao final da década de 1940, e desapareceu ao final da década de 1950, não se sabe ao certo se por problemas de saúde, problemas conjugais, problemas com a justiça ou por ameaças de seus desafetos, que não eram poucos. As reportagens eram distribuídas para 600<sup>66</sup> jornais pelo mundo, através da *Agence France Presse*<sup>67</sup> (A.F.P.), como consta na biografia disponibilizada no site *American University*.

Para o site *American University*, o jornalista Drew Pearson adquiriu prestígio e respeito de seus colegas através de suas convicções, pelo seu profissionalismo e pela veracidade de suas reportagens. Ganhou o prêmio nacional Sigma Delta Chi para melhor jornalismo de Washington, a Legião de Honra francesa, a primeira estrela, Ordem da Solidariedade (Itália) e a nomeação do Prêmio Pulitzer (com Jack Anderson) em 1967, para o relatório nacional. Em 1971, a Fundação de Drew Pearson recebeu o primeiro Prêmio de Drew Pearson pela excelência em relatórios de investigação por um correspondente de Washington (*New York Times*, 13 de dezembro 1970).<sup>68</sup>

Aos 71 anos deixava inúmeros processos judiciais não resolvidos, que foram movidos contra suas polêmicas declarações, seus artigos e reportagens, por seus ataques irônicos aos mais importantes membros do governo americano.<sup>69</sup>

Estabeleceu uma relação de amizade com o embaixador (1934-1937) e ministro das Relações Exteriores (1938-1952), Oswaldo Aranha<sup>70</sup>, que residia nos Estados Unidos, tão

<sup>64</sup> AMERICAN UNIVERSITY. Arquivo digital de pesquisa: Drew Pearson. Disponível em: <<http://uislandora.wrlc.org/islandora/object/pearson%3A1>> Acesso em: 3 jan. 2015.

<sup>65</sup> AMERICAN UNIVERSITY. Arquivo digital de pesquisa: Drew Pearson. Disponível em: <<http://uislandora.wrlc.org/islandora/object/pearson%3A1>> Acesso em: 3 jan. 2015.

<sup>66</sup> Esse número é com base na reportagem do dia 21 de janeiro de 1942 do jornal *O Globo*. Vespertino Geral p. 7. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/>>. Acesso em: 5 jan. 2015.

<sup>67</sup> A Agence France-Presse (AFP) é uma agência de notícia. Fornece informação rápida sobre a atualidade internacional em texto, foto, vídeo, gráfico e videográfico. Abrange temas como política, economia, conflitos, cultura, esporte, meio ambiente, tecnologia e saúde. No ano de 1957, a AFP dispunha de 25 escritórios na França, 46 no exterior e 13 nos territórios ultramarinos. Disponível em: <<http://www.afp.com/pt/agencia/afp-em-datas/>>. Acesso em: 3 jan. 2015.

<sup>68</sup> AMERICAN UNIVERSITY. Arquivo digital de pesquisa: Drew Pearson. Disponível em: <<http://uislandora.wrlc.org/islandora/object/pearson%3A1>> Acesso em: 3 jan. 2015.

<sup>69</sup> AMERICAN UNIVERSITY. Arquivo digital de pesquisa: Drew Pearson. Disponível em: <<http://uislandora.wrlc.org/islandora/object/pearson%3A1>> Acesso em: 3 jan. 2015.

logo começou a visitar o Brasil a convite do embaixador. Foi através da A.F.P. que seus artigos foram publicados nos principais jornais brasileiros, tornando-se, assim, nacionalmente conhecido.

No acervo do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil CPDOC/FGV<sup>71</sup>, encontra-se uma série de correspondências políticas e pessoais que confirmam essa amizade, a mais antiga datada do dia 15 de junho de 1937. Trata-se de um telegrama de Oswaldo Aranha a Drew Pearson, agradecendo o envio de um artigo, Washington, manuscrito em formato de micro filme, não disponível online.<sup>72</sup>

Na empreitada de responder à pergunta sobre como e por que Drew Pearson está presente na revista *O Cruzeiro*, realizamos uma pesquisa nos acervos da imprensa brasileira disponíveis em arquivos e também em arquivos oficiais em formato digital sobre a presença desse jornalista, ainda antes de sua chegada à revista, no final da década de 1940. Antes de entrarmos na análise dos artigos da coluna, faremos um levantamento de outros veículos da imprensa brasileira nos quais Drew Pearson publicava, embora nem sempre em datas coincidentes com o recorte cronológico dessa pesquisa. Nessa conjuntura, começamos a perceber o jornalista norte-americano como um ator das relações internacionais, que realizava um intercâmbio de informações destacadas no meio jornalístico internacional.

O objetivo deste levantamento é mostrar que a opinião<sup>73</sup> do jornalista norte-americano já vinha sendo conhecida pelo público leitor brasileiro desde anos de 1930, configurando o seu discurso na imprensa brasileira e a suas relações com membros do governo brasileiro como relevantes.

Drew Pearson, um frequentador da imprensa brasileira.

Os primeiros registros que a pesquisa identificou foram no jornal *O Globo*<sup>74</sup>, durante a década de 1930. As primeiras publicações de Drew Pearson no Brasil remetem aos anos de 1930, no Jornal *O Globo*, estendendo-se até os anos de 1970.<sup>75</sup>

---

<sup>70</sup> Trajetória política de Oswaldo Aranha, de acordo com acervo CPDOC/FGV – Sessão Acervo – Dicionário Histórico-Biográfico. Disponível em: < [http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/oswaldo\\_aranha](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/oswaldo_aranha)>. Acesso em: 5 jan. 2015.

<sup>71</sup> Acesso em: <http://cpdoc.fgv.br/>

<sup>72</sup> Por fugir ao nosso recorte cronológico, não será analisado detalhadamente.

<sup>73</sup> Compreendemos que a opinião é o resultado que consiste em reunir elementos heterogêneos e associá-las ou compô-las, que leva o sujeito a tomar uma atitude intelectual de aceitação (CHARAUDEAU, 2006, p. 122).

<sup>74</sup> Jornal carioca, inicialmente vespertino, mais tarde matutino, fundado por Irineu Marinho em 29 de julho de 1925. Disponível em: < <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

No acervo online<sup>76</sup> do jornal *O Globo* estão disponibilizadas aproximadamente trinta e 5 reportagens, com formato de pequeno a médio, que trazem apenas uma notícia. Tais reportagens identificam Drew Pearson como comentarista político e como radialista; no topo da reportagem “*rádio via Washington*”, semelhante ao que consta nos artigos publicados na revista *O Cruzeiro*, seu nome vinha acompanhando de: via Nova York A.F.P. ou via Havana. No entanto, quando estavam acompanhados da especificação rádio via Washington não estavam vinculados à sigla A.F.P., o que nos leva a acreditar que a agência A.F.P não estava vinculado ao rádio que, corresponderia a sua coluna *Merry-Go-Round*, transmitida via rádio nos Estados Unidos.

No dia 06 de setembro de 1933, com o título<sup>77</sup> *Cuba entregue a novo governo revolucionário*<sup>78</sup>, relatava a situação em Cuba, que passava por um momento de transição de governo, nas páginas do jornal *O Globo*, Drew Pearson iniciou sua trajetória na imprensa brasileira.

No que diz respeito à década de 1930, estão disponíveis 10 reportagens nesse acervo que cobrem os anos de 1933, 1934, 1935, 1936, 1938. Todas as edições eram matutinas, na década de 1940 estão disponíveis 39 reportagens em quase todos os anos, distribuídas entre as edições matutinas e vespertinas, e somente as do ano de 1948 não foram localizadas. Cobrindo década de 1950 estão disponíveis 20 reportagens, de quase todos os anos, menos o de 1958, também nos anos de 1961, 1962, 1964, 1967, 1968, 1969 são 11 e dos anos de 1971, 1972, 1974 são 3, totalizando 89 reportagens.

Percebemos que são notícias que descrevem os acontecimentos da vida do jornalista Drew Pearson e tecem comentários sobre o conteúdo dos seus artigos, e seus argumentos no programa de rádio são literalmente transcritos, mantendo a ideia central, mas apenas descrevendo os fatos sem comentários adicionais. Principalmente as notícias do seu programa de rádio, *Merry-Go-Round*, são referenciadas. Outro dado singular das reportagens verificadas no jornal *O Globo* é o dia específico em que a notícia foi divulgada na rádio por Drew Pearson.

---

<sup>75</sup> Por falta de acesso a fontes adicionais não conseguimos rastrear com era feita a aquisição dos artigos pelo jornal *O Globo* pela Agência France Presse (A.F.P.)

<sup>76</sup> Acervo Digital – *O Globo*. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/>>. Acesso em: 5 jan. 2015.

<sup>77</sup> Citamos os títulos porque consideramos que podem ser um gênero, na medida em que são objetos de regularidades textuais sob o controle de uma instância de enunciação, que se encontram inteiramente na zona do acontecimento relatado (CHARAUDEAU, 2006, p. 236).

<sup>78</sup> Reportagem do dia 06 de setembro de 1933. Acervo Digital – *O Globo*. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/>>. Acesso em: 5 jan. 2015.

O jornal *O Globo* publicava as reportagens de Drew Pearson na íntegra. Também constavam notícias de outros jornais que publicavam sobre acontecimentos da vida pública do jornalista e, ainda, Pearson concedia entrevistas ao jornal.

O conteúdo dos artigos publicados no jornal está exclusivamente relacionado a questões dos Estados Unidos com outros países. No primeiro registro de 6 de setembro de 1933, identificado temos como título, na página central do jornal, “*Cuba entregue a novo governo revolucionário: nessa vez não se assinalou nenhum incidente sangrento. Os Estados Unidos só intervirão na iminência de guerra civil*”<sup>79</sup>. Nessa reportagem estão os relatos de um telegrama da Havana, uma das filiais da Agência Presse France, recebida do jornalista Drew Pearson, que relatava o posicionamento do governo dos Estados Unidos com relação aos acontecimentos em Cuba. Segundo a reportagem, os EUA não iriam invadir Cuba sem uma justificativa coerente e sem que esta fosse a última alternativa.

Seguem mais 6 pequenos artigos, na mesma reportagem do dia 6 de setembro de 1933, sem identificação de autoria, apenas com iniciais de que vieram em forma de telegrama de Havana da *Associated Press*. E apenas aquele com o título de *Os Estados Unidos acompanham o desenrolar dos acontecimentos*<sup>80</sup> está assinado pelo jornalista Drew Pearson. O artigo trata da possível intervenção norte-americana em Havana, e relata que a pessoa designada para sinalizá-la é o Sr. Jefferson Caffery, encarregado dos negócios na América Latina, e que foi nomeado para ser o novo embaixador em Cuba. Os Estados Unidos estavam enviando navios para a ilha e agiriam rapidamente quando solicitado, estando o país inteiramente envolvido nos assuntos que se desenrolavam em Cuba, o discurso foca na constatação de que o governo norte-americano pretendia conter as mudanças governamentais.

Os artigos publicados no *O Globo* transcrevem na íntegra os escritos do jornalista norte-americano, mas o jornal não se furta em destacar as acusações que este sofre por parte de seus opositores. Entre elas merece destaque “*O conhecido jornalista sob rude ataque do senador McCarthy*”<sup>81</sup>:

Washington 16 (U. P.) – O senador Joseph McCarthy acusou o conhecido comentarista de rádio e imprensa Drew Pearson de ser hábil agente vermelho destacado para a tarefa de conspirar os inimigos do comunismo. Qualificou

---

<sup>79</sup> Reportagem do dia 6 de setembro de 1933. Acervo Digital – *O Globo*. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/>>. Acesso em: 5 jan. 2015.

<sup>80</sup> Reportagem do dia 06 de setembro de 1933. Acervo Digital – *O Globo*. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/>> Acesso em: 5 jan. 2015.

<sup>81</sup> Reportagem do dia 30 de janeiro de 1947. Acervo Digital – *O Globo*. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/>> Acesso em: 5 jan. 2015.

Pearson de “a prostituta do jornalismo”, em veemente discurso pronunciado ontem no Senado.<sup>82</sup>

Grande parte das reportagens examinadas assinalavam tratar-se de entrevistas concedidas por Drew Pearson ao jornal *O Globo* com exclusividade, como a do dia 30 de janeiro de 1947, *Cessão do Conte Grande aos Estados Unidos: possível aproveitamento do navio italiano para transporte de tropas para a África*<sup>83</sup>. Outra dá ênfase para a *Nova Explosão Atômica na Rússia: revela a Embaixada dos Estados Unidos em Moscou*<sup>84</sup>, reportagem do dia 05 de junho de 1950.

Notamos que as reportagens seguem um padrão nos anos 1940 e 1950, detendo-se nas movimentações soviéticas, americanas e sobre a vida pública de Drew Pearson, como podemos constatar no ano de 1950, que relatavam sobre a chegada de tanques soviéticos na Coreia, em 12 de setembro de 1950. Os soviéticos e os chineses combinam a invasão de Formosa, 16 de dezembro de 1950. O jornalista Drew Pearson está sendo acusado de ser comunista, 10 de novembro de 1952. As reportagens publicadas no jornal *O Globo* não mantêm uma sequência regular, oferecendo pequenas notas de acontecimentos públicos realizados por Drew Pearson como, por exemplo, a publicação de seus livros, a exibição de filmes em que esteve presente ou dos quais participou da edição e do roteiro, entrevistas que concedeu ao jornal, etc. Percebemos que a diagramação das reportagens oscila consideravelmente.

Sobre sua relação com Oswaldo Aranha e uma entrevista que este lhe concedeu em seu programa de rádio em Washington, no dia 21 de janeiro de 1942, por ocasião da conferência dos ministros americanos, intitulada “*Este é o pensamento da maioria dos brasileiros*”<sup>85</sup>, temos:

Alô Nova York! Aqui Drew Pearson falando do Rio de Janeiro, onde os ministros do Exterior dos países pan-americanos estão reunidos na mais importante conferência da história para alinhar a solidariedade americana ... 100% contra o Eixo!!! E é meu grande prazer apresentar está noite, pelo ar, o presidente desta conferência, o ministro das Relações Exteriores do Brasil, Dr. Oswaldo Aranha. Aliás, ele não precisa ser apresentado ao povo americano porque viveu quatro anos entre nós como embaixador do Brasil. Durante esse tempo, viajou todo o país,

<sup>82</sup> Reportagem do dia 30 de janeiro de 1947. Acervo Digital – *O Globo*. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/>> Acesso em: 5 jan. 2015.

<sup>83</sup> Reportagem do dia 30 de janeiro de 1947. Acervo Digital – *O Globo*. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/>> Acesso em: 5 jan. 2015.

<sup>84</sup> Reportagem do dia 05 de junho de 1950. Acervo Digital – *O Globo*. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/>> Acesso em: 5 jan. 2015.

<sup>85</sup> Reportagem do dia 21 de janeiro de 1942. Acervo Digital – *O Globo*. Vespertina geral p. 7. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/>>. Acesso em: 5 jan. 2015.

conhecendo as nossas fazendas, porque ele é fazendeiro, as nossas indústrias, especialmente, familiarizando-se com o nosso povo. Creio que é acertado quando digo que foi o embaixador mais popular visto em Washington, há muito tempo. E desde que voltou para o Rio de Janeiro como ministro das Relações Exteriores ganhou por si o nome de ‘o melhor amigo dos Estados Unidos’. Certamente, ele tem sido o melhor amigo nesta conferência, pondo seu dinamismo de energias em persuadir diversos ministros a se alinharem contra o Eixo. E coisa interessante: no Brasil o ministro Aranha é conhecido pelo seu último nome como pelo de Oswaldo, da mesma forma que o presidente Vargas popularmente conhecido como Getúlio e também Vargas. Eis aí, meus amigos Oswaldo Aranha, ministro das Relações Exteriores do Brasil.<sup>86</sup>

Neste momento, que a palavra passa ao Ministro das Relações Exteriores Oswaldo Aranha, ele agradece pelo carinho e pela fala realizada pelo jornalista, que também está muito feliz em conversar com seus velhos amigos americanos. Em seguida, explica que a entrevista tem o propósito de elucidar o que está acontecendo na Conferência, bem como o posicionamento brasileiro. As perguntas são feitas pelo jornalista Drew Pearson seguidas pelas respostas de Oswaldo Aranha. O cerne da conferência está baseado na Defesa Comum. A primeira pergunta feita ao ministro foi em relação a como seria conduzida a conferência e sobre como ele iria disseminar a Doutrina Monroe para a América inteira. Oswaldo Aranha declara que “o objetivo da doutrina deixará de ser unilateral para se tornar multilateral”. Outra pergunta estava ligada ao conflito entre o Peru e o Equador<sup>87</sup>, e colocava em xeque a resposta que Aranha oferece anteriormente, pois existem conflitos internos para serem resolvidos antes de se montar uma força única. O ministro esclarece, então, que o conflito será passageiro.

Drew Pearson altera o rumo das perguntas, indagando o ministro sobre o problema da falta de borracha a ser vendida aos Estados Unidos. A resposta ao jornalista foi precisa: “não adianta sacrificar nossa Amazônia ou aumentarmos nossas plantações para o abastecimento dos americanos no período da guerra e depois vocês voltarem a comprar das Índias e da Holanda”. Essa conversa gerou uma discussão longa e cheia de justificativas, tanto por parte do americano quanto do brasileiro, mas ao final Aranha concluiu que “o que deveria ser prioridade era a política de boa vizinhança, no entanto os Estados Unidos esqueciam-se de praticá-la”.

Encaminhando-se para o final da conversa, Drew Pearson pergunta sobre a defesa brasileira, e Aranha afirma que novos navios já estão prontos para a defesa. Para finalizar, o

<sup>86</sup> Reportagem do dia 21 de janeiro de 1942. Acervo Digital – *O Globo*. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/>>. Acesso em: 5 jan. 2015.

<sup>87</sup> É um conflito entre Equador e Peru, que se iniciou no século XIX, e envolvia uma disputa territorial. Várias negociações foram feitas, mas não se chegou a nenhum acordo pacífico e satisfatório. As tensões aumentaram e, em 1941, deflagrou-se a guerra. Em 1942 foi assinado um Protocolo no Rio Janeiro, em 29 de janeiro de 1942, tendo o Brasil como mediador do conflito. Disponível em: <[http://www.historyguy.com/hgnews\\_ecuador-peru.html](http://www.historyguy.com/hgnews_ecuador-peru.html)>. Acesso em: 3 jan. 2015.

ministro afirma que, apesar dos investimentos realizados pelos Estados Unidos no Brasil, muitos foram recusados pelo fato de não haver garantias de que os acordos seriam mantidos após o término da guerra.

Além da amistosa relação com o jornal *O Globo*, também fica evidente a proximidade de Drew Pearson e Oswaldo Aranha, que existia desde o tempo em que o ministro das Relações Exteriores era embaixador em Washington.<sup>88</sup>

No dia 2 de setembro de 1969, no jornal brasileiro *O Globo*<sup>89</sup>, foi noticiado o falecimento do jornalista norte-americano Andrew Russel Pearson, ocorrido no dia 1 de setembro de 1969. A reportagem trazia como título central *Morre Drew Pearson, o jornalista polêmico* em seguida, no subtítulo, *Adorado e Odiado*. A reportagem trazia, ainda, que o colunista Drew Pearson, que havia sofrido um ataque cardíaco há algumas semanas, falecera em 1º de setembro de 1969 no hospital de Georgetown, em Washington.<sup>90</sup> A notícia foi divulgada pelo Diretor de Informações da Universidade Georgetown, onde Pearson estava internado. Uma infecção virológica foi detectada como a causa de sua morte. A reportagem teve grande destaque no jornal.

Para Patrick Charaudeau, o que se torna fundamental é a posição que o sujeito que informa ocupa:

O crédito que se pode dar a uma informação depende tanto da posição social do informador, do papel que ele desempenha na situação de troca, de sua representatividade para com o grupo de que é porta-voz, quanto do grau de engajamento que manifesta com relação à informação transmitida.<sup>91</sup>

Neste contexto, identificamos Drew Pearson como o *sujeito do discurso*<sup>92</sup>, sujeito este que “mantém relações com os dados da situação de uma determinada comunicação na qual se encontra”, envolvido com seus “saberes, opiniões e crenças que possui e que supõe serem compartilhadas”. O discurso, na visão do autor Teun Van Dijk<sup>93</sup>, não é analisado apenas como ‘objeto verbal’ autônomo, mas também como uma interação situada, como prática social ou

<sup>88</sup> Não foram identificados mais registros sobre tratativas ou assuntos de política entre os dois, no entanto, com uma pesquisa mais aprofunda, mais registros possam ser encontrados.

<sup>89</sup> Reportagem no dia 2 de setembro de 1969. Acervo Digital – *O Globo*. Geral, Matutino, p. 8. Disponível em: < <http://acervo.oglobo.globo.com/> >. Acesso em: 5 jan. 2015.

<sup>90</sup> Reportagem no dia 2 de setembro de 1969. Acervo Digital – *O Globo*. Disponível em: < <http://acervo.oglobo.globo.com/> >. Acesso em: 5 jan. 2015.

<sup>91</sup> CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 52.

<sup>92</sup> CHARAUDEAU Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

<sup>93</sup> DIJK, Teun A. van. *Discurso e Poder*. São Paulo: Contexto, 2008.

como um tipo de comunicação numa situação social, cultural, histórica ou política. Como o autor cita:

Em vez de simplesmente analisar uma conversa entre vizinhos, talvez seja necessário fazer o trabalho de campo em uma vizinhança, observar como as pessoas falam em bares ou outros lugares públicos e descrever muitos outros aspectos relevantes desses eventos comunicativos, tais como a situação temporal ou espacial, circunstâncias especiais, os participantes e seus papéis comunicativos e sociais, as outras atividades que se realizam ao mesmo tempo, e assim por diante.<sup>94</sup>

No que tange aos estudos sobre imprensa, é imprescindível consultar a obra *História da Imprensa no Brasil*, de Nelson Werneck Sodré. A pesquisa minuciosa apresenta um estudo sobre a atividade jornalística no Brasil, paralelamente às suas investigações sobre a imprensa, aliava o desenvolvimento do capitalismo no Brasil ao sistema econômico e à história da imprensa. Sodré pontua que o estudo da imprensa não pode dissociar-se do avanço do capitalismo, por meio do argumento de que,

Por muitas razões, fáceis de referir e de demonstrar, a história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista. O controle dos meios de difusão de ideias e de informações – que se verifica ao longo do desenvolvimento capitalista em que aquele está inserido – é uma luta em que aparecem organizações e pessoas da mais diversa situação social, cultural e política, correspondendo a diferenças de interesses e aspirações.<sup>95</sup>

Nessa mesma perspectiva, o autor complementa que

O segredo da imprensa consistia, a medida em que o capitalismo avançava, na rapidez com que chegava aos leitores e na possibilidade de conta-los aos milhões. Era necessário, por isso, que a produção atendesse à multiplicação de exemplares, e que os transportes atendessem à distribuição oportuna, rápida, vertiginosa, dos exemplares velozmente multiplicados. As invenções que tornaram os periódicos, empresas industriais aparelhadas, eficientes capazes de produzir, todos os dias, milhões de jornais, seguiram-se umas às outras, a curtos intervalos.<sup>96</sup>

A lógica de estudo que Nelson Sodré aborda alia um constante avanço entre as inovações da imprensa com o capitalismo. O lucro e as inovações tecnológicas movimentam a expansão e a divulgação dos periódicos, tanto em escala nacional quanto internacional.

Sobre o estudo da imprensa, também é oportuno mencionar as contribuições de Marialva Barbosa:

---

<sup>94</sup> DIJK, 2008, p. 12.

<sup>95</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1977, p. 1.

<sup>96</sup> SODRÉ, 1977, p. 5-6.

[...] estudos desenvolvidos sobre a questão histórica da imprensa no Brasil são, em grande parte medida, tributários de ideia de história linear, orientada e baseada em grandes feitos, singulares, particulares dos grandes personagens. A maioria dos estudos realizados adota uma visão que privilegia a ruptura, produzida por fatos marcantes, na qual a temporalidade linear e a sucessão de acontecimentos dão o tom da narrativa.<sup>97</sup>

A autora destaca outro grupo de estudo sobre a imprensa, acrescentando que

Um grupo de estudos que considera a história como um processo e, sobretudo, a imprensa na sua relação com o social. Ao mesmo tempo, visualiza-a como integrante de um processo comunicacional, no qual ganha importância o conteúdo, o produtor da mensagem e a forma como leitor entende os sinais emitidos pelos impressos. Procura destacar, também, a dimensão histórica de um mundo pleno de significados, no qual se localizam os meios de comunicação.<sup>98</sup>

Compreendemos, a partir das asserções de Nelson Werneck Sodré e Marialva Barbosa, que a imprensa pode ser explorada em dimensões diversas, tanto sobre sua história, suas transformações, seus personagens quanto, como é o caso desta pesquisa, um determinado periódico, seu conteúdo e seu colunista. A imprensa torna-se, assim, uma fonte importante de pesquisa, aliada a novas perspectivas e recursos metodológicos.

Para autora Derocina Sosa, a imprensa também é coadjuvante no cenário da política:

A visão da imprensa como fiel refletora daquilo que está ocorrendo na sociedade, no entanto, justifica apenas um dos componentes dessa mesma imprensa. O outro é aquele ligado ao papel que a imprensa escrita vem desempenhando ao longo da história e mais precisamente da história do Brasil, ou seja, o de espaço privilegiado de exercício da política, como exposição de ideias ou ainda da política partidária, responsável pela construção dos discursos.<sup>99</sup>

A imprensa é fonte de sua própria história e das mais diversas situações nas quais encontramos dados sobre a sociedade, seus ritos e costumes, informações sobre questões políticas e econômicas inseridas em suas representações, através de palavras e imagens.

Analisar os textos escritos por Drew Pearson requer cuidado, para que não se caia nas armadilhas de traduzirmos seus posicionamentos descolados do contexto no qual foram gerados. Assim, não cabe “procurar sentido de verdade nos artigos, mas apurar a materialidade histórica”<sup>100</sup> que os embasou.

<sup>97</sup> BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010, p. 11.

<sup>98</sup> BARBOSA, 2010, p. 12-13.

<sup>99</sup> SOSA, 2006, p. 125.

<sup>100</sup> ORLANDI, 1994, p. 59.

O discurso da imprensa não se restringe apenas a um amontoado de acontecimentos, mas desvenda o cotidiano social e político de uma determinada época, expressando as forças de poder dos grupos que compõem a sociedade. Derocina Sosa argumenta que “os jornais estão localizados na encruzilhada desses elementos: estado, política e poder, combinando-se com eles, ora endossando o discurso oficial, ora opondo-se a ele.”<sup>101</sup>

A fim de adentrarmos no exame dos artigos de Drew Pearson, vamos nos deter em algumas considerações sobre a análise do discurso e análise de conteúdo como: o estudo do sujeito que escrevia as reportagens, a ideologia que norteava seus artigos e o contexto histórico em que estavam inseridos. O sujeito, na figura do jornalista norte-americano Drew Pearson, a ideologia que transcorre tanto na revista, como fonte, e em seus artigos, como objetos retratados e publicados por ela, e o contexto histórico na conjuntura da Guerra Fria.

Analisaremos os artigos escritos por Drew Pearson no mesmo sentido que descreve a autora Bethania Mariani, quando se refere ao discurso jornalístico:

O discurso jornalístico toma parte no processo histórico de seleção dos acontecimentos que serão recordados no futuro. E mais ainda: uma vez que ao selecionar está engendrando e fixando sentido para estes acontecimentos, a imprensa acaba por construir no discurso um modo possível de recordação do passado.<sup>102</sup>

A autora se refere à imprensa como construtora de memória. Quando o historiador faz uso dessas memórias, precisa considerar o processo de seleção que foi realizado de antemão pelo jornalista.

Na mesma linha, as autoras Maria Helena Capelato e Maria Lígia Prado, destacando a importância de se perceber as relações de poder que se estabelecem na imprensa, afirmam:

[Entendendo] a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero veículo neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere.<sup>103</sup>

Devemos, ainda, considerar, na construção do discurso jornalístico, o modo como ele se estrutura e quais são os elementos que caracterizam os interesses aos quais os jornais estão vinculados. De acordo com Capelato, “o historiador, dessa maneira, procura estudar os jornais

<sup>101</sup> SOSA, 2006, p. 110.

<sup>102</sup> MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. *O comunismo imaginário: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989)*. 1996. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996. p. 33.

<sup>103</sup> CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria L. *O Bravo Matutino*. São Paulo: Editora Alfa-Romeu, 1980, p. 19.

como agente da história e captar o movimento vivo das ideias e personagens que circulam pelas páginas dos impressos.”<sup>104</sup>

Tânia Regina de Luca e Ana Luiza Martins destacam o real interesse da imprensa nos seguintes termos:

Jornais, revistas, rádios e televisões são empresas e, portanto, também buscam lucros. De outra parte, negociam um produto muito especial, capaz de formar opiniões, (des)estimular comportamentos, atitudes e ações políticas. Elas não se limitam a apresentar o que aconteceu, mas selecionam, ordenam, estruturam e narram, de uma determinada forma, aquilo que elegem como fato digno de chegar até o público.<sup>105</sup>

Maria Helena Capelato sistematiza, ainda, como as relações de poder estão nas entranhas da imprensa:

Os impressos são produtos forjados a partir de representações contextualizadas da realidade. O que, invariavelmente, revelam formas simbólicas de luta pelo poder de representar, afirmando-se, com isso, a memória de um grupo ou mesmo de partidos políticos. Nos vários tipos de periódicos e até mesmo em cada um deles encontramos projetos políticos e visões de mundo representativos de vários setores da sociedade.<sup>106</sup>

Gilberto Dimenstein, na obra *As Armadilhas do Poder, Bastidores da Imprensa*, contextualiza o universo a que o jornalista se submete para manter uma posição de destaque dentro do jornal ou revista, assim como sua credibilidade junto ao público leitor. Exibindo as armadilhas que se encontram nesta árdua cobertura das entranhas das mídias, o autor destaca que

Não [é] raro os profissionais, até mesmo os mais experientes, sucumbem às mentiras, contra informações, deturpações e boatos. A informação é uma arma na guerra da sobrevivência política. Existe o batido chavão dos homens públicos de que apreciam a “crítica construtiva” ressaltando a importância da imprensa. [...] O jornalismo independente e, portanto, com credibilidade, significa atritos com o poder – logo, com as fontes. Atritos implicam em boicotes. É preciso, então, um malabarismo para que não se fique tão distante das fontes a ponto de perder a informação – e nem tão próximo que signifique deixar de publicá-la.<sup>107</sup>

Buscando traçar a trajetória de Drew Pearson no Brasil, encontramos o jornalista na década de 1930. No arquivo Getúlio Vargas (CPDOC) encontra-se uma carta, datada do dia 6

<sup>104</sup> CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

<sup>105</sup> LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza. *Imprensa e cidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2006, p. 11.

<sup>106</sup> CAPELATO, 1988, p.34

<sup>107</sup> DIMENSTEIN, Gilberto. *As armadilhas do poder: bastidores da imprensa*. São Paulo: Summus, 1990. p. 29-39.

de dezembro de 1938, enviada pelo ministro Mário de Pimentel Brandão ao presidente Getúlio Vargas, na qual é exposta a animosidade criada pelo jornalista Drew Pearson, de Washington.

A carta relata uma possível desavença política entre o então ministro das Relações Exteriores (1936-1938), que estava nos Estados Unidos, e o jornalista. Assinada de forma Confidencial, a missiva expõe o seguinte:<sup>108</sup>

Logo que cheguei a Washington, fui objeto das assiduidades de um jornalista que por que aqui anda, Sr Drew Pearson. Esse homem procurou com insistência o meu apoio para conseguir um contrato de propaganda do Brasil nos Estados Unidos. [...] Outro dia, aqui se apresentou, com a mesma pretensão, um Sr. Djamiroff. Disse-me achar-se associado com aquele individuo e ter a intenção, caso obtenha o que deseja, de montar aqui em Nova York um bureau de propaganda do Brasil, no qual Leo Pearson, irmão de Drew, teria um cargo saliente. Como me fizesse sentir que o momento azado para iniciar a propaganda seria abertura das próximas Exposições de New York e São Francisco, aconselhei-o a procurar o meu distinto amigo Dr. Penteado. Este acaba de me telefonar para comunicar-me ter recebido a visita do Djamiroff, o qual, no correr da conversa, lhe dissera ter Drew Pearson uma campanha de imprensa preparada contra mim, esperando para lança-la um momento oportuno. Não precisei fazer esforços de imaginação para compreender que se trata de uma ameaça de chantagem.<sup>109</sup>

A carta tinha como propósito levar ao conhecimento do presidente Getúlio Vargas a possível intenção de denegrir a imagem do ministro Mário de Pimentel Brandão. A fim de evitar qualquer surpresa, o ministro imediatamente informou o presidente de possíveis problemas nos Estados Unidos.

Relatando que:

Posso, assegurar, porém, que, seja ela qual for, outra não terá sido a sua origem. Conforme o rumo, que essa campanha eventual venha a tomar, mandarei uma nota aos jornais americanos rebatendo-a severamente e desmascarando a impostura do seu autor. Drew Pearson com o Embaixador Lima e Silva. Nunca se meteu pessoalmente com o Embaixador Oswaldo Aranha, que o cumulou atenções. Mas atacou o Brasil, a despeito dos favores recebidos de meu ilustre e eminente predecessor.<sup>110</sup>

Percebe-se a indignação do ministro por ser afrontado pelo jornalista Drew Pearson, que o ameaçava de que, caso não se posicionasse a favor do acordo comercial que visava um

---

<sup>108</sup> Todos os textos foram transcritos segundo a ortografia corrente.

<sup>109</sup> FGV-CPDOC. Acervo – Correspondência política. Disponível em: < <http://cpdoc.fgv.br/> >. Acesso em: 20 jan. 2015.

<sup>110</sup> FGV-CPDOC. Acervo – Correspondência política. Disponível em: < <http://cpdoc.fgv.br/> >. Acesso em: 20 jan. 2015.

contrato de propaganda com seu irmão Leo Pearson, iria difamá-lo perante a imprensa americana. Ao finalizar a carta, coloca um P.S.:

Drew e Leo Pearson são, sabidamente, agentes do Embaixador Argentino, Sr. Felipe Espil. Drew publicou artigos contra o Brasil, por ocasião do negocio do trigo. Revelou, nos jornais, em termos malevolentes, a démarche desta Embaixada junto ao Departamento de Estado a propósito da ida de uma missão, militar aérea americana para instruir a aviação argentina. Suponho ter sido ele quem inventou a necessidade da saída daqui do Joaquim de Sousa Leão, a qual causou pena e surpresa na sociedade e no próprio Dep. de Estado, como me disse o Sr. Summer Welles. Enfim, é um inimigo declarado nosso e homem capaz de lançar mão de todos os processos vesgos do jornalismo baixo.<sup>111</sup>

Dentre os outros documentos que estão disponíveis em microfilme no acervo, encontram-se, distribuídas ao longo da década de 1930, correspondências que foram trocadas com o jornalista Drew Pearson. Na década de 1940 foram encontrados onze registros de correspondências trocadas, dentre estas uma carta de Drew Pearson a Oswaldo Aranha, comparando as edições de notícias para os EUA provenientes da Argentina e do Brasil. Na década de 1950 foram encontrados 6 registros de correspondências – cartas de Drew Pearson a Oswaldo Aranha –, nas quais dizia estar esperando a próxima visita do ministro. Todas as cartas que foram enviadas ao então Ministro das Relações Exteriores Oswaldo Aranha se caracterizam pela cordialidade.

Drew Pearson e sua presença no jornal *O Semanário*

Identificamos, também, a presença de artigos do jornalista no jornal *O Semanário*, que está disponível na Biblioteca Nacional na página Biblioteca Nacional Digital Brasil, onde estes podem ser encontrados digitalizados, compreendendo um período que vai de 1956 até 1964, com 40 ocorrências. Tratava-se de um jornal semanal, com total de 12 a 16 páginas por edição.

*O Semanário*<sup>112</sup> foi um jornal carioca fundado em 5 de abril de 1956 por Oswaldo Costa e extinto em abril de 1964, após a tomada do poder pelos militares. Ao longo de sua existência contou com a colaboração de nomes de destaque, como: Néelson Werneck Sodré, Condim da Fonseca, Sérgio Magalhães, Barbosa Lima Sobrinho, Plínio de Abreu Ramos e outros.

<sup>111</sup> Nota explicativa *Post Script*, ou escrito após, normalmente um adendo não inserido no corpo do texto.

<sup>112</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. FONTES: ENTREV. RAMOS, P. *Semanário*, Rio de Janeiro. Disponível em: < <http://www.fgv.br/cpdoc/aspx> >. Acesso em: 20 jan. 2015.

Caracterizou-se pela publicação de reportagens amplas, sem firmar um compromisso político definido. A preocupação básica de *O Semanário* era denunciar elementos envolvidos em manobras consideradas prejudiciais aos interesses nacionais e sobre as explorações estrangeiras no Brasil. O jornal passou a incentivar seus leitores a se engajar na luta pelo nacionalismo e a combater os grandes trustes internacionais.

O jornal publicava notícias de fatos que ocorriam durante toda a semana, como, por exemplo: de 5 a 12 de abril de 1956. Na edição de 4 a 11 de julho de 1957 o periódico publicou a reportagem *Sovietização dos Estados Unidos?*<sup>113</sup> *A intervenção do Estado na economia privada norte-americana*, assinada pelo jornalista e escritor Osny Duarte Pereira (1912-2000)<sup>114</sup>, mencionando o artigo de Drew Pearson publicado em 6 de novembro de 1954 na revista *O Cruzeiro*.

Nas reportagens de 24 a 31 de julho de 1958, o jornalista Osny Duarte Pereira realiza um garimpo nos artigos de Drew Pearson na revista *O Cruzeiro*, e a partir disso é possível perceber que Duarte Pereira concordava com as afirmações realizadas pelo colunista no periódico. Afirmações que eram reproduzidas tal e qual as que constam na revista *O Cruzeiro*.

No período de 9 de março de 1957 a 9 de novembro de 1957, Duarte Pereira salientava o discurso de Drew Pearson na revista *O Cruzeiro*, e o somava às suas interpretações no jornal *O Semanário*, como forma de qualificar suas reportagens. Percebemos que, dessa forma, as reportagens visavam ter maior notoriedade aliadas às opiniões de Drew Pearson. Outra reportagem, com duas colunas, também mencionava o artigo de Drew Pearson retirado da revista *O Cruzeiro*, um fragmento do dia 4 do maio de 1957, outro trechos do *Diário de Notícias* do dia 9 de novembro de 1955 e, por fim, do jornal *Última Hora* do dia 5 de novembro de 1955. Percebemos que neste último jornal as reportagens estão no formato de uma coluna única, ou dupla, ocupando pouco espaço e relatando apenas um assunto. O jornalista Osny Duarte Pereira reunia, em suas reportagens, alguns extratos do discurso de Drew Pearson para quantificar as suas concepções, pois considerava o discurso do jornalista norte-americano importante e confiável.

---

<sup>113</sup> Biblioteca Nacional Digital do Brasil-Hemeroteca Digital. Jornal O Semanário. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervodigital>>. Acesso em: 3 jan. 2015.

<sup>114</sup> Osny Duarte Pereira é era um dos mais antigos militantes nacionalistas do Brasil. Desembargador aposentado e escritor, escreveu duas dezenas de livros sobre o tema, entre eles um folheto muito popular: *Quem Faz as Leis no Brasil*. Foi sindicalista e professor de ciência política no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb). Teve os direitos políticos cassados em 1964 e enfrentou diversos inquéritos policiais-militares. Com o jornalista Barbosa Lima Sobrinho e o jurista Evandro Lins e Silva, assinou o pedido de impeachment do ex-presidente Fernando Collor de Mello. Faleceu aos 88 anos, no Rio de Janeiro, de insuficiência cardiorrespiratória. Disponível em :< <http://veja.abril.com.br/011100/datas.html>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

### Drew Pearson e sua participação no jornal *A Noite*

Os artigos de Drew Pearson estavam presentes nas edições do jornal *A Noite*<sup>115</sup>, que foi fundado em 18 de julho de 1911 por Irineu Marinho, no Rio de Janeiro (RJ), logo depois que este deixou a Gazeta de Notícias. Acompanhado de alguns antigos funcionários, Irineu Marinho instalou o novo periódico no sobrado de nº 14 do Largo da Carioca. Sendo considerado um dos primeiros jornais populares do Rio de Janeiro – lançado a preços baixos, com circulação diária e grandes tiragens –, teve várias donos e fases, a mais importante das durante as décadas de 1920 e 1930. O jornal *A Noite* está disponível no acervo online da Biblioteca Nacional. Foram encontradas 28 notícias entre os anos de 1950 a 1959, localizadas geralmente na terceira página, em meio a muitas outras colunas, com assuntos diversos e anúncios. O jornal publicava integralmente as reportagens escritas por Drew Pearson presentes na revista *O Cruzeiro*, e também descrevia e comentava as críticas feitas por membros do governo norte-americano que eram publicadas nos Estados Unidos.

As notícias têm como característica serem editadas em Nova York e Londres, acompanhadas da sigla A.F.P., com data específica, dia e mês, diferentemente dos artigos que são publicados na revista *O Cruzeiro*, que destacam somente o mês. As notícias estão com títulos diferentes dos demais artigos publicados em outros veículos informativos. Todas as notícias são curtas e fazem referência a Guerra Fria: *A cruzada contra a bomba de hidrogênio. Notícias de Drew Pearson*. Identificado Drew Pearson como comunista do departamento de Estado. Relatando que Pearson seria um hábil agente vermelho. Um dos artigos de Drew Pearson é lido na Câmara de Deputados. Todas as reportagens estão confirmando e concordando com o posicionamento do conteúdo jornalístico de Drew Pearson.

### A presença de Drew Pearson no jornal *Última Hora*

Outro jornal no qual identificamos a presença dos artigos de Drew Pearson é o *A Última Hora*<sup>116</sup>. Trata-se de um jornal diário e vespertino fundado no Rio de Janeiro, em 12 de junho de 1951, por Samuel Wainer. A partir de 1952, o periódico passou a ser igualmente editado em São Paulo e, em 1955, surgiu uma edição matutina no Rio de Janeiro. Fundada para servir de respaldo ao presidente Getúlio Vargas junto à opinião pública, segundo o

<sup>115</sup> Biblioteca Nacional Digital do Brasil-Hemeroteca Digital. Jornal *A Noite*. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/noite>>. Acesso em: 16 jan. 2015.

<sup>116</sup> Conforme dados no Acervo do FVG-CPDOC. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/asp>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

próprio Samuel Wainer, seu objetivo era romper com “a formação oligárquica da imprensa brasileira e dar início a um tipo de imprensa popular e independente”.

O jornal *Última Hora* encontra-se disponível na Biblioteca Nacional, na página Biblioteca Nacional Digital Brasil, tendo sido localizadas 26 reportagens que mencionam o jornalista Drew Pearson, no período que compreende os anos de 1951, 1953, 1957, 1958, 1959, 1961, 1962 e 1964.

A opinião do jornalista é utilizada em duas colunas escritas por Paulo Vieira e Octavio Malta, os quais citam trechos dos artigos retirados da coluna *Carrossel do Mundo*, da revista *O Cruzeiro*. Também constam, embora de maneira esporádica, artigos escritos pelo jornalista norte-americano, registrados desde Moscou, Madri e Buenos Aires.

#### Drew Pearson e sua participação no *Correio Paulistano*

Constatamos novamente a presença do colunista norte-americano no *Correio Paulistano*<sup>117</sup>, jornal lançado no dia 26 de junho de 1854 em São Paulo, tendo como fundador o proprietário da *Tipografia Imparcial*, Joaquim Roberto de Azevedo Marques. Pedro Taques de Almeida Alvim foi o primeiro redator desse jornal, considerado uma publicação conservadora.<sup>118</sup>

No jornal *Correio Paulistano*, disponível no acervo online da Biblioteca Nacional, foram encontradas 16 notícias que compreendem os anos de 1935 a 1939, sendo que uma das peculiaridades constada no jornal diz respeito à origem dos artigos. Em sua maioria, evidenciou-se que vinham de Washington, do correspondente da Agência Havas<sup>119</sup>.

Os conteúdos dos artigos estão vinculados às relações comerciais ou políticas entre os Estados Unidos e o Brasil. O jornal reproduz os mesmos na íntegra e mantém a forma original publicada por Drew Pearson, assinados por este, distribuídos pela Agência Havas.

Verificamos que a maioria das publicações em jornais como *O Semanário*, *A Noite* e *A Última Hora* tem como origem as publicações da revista *O Cruzeiro*, pois remetem à mesma fonte. Depois que Drew Pearson foi anunciado como colunista da revista, todas suas menções foram referenciadas exclusivamente de *O Cruzeiro*.

<sup>117</sup> Conforme dados no Acervo do FVG-CPDOC. Disponível em: < <http://www.fgv.br/cpdoc/asp> >. Acesso em: 20 jan. 2015.

<sup>118</sup> Mais informação no Acervo do FVG-CPDOC. Disponível em: < <http://www.fgv.br/cpdoc/asp> >. Acesso em: 20 jan. 2015.

<sup>119</sup> A Havas é uma agência de notícias internacional, com uma rede de correspondentes e tradutores.

Este levantamento sobre a presença Drew Pearson na mídia nacional e nos acervos pretendem reforçar a tese da popularidade do jornalista e dos temas que abordava em torno da Guerra Fria. Seus contatos com eminentes figuras políticas também devem tê-lo referendado. Tratava-se de um discurso com tons internacionais, visto que os artigos publicados nos jornais e na revista são semelhantes, aos do acervo disponível na biblioteca em Washington, e foi possível confirmar que muito do conteúdo publicado na mídia brasileira saía também na sua coluna de rádio *Merry-Go-Round*, nos Estados Unidos.<sup>120</sup>

### 1.1 O Cruzeiro e o Drew Pearson

A revista *O Cruzeiro*<sup>121</sup> iniciou sua circulação no dia 10 de novembro de 1928, sendo distribuída simultaneamente nas grandes capitais brasileiras, “no exterior em Buenos Aires e Montevideú. A tiragem modesta dos primeiros anos do semanário ficou em torno dos de 17 mil exemplares/semana.”<sup>122</sup> Foi durante muito tempo o carro-chefe do primeiro conglomerado de imprensa, assim como a primeira Rede de Comunicação instituída no país, tendo como concorrente a “*Manchete*” desde 1952.<sup>123</sup>

A marca registrada da revista eram as fotografias coloridas e em papel *couche*, com novas técnicas de impressão, “tais como a rotogravura, quanto por uma redefinição no perfil do mercado editorial, fatores que levaram a uma mudança significativa no padrão das publicações ilustradas.”<sup>124</sup>

A revista *O Cruzeiro* é uma fonte de pesquisa relevante para pesquisadores e historiadores, muito utilizada em estudos. Nessa perspectiva, podemos elucidar as pesquisas que estão voltadas ao conteúdo específico publicado no periódico, como as reportagens, os anúncios, os artigos e as fotorreportagens<sup>125</sup>, que se tornaram a marca registrada da inovação da revista. Podemos citar vários autores que se debruçaram sobre as fotorreportagens e sobre a

<sup>120</sup> Trataremos de entrecruzar essas informações no capítulo 3.

<sup>121</sup> Em virtude das pesquisas e trabalhos existentes sobre a revista *O Cruzeiro*, e mencionados anteriormente, não trataremos de forma aprofundada sobre a história do periódico, a vida pública do proprietário ou o grupo dos Diários Associados, sobre fotorreportagem, anunciantes, patrocinadores, demais jornalistas ou colunistas. Nosso foco é mesmo a coluna Carrossel do Mundo.

<sup>122</sup> DALMÁZ, 2014, p. 31-32.

<sup>123</sup> MEYRER, 2007, p. 31.

<sup>124</sup> ANDRADE, 1990, p. 212.

<sup>125</sup> As fotorreportagens estão entre os conteúdos mais pesquisados na revista *O Cruzeiro*. Esses trabalhos não tratam somente sobre fotorreportagem, mas se dedicam também a outros contextos históricos e outros conceitos norteadores. Torna-se inviável salientar detalhadamente os estudos e pesquisas que foram realizadas nesses trabalhos.

história da revista, como: Ana Maria Mauad<sup>126</sup>, José E. Gava<sup>127</sup>, Helouise Costa<sup>128</sup>, Marlise Meyrer<sup>129</sup>, e assim teríamos uma vasta lista de outros tantos trabalhos, mas neste momento primamos pelos mais divulgados. Outro trabalho que é de suma importância é o da historiadora Marialva Barbosa<sup>130</sup>, que realiza uma breve reflexão sobre a história inicial desse periódico de um ponto de vista particular, analisando o olhar do leitor.

De acordo com Ana Maria Mauad, “ao longo dos primeiros 50 anos, do século XX, as revistas ilustradas sofreram importantes transformações, muito mais de forma do que de conteúdo”.<sup>131</sup> Os periódicos acompanharam as mudanças políticas, as influências internacionais e o aumento do mercado consumidor, ampliando o número de exemplares e ficando cada vez mais diversificadas.<sup>132</sup>

Ana Maria Mauad destaca que, desde a inauguração da revista, podia-se perceber que o grupo Diários Associados estava empenhado em mostrar as inovações e a magnitude que ia atingir *O Cruzeiro*:

O caráter inovador já estava presente na estratégia adotada para o lançamento da revista. Dias antes, em 05 de novembro de 1928, 4 milhões de panfletos eram jogados do alto de alguns prédios da Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro, anunciando a novidade: nascia no país uma nova revista semanal ilustrada, O CRUZEIRO, aquela que “tudo sabe e tudo vê”, a revista “contemporânea dos arranha-céus”.<sup>133</sup>

A revista *O Cruzeiro* iniciou, nos anos de 1940, um processo de modernização e transformação, adotando as novas formas do jornalismo norte-americano, anteriormente

<sup>126</sup> ANDRADE, Ana Maria Mauad de Sousa. *Sob o signo da imagem: A Produção da Fotografia e Controle dos Códigos de representação Social da Classe Dominante, no Rio de Janeiro, na Primeira Metade do Século XX*. 1990. Tese (Doutorado em) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1990.

<sup>127</sup> GAVA, José Estevam. *Momento Bossa Nova: Arte, cultura e representação sob os olhares da revista O CRUZEIRO*. 2003. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências e Letras – UNES, Assis, 2003.

<sup>128</sup> Helouise Lima Costa se dedicou aos estudos sobre fotojornalismo na revista *O Cruzeiro* em sua Dissertação de Mestrado, intitulada *Aprenda a ver as coisas: fotojornalismo e modernidade na revista O Cruzeiro (1992)*, assim como em sua Tese de Doutorado, intitulada, *Um olho que pensa: estética moderna e fotojornalismo (1999)*. A pesquisadora tratou do mesmo tema na obra: COSTA, Helouise; SILVA, Renato Rodrigues da. *A fotografia moderna no Brasil*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

<sup>129</sup> MEYRER, Marlise Regina. *Representações do Desenvolvimento nas Fotorreportagens da Revista O CRUZEIRO (1955-1957)*. 2007. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

<sup>130</sup> BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

<sup>131</sup> ANDRADE, 1990, p. 207.

<sup>132</sup> ANDRADE, 1990, p. 207.

<sup>133</sup> *O Cruzeiro*, 10 nov. 1928. Apud MEYRER, p. 32.

inspirada pelos magazines ilustrados ou revistas de variedades do século XIX, guiadas pelas tendências europeias e, principalmente, francesas<sup>134</sup>.

O editorial da revista, do dia 3 de Janeiro de 1931, destacava sua modernização:

“O Cruzeiro inaugurou a rotogravura na imprensa nacional, e que serviu de campo experimental da rotogravura no Brasil, inaugurará em breve a rotogravura a cores, para o que já tem montada nas suas oficinas a gigantesca rotativa de cinco unidades vindas da Alemanha [...]. Contamos que, brevemente O Cruzeiro haja concluído a sua remodelação, utilizando novos maquinismos e se tenha tornado a mais luxuosa, atraente e artística revista semanal, que jamais houve no Brasil.”<sup>135</sup>

A revista passou a inserir uma nova linha editorial conduzida pela influência norte-americana e pelo intenso uso de fotos e, principalmente, inserindo cor em suas fotorreportagens. A autora Ana Maria Mauad destaca que, desde o início do lançamento da revista, seu proprietário já vislumbrava o caminho para a glória da revista.

No primeiro exemplar de *O Cruzeiro*, do dia 10 novembro de 1928, Assis Chateaubriand declarou:

Depomos as mãos do leitor a mais moderna revista brasileira. Nossas irmãs mais velhas nasceram por entre as demolições do Rio Colonial, através dos escombros a civilização traçou a reta da avenida Rio Branco: uma reta entre o passado e o futuro. *O Cruzeiro* encontrará ao nascer o arranha-céu, a radiofonia e o correio aéreo. O esboço de um novo mundo [...] A revista é um compêndio da vida [...] revela a sua expressão educativa e estética, por isso a imagem é um elemento preponderante. Uma revista deve ser como o espelho leal onde se reflete a vida, seus aspectos edificantes, atraentes e instrutivos.<sup>136</sup>

Sobre a declaração acima, Ana Maria Mauad analisa que “a postura inscreve-se num contexto cultural no qual a imprensa exerce influência decisiva não somente na interpretação, mas também na elaboração dos fatos sociais”<sup>137</sup>. A autora complementa afirmando que o formato inédito da revista nas décadas de 1940 e 1950 surpreendeu o público leitor, destacando que,

Os analistas atribuem ao novo formato o sucesso do periódico nos anos seguintes, tendo sua fase áurea nos anos 40 e 50, quando chegou a uma tiragem de 850.000 exemplares. Accioly Netto, ex-diretor da revista, calcula que cada exemplar era lido

<sup>134</sup> MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX*. São Paulo, Olho D'água: Fapesp, 2001.

<sup>135</sup> Revista *O Cruzeiro* 31 jan. 1931. Apud ANDRADE, 1990, p. 213.

<sup>136</sup> *O Cruzeiro*, 10 nov. 1928. Apud MAUAD, Ana Maria. O olho da História: fotojornalismo e a invenção do Brasil contemporâneo. In: NEVES, Lúcia M. Bastos. P. MOREL, Marco. FERREIRA, Tania M. Bessone da C. (Org.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006. p. 377.

<sup>137</sup> MAUAD, 2006, p. 377.

por cinco pessoas, o que elevaria o número de leitores para 4.000.000, num país de 50.000.000 de habitantes, transformando-se na publicação de maior circulação do país. O apogeu da revista O CRUZEIRO foi entre os anos de 1954 e meados de 1957, quando, então, passa a perder espaço para sua maior concorrente, a Manchete, no mercado desde 1952.<sup>138</sup>

O grupo dos *Diários Associados* desencadeou um fenômeno de vendas, sendo que, na primeira edição, a revista atingiu a vendagem de 50 mil exemplares, tendo em vista que a grande maioria da população era semianalfabeta e predominantemente rural. Entre os anos 1940 e 1950 a tiragem passou a ser de 720 mil exemplares semanais. A autora Ana Maria A. Laurenza<sup>139</sup> argumenta que:

O sucesso da revista era perceptível nas ruas das capitais, circulava “boca a boca” e dava vazão ao apelo popular de uma publicação impressa em quatro cores, para a qual a TV ainda não representava menor concorrência. A receita publicitária vinha da indústria de bens de consumo duráveis, recém-implantada no Brasil.<sup>140</sup>

O primeiro passo para a modernização começou pela compra de novos equipamentos de impressão e pela intensa busca de qualidade na imagem fotográfica. A revista, como aponta Ana Maria Mauad, passou por duas fases editoriais: a primeira estava caracterizada por ser uma revista ilustrada, com um papel de melhor qualidade, com uma variedade de fotos, além de contar com os melhores articulistas e intelectuais nacionais e internacionais. Contava, também, com os serviços de agências internacionais de artigos e fotografias, o que perdurou até o final da década de 1930. Na segunda fase, que se inicia na década de 1940, passou a incorporar o padrão e qualidade das revistas internacionais e um detalhado expediente, trazendo os moldes das famosas revistas *Life* (1936), *Look* (1937) e da *Paris Match* (1949). Nessa época a revista já atingia a vendagem de 120 mil exemplares – ficando mundialmente conhecida –, e “chegou a ter uma versão em espanhol, com cerca de 300 mil exemplares, exportada para a América Latina.”<sup>141</sup>

Para compor essa segunda fase de sua linha editorial, a revista anunciou, no dia 26 de julho de 1947, que o jornalista norte-americano e comentarista Drew Pearson (1897-1969) passaria a integrar as edições; ele foi apresentado como o mais novo membro do grupo de seletos jornalistas da revista coluna *Carrossel do Mundo*, na qual se manteria durante 16 anos.

<sup>138</sup> MEYRER, 2007, p. 32.

<sup>139</sup> LAURENZA, Ana Maria de Abreu. Batalhas em letra de forma: Chatô, Wainer e Lacerda. In: LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza (Org.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

<sup>140</sup> LAURENZA, Ana Maria de Abreu. Batalhas em letra de forma: Chatô, Wainer e Lacerda. In: LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza (org.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 181.

<sup>141</sup> MIRA, 2001, p. 23.

Fragmentos dos artigos de Drew Pearson, posteriores à sua inserção na revista, passaram a ser publicados em outros jornais, com a exclusiva referência ao periódico *O Cruzeiro*.

O jornalista era considerado por jornais e revistas como um correspondente internacional<sup>142</sup> e importante jornalista investigativo. Segundo próprio Drew Pearson, “*tenho um olfato apurado, estou sempre em busca de algo que não cheira bem.*”<sup>143</sup>

De acordo com Vagner Guarezi, o jornalista norte-americano Drew Pearson teria sido mais uma das “jogadas” empreendedoras do proprietário de *O Cruzeiro*, Assis Chateaubriand:

Com intuito de ampliar a cobertura da revista, Chatô agregou nas páginas do semanal uma coluna de política internacional, com correspondente direto dos Estados Unidos. Eram os governos de Dutra e Truman na visão de um “morador da Casa Branca”. A afinidade de Chateaubriand e os interesses políticos criaram uma coluna de política internacional na revista. Assinada pelo jornalista estadunidense Drew Pearson [...], a coluna seria o olho da revista nos Estados Unidos.<sup>144</sup>

Como já foi mencionado anteriormente, Drew Pearson foi uma figura singular no jornalismo, com muita credibilidade e com um discurso bem articulado. A posição de colunista que ocupava na revista *O Cruzeiro* era considerada de destaque.

A autora Anabela Gradim explica que os colunistas são:

[...] personalidades de peso e reconhecimento, intelectual [...], asseguram rubricas de opinião fixas nos jornais onde colaboram. Em geral é possível avaliar a pujança, qualidade, e mesmo a linha ideológica de um jornal através da análise do elenco de colunistas que integram a publicação. Ao contrário dos editoriais, e dos artigos de opinião não assinados, os trabalhos dos colunistas não representam a linha editorial do jornal nem comprometem toda a publicação. Os colunistas exprimem e emitem opiniões em nome individual, sobre temas gerais ou áreas específicas.<sup>145</sup>

Os colunistas são responsáveis por divulgar os acontecimentos da sociedade, tratando de expor as suas representações dos fatos. A imprensa, através das mídias, torna-se fundamental para difundir os acontecimentos, sendo responsável pela leitura dos fenômenos sociais que estão caracterizados na informação e na comunicação.

Como reforça a autora Simone Bezerril, a função exercida pelos jornalistas é de grande responsabilidade:

<sup>142</sup> Drew Pearson se intitulava correspondente internacional (BAMMANN, Kellen. *Americanização no Brasil e na Alemanha*: uma proposta de interpretação através dos grupos de pressão de O Cruzeiro e Der Spiegel (1947-1957). 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

<sup>143</sup> PEARSON, Drew; ANDERSON, Jack. *USA: Potência de segunda classe?* São Paulo: Best Seller, 1959, p. 20.

<sup>144</sup> GUAREZI, 2014, p. 34.

<sup>145</sup> GRADIM, Anabela. *Manual de Jornalismo*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2000. p. 46.

[...] são os jornalistas quem decidem o que são ou não notícias, diante da amplitude do número de acontecimentos. Esse é um processo que implica em uma seleção de acordo com os próprios critérios jornalísticos, que, por sua vez, são determinadas pela ideologia política seguida pela empresa. Além dessa seleção, existe a angulação ou abordagem que é conferida a cada matéria. Está presente no enfoque da notícia a dimensão que se quer atribuir a um determinado caso.<sup>146</sup>

É importante compreender o meio social e histórico no qual o jornalista está inserido. Nessas circunstâncias, cabe salientar os elementos elencados por Simone Bezerril:

É necessário saber a história dos próprios jornais, as posições políticas de seus donos, a linha editorial adotada, o perfil dos patrocinadores e a que grupos políticos e econômicos estão vinculados antes de elegê-los como objetos de pesquisa. Devemos lembrar que os jornais antes de se constituir em objeto de pesquisa, refletem, no desenvolvimento de sua própria história, toda uma transformação tecnológica e sociocultural. Além disso, os impressos são instrumentos dotados de ideologias, e por estarem em constante dinamismo com as esferas políticas e sociais fazem do jornalismo um agente ativo na configuração dos rumos tomados pela sociedade.<sup>147</sup>

Encontra-se, pois, nas mãos do jornalista o poder de decidir o que vai se tornar notícia e quais as proporções que esta terá (qual a intensidade de seu discurso). Não é uma tarefa fácil, exige contemplar e administrar os fatores internos da publicação, assim como os externos, provenientes do público leitor.

Para Felipe Pena, a construção da notícia está numa linha tênue entre o que o público necessita saber e a inteligência exata e oportuna do acontecimento:

A rotina produtiva diária das redações de todo mundo, há um excesso de fatos que chegam ao conhecimento dos jornalistas. Mas que apenas uma pequena parte deles é publicada ou veiculada. Ou seja, apenas uma parte vira notícia. O que pode levar qualquer leitor ou telespectador a perguntar: afinal, qual é o critério utilizado pelos profissionais da imprensa para escolher que fatos devem ou não virar notícia? Os jornalistas se valem de uma cultura própria para decidir o que é ou não é notícia. Ou seja, têm critérios próprios, que consideram óbvios, quase instintivos.<sup>148</sup>

Na empreitada de explicar mais profundamente o processo de constituição do fato em notícia, Felipe Pena refere:

As categorias substantivas são as mais óbvias, pois se classificam de acordo com o grau de importância dos envolvidos e o grau de interesse do público, uma

<sup>146</sup> BEZERRIL, Simone da Silva. *Usos do Passado: Leitura da História na perspectiva jornalística de Laurentino Gomes* livro 1808. 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013, p. 4.

<sup>147</sup> BEZERRIL, 2013, p. 6.

<sup>148</sup> PENA, Felipe. *Teoria do Jornalismo*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 71.

informação sobre o Presidente da República é mais valorizada do que de um vereador.

Já as categorias relativas ao produto, que estão divididas por critérios de brevidade, atualidade, qualidade e equilíbrio.

As categorias relativas ao meio de informação, que estão divididas em graus de acessibilidade às fontes/locais e em possibilidades/limites de formatação referem-se aos veículos.

As categorias relativas ao público, por sua vez, abordam critérios como serviço e produtividade.

As categorias relativas à concorrência, cujo acesso exclusivo, conhecido como furo, parece ser o valor supremo.

É importante ressaltar que a noticiabilidade é negociada, o que faz com que todos esses critérios sem variáveis.<sup>149</sup>

Os elementos que constituem a seleção das notícias se estendem desde os critérios próprios do jornalista até as entranhas do jornal. Sabemos que o “o jornalismo está longe de ser o espelho do real. É, antes, uma construção social de uma suposta realidade.” Felipe Pena conclui “que é no trabalho da enunciação que os jornalistas produzem discursos, que submetidos a uma série de operações e pressões sociais, constituem o que o senso comum das redações chama de notícias”.

Para Patrick Charaudeau, as mídias se constituem em um suporte organizacional, que é responsável por tornar públicas as notícias, articulando-se em 3 esferas:

[...] econômica (fazer viver uma empresa), tecnológica (estender a qualidade de sua difusão) e simbólica (servir à democracia cidadã). É justamente neste ponto que se tornam objeto de todas as atenções: do mundo político, que precisa delas para sua própria “visibilidade social” [...] para atingir o espaço público.<sup>150</sup>

Na ótica de Patrick Charaudeau, o mais importante nesse contexto é a que corresponde à “lógica simbólica”. Esta seria responsável pelas manifestações das relações sociais e suas transformações, tratando de construir as representações dos valores e signos que prevalecem nas práticas sociais.

Esse componente simbólico é um dos que estruturam os alicerces das mídias que estão baseadas na atividade político-ideológica. Outro componente que condiciona essa estrutura é o fator econômico, como acrescenta o autor *Ciro Marcondes Filho*:

O jornalismo, via de regra, atua junto com grandes forças econômicas e sociais: um conglomerado jornalístico raramente fala sozinho. Ele é ao mesmo tempo a voz de outros conglomerados econômicos ou grupos políticos que querem dar às suas opiniões subjetivas e particularistas.<sup>151</sup>

<sup>149</sup> PENA, 2013, p. 72-73.

<sup>150</sup> CHARAUDEAU, 2006, p. 15-16

<sup>151</sup> MARCONDES FILHO, C. *O Capital da Notícia: Jornalismo como produção social da segunda natureza*. São Paulo: Editora Ática, 1986, p. 11.

Ainda, o autor *Ciro Marcondes Filho* destaca que os jornais escondem o poder, afirmando que

Os jornais são como pontas de icebergs, que no nível externo representam a democracia formal, na qual todos seriam iguais, e, no fundo, escondem o poder político ou econômico que os sustenta, que é incomparavelmente diferenciado de um jornal para outro em relação ao seu tamanho e importância.<sup>152</sup>

Na mesma linha, *Patrick Charaudeau* afirma que a imprensa está condicionada ao poder, argumentando que

O poder nunca depende de um único indivíduo, mas da instância a qual se encontra o indivíduo e da qual ele tira sua força. Essa instância deve ter a capacidade de gerir e influenciar os comportamentos dos indivíduos que vivem em sociedade e, para isso deve dotar-se de meios restritivos: regras de comportamento, normas, sanções.<sup>153</sup>

*Marialva Barbosa* também entende que os jornais adotam uma postura que não pretende apenas “atuar no campo político, lugar onde se geram problemas, programas, análises, comentários, conceitos e acontecimentos, entre os quais os “consumidores” devem escolher”. Antes, eles ambicionam

conseguir mobilização cada vez maior do público. Quanto maior a sua audiência, maior o seu poder de divulgação e a lógica da conquista do poder. E nada mais condizente com o momento social da década de 1950 do que se transformar mais do que em porta-voz da modernização, mas em seu próprio emblema, produzindo um jornalismo em padrões completamente diversos do que fora feito até então, pelo menos no discurso com que referendam esse processo. Nada melhor também para conseguir audiência do que divulgar ao extremo que produzem um discurso que apenas espelha o mundo. E conseguir audiência é sempre conseguir poder.<sup>154</sup>

Na concepção das autoras *Tânia de Luca* e *Ana Luiza Martins*<sup>155</sup>, as renovações da história política ampliaram o leque de discussões, que, por sua vez, não poderia dispensar a imprensa, que cotidianamente registra cada lance dos embates na arena do poder. Elas afirmam, ainda, que

Os impressos que por aqui circularam em duzentos anos não só testemunham registram e veiculam nossa história, mas são parte intrínseca da formação do país. Em outras palavras: a história do Brasil e a história da imprensa caminham juntas, se

<sup>152</sup>MARCONDES FILHO, 1986, p. 13.

<sup>153</sup>CHARAUDEAU, 2006, p. 18.

<sup>154</sup>BARBOSA, 2010, p. 154.

<sup>155</sup>MARTINS; De LUCA, 2008.

auto explicam, alimentam-se reciprocamente, integrando-se num imenso painel. Nesse cenário, muitas vezes os personagens são exatamente os mesmos, na imprensa, na política e nas instituições. Em outras palavras, são, no mínimo, bastante próximos, pois intervenções políticas de peso são decididas no interior das redações, estabelecendo e testemunhando avanços e recuos das práticas do governo, da dinâmica do país, da formação do seu povo, do destino da nação.<sup>156</sup>

A imprensa ampliou significativamente o campo de análises dos historiadores, assim como destaca a autora Simone da Silva Bezerril:

[...] a imprensa, tem propiciado não apenas o alargamento das fontes do historiador, mas principalmente a possibilidade de verificar e conhecer, dentre outros, as transformações das práticas culturais, os comportamentos sociais de uma referida época, as manifestações ideológicas de certos grupos, a representação de determinadas classes e a visibilidade dos gêneros. A dimensão representativa da imprensa, ou seja, sua legitimação em representar os acontecimentos ocorridos na sociedade, assim como de reconstruir os fenômenos culturais e os estereótipos sociais, fazem dos jornais um potencializador e guardador de memórias locais ou mesmo nacionais.<sup>157</sup>

A imprensa é detentora do processo pelo qual perpassa a construção da notícia, que não se encontra distante das ordens políticas e econômicas, assumindo, assim, um papel fundamental na construção dos fatos históricos e traçando um perfil que se torna intimamente ligado às instituições que detêm o poder. Não consideramos que a imprensa é o quarto poder, mas sim que opera ligada aos demais poderes e exerce, dentro dessas instâncias, um papel fundamental. Compreendemos, por essas razões, que a imprensa ocupa um lugar relevante como fonte de pesquisa para o historiador.

## 1.2 O discurso de Drew Pearson na coluna Carrossel do Mundo

Em meio à extensa documentação disponível, anteriormente mencionada, optou-se por centrar a análise aqui presente nos artigos publicados na revista *O Cruzeiro*, sobretudo pelo seu expressivo número de edições no período que vai do ano de 1950 até o ano de 1957.

Na fase inicial da pesquisa propomos realizar as técnicas orientadas pela análise de conteúdo, sistematizando os dados. No princípio do delineamento, catalogamos as revistas de acordo com as quantidades e ordem cronológica, e, a partir de processo na geração dos dados levantados, realizamos as leituras e fichamos os artigos. Na interpretação dos dados, elas

<sup>156</sup> MARTINS; De LUCA, 2008, p. 8.

<sup>157</sup> BEZERRIL, 2011, p. 3.

foram classificadas em 3 eixos temáticos e distribuídas em categorias que definimos como temas.

As técnicas orientadas pela análise de conteúdo estão organizadas em torno de 3 polos: a pré-análise, a exploração e tratamento dos resultados e a inferência. Na pré-análise sistematizamos as ideias iniciais, de maneira a conduzir a elaboração dos eixos temáticos. Selecionamos como documento a coluna Carrossel do Mundo e a submetemos ao processo de leitura e análise, em seguida, elaboramos objetivos norteadores, classificando os eixos temáticos.

Como se observa na tabela 1, em cada ano do recorte temporal, respectivamente, as edições foram divididas em: revistas que foram catalogadas, as faltantes e o total das publicações, em que se estabelece a pesquisa:

Tabela 1 - Revistas mapeadas (1950- 1957)

<b>Ano</b>	<b>1950</b>	<b>1951</b>	<b>1952</b>	<b>1953</b>	<b>1954</b>	<b>1955</b>	<b>1956</b>	<b>1957</b>	<b>Total</b>
<b>Catalogadas</b>	44	46	40	47	44	46	44	44	355
<b>Faltantes</b>	6	5	9	3	5	5	4	4	41
<b>Total</b>	50	51	49	50	49	51	48	48	396

Fonte: Elaboração da autora com base na catalogação das revistas *O Cruzeiro*.

Durante o período deste estudo, foram publicados ininterruptamente na Coluna Carrossel do Mundo, aos sábados, 396 artigos, sendo que desses, foram catalogados 355. Como é possível observar nesse levantamento, catalogamos uma quantidade significativa de revistas, com um percentual de quase 90% de artigos fichados. As revistas faltantes não comprometem o quadro geral, pois, através do olhar estatístico, a fonte catalogada é suficiente para a análise da pesquisa, não alterando os resultados sobre a percepção elaborada.

Os artigos publicados nos anos de 1950 destacam-se por sua estrutura de apresentação. Percebemos que estão subdivididos em 3 colunas que ocupavam a parte central da revista entre a página de número 58 até a de número 95, oscilando entre essas páginas no ano de 1950.

Nota-se que quando os artigos eram de grande impacto ou quando contavam com um título expressivo localizavam-se na parte inicial da revista, como, por exemplo: o artigo *Bomba atômica russa*<sup>158</sup>, de 1º de agosto de 1953, *Gouzenko prevê a Guerra*<sup>159</sup>, de 20 de

<sup>158</sup> PEARSON, Drew. Bomba atômica russa. *Revista O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 1º ago. 1953. Carrossel do Mundo, p. 16.

março de 1954, *Cortina de ferro entorno das notícias*<sup>160</sup>, de 3 de dezembro de 1955, na página 16, *São perigosas as usinas atômicas*<sup>161</sup>, 29 de setembro de 1956, entre outras. Os artigos publicados no ano de 1957 estão localizados na primeira parte da revista, entre as páginas 16 e 30, e também nas páginas 110 a 122, este ano são as que mais oscilam na revista.<sup>162</sup>

Exploramos, neste trabalho, os eixos temáticos: Arsenal Bélico, Comunismo e Relações Internacionais, retirando os elementos necessários para realizarmos o tratamento dos resultados e sua interpretação. A partir desses resultados foi possível identificar e reforçar nosso entendimento sobre as percepções de Drew Pearson em seus artigos. Salientamos que apenas os dados do gráfico 1 que expõem os eixos temáticos podem ser enquadrados, numa perspectiva estatística, pois foram classificados especificamente, numa lógica de que os temas presentes no artigo, contemplavam os critérios que compreendiam cada eixo temático, não desmerecendo a prolixidade de cada artigo. A prolixidade dos artigos será contemplada nos demais gráficos, salientando que não poderão ser enquadrados numa lógica estatística, pois cada artigo contempla mais de um tema.

No gráfico 1 estão dispostos os eixos temáticos identificados como de maior recorrência na coluna Carrossel do Mundo, com seus respectivos anos e percentuais.

Como podemos observar no gráfico 1:

---

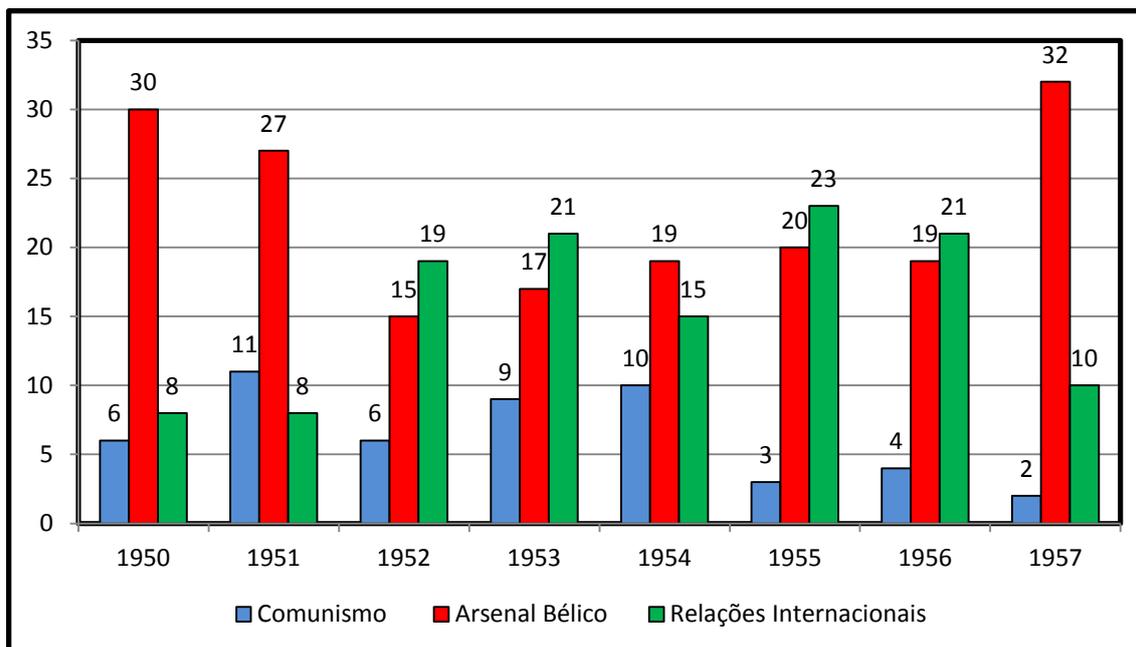
<sup>159</sup> PEARSON, Drew. Gouzenko prevê a Guerra. *Revista O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 20 mar. 1954. Carrossel do Mundo, p. 16.

<sup>160</sup> PEARSON, Drew. Cortina de ferro entorno das notícias. *Revista O Cruzeiro*, Rio de Janeiro. 3 dez. 1955. Carrossel do Mundo, p. 16.

<sup>161</sup> PEARSON, Drew. São perigosas as usinas atômicas. Rio de Janeiro: Revista O Cruzeiro. 29 set. 1956. p. 16.

<sup>162</sup> Como podem ser observados nos artigos ilustrados nas figuras 2 e 3 dos anexos 1 e 2, respectivamente.

Gráfico 1 - Levantamento dos dados por Eixo Temático (1950-1957)



Fonte: Elaboração da autora com base na Revista *O Cruzeiro*.

De acordo com dados do gráfico 1, estão identificados nos eixos temáticos:

- a) Arsenal Bélico: 179 artigos.
- b) Comunismo: 51 artigos;
- c) Relações Internacionais: 125 artigos.

Percebemos os artigos inseridos na coluna oscilaram, uma vez que nos anos de 1950 e 1951 temos um índice significativamente alto em relação aos demais anos no que diz respeito a artigos sobre Arsenal Bélico, um indicativo do início da Guerra da Coreia (1950-53), pois nesse período se intensificou a produção de armas e equipamentos para destinar ao conflito. Nos anos de 1952 a 1956 foram descritos os acontecimentos sobre o avanço e a contenção do Comunismo. E em 1957 os aspectos do início da década são retomados. E temos, em outubro de 1957, o lançamento do Sputnik 1, primeiro satélite artificial da Terra, criado pela União Soviética.

Inseridos dentro da temática: Arsenal Bélico, temos uma maior recorrência no ano de 1950, dos com 68,18% dos artigos, e o ano de 1957, sendo ainda superior, com um total de 72,73 % dos artigos que foram classificados nesta temática.

Propondo-nos a analisar como o discurso de Drew Pearson se configurou ao longo desses sete anos por meio dos 396 artigos publicados ininterruptamente na revista *O Cruzeiro*, definimos como eixos temáticos os seguintes:

a) Arsenal Bélico: na sua perspectiva de “guerra de nervos”. Para compreender o contexto do período da Guerra Fria (1947-1981) fazemos uso das percepções do autor Eric Hobsbawm,<sup>163</sup> explica que, “não se configurava num perigo iminente de confronto, de uma guerra mundial”<sup>164</sup>, mas sim de um confronto de estratégias, resumindo-se a um confronto bipolar<sup>165</sup> entre Estados Unidos e União Soviética na sua intensa corrida nuclear, nos movimentos militares e na conquista de aliados.

Para o autor Raymond Aron, a conjuntura da Guerra Fria apresenta alguns traços originais, como por exemplo:

[...] a paz do terror, e com a dupla heterogeneidade, histórica e ideológica, de um sistema que cobre toda a superfície do planeta. Esses traços originais podem ser resumidos com as três palavras: *dissuasão, persuasão, subversão*, que designam as três modalidades da estratégia diplomático-militar da guerra fria. Os acordos sobre a limitação dos armamentos estratégicos baseiam-se, em última análise, na desconfiança recíproca. Suas forças jamais se chocaram diretamente num campo de batalha.<sup>166</sup>

Especificando os artigos que tratavam nitidamente dessas articulações, como as intervenções militares, em confrontos armados, como, por exemplo, as manipulações nucleares, as conferências, a política de confronto entre Estados Unidos e União Soviética na busca de permanência de suas ideologias – capitalista e comunista –, a intensa busca por se conservar na posição de superioridade mundial, ditando os rumos das políticas internacionais, e que destacam sua posição sobre a União Soviética e seu expansionismo.

<sup>163</sup> HOBBSAWM, E. J. *Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

<sup>164</sup> HOBBSAWM, 1995, p. 224.

<sup>165</sup> Entendemos que bipolar é a configuração da relação de forças em torno das quais a maior parte das unidades políticas se agrupam, e cujas forças superam as das demais. A distinção entre configuração pluripolar e bipolar se impõe ao observador devido às consequências – lógicas e históricas – implicadas em cada uma delas. Qualquer que seja a configuração, aplicam-se a lei mais geral do equilíbrio: o objetivo dos atores principais é não se colocar à mercê de um rival. Como os “dois grandes” conduzem o jogo e os pequenos, mesmo unidos, não podem forçar nenhum deles, o princípio de equilíbrio é aplicado às relações entre coalizões, formadas em torno dos Estados. O objetivo supremo de cada coalizão é evitar que a outra a ultrapasse na aquisição de meios. Podem-se distinguir, em tal sistema, três categorias de atores (e não só os “grandes” e os “pequenos”, ou “satélites”): os dois líderes das coalizões; os Estados que são obrigados a tomar partido, ingressando em uma delas; e os Estados que podem e querem permanecer fora do conflito. ARON, Raymond. *A política do equilíbrio bipolar*. In: Curso de Introdução às Relações Internacionais. *Relações Internacionais do Poder*. 2. ed. Unidade IV, Brasília: Universidade de Brasília, 1983.p. 23-24.

<sup>166</sup> ARON, Raymond. *Paz e guerra entre as nações*. São Paulo: UnB, 2002, p. 233.

b) Comunismo: obtendo uma ocorrência de 51 dos 355 artigos, reuniu-se os artigos de Drew Pearson sobre as ameaças do comunismo, articulações políticas que são colocadas em prática para defender o mundo dos comunistas, os países que estabeleciam relações comerciais com a então União Soviética e que se tornaram alvos fáceis dos comunistas, os países que eram acusados de serem comunistas e as campanhas anticomunistas realizadas na América Latina.

Para uma melhor compreensão do significado do conceito de anticomunismo, recorreremos ao historiador Rodrigo Patto Sá Motta, que afirma que “o anticomunismo tornou-se uma força decisiva nas lutas políticas do mundo contemporâneo, estimulado pela dinâmica do inimigo que era sua razão de ser, o comunismo”.

Rodrigo Patto Sá Motta indica que as condições que favoreceram para que o anticomunismo se tornasse sinônimo de perigo e a ameaça, destacando que:

O anticomunismo ocupou posição central, colocando-se como elemento [de destaque] na dinâmica política, cultural e nas relações internacionais. A força do comunismo, consubstanciada na expansão e crescimento dos partidos e ideais comunistas, engendrou o anticomunismo. O anticomunismo começou a ganhar maior substância na mesma medida em que se dava o processo de expansão.<sup>167</sup>

A expressão anticomunismo passou a ser usada para identificar a oposição ao comunismo. Drew Pearson referia-se aos “venenosos comunistas”, que não somente matavam, mas também contaminavam a ordem capitalista e atormentavam a paz da humanidade. Selecionamos os 49 artigos publicados sobre essa temática na coluna Carrossel do Mundo.

c) Relações Internacionais: identificando os artigos que descrevem como Drew Pearson expõe os acordos comerciais, as intervenções políticas que os Estados Unidos fizeram nos países não-aliados e as relações com os aliados.

Nos capítulos 2, 3 e 4 discutiremos os resultados alcançados nos Eixos Temáticos Comunismo, Arsenal Bélico e Relações Internacionais. Confrontaremos os dados de suas categorias de forma sistemática no processo de codificação e categorização que a análise de conteúdo sugere, sendo aliada sistematicamente a análise de discurso.

Trataremos de perceber o discurso de Drew Pearson na perspectiva da construção das representações sobre o anticomunismo, sobre a questão da energia nuclear e sobre as relações

---

<sup>167</sup> SÁ MOTTA, R. P. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 4-15.

dos Estados Unidos com a América Latina, em um dos períodos de maior efervescência da Guerra Fria.

Com base nos eixos temáticos percebemos que o discurso de Pearson construiu uma memória que muitas vezes pode ter sido confundida com a história, quando, em verdade, tratou-se, sim, de representações de um contexto.

Esta construção de memória se encontra comumente nos discursos jornalísticos, como sugere a autora Bethania Mariani:

[...] a construção da memória histórica representa com certeza uma questão que vem sendo cada vez mais desenvolvida sistematicamente pela Análise do Discurso, sobretudo quando analisando do ponto de vista de como a história se faz materialmente presente, enquanto memória, no discurso. A partir da análise das formas de inscrição da historicidade de uma formação social em uma dada conjuntura [...], torna-se possível entrever os processos dos discursos que atuam na perpetuação e cristalização de determinados sentidos em detrimento de outros, ou seja, processos discursivos que tecem e homogeneízam a memória de uma época.<sup>168</sup>

Essa compreensão permite pensar a história como representação que seleciona elementos do passado. O discurso não pode ser entendido fora do contexto histórico. Para o historiador, o discurso nas mídias tem um tempo ou um contexto histórico que orienta seu curso e que pode estar no formato dos eventos narrados, de forma oral ou escrita, ou mesmo nas manifestações artísticas.

Ao estabelecermos esses critérios norteadores para análise da imprensa como fonte do historiador, precisamos inserir Drew Pearson e sua coluna em uma perspectiva histórica.

A história política faz uso da fonte jornalística como um instrumento, com o intuito de compreender o viés ideológico do sujeito do discurso e também o momento histórico em que este foi produzido. “O discurso jornalístico é o resultado de uma posição sócio-histórica, na qual o conteúdo apresentado está visceralmente ligado ao seu tempo. A imprensa remete a situações concretas”,<sup>169</sup> podendo, assim, revelar suas concepções ideológicas nas entrelinhas.

A discussão da disseminação ideológica<sup>170</sup> pode ser a resposta para os artigos de Drew Pearson terem permanecido na revista, evidenciando que os Estados Unidos eram superiores

<sup>168</sup> MARIANI, 1996, p. 42-45.

<sup>169</sup> SOSA, 2006.

<sup>170</sup> Uma vez que o conceito de ideologia é abrangente e expressa vários significados, optou-se pela linha teórica que define ideologia como um sistema de ideias ou, mais exatamente, de crenças mais ou menos coerentes, que ainda são formas de se entender o mundo e de posicionar nele. Entendemos, a partir da compreensão gramsciana, que a ideologia se manifesta em todas as ações humanas por meio dos discursos e das representações sociais, na forma de textos jornalísticos, programas de televisão, propagandas, entre outras tantas manifestações humanas (SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. Dicionário de conceitos históricos. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2013).

em relações aos demais países. A ideologia é vista aqui como força motriz da rivalidade entre o capitalismo e comunismo.

A finalidade desta classificação é deduzir certos dados que dizem, por exemplo, respeito à situação em que se encontram os elementos selecionados, assim como sugere a autora Laurence Bardin:

A técnica consiste em classificar os diferentes elementos nas diversas gavetas segundo critérios respectivos de fazer surgir um sentido capaz de introduzir numa certa ordem na confusão inicial. É evidente que tudo depende, no momento da escolha dos critérios e classificação, daquilo que se procura ou que se espera encontrar. A classificação do critério da função dos objetivos (ou palavras) elementos contidos nos documentos.<sup>171</sup>

Laurence Bardin complementa, ainda, que:

O domínio da análise de conteúdo consiste em sistematização do conteúdo das mensagens e da expressão deste conteúdo, com o contributo de índices passíveis ou não de quantificação, a partir de um conjunto de técnicas, que embora parciais, são complementares. Esta abordagem tem por finalidade efetuar deduções lógicas e justificadas, referentes à origem das mensagens tomadas em consideração (o emissor e o seu contexto, ou, eventualmente, os efeitos dessas mensagens).<sup>172</sup>

Esse conjunto de técnicas visa sistematizar os procedimentos necessários para a descrição do conteúdo. Nesse sentido, verificamos que a maior ocorrência de artigos está vinculada ao eixo temático Arsenal Bélico, pertencendo aos anos de 1952, 1953, 1955 e 1956.

Em uma tentativa de situar de forma panorâmica os principais fatos que agitaram a comunidade internacional nesse período, podemos situar: em 1952 temos a primeira explosão atômica inglesa e a explosão da primeira bomba de hidrogênio nos Estados Unidos; em 1953 temos a posse do presidente Eisenhower, que propunha o desarmamento, o armistício nuclear na Coreia e a explosão termonuclear russa; em 1955 os países comunistas assinam o Pacto de Varsóvia<sup>173</sup>, ocorre a Conferência de Energia Nuclear em Genebra. Esses fatos estimularam a discussão sobre a questão nuclear.

---

p. 209).

<sup>171</sup> BARDIN, 1977, p. 37.

<sup>172</sup> BARDIN, 1977, p. 42.

<sup>173</sup> O Pacto de Varsóvia, assinado em 14 de maio de 1955, marca a passagem do bilateralismo para o multilateralismo; prevê uma organização militar comum, sob as ordens de um general soviético, legalizando de certo modo a presença de tropas soviéticas no território de países estrangeiros (embora esta legalização só tenha recebido sua forma jurídica definitiva depois dos acontecimentos de 1956). Pela primeira vez a República Democrática Alemã figurava num tratado de assistência recíproca em pé de igualdade com os outros Estados da Europa oriental. O Pacto de Varsóvia imita o Pacto do Atlântico Norte, mas a União Soviética até hoje não toleraria o equivalente do tratado de Roma (ARON, Raymond. *Paz e guerra entre as nações*. São Paulo: UnB, 2002, p. 558).

Nos primeiros anos da década, 1950 e 1951, os artigos da coluna estavam baseados na divulgação dos acontecimentos da Guerra da Coreia e das manipulações de energia nuclear. Em 1954 a onda anticomunista do Macarthismo atinge seu auge e acontece a Conferência de Genebra sobre Coreia e Indochina, acontecimentos que mobilizam e justificam o intenso desenvolvimento nuclear. Em 1957 acontece o lançamento dos primeiros mísseis intercontinentais soviéticos.

O tema dos artigos do eixo Arsenal Bélico centra-se primordialmente na produção de material bélico norte-americano e russo, como aviões de propulsão a jato; compra e produção de armas e munição; produção de bombas de hidrogênio e atômica; novas bases atômicas; envio de tropas e munição russas para países em conflito; os investimentos na aviação naval especificamente em submarinos. Outro elemento é referente ao serviço secreto, em especial os espões soviéticos e norte-americanos que se infiltravam em conferências, negociações, laboratórios, e que “estavam em todos os lugares infiltrados, traficando informações”<sup>174</sup>.

Os temas que compõem este eixo compreendem todas as menções relacionadas à energia nuclear, produção de munição, equipamentos de guerra, bomba atômica<sup>175</sup> e bomba de hidrogênio<sup>176</sup>. Nesta categoria trataremos de identificar primeiramente quantas vezes foi mencionada a expressão “bomba atômica”. No mesmo gráfico consta o item: Armamentos neste incluem: produção de munição; construção de aviões; armas de repetição; construção de bases militares; organização de tropas; produção de submarinos;

Como podemos acompanhar no gráfico 2:

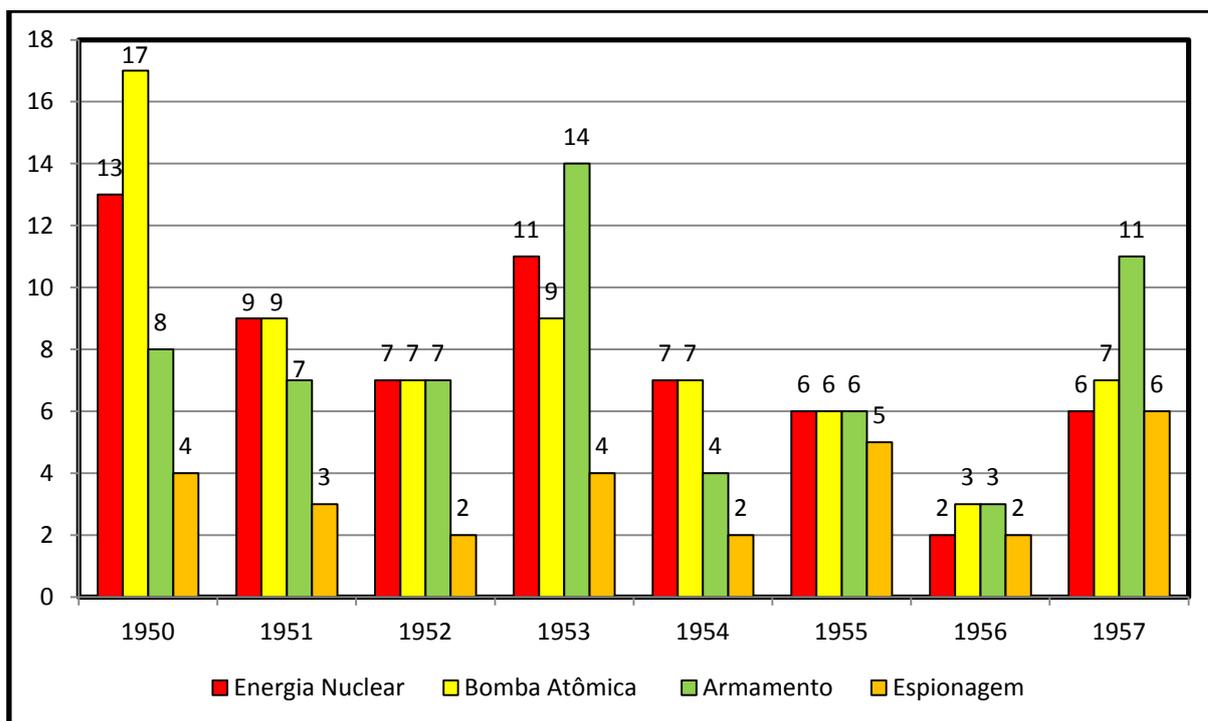
Gráfico 2 - Temas que compõem o Eixo Temático Arsenal Bélico (1950- 1957)

---

<sup>174</sup> Como foi constatado nos artigos escritos por Drew Pearson na revista *O Cruzeiro* no período de 1950 a 1957.

<sup>175</sup> A bomba “atômica” é feita para ser possível explodir, ou seja, a reação em cadeia deve ser rápida e a quantidade de urânio muito concentrado em urânio-235 (quer dizer, urânio enriquecido acima de 90%) deve ser suficiente para a ocorrência rápida da reação. Além disso, toda a massa de urânio deve ficar junta, caso contrário não ocorrerá a reação em cadeia de forma explosiva. Comissão Nacional de Energia Nuclear. Disponível em: < [www.cnen.gov.br](http://www.cnen.gov.br) > Acesso em: 15 mai. 2016. Sendo desenvolvida pelos Estados Unidos nos anos de 1940.

<sup>176</sup> A bomba de hidrogênio, bomba H, difere fundamentalmente das duas bombas atômicas jogadas no Japão. Nessas últimas, a energia liberada é consequência da quebra (fissão) de núcleos atômicos pesados, enquanto que a liberação da energia de uma bomba de hidrogênio decorre da fusão de núcleos atômicos leves. O poder explosivo das bombas lançadas no Japão é expresso em kilotons (equivalente a 1000 toneladas do explosivo químico TNT), enquanto que aquele das bombas de hidrogênio é dado em megatons (1.000.000 toneladas de TNT). Disponível em: <<http://www.sbfisica.org.br/fne/Vol6/Num1/pugwash.pdf>> Acesso em: 15 mai. 2016.



Fonte: Elaborado pela autora com base na revista *O Cruzeiro*.

No período analisado foram identificadas 61 menções sobre energia nuclear, 72 menções sobre bomba atômica, quanto à produção de armamentos, 53 menções foram identificadas, e 35 menções sobre espionagem.<sup>177</sup> Com base nesse levantamento, trataremos de compreender e interpretar como esses temas estavam articulados no discurso de Drew Pearson, no capítulo 2, Arsenal Bélico.

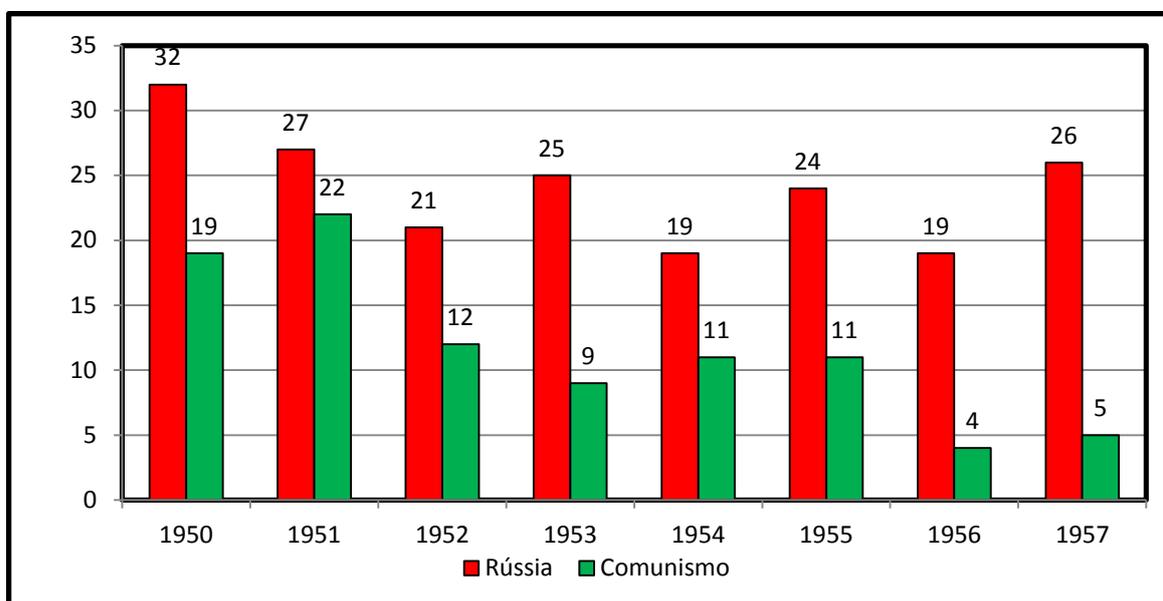
Os artigos que estão identificados no eixo temático Comunismo retratavam a expansão do comunismo através das relações comerciais que a URSS tratava de expandir nas áreas de influência norte-americanas. Identificamos o anticomunismo como um dos mecanismos para tentar frear a URSS.

Os principais temas que foram mapeados envolvem os soviéticos estão relacionados à sua iniciativa de desencadear a 3ª Guerra Mundial, promovendo a aniquilação total dos seres humanos. Essa afirmação é sustentada a partir de alguns fatores bastante específicos como, por exemplo: desenvolvimento da bomba atômica, intensa produção de armamento e renovações militares, navais e aéreas.

Como podemos acompanhar no gráfico 3:

<sup>177</sup> Esses dados serão detalhados no Capítulo 2.

Gráfico 3 - Temas que compõem o Eixo Temático Comunismo (1950- 1957).



Fonte: Elaboração da autora com base na revista *O Cruzeiro*.

Dos 355 artigos, 193 mencionavam a URSS nas suas diversas dimensões, política, econômica, tecnológica, cultural e social, resultando em significantes com 54,36% dos artigos. Foram verificados em 93 artigos o que se refere a práticas comunistas russas, nesses priorizamos como foi representado e quais os termos estavam associados a eles. Neste item estão presentes os artigos que descrevem todas as menções à URSS, ao comunismo e aos membros do governo, que fomentavam as ideologias anticomunistas.

O discurso de Drew Pearson é enfático sobre o anticomunismo ser a arma mais potente para não permitir aos soviéticos intervirem zonas em que estão em conflito ou passando por dificuldades financeiras. Os anos de 1951 e 1954 são considerados os mais efervescentes no combate ao comunismo. O jornalista se mostra preocupado com a apatia dos Estados Unidos em tomar providências com a expansão do comunismo. Mencionando que “o comunismo nasce dos dois extremos, da extrema miséria e da extrema opulência”<sup>178</sup>. A América Latina e o Oriente Médio são considerados os principais alvos do comunismo, “os russos estão mais presentes na América Latina do que Washington”<sup>179</sup>. As especulações realizadas nos primeiros anos de 1950, de que o Oriente Médio seria tomado pelos russos se

<sup>178</sup> PEARSON, Drew. Turquia versus União Soviética. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 21 abr. 1951. Carrossel do Mundo, p. 78.

<sup>179</sup> PEARSON, Drew. Estensoro, candidato do cominform. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 30 de jul. 1951. Carrossel do Mundo, p. 66.

confirmam em 1956, com o envio de tropas voluntárias ao Egito<sup>180</sup>. Constatamos que, nos primeiros anos da década de 1950, a América Latina é considerada por Drew Pearson como o próximo alvo do comunismo e, a partir da metade da década, o alvo se torna o Oriente Médio, entretanto, a preocupação não se ausenta, apenas muda de direção.

Os artigos que correspondem ao Eixo Temático Relações Internacionais tratam fundamentalmente de como os Estados Unidos estão administrando as suas relações com os países aliados. As relações políticas com os países europeus estão entre as mais evidenciadas, mencionando as visitas e as conferências realizadas pelos presidentes e os oficiais de alta patente do governo americano, destacando acordos comerciais e a concessão de empréstimos. O Oriente Médio e América Latina são apontados por Drew Pearson como “os esquecidos” nestas relações diplomáticas, argumentando que, desde a escolha dos embaixadores, eram enviados os menos preparados e promovida a constante troca daqueles que estavam realizando um bom trabalho. Embora as relações diplomáticas se intensifiquem a partir do ano de 1952, é a partir do ano de 1953 que se salienta, nessas articulações político-diplomáticas, o nome de John Foster Dulles, mencionado por Drew Pearson como “o conselheiro mais destacado do General Eisenhower em assuntos internacionais, sendo nomeado Secretário de Estado no governo de Eisenhower”<sup>181</sup>.

Nos anos seguintes se intensificam as relações diplomáticas que a União Soviética começa a realizar, avançando sobre as áreas de influências consideradas norte-americanas. Tudo relacionado, na ótica de Drew Pearson, pelo fato do péssimo desempenho do então presidente Eisenhower em manter os aliados de seu governo. Ao longo desses sete anos, percebemos que o jornalista Drew Pearson retrata acontecimentos do passado em seus artigos, associando-os ao contexto que analisamos.

Aqui nos apropriamos do processo de categorização que sugere a análise de conteúdo. A categorização reúne um princípio de classificação por elementos que compõem o conjunto do estudo, que visa perceber as diferenças através de critérios previamente estabelecidos. Sendo esse um dos processos mais consideráveis da pesquisa.

Como acrescenta a autora Laurence Bardin:

A categorização tem como objetivo (da mesma maneira que a análise documental), fornecer por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos. A análise de conteúdo assenta implicitamente na crença de que a categorização

---

<sup>180</sup> PEARSON, Drew. Os “voluntários” russos para o Egito. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 15 dez.1956. Carrossel do Mundo, p. 16.

<sup>181</sup> PEARSON, Drew. Acusado de incendiário pelos comunistas. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 3 de jan. 1953. Carrossel do Mundo, p.16.

(passagem de brutos a dados organizados) não introduz desvio (por excesso ou recuso) no material, mas que dá a conhecer índices invisíveis, ao dos dados brutos.<sup>182</sup>

Nesse sentido, categorizamos as unidades de informação por índice de frequência das regiões mundiais nos artigos de Drew Pearson, no período de 1950 a 1957. Estabelecemos critérios de análise para a elaboração de um gráfico por meio do qual pudéssemos ilustrar as mudanças de foco no discurso de Drew Pearson em relação ao destaque dos países mencionados em sua coluna. Os artigos salientam especificamente alguns países das regiões asiáticas, africanas, do Oriente Médio, europeias e latino-americanas. Partindo desse princípio, descreveremos quais os países que foram destacados na coluna. Na sistematização dos dados levamos em consideração que os artigos são prolixos, ressalva que se faz pertinente uma vez que teremos num mesmo artigo a menção de uma ou mais regiões. Como, por exemplo, o artigo do dia 10 de junho de 1950, que menciona as regiões latino-americanas, asiáticas e do Oriente Médio.

Os países que compõem as regiões latino-americanas estão dispostos em 2 grupos: América do Sul: Peru, Argentina, Brasil, Equador, Chile, Bolívia, Venezuela, Colômbia, Uruguai; América Central e do Norte: Cuba, Panamá, Guatemala, Porto Rico e República Dominicana e Nicarágua; México. Para fins do gráfico e da tabela, os 2 grupos serão considerados no conjunto em regiões Latino-Americanas. Os países que compõem as regiões asiáticas: Japão, China, Coreia, Indochina e Manchúria. A URSS estará presente em outro gráfico, que evidenciará a sua presença em todos os artigos.

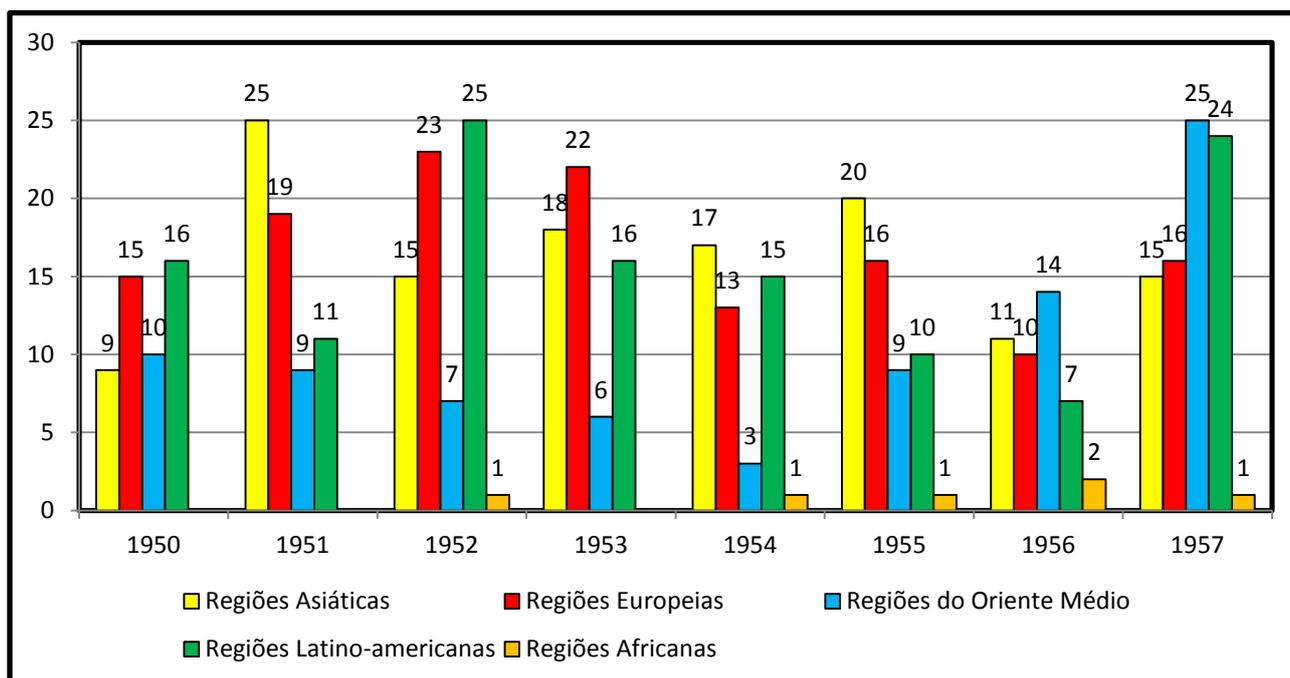
Os países que compõem a região do Oriente Médio: Arábia Saudita, Iraque, Egito, Síria. Os países africanos: África do Sul, Congo e Gana. Drew Pearson mencionava o Egito como uma região pertencente ao Oriente Médio. Os países que compõem as regiões europeias: França, Inglaterra, Alemanha, Polônia, República Checa, Eslováquia, Hungria, Bulgária, Albânia, Sérvia, Portugal, Espanha, Itália, Grécia, Turquia, Noruega, Suécia, Finlândia, Islândia e Dinamarca.

Podemos acompanhar o panorama das mudanças do discurso de Drew Pearson com relação às regiões continentais por meio do que é evidenciado no Gráfico 4:

Gráfico 4 - Total de artigos em cada região continental (1950- 1957).

---

<sup>182</sup> BARDIN, 1977, p. 119.



Fonte: Elaboração da autora com base na revista *O Cruzeiro*.

Para complementar o entendimento do gráfico 4, observamos abaixo a tabela 2, contendo os resultados de cada região:

Tabela 2 - Quantidade de artigos em cada região (1950- 1957)

Regiões Asiáticas	Regiões Europeias	Regiões do Oriente Médio	Regiões Latino-americanas	Regiões Africanas
130	134	83	124	6

Fonte: Fonte: Elaboração da autora com base na revista *O Cruzeiro*.

Como podemos notar no gráfico 4 e na tabela 2, foram identificadas 477<sup>183</sup> menções. Dentre essas, tem-se um alto índice com relação às regiões europeias, atingindo 28,10%. Inferimos que o alto índice de menção à Europa se deve ao fato de que Drew Pearson considerava a área de maior atuação dos Estados Unidos. Com aproximadamente 27,27% de frequência nos artigos, estavam as regiões asiáticas com maiores aproximações com a URSS. E a região latino-americana<sup>184</sup> com 26%, mantendo-se com constantes menções, considerada

<sup>183</sup> Tendo em vista que alguns artigos mencionam regiões diferentes simultaneamente, obtemos o total de 477 menções nos 355 artigos.

<sup>184</sup> Trataremos contextualizar aspecto com maiores detalhes esse no capítulo 4.

uma área teoricamente de influência norte-americana, mas na qual estavam surgindo oportunidades de expansão soviética. Com menor visibilidade em relação as outras regiões, 17,06%, a região do Oriente Médio, porém sendo significativa importante como área de influência soviética. E as regiões africanas com pouco mais de 1,27% das menções nos artigos.

Em seus artigos,<sup>185</sup> Drew Pearson argumentava que as regiões europeias estavam sendo abastecidas com os empréstimos da implantação do Plano Marshall. Esses empréstimos seriam concedidos com o fim de barrar o avanço comunista. As regiões africanas foram mencionadas com pouca relevância, destacando visitas ou passeios à África do Sul ou como fornecedor de matéria-prima ou, ainda, quando mencionava o passado de exportadora de escravos.

As regiões asiáticas tornaram-se destaque nos artigos a partir do início da Guerra da Coreia (1950-1953); a expansão da China comunista também contribuiu para chamar a atenção de Drew Pearson. As regiões dos Oriente Médio eram consideradas as mais frágeis na ótica de Drew Pearson. O Egito, em sua visão, seria um polo de avanço dos comunistas soviéticos e chineses. A região da América Latina esteve em destaque no ano de 1950. Drew Pearson refere-se aos empréstimos e ao abandono dessa região, com exceção da Argentina, afirmando que o comunismo estava cada vez mais longe de Cuba. Pensamento que a história provou equivocado.

Nesta perspectiva, justifica-se a opção pela coluna Carrossel do Mundo, pela sua riqueza de informações e pela possibilidade de articulações com o contexto da Guerra Fria. Percebemos o jornalista Drew Pearson como um formador de opinião, pois era considerado uma figura destaque no meio jornalístico internacional e nacional, a imprensa brasileira considerava de suma importância as suas observações e o seu posicionamento ideológico, tratando de colocar em destaque os seus artigos.

No próximo capítulo trataremos de analisar o Eixo Temático Arsenal Bélico, que compreende análise de 179 artigos destacando a produção de armamentos e a espionagem com elemento de guerra. Será apresentado como Drew Pearson percebia o jogo de poder que se instalava no contexto da Guerra Fria.

---

<sup>185</sup> Em anexo 4, tabela 3, com os títulos dos artigos em cada ano, respectivamente.

## 2 GUERRA E PAZ: O DISCURSO DE DREW PEARSON SOBRE ARSENAL BÉLICO

Entendemos que a conjuntura da Guerra Fria pode ser resumida na expressão “a paz do terror”. Estados Unidos e União Soviética<sup>186</sup>, as duas grandes potências, estavam de posse de um arsenal bélico que se configuravam em meio de destruição massiva, e ao qual ameaçavam recorrer em caso de uma possível necessidade de proteção. No início do conflito, os Estados Unidos detinham o monopólio atômico, mas a União Soviética possuía uma superioridade irresistível em matéria de armas clássicas. Durante a década de 1950, a União Soviética permaneceu em condição de nítida inferioridade em armas e, mais ainda, em vetores, pois os Estados Unidos dispunham de um número muito maior de bombardeiros estratégicos e de bases distribuídas pelo mundo inteiro.<sup>187</sup>

Neste capítulo, pretende-se analisar o eixo temático Arsenal Bélico e as opiniões de Drew Pearson no que tange a produção de armamentos/equipamentos, uso e estudos de

---

<sup>186</sup> O jornalista Drew Pearson utiliza Rússia, União Soviética e URSS indistintamente nos artigos, nós utilizaremos URSS.

<sup>187</sup> MAGNOLI, 2012, p. 111.

energia atômica e espionagem. Trataremos de perceber, pela visão do jornalista, como a Guerra Fria assentou-se no equilíbrio de poder.<sup>188</sup>

Analisamos, nos 355 artigos da coluna Carrossel do Mundo que compreendem o período de 1950 a 1957, as palavras energia nuclear e bomba atômica. Os artigos também foram analisados no que se refere a produção de armamentos ou equipamentos de guerra, e espionagem. Foram identificadas 61 menções sobre energia nuclear, destacando-se uma maior relevância nos anos de 1950 e 1953. Nestes 2 anos em destaque, confrontam-se duas realidades ambíguas. No ano de 1950, Drew Pearson centravam-se em relatar que os Estados Unidos possuíam estoques de bombas nucleares, a mencionar a potência e o paradeiro das bombas norte-americanas<sup>189</sup>, e destacava também o intenso desenvolvimento de energia nuclear nos Estados Unidos para fins pacíficos.<sup>190</sup>

Pearson advertia que com a obtenção dos segredos atômicos pela URSS, a superioridade dos Estados Unidos poderia ser ameaçada, pois, embora o país se considerasse muito à frente em relação à produção das bombas atômicas, não havia uma garantia de que essa condição se conservaria durante mais tempo.<sup>191</sup>

Em 1950 estavam sendo realizadas as cooperações atômicas somente com Canadá, pois a Inglaterra estava impedida de prosseguir com as experiências atômicas, e os Estados Unidos estavam receosos acerca da possibilidade dos segredos atômicos serem repassados ou roubados pelos russos.<sup>192</sup>

No ano de 1953 os artigos centram-se na divulgação do intercâmbio de informações atômicas entre Inglaterra e Estados Unidos<sup>193</sup>, sobre ampliação da artilharia – com um novo canhão que utilizava munição atômica – e na satisfação em ter atingido um arsenal suficiente para destruir qualquer inimigo<sup>194</sup> e sobre como os avanços russos em relação às bombas de hidrogênio preocupavam os cientistas norte-americanos<sup>195</sup>. Estes são os principais assuntos

---

<sup>188</sup> MAGNOLI, 2012, p. 75.

<sup>189</sup> PEARSON, Drew. Segredos atômicos revelados. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 28 jan. 1950. Carrossel do Mundo, p. 74.

<sup>190</sup> PEARSON, Drew. Fórmula para a prosperidade. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 11 mar. 1950. Carrossel do Mundo, p. 72.

<sup>191</sup> PEARSON, Drew. Bomba-A ou "JIU-JITSU" diplomático. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 22 abr. 1950. Carrossel do Mundo, p. 74.

<sup>192</sup> PEARSON, Drew. 125 milhões para a Argentina. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 10 jun. 1950. Carrossel do Mundo, p. 70.

<sup>193</sup> PEARSON, Drew. A Era atômica vai começar agora. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 7 fev. 1953. Carrossel do Mundo, p. 64.

<sup>194</sup> PEARSON, Drew. Artilharia atômica desperdício de dinheiro. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 11 jul. 1953. Carrossel do Mundo, p. 90.

<sup>195</sup> PEARSON, Drew. Perón e a visita de Milton Eisenhower. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 26 set. 1953. Carrossel do Mundo, p.86.

que perpassam o discurso de Drew Pearson, que incluem, também, a Energia Nuclear: bomba de hidrogênio; estudos sobre energia nuclear para outras finalidades além da produção de bombas; proibição do uso de energia nuclear; estoques atômicos;

Com relação a palavra bomba atômica foram identificadas 72 menções, como podemos verificar no gráfico, o ano de 1950 é o que mais demonstrou ocorrência, e foi possível perceber que esse item, sua maioria, está vinculado aos soviéticos. O colunista centra-se em relatar que o fato de que a União Soviética possuía o segredo atômico foi anunciado tão repentinamente que poucas pessoas estavam a par da acalorada discussão que se travou acerca da conveniência de divulgar o fato<sup>196</sup>.

Os aviões B-29 são os aviões que seriam utilizados para o transporte das bombas atômicas<sup>197</sup>. Uma das preocupações centrava-se na possibilidade de ter uma bomba atômica na Embaixada russa – os russos não se darão ao trabalho de lançar uma bomba de um avião<sup>198</sup> –, tais tópicos configuravam o panorama das representações abordadas no discurso de Drew Pearson.

No item Armamentos identificamos 53 menções, com maior recorrência nos anos de 1950 e 1957, centrando-se em mencionar que: A superioridade da URSS nas tropas terrestres e nos tanques e podem se igualar na fabricação de bombas<sup>199</sup>; os Estados Unidos estão rearmando a URSS e os países satélites para a Terceira Guerra Mundial, com o auxílio do Plano Marshall<sup>200</sup>; a Força Aérea sugeriu que o teleguiado poderia ser fabricado com fins pacíficos, isto é, para exploração do espaço exterior. É claro que qualquer projétil que pode ir à Lua pode ir também a Moscou.<sup>201</sup>

## 2.1 Ao invés de rublos, armas e munições: produção de armamento

Com base nos dados apresentados, trataremos de expor os temas salientados e mapeados inseridos nos artigos da coluna Carrossel do Mundo. Como podemos observar no

<sup>196</sup> PEARSON, Drew. A bomba atômica Russa. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 21 jan. 1950. Carrossel do Mundo, p. 58.

<sup>197</sup> PEARSON, Drew. Cresce o poderio naval soviético. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 24 jun. 1950. Carrossel do Mundo, p. 82

<sup>198</sup> PEARSON, Drew. Kaiser e a iniciativa privada. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 11 nov. 1950. Carrossel do Mundo, p. 78.

<sup>199</sup> PEARSON, Drew. Bomba-A ou "JIU-JITSU" diplomático. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 22 abr. 1950. Carrossel do Mundo, p. 78.

<sup>200</sup> PEARSON, Drew. A Rússia e o Plano Marshall. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 29 abr. 1950. Carrossel do Mundo, p. 78.

<sup>201</sup> PEARSON, Drew. Por que o senador Church foi a Buenos Aires. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 21 set. 1957. Carrossel do Mundo, p. 122.

artigo de 11 de março de 1950, intitulado *Fórmula para a prosperidade*.<sup>202</sup> Drew Pearson destacava a fórmula para manter a prosperidade numa reunião a portas fechadas com a Comissão Legislativa de Assuntos Econômicos dos Estados Unidos. Em meio à pauta dessa reunião, salientou a importância do desenvolvimento da energia nuclear:

Com o desenvolvimento da **energia atômica é concebível que no futuro possamos ter neste país o que eu chamo de “excedentes genuínos”, em outras palavras, uma situação geral que tenhamos de transformar**, cada vez mais, nossa capacidade produtora em descanso e não consumo de artigos. E ao final acrescenta a humanidade terá um grande problema a resolver.<sup>203</sup>

Nessa ocasião, Drew Pearson chamou a atenção para a justificativa de manipulação da energia nuclear que, em tese, deveria ser usada em benefício da população. Neste artigo, estão salientados 2 temas: o uso pacífico da energia nuclear e as supostas revelações dos segredos atômicos aos soviéticos sobre a fabricação de bombas atômicas.

Observamos, no excerto a seguir, que Drew Pearson salienta as declarações de J. Edgar Hoover:

Os membros da Comissão de Despesas do senado saíram pálidos e alarmados de uma reunião com J. Edgar Hoover, diretor do Bureau Federal de Investigações, relacionada com as relações sobre a bomba atômica.

Hoover declarou dramaticamente que as atividades subversivas nos Estados Unidos chegaram a uma amplitude nunca verificada, nem mesmo durante a guerra. **Revelou que comunistas deixaram de usar as carteiras de identificação do partido para evitar que sejam descobertos e denunciados.**

Hoover disse aos senadores que os comunistas estão fazendo um esforço especial para infiltrar-se em certas indústrias estratégicas, tais como as fábricas de equipamentos telegráficos e telefônicos, bem como de material elétrico em geral. **Quando lhe perguntaram se havia uma rede de espionagem no seio do próprio Governo Federal, Hoover o negou categoricamente.**

**Hoover declarou aos senadores que o Dr. Klaus Fuchs, acusado de haver revelado segredo dos atômicos aos russos, tinham acesso a todos os segredos atômicos nos Estados Unidos** e até participou das operações finais relacionadas com a fabricação das bombas, embora fosse essa a parte mais secreta do chamado “Projeto Manhattan”.<sup>204</sup>

O artigo descrevia a preocupação com uso de energia nuclear para um bem maior, depois aparecem as preocupações com os comunistas, como foram revelados os segredos atômicos aos soviéticos e como tais segredos poderiam ser usados contra os seus próprios

<sup>202</sup> PEARSON, Drew. Fórmula para a prosperidade. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 11 mar. 1950. Carrossel do Mundo, p. 72.

<sup>203</sup> PEARSON, Drew. Fórmula para a prosperidade. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 11 mar. 1950. Carrossel do Mundo, p. 72 (grifo nosso).

<sup>204</sup> PEARSON, Drew. Fórmula para a prosperidade. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 11 mar. 1950. Carrossel do Mundo, p. 72 (grifo nosso).

criadores. Os comunistas estão representados como espões que se infiltram, roubam ideias americanas e as reproduzem. O contraste das informações que, expondo as duas faces da moeda, aparece no discurso de Drew Pearson é constante. Referindo-se, num primeiro momento, ao fato de que os Estados Unidos poderiam converter-se em uma “potência de segunda classe” e ao final mostrando uma versão na qual os EUA estariam mobilizando um arsenal bélico para destruir o mundo. Nessa perspectiva, em 1959, Drew Pearson e Jack Anderson, publicaram o livro, *EUA: uma potência de segunda classe?*<sup>205</sup> No qual, de forma provocativa, instigavam o governo norte-americano a não ficar para trás na corrida da Guerra Fria. Construindo um discurso de que os Estados Unidos não estão pensando unicamente no bem da humanidade, o jornalista pondera e questiona, se os estudos com energia nuclear realmente teriam apenas finalidade pacífica.

Em 14 de dezembro de 1946 foi criada a Comissão de Energia Atômica. Joseph Morray afirma que essa Comissão foi idealizada para estabelecer um controle sobre a energia nuclear:

É impossível imaginar uma situação na qual o órgão de controle dispusesse de estabelecimentos em países diferentes e tivesse de decidir se permitia ou não a criação de tais estabelecimentos - nos territórios desses ou de outros países, e tivesse o direito exclusivo de realizar pesquisa científica no campo da produção e uso da energia atômica. É impossível imaginar isso. Somente pessoas que tenham perdido o senso da realidade podem acreditar seriamente na possibilidade de criar tais órgãos...<sup>206</sup>

Os Estados Unidos queriam controlar o uso de energia atômica no mundo e manter-se com a sua produção em larga escala, mas as projeções imaginadas não foram atingidas nem pelos próprios idealizadores.

Em artigo de 18 de março de 1950, intitulado *A armada e a bomba atômica*<sup>207</sup>, o colunista destaca que “não é fácil, para o público saber onde está a verdade diante das numerosas acusações e contra-acusações lançadas em relação aos aviões B-36, à Armada e à bomba atômica”.

O mesmo artigo apresenta apenas duas notícias, uma delas referente aos aviões B-36, e a outra sobre um cientista inglês que está sendo acusado de enviar as informações sobre a bomba atômica aos soviéticos. No artigo anterior os acusados de traficar informações eram comunistas. O jornalista justifica que os Estados Unidos estão se preparando para uma guerra

<sup>205</sup> PEARSON, Drew; ANDERSON, Jack. *USA: Potência de segunda classe?* São Paulo: Besrseller, 1959.

<sup>206</sup> MORRAY, 1961, p. 112.

<sup>207</sup> PEARSON, Drew. *A armada e a bomba atômica*. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 18 mar. 1950. Carrossel do Mundo, p. 64.

atômica, relatando reuniões e conferências que foram realizadas pelo governo norte-americano, remontando a todo o cenário das especulações entre os almirantes e o general Eisenhower que aprovou o B-36:

Em princípios de 1948, o Almirante Dan Gallery escreveu um memorando que durante cerca de um ano foi o livro de leitura Armada em sua batalha contra a Força Aérea. Dizia esse memorando:

- A próxima guerra será muito diferente de todas as anteriores. **É óbvio que num futuro conflito a nossa arma principal será a bomba atômica lançada sobre a capital e os centros industriais do inimigo** e o resultado da guerra será determinado pelos bombardeios estratégicos. A guerra será ganha pela parte que for capaz de lançar a bomba atômica contra o inimigo e que ao mesmo tempo possa proteger o seu próprio território contra um ataque semelhante.<sup>208</sup>

Notamos a capacidade de Drew Pearson para articular episódios que durante muito tempo foram deixados de lado, na sua concepção, e, na ocasião mais oportuna, fazer uso destes para sustentar a veracidade de suas notícias. Em vários artigos o jornalista afirma que, sem sobra de dúvida, os soviéticos já possuíam o segredo atômico e estavam esperando o momento certo para torná-lo público.

De acordo com o discurso de Drew Pearson, a descoberta da bomba atômica pelos soviéticos somente foi possível mediante o tráfico de informações, ou seja, através da espionagem. A espionagem seria a única resposta para que os russos pudessem obter as fórmulas para produzir a bomba atômica.<sup>209</sup>

Entendemos que o universo do discurso abarca acontecimentos do mundo, estes só ganham sentido por meio de uma estruturação que lhes é conferida pelo ato da linguagem.<sup>210</sup> Com relação ao acontecimento, Charaudeau explica que

o acontecimento a ser comentado nunca é transmitido tal e qual à instância de recepção. Encontra-se em estado bruto, antes de sua captura perceptiva e interpretativa. Para [que ocorra] a sua significação, depende do olhar que se estende sobre ele, olhar de um sujeito que intriga num sistema de pensamento e, assim fazendo o torna inteligível.<sup>211</sup>

Para que o acontecimento saia do estado bruto, necessita passar pelo trabalho do sujeito, na sua construção de sentido na enunciação, resultando num mundo comentado. Entendemos que, embora os artigos reúnam os acontecimentos, eles transmitem, também, a

<sup>208</sup> PEARSON, Drew. A armada e a bomba atômica. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 18 mar. 1950. Carrossel do Mundo, p. 64 (grifo nosso).

<sup>209</sup> PEARSON, Drew. Bomba atômica Russa. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 1 ago. 1953. Carrossel do Mundo, p. 16.

<sup>210</sup> CHRAUDEAU, 2006, p. 95.

<sup>211</sup> CHRAUDEAU, 2006, p. 95.

opinião de Drew Pearson, tornando o acontecimento bruto significativo, segundo sua própria competência de inteligibilidade.<sup>212</sup> Compreendemos que a opinião revela o ponto de vista do sujeito a respeito do seu saber, não enunciando uma verdade sobre o mundo, ela remete unicamente ao sujeito que a possui.<sup>213</sup>

Percebemos que “o universo da informação midiática é efetivamente um universo construído, o acontecimento passa pelos critérios de seleção, pela maneira de classificá-los em categorias e pelos modos de visibilidade escolhidos.”<sup>214</sup> Identificamos uma visão de mundo previamente articulada pelas mídias, inevitavelmente é o que se apresenta nos artigos de Drew Pearson.

Para Marialva Barbosa, os jornalistas detêm poder proporcional ao seu capital, isto é, na razão direta ao reconhecimento que recebem do próprio grupo e do público. Estabelecem uma relação explícita, considerando língua não simplesmente como um código, mas como sistema simbólico, a inter-relação entre a produção do discurso e a questão teórica do poder.<sup>215</sup> Afirmando que os jornalistas são autores, a pesquisadora coloca:

Os jornalistas se transformam em autores no sentido empregado por essa palavra quando se estuda o processo de codificação. A eles cabem não só divulgar, informar, mas sobretudo tornar público e revelado. As suas relações com o poder vão, portanto, além dos limites das relações explícitas com o Estado e com grupos que detêm o poder político num determinado momento. As relações de comunicação são relações de poder e a língua como sistema simbólico é instrumento de conhecimento e construção do mundo, sendo suporte de poder absoluto, na medida em que através dela se codifica o mundo social.<sup>216</sup>

As articulações representadas por Drew Pearson configuram um teatro de representações diversificadas. Como salienta Patrick Charaudeau,

cada peça é objeto de uma encenação particular e, dentre elas, está à cena política, na qual se representam relações de poder segundo os lugares, os papéis e os textos previstos por essa dramaturgia e segundo relativa à margem de manobra de que dispõem os atores. Trata-se, portanto, de ver em um primeiro momento quais são as características dessa cena, que valem para todos os atores, para observar melhor, em seguida, o jogo pessoal deles. Em termos mais apropriados à análise do discurso, diremos que é preciso descrever inicialmente as restrições estruturais de comunicação política antes de descrever as estratégias discursivas que atores podem utilizar.<sup>217</sup>

<sup>212</sup> CHARAUDEAU, 2006, p. 95-96

<sup>213</sup> CHARAUDEAU, 2006, p. 121-122

<sup>214</sup> CHARAUDEAU, 2006, p. 151.

<sup>215</sup> BARBOSA, 2010, p. 154.

<sup>216</sup> BARBOSA, 2010, p.154.

<sup>217</sup> CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso Político*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 52.

Drew Pearson, em seu discurso, representa a Guerra Fria como um conflito intersistêmico, como salienta Fred Halliday. Nesse caso, o conflito ocorre entre duas sociedades, ou grupos de sociedade, baseados em formas de organização política e social, radicalmente diferentes e incompatíveis.<sup>218</sup> O autor acrescenta, ainda, que,

O foco principal será sobre a Guerra Fria do período pós- 1945: mas as implicações são mais amplas e vão ao núcleo do debate sobre a própria sociedade internacional e as relações internacionais. O conflito intersistêmico é uma forma específica de conflito interestatal e intersocietal, no qual formas convencionais de rivalidade - a militar, a econômica e a política - são compostas por, e frequentemente legitimadas em termos de, uma total divergência de normas políticas e sociais. As formas convencionais de competição, incluindo a guerra, podem desempenhar um papel, mas a competição de valores é igualmente importante, e pode, repetidas vezes, ser a principal dimensão em que um lado do conflito prevalece sobre o outro.<sup>219</sup>

Para Fred Halliday, no conflito intersistêmico está presente o caráter diverso e heterogêneo dos Estados competidores, nas esferas nacional e internacional, podendo ser resumida em 3 proposições-núcleo:

A teoria intersistêmica pode ser resumida em três proposições-núcleo: (a) a rivalidade leste-oeste foi um produto do conflito entre dois sistemas sociais distintos; (b) esta competição envolve uma dinâmica competitiva e universalizadora; e (c) somente poderia ser concluída com um dos blocos prevalecendo sobre o outro.<sup>220</sup>

A teoria intersistêmica resume o discurso de Drew Pearson, pois seus artigos apresentam uma rivalidade entre os Estados Unidos e União Soviética, descreve uma dinâmica competitiva na produção e armazenamento do material bélico e apresenta a URSS como em vias de construir uma superioridade ideológica e bélica em relação aos EUA.

Como podemos observar no artigo *Bomba-A ou “JIU-JITSU” diplomático*<sup>221</sup>, de 22 de abril de 1950, cujo subtítulo era “O tempo está diminuindo”, para Pearson a União Soviética estava avançando na corrida armamentista:

**Os Estados Unidos, apesar da obtenção pela Rússia dos segredos atômicos, se acham muito adiante dela na produção das bombas atômicas e conservará essa dianteira talvez durante um ano, ou talvez mais tempo.** Mas se esperarmos muito, as vantagens militares aumentarão contra nós. **Não somente pode a Rússia ficar em pé de igualdade conosco como pode até começar a fabricar a bomba de hidrogênio.** As tropas terrestres já são superiores às nossas. A sua força aérea

<sup>218</sup> HALLIDAY, Fred. *Repensando as relações internacionais*. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2007, p. 187.

<sup>219</sup> HALLIDAY, 2007, p. 187.

<sup>220</sup> HALLIDAY, 2007, p. 193.

<sup>221</sup> PEARSON, Drew *Bomba-A ou “JIU-JITSU” diplomático*. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 22 abr. 1950. Carrossel do Mundo, p. 74.

poderá igualar-se à nossa, os seus “tanks” podem melhor e a sua frota submarina poderá tornar-se maior.<sup>222</sup>

O colunista mostra-se apreensivo com relação aos avanços da URSS. No início do artigo menciona que os Estados Unidos estavam numa posição complicada, pois poderiam, definitivamente, acabar com essa Guerra Fria “como uma horripilante bomba atômica” devastando tudo ao seu alcance, ou tentar manter a paz e esfriar os ânimos. Como podemos perceber neste trecho:

**Lançarmos bombas atômicas agora, enquanto estamos na dianteira no que toca à produção.** Segunda, a difícil e exaustiva tarefa de trabalhar pela paz durante um período de vinte e cinco a cinquenta anos, com sacrifícios ainda maiores do que se havia esperado. São esses os fatos frios e calculados relacionados com a primeira alternativa. **A segunda é uma guerra de nervos e de sacrifícios e de “jiu-jítsu” diplomático durante vinte e cinco ou cinquenta anos.**<sup>223</sup>

Ao longo do artigo, o jornalista analisa as possíveis devastações que uma bomba pode causar e os vários anos que seriam necessários para as reconstruções materiais e para a recomposição da população. A sua posição é de que a segunda alternativa fosse seguida, pois o ódio sobre os Estados Unidos seria algo inevitável. Entretanto, se essa possibilidade de guerra se tornasse concreta e a bomba caísse apenas em solo russo, os norte-americanos ajudariam na sua reconstrução, visto Drew Pearson afirmava que, os Estados Unidos tinham por hábito destruir e depois auxiliar na reconstrução, um exemplo é o Japão. O jornalista avaliava que com a URSS não seria diferente do que fora com outros países.

Uma das pautas de discussão do governo norte-americano perpassa pela emissão de um novo programa militar com relação ao Extremo Oriente. Ao invés de estarem preocupados com um ataque iminente, as tropas norte-americanas estariam, na avaliação de Pearson, envolvidas em outros afazeres sem importância.

Drew Pearson realiza uma reflexão sobre as declarações do presidente Truman, salientando que apesar deste estar contrariado em realizar um intercâmbio de informações atômicas com a Inglaterra, e com as possíveis declarações ao governo de Churchill de que a artilharia atômica norte-americana não produziria milagres no campo de batalha, noutro artigo, intitulado *A bomba atômica e os comunistas*<sup>224</sup> de 21 de junho de 1952, afirma que,

<sup>222</sup> PEARSON, Drew Bomba-A ou “JIU-JITSU” diplomático. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 22 abr. 1950. Carrossel do Mundo, p. 74 (grifo nosso).

<sup>223</sup> PEARSON, Drew Bomba-A ou “JIU-JITSU” diplomático. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 22 abr. 1950. Carrossel do Mundo, p. 74 (grifo nosso).

<sup>224</sup> PEARSON, Drew A bomba atômica e os comunistas. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 21 jun. 1952. Carrossel do Mundo, p. 80.

**A verdade é que a artilharia atômica representou uma decepção do ponto de vista militar.** Ainda que sejam muito mais poderosas e devastadoras do que as não farão desaparecer exércitos inteiros da noite para o dia. O resultado de provas atômicas realizadas em nevada mostrou que os animais situados atrás de refúgios próximos sobreviveram à artilharia atômica. Isso convenceu os observadores de que as tropas abrigadas em trincheiras ou atrás de grupos de árvores ou arbustos poderão sobreviver também a um ataque atômico.<sup>225</sup>

Neste sentido, o colunista afirmava que o projeto necessitava de melhorias, pois os EUA estariam longe de conseguir deter os comunistas chineses na Coreia. Os comunistas chineses podiam, em seu entendimento, se refugiar em covas ou por trás de pedras e morros, podendo suportar a artilharia atômica. Porém, afirmava que as bombas atômicas seriam eficazes se fossem jogadas em bases aéreas e fábricas militares.

Esse panorama apresentado pelos artigos de Drew Pearson evidencia uma intensa produção de artilharia atômica, o que não condizia com as doutrinas da Comissão de Desarmamento e a Comissão de Energia Atômica. A ideia do desarmamento não foi suficiente para aliviar a tensão que se instalara, tampouco amenizar os ânimos soviéticos e, muito menos, a corrida armamentista, como bem provavam a recorrência ao tema nos artigos de Pearson.

Nessa conjuntura, Joseph Morray faz referência ao discurso proferido, em 1952, pelo delegado soviético Jacob Malik, descrevendo que:

**Os Estados Unidos desejam demonstrar que os líderes americanos, em sua alegada devoção à paz, sonham com algum remoto objetivo distante, ligado à proibição e redução de armamentos.** Mas, na realidade, estão pondo em prática um programa de rearmamento em ritmo intensivo, estão concluindo o rearmamento de seu país, gastando somas enormes com isso, aumentando impostos e obrigando outros países a participarem da corrida armamentista. Mas precisam de uma cobertura. É difícil explicar ao mundo por que se estão rearmando, já que ninguém os ameaça. E com tal objetivo, para encontrar uma cortina, estão apresentando esse piano fictício, apenas no papel.<sup>226</sup>

Nesse contexto de rearmamento frenético, Drew Pearson, em seu artigo *A Era Atômica vai começar agora*<sup>227</sup>, de 7 de fevereiro de 1953, anunciava que aquele seria o ano da Era Atômica:

<sup>225</sup> PEARSON, Drew A bomba atômica e os comunistas. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 21 jun. 1952. Carrossel do Mundo, p. 80 (grifo nosso).

<sup>226</sup> MORRAY, 1961, p. 221-222 (grifo nosso).

<sup>227</sup> PEARSON, Drew. A Era Atômica vai começar agora. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 7 fev. 1953. Carrossel do Mundo, p. 64.

**O ano de 1953 marcará o verdadeiro início de era atômica.** Pela primeira vez, a energia atômica será aplicada para fins civis. Na Inglaterra e nos Estados Unidos se construirão pequenas usinas atômicas em comunidades isoladas, que não sejam servidas pelas redes gerais de energia atômica dos tempos de paz se tornará acessível a ponto de transformar todo o panorama da economia dos Estados Unidos.<sup>228</sup>

Com o subtítulo *As bombas de hidrogênio*, afirmava que:

Os Estados Unidos farão explodir outra bomba de hidrogênio na primavera que vem e os russos conseguirão a primeira bomba dessa espécie. **Em 1953, os americanos acumularão uma quantidade tão grande de bombas atômicas que pode ser que a produção diminua, pois será atingido um número suficiente para destruir qualquer inimigo.** Também o Congresso permitirá nesse intercâmbio de informações atômicas com a Inglaterra, assim como com as firmas industriais americanas. Neste ano, se empregará ainda, pela primeira vez, a artilharia atômica e isso acontecerá na Coreia.<sup>229</sup>

A era atômica estava declarada, e os debates realizados pelo fim da proliferação atômica no ano de 1952 haviam fracassado. Joseph Morray elenca alguns elementos que foram pertinentes ao final das reuniões dos delegados junto à Comissão de Desarmamento, afirmando que:

A União Soviética receava os tipos de controle que os delegados da Comissão de Energia Atômica consideravam indispensáveis. A União Soviética não estava disposta a pagar tão alto preço pelo desarmamento. Os Estados Unidos, desejando as garantias mais do que o desarmamento, estavam decididos a defender um acordo sobre garantias antes de concordar num acordo sobre desarmamento. A União Soviética, desejando a soberania e independência mais do que o desarmamento, estava decidida a não concordar com o tipo de garantias exigidas pelo Ocidente. Assim sendo, era natural que a União Soviética clamasse por um compromisso de desarmar como primeira medida. Esse compromisso constituiria uma pressão sobre os governos ocidentais para a execução do desarmamento com proteções menos drásticas.<sup>230</sup>

Acrescenta, ainda, que

As duas maiores potências davam uma imagem contrastante de si aos olhos de mundo. Um campeão do desarmamento estava em luta com um campeão das medidas de garantia e proteção. À medida que a corrida armamentista prosseguir, intensificando a preocupação do público, a paciência dos povos apreensivos para com as exigências ocidentais sobre garantias se esgotará. A propaganda favorece o ponto de vista soviético. Chegará o momento em que a preocupação predominante

<sup>228</sup> PEARSON, Drew. A Era Atômica vai começar agora. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 7 fev. 1953. Carrossel do Mundo, p. 64 (grifo nosso).

<sup>229</sup> PEARSON, Drew. A Era Atômica vai começar agora. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 7 fev. 1953. Carrossel do Mundo, p. 64 (grifo nosso).

<sup>230</sup> MORRAY, 1961, p. 228.

com as garantias parecerá mais perigosa à segurança do que os riscos da perfídia soviética.<sup>231</sup>

Para Joseph Morray, os mais impressionantes progressos no desenvolvimento de armas nucleares ocorreram no período de 1952 a 1954. Em 1952 os Estados Unidos explodiram sua primeira bomba de hidrogênio. Em 1953 a União Soviética explodia a sua primeira bomba de hidrogênio.<sup>232</sup>

*Artilharia atômica desperdício de dinheiro*<sup>233</sup> foi publicado em 11 de julho de 1953, com Drew Pearson tentando retratar que os Estados Unidos estavam empenhados em produzir armamento:

**O grande orgulho do Exército é o canhão atômico que se está experimentando no deserto de Nevada.** Durante cerca de dois anos, o Exército se vem preparando para essas experiências e até deu artilharia atômica antes do momento em que devia dá-lo a conhecer. Entretanto, sem diminuir absolutamente a importância das forças terrestres ou o valor do soldado de infantaria, a artilharia atômica, em fase da realidade fria, não representa senão uma questão de orgulho e constitui um desperdício do dinheiro dos contribuintes.<sup>234</sup>

Drew Pearson trata de esclarecer que, por mais orgulho que o Exército possa ter dos canhões, isso não era suficiente para uma possível guerra, o que deveria receber atenção do Exército era a artilharia atômica. Um dos argumentos recorrentes em seu discurso diz respeito ao direcionamento dos investimentos público norte-americanos, pois, na sua concepção, em algumas situações, estes estão mal empregados.

No artigo de 14 de maio de 1955, *O perigo dos resíduos atômicos*<sup>235</sup>, Drew Pearson descreve um perigo que afeta e preocupa toda a população dos Estados Unidos.

Drew Pearson afirma que,

Embora nuvens radioativas estejam fluando nos céus dos Estados Unidos, o Almirante Lewis Straus, Presidente da Comissão de Energia Atômica, não aprovará a despesa de 50.000 dólares para custear pesquisas relacionadas com o perigo da precipitação da poeira radioativa sobre a população norte-americana. **A estação chuvosa da primavera é a ocasião menos indicada para se fazer explodir bombas atômicas no campo de provas de Nevada, pois as chuvas abundantes aumentam a queda de partículas radioativas, vindas das nuvens. Apesar disso, experiências daquelas armas nucleares como, ao mesmo tempo, se nega a**

<sup>231</sup> MORRAY, 1961, p. 228-229.

<sup>232</sup> MORRAY, 1961, p. 242.

<sup>233</sup> PEARSON, Drew. Artilharia atômica desperdício de dinheiro. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 11 jul. 1953. Carrossel do Mundo, p. 90.

<sup>234</sup> PEARSON, Drew. Artilharia atômica desperdício de dinheiro. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 11 jul. 1953. Carrossel do Mundo, p. 90 (grifo nosso).

<sup>235</sup> PEARSON, Drew. A superioridade aérea anima os comunistas. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 26 mar. 1955. Carrossel do Mundo, p. 26.

**financiar os estudos para determinar se há ou não perigo para população.** Os cientistas acreditam que não existe muito perigo para o público, em virtude da precipitação daquelas partículas, mas não podem ter certeza absoluta. A radioatividade tem sido tão intensa, em algumas zonas do Oeste, por exemplo, que perturbam a sensibilidade dos contadores Geiger. As correntes atmosféricas das grandes altitudes, que sopram com velocidades que vão até 640 quilômetros por hora, podem levar os resíduos radioativos até os mais longínquos rincões do país, em questão de horas.<sup>236</sup>

A corrida nuclear foi a parte mais importante da Guerra Fria, em termos de luta pelo poder. Ter a bomba significa ter poder. No extrato acima, Pearson chama a atenção para o fato de que os testes nucleares ignoravam os custos para a população civil. Georg Schwarzenberger aponta que a busca pelo poder ignora a própria racionalidade:

[...] o poder pode ser definido como a capacidade que um ator tem para fazer valer sua própria vontade sobre os outros, sem considerar a racionalidade da demanda, usando a pressão política, econômica ou militar como meio final para realizar seus objetivos.<sup>237</sup>

A obtenção de poder nuclear foi a principal estratégia para a liderança exercida por EUA e URSS. Evidentemente havia uma larga distância entre possuir a bomba e usá-la. Nesta perspectiva, Déa Fenelon argumenta que a Guerra Fria consiste na tentativa de estabelecer um equilíbrio de poder entre os 2 blocos, considerando que

existia o [...] desafio de superpotência fortemente armadas para dominar e subjugar outras áreas de influência, existia de ambos os lados a mesma coalizão sempre definida com propósitos definidos. Também a corrida armamentista estava presente nos dois lados. [...] Na Guerra Fria a política que a define é muito mais a da “contenção” do que propriamente a de agressão.<sup>238</sup>

A imprensa foi uma das instâncias na qual as disputas da Guerra Fria repercutiram. Uma instância que possuía o poder de alimentar o jogo bipolar, uma vez que,

O jornalismo não é o espelho do real. É, antes, a construção do social de uma suposta realidade. Dessa forma, é no trabalho da enunciação que jornalistas produzem os discursos, que, submetidos a uma série de operações e pressões sociais, constituem o que senso comum das relações chama de notícia. Assim, a imprensa não reflete a realidade, mas ajuda a construí-la.<sup>239</sup>

<sup>236</sup> PEARSON, Drew. A superioridade área anima os comunistas. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 26 mar. 1955. Carrossel do Mundo, p. 26 (grifo nosso).

<sup>237</sup> Georg Schwarzenberger, “mas Alla de la política”, in *La Reestruturación de la Sociedad Internacional*, México, UMA, 1969, p. 72 apud PEREIRA, Antônio C. A. *Os Impérios Nucleares e seus reféns: relações internacionais contemporâneas*. Rio de Janeiro: Graal, 1984, p. 76.

<sup>238</sup> FENELON, Déa R. *A Guerra Fria*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 46.

<sup>239</sup> PENA, 2013, p. 128.

É importante salientar que o jornalismo praticado por Drew Pearson vinha acompanhado por provas documentais. Na questão das armas nucleares, principalmente, o jornalista afirmava estar subsidiado em documentos, relatórios ou declarações oficiais. Como podemos acompanhar neste fragmento do artigo anteriormente referenciado:

**[...] o principal resultado do que se descobriu foi que a Comissão de Energia Atômica reformou completamente os seus cálculos de que a Rússia estava dois anos atrás dos Estados Unidos no desenvolvimento das armas atômicas e de hidrogênio. É evidente agora que os russos não estão apenas baseando-se em segredos roubados ou seguindo os passos dos americanos, mas sim avançando com o seu próprio impulso científico.**<sup>240</sup>

As críticas ao governo norte-americano eram outra presença constante no texto de Pearson. No artigo de 9 de junho de 1956, *Os advogados e a influência política*, com o subtítulo de “O poder aéreo americano está muito atrasado em relação aos russos”, Drew Pearson descreve que:

**A nefasta história de como a Rússia está superando os Estados Unidos em poder aéreo, foi revelada numa reunião secreta, que se realizou na Comissão Aérea do Senado, dirigida pelo louro, ex-secretário da aviação Sr. Stuart Symington. É extraordinariamente chocante verificar que os Estados Unidos, deixaram de manter-se ao mesmo nível da Rússia num aspecto de defesa no qual os americanos tiveram durante muito tempo e enorme superioridade.**<sup>241</sup>

Ao longo do artigo, Drew Pearson afirmava que os membros da Comissão desejavam que esses fatos ficassem em sigilo, mas que ele daria publicidade às informações as quais reputava terem sido obtidas por meio dos técnicos do governo.

Noutro subtítulo, “Aviões a jacto”, apresentam fatos que comprovariam a superioridade russa em relação aos EUA:

- 1- as forças aéreas da Rússia ultrapassaram já as dos Estados Unidos na construção de modernos e rápidos aviões a jacto. A Rússia tem 12.500 desses aparelhos destinados as suas unidades de combate. Em contrapartida com isso, os Estados Unidos têm apenas 9.000 de tais aviões prontos.
- 2- os engenheiros soviéticos desenvolveram motores de propulsão a jacto para aviões muito mais poderosos do que os americanos.
- 3- De acordo com o seu programa de produção, as forças aéreas vermelhas superarão completamente os Estados Unidos [...] os estrategistas das Forças

<sup>240</sup> PEARSON, Drew. Os advogados e a influência política. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 9 jun. 1956. Carrossel do Mundo, p. 106 (grifo nosso).

<sup>241</sup> PEARSON, Drew. Os advogados e a influência política. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 9 jun. 1956. Carrossel do Mundo, p. 106 (grifo nosso).

Aéreas estão convencidos de que a aquisição de elementos da aviação americana deve dobrar para ficar a par com a soviética.<sup>242</sup>

A produção de teleguiados soviéticos preocupavam a Força Aérea americana, e Drew Pearson salientava que os Estados Unidos estavam alimentando a ilusão de produzir armamentos para fins pacíficos ou com propósitos científicos.

O discurso de Drew Pearson está inserido numa conjuntura que caracteriza uma acirrada corrida armamentista, na qual os Estados Unidos despontavam com uma vantagem significativa.

O uso da energia atômica permite manter essa vantagem, sejam através de acordos ou tratados que limitem os demais países ou pela intensificação de estudos e produção de armamentos, demonstrando sua superioridade através de testes nucleares. Outro fator que contribuiu para a superioridade está no quesito espionagem, que, na opinião de Drew Pearson, apresenta-se como uma poderosa arma de guerra.

## 2.2 A espionagem como arma de guerra

No decorrer da história das relações internacionais, a espionagem sempre esteve presente, sendo considerada a segunda profissão mais antiga do mundo.<sup>243</sup> A área de atuação da espionagem não possui limite algum, seja ele no campo das relações dos Estados ou em outras atividades, empresariais ou de comunicação. Tem como principal função a coleta de informações, sobretudo para que o Estado se previna contra possíveis ameaças.<sup>244</sup>

A espionagem veio como solução invisível aos olhos das nações, as potências trataram de investir nesse ramo para inspecionar os estudos e a produção de equipamentos nucleares. O tema espionagem esteve presente em 35 artigos da coluna Carrossel do Mundo, inserido no Eixo Temático Arsenal Bélico. Nesta seção mostraremos artigos mais relevantes para ilustrar esse tópico.

No caso dos Estados Unidos, para espionar o bloco comunista, foi criada a CIA (Central Intelligence Agency) que, formalmente criada em 1947, era conduzida pelos militares, e o FBI (Federal Bureau of Investigation). Mais tarde, em 1947, o Congresso

---

<sup>242</sup> PEARSON, Drew. Os advogados e a influência política. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 9 jun. 1956. Carrossel do Mundo, p. 106 (grifo nosso).

<sup>243</sup> COSTA JÚNNIOR, Arnaldo Monteiro. *A história da Agência Brasileira de Inteligência: a contraespionagem organizacional*. Trabalho de Conclusão de Curso – Especialização em Relações Internacionais. Universidade de Brasília, Brasília, 2011, p. 10.

<sup>244</sup> COSTA JÚNNIOR, 2011, p. 10.

aprovou a Lei de Segurança Nacional, fundando o Conselho Nacional de Segurança (NSC) e, sob a sua direção, a CIA, à qual foi concedida amplo poder para realizar operações de inteligência estrangeira.<sup>245</sup>

Em 1945 a URSS já possuía um serviço secreto e centralizado de espionagem, que foi constituído com base na Opritchnina, antiga política secreta dos czares. Era a KGB, das iniciais em russo para Comitê para a Segurança de Estado. A KGB foi criada em 1917, logo após a tomada do poder pelo partido bolchevique.<sup>246</sup>

Os artigos de Drew Pearson definem a espionagem como uma das armas mais poderosas da URSS, pois garante que foi através do uso de espões que os soviéticos adquiriram a bomba atômica.<sup>247</sup> A espionagem está composta na ótica do jornalista por espões comunistas soviéticos e chineses, desde pessoas comuns até membros do governo da URSS ou da KGB, e em algumas ocasiões, menciona, também, outros aliados do comunismo. O serviço secreto dos Estados Unidos aparece como um aliado na luta contra a expansão do comunismo, buscando espionar como a URSS estava se tornando uma potência.

Em 21 de outubro de 1950, Drew Pearson relatava em sua coluna que um coronel norte-americano tinha uma amante coreana que repassava informações de suas tropas aos comunistas.<sup>248</sup> Para o jornalista, os espões estão por todos os lugares:

**O caso do coronel pode ter ocorrido em outros pontos do mundo**, especialmente na Alemanha e no Japão, onde há muitos militares americanos estabelecidos longe de suas famílias. E o exército se mostra preocupado com a possibilidade de espãs dessa espécie em relações íntimas com os oficiais.<sup>249</sup>

O discurso de Pearson centra-se em analisar os pontos fracos e os erros que os Estados Unidos estavam cometendo na Guerra Fria. Todo discurso tem uma finalidade ordenada em função de um objetivo<sup>250</sup> e, para o jornalista, o objetivo era informar, no intuito de que a partir dessas informações, as devidas providências fossem tomadas por parte governo norte-americano, por meio das mídias. Nesta perspectiva, consideramos que as “mídias constituem

<sup>245</sup> Encyclopedia Britannica – Escola e Biblioteca. Disponível em: <<http://www.britannica.com/search?query=Espionagem%20na%20guerra%20fria>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

<sup>246</sup> ARBEX JÚNIOR, José. *Guerra fria: terror de estado, política e cultura*. São Paulo: Moderna, 2000, p. 68.

<sup>247</sup> PEARSON, Drew. A bomba atômica russa. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 21 jan. 1950. Carrossel do Mundo, p. 58.

<sup>248</sup> PEARSON, Drew. Kim, a Mata-Hari coreana. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 21 out. 1950. Carrossel do Mundo p. 74.

<sup>249</sup> PEARSON, Drew. Kim, a Mata-Hari coreana. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 21 out. 1950. Carrossel do Mundo, p. 74 (grifo nosso).

<sup>250</sup> CHARAUDEAU, 2006, p. 69.

uma instância que detém poder social.”<sup>251</sup> Para Charaudeau, o discurso da informação midiática joga com esse poder social, pondo em cena não a verdade no discurso, mas o efeito que ela produz nele.<sup>252</sup> Observando, ainda, que, “no âmbito da informação, isso equivale se interrogar sobre a mecânica da construção do sentido, sobre a natureza do saber que é transmitida e sobre o efeito de verdade que pode produzir no receptor.” Entendemos que o efeito de verdade não consiste na verdade das informações contidas no discurso, mas sim o efeito de verdade que ele produz nas mídias.<sup>253</sup>

Os artigos de Drew Pearson se inserem no ato de informar e persuadir, quando entendemos que esse ato consiste em identificar e qualificar os fatos, reportar os acontecimentos, explicar e fornecer as causas desses acontecimentos.<sup>254</sup> Como podemos acompanhar no artigo de 9 de janeiro de 1954,<sup>255</sup> com o subtítulo “Difícil a vida em Moscou para os diplomatas americanos”, o jornalista salienta que

A polícia secreta mantém uma vigilância de 24 horas por dia sobre todos os homens que trabalham na Embaixada americana. Todos os russos empregados na Embaixada trabalham de acordo com a polícia secreta de Moscou. Uma das criadas presta informações regularmente à polícia secreta, mas não é considerada a única porque qualquer outra que a substituísse teria de fazer o mesmo. **Recentemente, uma empregada russa pediu uma hora de folga ao seu patrão americano e disse que tinha de sair “para informar a polícia secreta a seu respeito.”** Os russos instalaram microfones escondidos nas casas de todos os empregados da Embaixada.<sup>256</sup>

Para Drew Pearson, tudo poderia ser espionado pelos soviéticos em seu território, isso era inevitável. Podemos compreender que a situação relatada nesse artigo ilustra o poder de espionagem da URSS, uma vez que nem mesmo a Embaixada dos Estados Unidos intimidou a ação da espionagem soviética.

Em outros artigos, o jornalista salienta que o serviço secreto dos Estados Unidos obtém informações valiosas. Em 22 de maio de 1954<sup>257</sup>, com o subtítulo de “Contrabando de cobalto”, Pearson relata que:

<sup>251</sup> CHARAUDEAU, 2006, p. 63.

<sup>252</sup> CHARAUDEAU, 2006, p. 63.

<sup>253</sup> CHARAUDEAU, 2006, p. 40.

<sup>254</sup> CHARAUDEAU, 2006, p. 41.

<sup>255</sup> PEARSON, Drew. Eisenhower e McCarthy. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 9 jan. 1954. Carrossel do Mundo, p. 88.

<sup>256</sup> PEARSON, Drew. Eisenhower e McCarthy. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 9 jan. 1954. Carrossel do Mundo, p. 88 (grifo nosso).

<sup>257</sup> PEARSON, Drew. Dulles fará uma advertência a Molotov. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 22 mai. 1954. Carrossel do Mundo, p. 84.

**Os agentes do serviço secreto americano receberam informações alarmantes, segundo as quais uma quadrilha de contrabandistas internacionais está vendendo cobalto aos países de trás da Cortina de Ferro.** Essa notícia é alarmante porque o cobalto um material magnético ao qual pode transmitir-se uma grande carga de radioatividade e porque os cientistas dizem que a bomba de hidrogênio que tiver uma parte de cobalto lançará uma dose tão venenosa de poeira radioativa que matará qualquer coisa em seu caminho.<sup>258</sup>

Para Drew Pearson, o serviço secreto americano cumpria seu papel, o problema, em sua opinião, centrava-se na questão de que o governo de Eisenhower não tomava nenhuma atitude, as informações eram repassadas e nada era feito. Afirmava que quem observa “a atuação de Eisenhower durante quase um ano de exercício na presidência, poderia chegar à conclusão de que a principal coisa que ainda lhe resta aprender é que as táticas políticas são idênticas às militares.” Para o jornalista, o governo de Eisenhower era considerado ineficaz por não tomar atitudes mais agressivas em relação à superioridade URSS.

No artigo de 15 de janeiro de 1955<sup>259</sup>, baseado em informações do serviço secreto, Pearson relata que a União Soviética estava intimidando o chanceler Adenauer:

**O serviço secreto dos Estados Unidos descobriu que a União Soviética anunciará muito em breve que armará a União Alemanha Oriental com um poderoso exército, dotado inclusive de armas atômicas.** O Kremlin espera que a Alemanha Ocidental tenha assim tão perto o perigo das bombas nucleares aterrorizar o Chanceler Adenauer e o seu Governo ao ponto de fazê-lo desistir da ideia do rearmamento. Os russos vão realizar uma sensacional manobra para atemorizar a Alemanha Ocidental e fazê-la abandonar a sua aliança com as potências do Ocidente.<sup>260</sup>

A União Soviética, na concepção de Drew Pearson, não tardaria para realizar um ataque à Alemanha Ocidental ou a qualquer outro país da Europa, e os Estados Unidos estavam apáticos diante de todas essas informações concedidas pelo serviço secreto americano.

Baseado no conteúdo dessas informações, compreendermos que “todo discurso antes de representar o mundo, representa uma relação, ou, mais exatamente, representa o mundo ao representar uma relação.”<sup>261</sup> Neste caso, estamos percebendo uma relação de poder, pois identificamos no discurso de Drew Pearson uma União Sovi forte, que age e que intimida.

<sup>258</sup> PEARSON, Drew. Dulles fará uma advertência a Molotov. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 22 mai. 1954. Carrossel do Mundo, p. 84 (grifo nosso).

<sup>259</sup> PEARSON, Drew. Os russos tratam de intimidar Adenauer. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 15 jan. 1955. Carrossel do Mundo, p. 54.

<sup>260</sup> PEARSON, Drew. Os russos tratam de intimidar Adenauer. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 15 jan. 1955. Carrossel do Mundo, p. 54 (grifo nosso).

<sup>261</sup> CHARAUDEAU, 2006, p. 42.

Para Charaudeau, o sujeito informador captura nas malhas da transação<sup>262</sup> para construir sua informação em função de dados específicos.<sup>263</sup> Charaudeau salienta que nenhuma informação pode pretender, por definição, à transparência, à neutralidade ou à factualidade. Tudo depende do alvo que o informador escolhe, do tratamento que lhe é imposto no quadro da transação.<sup>264</sup>

Noutro artigo, de 18 de setembro, *A verdade sobre a deserção de Otto Jhon*,<sup>265</sup> o colunista fala sobre um agente secreto:

A verdadeira história do Dr. Otto Jhon, que foi até há pouco chefe da Polícia Secreta da Alemanha Ocidental e cuja passagem para a zona russa andou na primeira página de todos os jornais do mundo, pode ser agora contada abertamente. Esse indivíduo, **vinha jogando um duplo papel de agente e trabalhando para os dois países ao mesmo tempo. Além disso, o exército americano suspeitava já dele e lhe seguiu a pista durante a sua recente visita aos Estados Unidos. Foi essa uma das razões pelas quais, John passou para a zona russa da Alemanha Oriental.**

Se houvesse mais cuidado e se fossem mais bem coordenadas às investigações sobre o passado do Dr. John, os comunistas não teriam tido essa grande vitória psicológica e não se teriam perdido segredos importantes para defesa da Europa Ocidental.<sup>266</sup>

Para Drew Pearson, os soviéticos estabeleceram uma rede de espionagem. Os espões são sempre caracterizados como comunistas, infiltram-se em qualquer segmento, desde indústrias, professores, funcionários de embaixadas e casos de relacionamentos íntimos com oficiais e espões do governo.

O ano de 1957 parece ter encontrado Pearson com outro tom em relação à URSS. Suas notícias começaram a levantar possibilidades de uma aproximação entre norte-americanos e soviéticos. Exemplo disso é o artigo *A cortina de ferro americana*<sup>267</sup>, de 13 de julho de 1957, no qual o jornalista fala de um “intercâmbio cultural” entre as duas potências.

Sobre esse fato, Drew Pearson afirma que a ideia havia partido do “senador Lyndon Johnson, que, como um verdadeiro estadista, propôs que se estabelecesse intenso intercâmbio cultural inclusive com televisão entre os Estados Unidos e a Rússia.”<sup>268</sup>

No entanto, Pearson via problemas para a execução da ideia:

<sup>262</sup> O processo de transação consiste, para o sujeito que produz um ato de linguagem, em dar uma significação psicossocial a seu ato, isto é, atribuir-lhe um objetivo (CHARAUDEAU, 2006, p. 41).

<sup>263</sup> CHARAUDEAU, 2006, p. 42.

<sup>264</sup> CHARAUDEAU, 2006, p. 42-43.

<sup>265</sup> PEARSON, Drew. A verdade sobre a deserção de Otto Jhon. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 18 set. 1954. Carrossel do Mundo, p. 122.

<sup>266</sup> PEARSON, Drew. A verdade sobre a deserção de Otto Jhon. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 18 set. 1954. Carrossel do Mundo, p. 122 (grifo nosso).

<sup>267</sup> PEARSON, Drew. A cortina de ferro americana. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 13 jul. 1957. Carrossel do Mundo, p. 122.

<sup>268</sup> PEARSON, Drew. A cortina de ferro americana. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 13 jul. 1957. Carrossel do Mundo, p. 122.

O obstáculo maior a esse intercâmbio é a lei que exige que os visitantes do outro lado da cortina de ferro tenham que deixar as suas impressões digitais. **Os russos se negam terminantemente a vir aos Estados Unidos deixando que lhes tirem as impressões digitais.**<sup>269</sup>

No quesito espionagem, Pearson apresentava supostas provas de que a URSS pagava pelas informações. Tal foi o caso do episódio citado em uma notícia de 1958, que apontava o recebimento de 1 milhão de dólares por um tal Galíndez, professor da Colúmbia, que depois desapareceu.<sup>270</sup>

Drew Pearson salienta que todo o dinheiro recebido por Galindez<sup>271</sup> está arquivado no Departamento de Justiça. No entanto, os policiais americanos não sabem de onde ou de quem veio esse dinheiro, configurando-se, assim, num mistério para todos.

Acrescenta, ainda, que

Essas quantias indicam que os Estados Unidos foram utilizados para espionagem ou para uma conspiração revolucionária.

O professor Galíndez começou a receber dinheiro em 1950, ao que se supunha, dos vascos espanhóis. Apresentou ao Departamento de Justiça dos Estados Unidos recibos de 5.441 dólares, em fevereiro de 1950, de 24.048 dólares em março. Continuou a apresentar recibos que oscilavam entre 4.000 e 8.000 dólares por mês até fins de 1950, quando passou a receber cerca de 18.000 dólares por mês. Era muito dinheiro pelo correio, remetia muito poucas cartas e quase não pronunciava conferências ou discursos diante de grupos numerosos. Esse dinheiro era apresentado como procedente dos vascos espanhóis da Venezuela, do México, do Chile, do Peru, da Colúmbia, de Cuba, da França, da Bélgica e da Itália.

Entretanto, na maior parte desses países existem restrições cambiais de modo que é impossível remeter dinheiro ao exterior. **Além disso, os recebimentos não são fáceis mesmo para as pessoas habituadas a essas atividades e Galíndez não contava com a organização necessária para receber fundos.**

**Galíndez tinha duas contas bancárias secretas na Suíça e transferiu dinheiro para essas contas, talvez para o pagamento de agentes na Europa.** É esse o verdadeiro mistério no caso de Galíndez decerto mais importantes do que a

<sup>269</sup> PEARSON, Drew. A cortina de ferro americana. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 13 jul. 1957. Carrossel do Mundo, p. 122 (grifo nosso).

<sup>270</sup> Tratava-se de um caso complexo que envolvia espanhóis, dominicanos e outros atores que, para fins desta pesquisa, não é necessário aprofundar. Queremos mostrar, mesmo, que Pearson fazia acusações diretas em relação à infiltração de espões da URSS nos EUA. PEARSON, Drew. O estranho caso do professor Galindez. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 12 jul. 1958, p. 52

<sup>271</sup> Compreendermos quem é Galíndez não interfere em nossa pesquisa, mas o acontecimento em que ele está envolvido, sim. Jesus de Galindez Suarez (1915-1956) foi um escritor, advogado, professor e político espanhol, de ideologia nacionalista. Ele começou a investigar Trujillo e seu governo, encontrou problemas e fugiu de novo, mudando-se para Nova Iorque em 1946. Através dessa rede, ele se reuniu com Ibero-American Poets, Writers Guild, a Liga Internacional para os Direitos do Homem, e a Associação Interamericana para a Democracia e Liberdade. Na Universidade de Columbia, lecionou no direito internacional e completou a sua tese de doutoramento sobre Trujillo e sua regra. Galíndez supostamente se tornou um informante para o Federal Bureau of Investigation (FBI). Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=omOCx8z29CAC&pg=PA10&lpg=PA10&dq=Gal%C3%ADndez+fbi&source=bl&ots=ABY\\_Flg8LQ&sig=UbGvFQGNJ2plWScXFxVhiNGT8i0&hl=en&ei=0qbvSrvZE9K71AeF2qz uCA&sa=X&oi=book\\_result&ct=result#v=onepage&q=Gal%C3%ADndez%20fbi&f=false](https://books.google.com.br/books?id=omOCx8z29CAC&pg=PA10&lpg=PA10&dq=Gal%C3%ADndez+fbi&source=bl&ots=ABY_Flg8LQ&sig=UbGvFQGNJ2plWScXFxVhiNGT8i0&hl=en&ei=0qbvSrvZE9K71AeF2qz uCA&sa=X&oi=book_result&ct=result#v=onepage&q=Gal%C3%ADndez%20fbi&f=false)>. Acesso em: 10 jan. 2016.

identidade do responsável pelo seu desaparecimento. Se esse enigma for resolvido, é provável que se encontrem os autores do estranho desaparecimento de Galíndez.<sup>272</sup>

Trata-se do único caso de espionagem que Drew Pearson descreve com riqueza de detalhes, a questão girava em torno do esclarecimento se seria espionagem ou uma conspiração revolucionária. A espionagem estava sempre ligada aos soviéticos, entretanto, naquele momento, encontramos a expressão “conspiração revolucionária” atrelando os revolucionários aos comunistas.

Compreendemos Drew Pearson como um informador, que transmite a informação por conta própria.<sup>273</sup> Ele procura informar os Estados Unidos sobre a ameaça URSS, representada pela espionagem, pelo comunismo e por seu poder de bélico. Para Charaudeau, “nesse caso a informação é considerada benéfica. Acrescentando, ainda, que o informador pode agir por interesse pessoal.”<sup>274</sup> Informar poderia ser uma estratégia “na busca de se proteger, evitar um mal-entendido, procurar um aliado, conseguir um favor ou fazer com que os beneficiados se tornem devedores, ou simplesmente notoriedade.”<sup>275</sup> No caso da notoriedade, envolve outros fatores, tais como “posição social, o papel que desempenha na situação de troca, sua representatividade, grau de engajamento.” Inferimos que Drew Pearson, como informador, almeje desfrutar dos créditos de suas informações, compreendemos que a rede de relações em que estava inserido lhe proporcionava uma posição social de destaque, em que era considerado<sup>276</sup> o porta-voz da imprensa norte-americana.

No capítulo seguinte, Construindo um inimigo: Comunismo, analisaremos os artigos que foram classificados no Eixo Temático Comunismo. Buscaremos interpretar o discurso adotado por Drew Pearson. Evidenciaremos os artigos que compõem este eixo através das técnicas análise de conteúdo, por meio da qual foram estabelecidos os temas: comunismo e a superioridade da União Soviética. Tratando de identificar quais os elementos do discurso de Drew Pearson que justificavam a ameaça comunista.

---

<sup>272</sup> PEARSON, Drew. O estranho caso do professor Galíndez. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 12 jul. 1958. Carrossel do Mundo, p. 52 (grifo nosso).

<sup>273</sup> CHARAUDEAU, 2006, p. 51.

<sup>274</sup> CHARAUDEAU, 2006, p. 51.

<sup>275</sup> CHARAUDEAU, 2006, p. 51-52.

<sup>276</sup> Neste caso, considerado pela imprensa brasileira, pelo jornal *O Globo*, pela revista *O Cruzeiro* e demais jornais em que suas reportagens estavam presentes.

### 3 CONSTRUINDO UM INIMIGO: ESTADOS UNIDOS X UNIÃO SOVIÉTICA

Passaremos trabalhar com o Eixo Temático Comunismo, que representa 51 dos 355 artigos catalogados que tratam especificamente do comunismo. Também foram levantadas as palavras União Soviética e Comunismo nos 355 artigos, sendo identificadas em 193 deles a palavra URSS e em 93 a palavra Comunismo.

O objetivo deste capítulo é analisar as opiniões da Guerra Fria no discurso de Drew Pearson, procurando relações internacionais e as articulações militares que foram destacadas em seu discurso durante esse período.

Partimos do entendimento de que Drew Pearson possuía *status* na máquina midiática, produzindo discursos que expressavam sua opinião na imprensa internacional.<sup>277</sup> Consideramos que Pearson é um ator na rede de relações internacionais, pois ocupava uma posição social privilegiada, jornalista investigativo, era colunista da revista *O Cruzeiro*<sup>278</sup>, estava inserido na Casa Branca, em Washington, cobriu conferências<sup>279</sup> internacionais pelo mundo, manteve contato com importantes estadistas, seu acervo está ao lado dos pertences do ex-presidente Harry Truman na University American de Washington. E, inevitavelmente, ao longo de sua carreira, o jornalista conquistou também muitos inimigos, pois o discurso de Drew Pearson movimentava a opinião pública.

Os artigos do jornalista suscitam inquietações, tais como: quais foram as opiniões que foram abordadas ao longo do período pesquisado sobre a ameaça comunista ao longo dos

---

<sup>277</sup> CHARAUDEAU, 2006, p. 24.

<sup>278</sup> O que importa destacar é que vários jornais brasileiros davam espaço as publicações de Drew Pearson.

<sup>279</sup> IX Conferência Internacional de Bogotá 1948, Conferência dos Chanceleres do Rio de Janeiro em 1947, Conferência dos Quatro em Genebra 1954.

artigos de Drew Pearson? Como a ameaça comunista estava associada ao contexto da Guerra Fria? Como o discurso de Drew Pearson apresentava os Estados Unidos em relação à URSS?

Nesse contexto, torna-se pertinente o entendimento, elaborado por Claude Delmas<sup>280</sup>, acerca de que a Guerra Fria é um período da história que tem sua origem na Segunda Guerra Mundial, tornando-se um estado de beligerância e de não-beligerância, resumindo, não é um estado de paz, no entanto também não é uma guerra da forma clássica. Definindo-se como “um antagonismo de ideias e de interesses que não se amplifica até o estado de beligerância clássica, estando ligada por uma relação de causa e efeito”. Claude Delmas acrescenta que a grande rivalidade que colocou Estados Unidos a União Soviética em posições opostas não tardou a definir dois blocos e configurar um significado ideológico.<sup>281</sup>

Celso Pereira<sup>282</sup> avalia que a nação norte-americana se beneficiou em vários sentidos, ao final da Segunda Guerra Mundial, em termos de poder. Saiu em situação realmente invejável de várias maneiras:

Seu território não sofrera danos materiais por não ter sido campo de batalha; suas perdas humanas, comparadas às dos outros beligerantes, foram bem menores; sua economia, pelo esforço de guerra, saía fortalecida e totalmente recuperada dos efeitos remanescentes da Grande Depressão; monopólio da energia atômica dava-lhe a certeza de uma segurança relativamente barata e otimista: condições amplas, portanto, para regular as consequências oriundas da derrocada do Império britânico e, assim, exercer papel hegemônico em nome dos interesses do capitalismo.<sup>283</sup>

No caso da União Soviética, a situação se configura de outra forma. Celso Pereira observa que

A União Soviética, não obstante as grandes perdas materiais e humanas que sofrera com a guerra, era o único país, além dos Estados Unidos, em condições de retroalimentar seus subsistemas, dadas as enormes potencialidades naturais do país. Além do mais, em 1945 os exércitos vitoriosos da URSS ocupavam a Europa Oriental - suas fronteiras militares haviam ultrapassado o Elba e seus domínios alcançavam o centro da Europa. Decorrente da desmobilização norte-americana, em termos convencionais tornavam-se a maior força armada do mundo naquela época.<sup>284</sup>

---

<sup>280</sup> DELMAS, Claude. *Armamentos Nucleares e Guerra Fria*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

<sup>281</sup> DELMAS, 1971, p. 21-22.

<sup>282</sup> PEREIRA, Antônio C. A. *Os Impérios Nucleares e seus reféns: relações internacionais contemporâneas*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

<sup>283</sup> PEREIRA, 1984, p. 38.

<sup>284</sup> PEREIRA, 1984, p. 38.

Isaac Deutscher analisa que a URSS “saiu da sua concha e voltou à arena da política mundial ao final da Segunda Guerra Mundial”, como uma grande potência, colocando em jogo reivindicações nacionais e os interesses comunistas num contexto internacional.<sup>285</sup>

Demétrio Magnoli salienta que, para os soviéticos, a vitória na guerra era uma oportunidade para erguer uma muralha geopolítica ao longo da fronteira ocidental. Durante as conferências de Yalta e Postdam, no ano de 1945 do pós-guerra, deflagraram um processo de conflito, em que se manifestaram as divergências entre duas perspectivas diferentes de expansão.<sup>286</sup>

O mundo estava se dividindo em duas ideologias opostas. O primeiro passo foi dado com o anúncio da Doutrina Truman<sup>287</sup> no início de 1947, que previa uma série de medidas com a finalidade de conter o avanço da URSS.<sup>288</sup> Apresentado em junho de 1947, o Plano Marshall foi a peça mais importante da Doutrina Truman, e apresentou a resposta americana à crise europeia. Originalmente foi proposto para todos os países europeus e, inclusive<sup>289</sup>, para a União Soviética.<sup>290</sup> Demétrio Magnoli pontua que a União Soviética, aparentemente depois de alguma hesitação, denunciou o Plano Marshall como uma tentativa americana de interferir na soberania soviética.<sup>291</sup>

O Plano Marshall consistia num amplo programa de ajuda financeira aos países da Europa ocidental, a ser desenvolvido durante o período de 1948 a 1952.<sup>292</sup> Visando outros objetivos estratégicos, como a contenção do comunismo, assim como concepções mais amplas a respeito do desenvolvimento econômico e político, ampliando essa “assistência” a outras regiões do mundo. Em contrapartida foi criada a Doutrina Jdanov<sup>293</sup>, um relatório que

---

<sup>285</sup> DEUTSCHER, Isaac. *Ironias da História: Ensaio sobre o comunismo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 72.

<sup>286</sup> MAGNOLI, Demétrio. *Relações internacionais: teoria e história*. São Paulo: Saraiva, 2011, p. 90.

<sup>287</sup> Doutrina Truman é o nome dado a uma política externa implantada durante o governo Truman e direcionada ao bloco de países capitalistas no período inicial da Guerra Fria. Tinha por objetivo impedir a expansão do socialismo, especialmente em nações capitalistas consideradas frágeis.

<sup>288</sup> MAGNOLI, 2011, p. 90.

<sup>289</sup> É pouco provável que os congressistas americanos tivessem aprovado o programa caso os soviéticos viessem a aderir (MAGNOLI, 2011, p. 95).

<sup>290</sup> MAGNOLI, 2011, p. 94-95.

<sup>291</sup> Os governos do Leste Europeu, alinhados com Moscou, foram pressionados para abandonar as negociações. No final das negociações, apenas a Iugoslávia de Tito, em processo de ruptura com os soviéticos, acabou aderindo (MAGNOLI, 2011, p. 95).

<sup>292</sup> O plano Marshall recebeu esse nome em homenagem a um de seus principais mentores, o general George Marshall.

<sup>293</sup> Os integrantes dos partidos comunistas aprovaram o relatório Jdanov, conhecido por doutrina Jdanov. Conforme FARIA, Ricardo de Moura; MIRANDA, Mônica Liz. *Da Guerra Fria à Nova Ordem Mundial*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17.

afirmava que o mundo estava dividido em dois campos opostos. Posteriormente os soviéticos criaram o Kominform<sup>294</sup>, destinado a coordenar a política dos partidos comunistas europeus.

Demétrio Magnoli<sup>295</sup> afirma que, efetivamente, a Guerra Fria assentou-se no equilíbrio do poder, contudo, esse equilíbrio funcionava como polos de um sistema entre Estados Unidos e União Soviética. O alicerce desse cenário teve sua origem na criação da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), em 1949, impulsionado pelas tensões desencadeadas pela crise berlinense, adensaram o conteúdo militar e a criação da Otan. Demétrio Magnoli argumenta que:

A Otan nasceu como resposta americana para as dificuldades postas pelo cenário estratégico europeu. Essencialmente, a aliança militar ocidental representou a solução para o dilema da dissuasão nuclear. No imediato pós-guerra, enquanto os Estados Unidos desmobilizavam suas forças engajadas na Europa, a União Soviética conversou e ampliou uma aplastante superioridade convencional no cenário europeu. Durante a crise berlinense, apenas o arsenal nuclear americano aparecia como séria dissuasão militar para alternativa da pura e simples ocupação de Berlim Ocidental pelas forças Soviéticas.<sup>296</sup>

Em resposta à superioridade dos Estados Unidos, “a primeira bomba atômica soviética foi testada apenas em julho de 1949, após o encerramento do Bloqueio de Berlim.”<sup>297</sup> No entanto, a superioridade atômica dos Estados Unidos não foi sequer igualada, muito menos superada em seu arsenal, que contava com 299 armas nucleares ao final de 1950, 438 ao final de 1951 e 841 ao final de 1952, enquanto a União Soviética contava com 50 armas nucleares.<sup>298</sup>

Faz-se necessário adotarmos como um dos referências desta pesquisa a obra *Origens da Guerra Fria*, de Joseph P. Morray, para compreendermos como esse conflito atingiu proporções internacionais. A obra abrange conferências, textos e documentos oficiais, resultando numa minuciosa análise dos principais debates e embates entre Estados Unidos e União Soviética, confronto que resultou nos 16 anos de desacordos da Guerra Fria.

Para Joseph Morray, a Guerra Fria pode ser definida pela produção de armamentos. Nesse sentido, ele acrescenta que

---

<sup>294</sup> (Comitê ou Agência de Informação dos Partidos Comunistas e Operários), que seria constituído pelos partidos comunistas do Leste europeu, além dos partidos italiano e francês. Conforme BIAGI, Orivaldo Leme. *O Imaginário da Guerra Fria*. Revista de História Regional 6(1):61-111, Verão 2000.

<sup>295</sup> MAGNOLI, 2011, p. 89.

<sup>296</sup> MAGNOLI, 2011, p. 102-103.

<sup>297</sup> MAGNOLI, 2011, p. 103.

<sup>298</sup> MAGNOLI, 2011, p. 103.

Na guerra fria, as palavras adquiriram uma importância sem precedentes como armas. [...] Uma das razões é o caráter das armas em poder dos militares que, em segundo plano, esperam o fim das palavras. A guerra quente perdeu seu atrativo. Entre as modificações revolucionárias provocadas pelas armas nucleares está o forte freio da repressão que impôs a todos os governos. Nunca os estadistas se atemorizaram tanto ante as perspectivas de guerra, porque nunca tiveram para isso razões tão fortes.<sup>299</sup>

Nessa perspectiva, trataremos de analisar as opiniões publicadas por Drew Pearson, com base nos dados dos gráficos apresentados no capítulo 1, nos subtemas Comunismo e União Soviética. Salientamos que esses subtemas estão interligados nos artigos, sendo difícil dissociá-los entre si.

É pertinente observar que não podemos julgar ou questionar as informações expostas nos artigos de Drew Pearson sobre o contexto da Guerra Fria, pois o mesmo escreveu no calor do momento, junto ao desenrolar dos acontecimentos. A historiografia posterior nos indica o que de fato se realizou, os acertos ou os equívocos das interpretações do jornalista, os desdobramentos que ocorreram após esse conflito. Neste sentido, esclarecemos que a historiografia é utilizada nesse trabalho com a finalidade de situar o contexto histórico e não com o intuito de julgar ou confrontar o discurso de Drew Pearson.

### 3.1 URSS – Um inimigo em real

Como expusemos anteriormente, a URSS esteve presente em 54% dos artigos, nas suas diversas dimensões, política, econômica, tecnológica, cultural e social. Estando associada ao comunismo em 114 dos 355 artigos catalogados.

Os artigos trazem que tanto os Estados Unidos quanto a União Soviética estão competindo pela soberania e para que o capitalismo prevaleça sobre o comunismo ou vice-versa. Ambos os competidores trataram de envolver no conflito os demais países, de forma direta ou indireta.

A partir dos anos 1950 os Estados Unidos e a União Soviética alcançaram um desenvolvimento nuclear de tal ordem que suas relações passaram a ser condicionadas pela dissuasão recíproca.<sup>300</sup> Observando os principais tópicos dos artigos de década 1950 da

---

<sup>299</sup> MORRAY, Joseph. P. *Origens da Guerra Fria: De Yalta ao Desarmamento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1961, p. 12.

<sup>300</sup> PEREIRA, 1984, p. 46.

coluna, torna-se nítido o pânico que se instalou com perigo de guerra com a URSS. Em *Moscou se prepara para a guerra*<sup>301</sup>, de 25 de março de 1950, o jornalista relata:

Talvez a informação mais grave dada aos parlamentares americanos desde a vitória sobre o Japão tenha sido a comunicação feita recentemente numa reunião secreta realizada no Pentágono. **Essa informação dizia em substância que a Rússia parecia estar preparando-se para uma guerra de agressão imediata.**<sup>302</sup>

Os argumentos de Drew Pearson ao longo do artigo aludem ao fato de os Estados Unidos estarem investindo pouco numa guerra que a cada dia se tornava mais próxima. Ao mesmo tempo, alertava que os investimentos que a União Soviética estava destinando para seus arsenais de guerra eram muito superiores aos dos norte-americanos, salientando as cifras e a quantidade de aviões e submarinos que estavam sendo construídos. O ponto de vista exposto por Drew Pearson consiste na apresentação dos fatos, no relato, comentário e na provocação de um confronto de ideias. A partir disso é possível perceber que o universo da informação midiática é efetivamente um universo construído.<sup>303</sup>

Para Charaudeau,

Não é, o que se diz às vezes, o reflexo do que acontece no espaço público, mas sim o resultado de uma construção. O acontecimento não é jamais transmitido em seu estado bruto, pois, antes de ser transmitido, ele se torna objeto de racionalizações: pelos critérios de seleção dos fatos e dos atores, pela maneira de encará-los em categorias de entendimento, pelos modos de visibilidade escolhidos. Assim, a instância midiática impõe ao cidadão uma visão de mundo previamente articulada, sendo tal visão é apresentada como se fosse a visão natural do mundo.<sup>304</sup>

Na visão de Drew Pearson, a URSS deveria ser considerada como um perigo iminente, resultando assim na construção de um inimigo. Por meio de seus critérios de seleção, destacava os acontecimentos que corroboravam para tal constatação.

Outro artigo que confirma que existia uma relação de estreita intimidade entre Drew Pearson e os membros do governo norte-americano é o de 1º de abril 1950, *Carta aberta a Dean Acheson*<sup>305</sup>. A carta mencionada no título do artigo foi endereçada para o Secretário de Defesa dos Estados Unidos, para comunicar-lhe e informar-lhe dos temores e angústias que a

<sup>301</sup> PEARSON, Drew. Moscou se prepara para a guerra. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 25 mar. 1950. Carrossel do Mundo p. 70.

<sup>302</sup> PEARSON, Drew. Moscou se prepara para a guerra. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 25 mar. 1950. Carrossel do Mundo p. 70 (grifo nosso).

<sup>303</sup> CHARAUDEAU, 2006, p. 151.

<sup>304</sup> CHARAUDEAU, 2006, p. 151.

<sup>305</sup> PEARSON, Drew. Carta aberta a Dean Acheson. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 1º de abr. 1950. Carrossel do Mundo, p. 78.

população estava vivendo pelas especulações de guerra contra a URSS. O jornalista dizia-se apreensivo com a situação que seu país estava atravessando e, diante disso, resolveu escrever ao senhor Dean Acheson<sup>306</sup>, com quem mantinha uma relação de amizade de longa data.

Drew Pearson explana na carta que

A maior parte das pessoas não acreditava em você naquela ocasião, pois todo mundo estava ansioso para chegar a um entendimento com a Rússia. Mas você é que tinha razão. A Rússia vai pelos caminhos do mundo empurrando todas as portas. Se não pode entrar em Berlim em virtude do insucesso Bloqueio, dirige-se para a China. Em seguida, experimenta as portas da Birmânia, da Indochina e das Filipinas. Posso, portanto, compreender e concordar inteiramente com a sua recente declaração de que a única coisa que a Rússia compreende é a força. **Nestes dias de guerra fria psicológica, em que as tergiversações de Moscou podem causar tanto dano, é da maior importância que não nos coloquemos nessa situação.**<sup>307</sup>

O trecho mencionado acima é o ponto central da carta, pois o colunista esclarece aos seus leitores quais os motivos que deixaram a população inquieta e apreensiva. Dizia respeito à declaração do Secretário de Defesa de que “para conter a URSS seria necessário o uso de força”, Drew Pearson argumenta que Dean Acheson deveria ter cautela na hora de tomar decisões, pois estas poderiam mudar o curso da história.

No artigo de 8 de abril de 1950, *Carta-aberta ao presidente Truman*<sup>308</sup>, Drew Pearson inicialmente descreve a sua relação com o presidente dos Estados Unidos, Harry S. Truman, e explana que por inúmeras vezes não concordou com as atitudes e com o posicionamento que o presidente assumia em determinadas ocasiões. Concordava, porém, que a última decisão tomada pelo presidente era de seu agrado. A tal decisão referia-se à necessidade de paz para a nação norte-americana. O relato da carta refere-se à missão feita pela Legião Americana, ao final de 1949, que enviou brinquedos para os países que estavam atrás da Cortina de Ferro. Iniciativa esta que Drew Pearson solicitava ao presidente Truman para que tomasse, no intuito de minimizar os efeitos de uma possível guerra, como salienta no último trecho da carta:

**Pode ser que esse seja o meio de penetrar na Cortina de Ferro e de fazer amizade com o povo russo, assegurando assim uma paz permanente.** Não sei. O

<sup>306</sup>Dean Acheson (1893-1971) foi secretário de Estado dos EUA (1949-1953) e conselheiro de quatro presidentes, tornando-se o principal criador de US política externa na Guerra Fria. Após 1945, ele se tornou um convicto anticomunista, uma posição que exercia influência dominante sobre sua conduta posterior da política externa. Acreditando que a União Soviética procurou expansão no Oriente Médio, ele formou o que veio a ser conhecido como a Doutrina Truman (1947). Acheson apresentou as linhas gerais do que se tornou conhecido como o Plano Marshall. Encyclopedia Britannica – Escola e Biblioteca. Disponível em: <<http://www.britannica.com/biography/Dean-Acheson>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

<sup>307</sup>PEARSON, Drew. Carta aberta a Dean Acheson. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 1º de abr. 1950. Carrossel do Mundo, p. 78 (grifo nosso).

<sup>308</sup>PEARSON, Drew. Carta-aberta ao presidente Truman. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 8 de abr. 1950. Carrossel do Mundo, p. 66.

que sei é que grande reserva de boa-vontade que existe no povo dos Estados Unidos necessita de mais informações e mais orientação. Todos voltam os olhos para V. Excia. Respeitosamente e sinceramente Drew Pearson.<sup>309</sup>

Isaac Deutscher pontua que a URSS obteve um significativo avanço, desde o início da década de 1950, expressivas mudanças ocorreram na balança mundial de poder. Obtendo um crescente potencial econômico e militar, com triunfos no espaço exterior, Sputnik em 1957, mísseis e bombas de muitos megatons, contribuíram para o equilíbrio de meios que constituem a base da coexistência pacífica. As estruturas da vigorosa economia capitalista contrabalançaram o crescimento do poder soviético.<sup>310</sup>

No artigo de 24 de junho de 1950, *Cresce o poderio naval soviético*<sup>311</sup>, o jornalista salienta que os ataques-surpresa atômicos poderiam ocorrer através de aviões soviéticos. Afirmava que a Inglaterra seria a sede de bases atômicas para possíveis ataques a Moscou. Defendia a intensificação e o monitoramento de voos soviéticos, e assegurava que o Báltico era uma zona secreta soviética.

Em outro artigo, de 16 de setembro de 1950, *Cem milhões de dólares para Franco*<sup>312</sup>, Pearson mencionava que os exércitos dos Estados Unidos e do Canadá montaram bases meteorológicas no Polo Norte para vigiar os aviões soviéticos. Os Estados Unidos decidiram reconstruir a esquadra francesa para combater a ameaça submarina russa.

No último subtítulo do artigo, “Em perigo a defesa do Ocidente”<sup>313</sup>, consta que o então primeiro ministro francês Antoine Pinay (no período de 1952-1953) estava organizando uma visita aos Estados Unidos para realizar uma conferência com o general Eisenhower e com o presidente Truman. Nessa ocasião seria discutida a defesa ocidental, pois um comunicado secreto definia a necessidade do primeiro ministro conferenciar com os Estados Unidos. Drew Pearson descreve quais seriam os principais pontos desse comunicado secreto:

Os franceses ainda estão muito aborrecidos com os Estados Unidos por haverem eles discutido na ONU as pretensões árabes relativas à independência do norte da África. Chegaram a ameaçar de abandonar a aliança Atlântica se não os apoiássemos contra os árabes. Os franceses são de opinião que estão sofrendo uma sangria tremenda na Indochina e estão dispostas a largar o problema nas nossas mãos do mesmo modo

<sup>309</sup> PEARSON, Drew. Carta-aberta ao presidente Truman. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 8 abr. 1950. Carrossel do Mundo, p. 66 (grifo nosso).

<sup>310</sup> DEUTSCHER, 1968, p. 162.

<sup>311</sup> PEARSON, Drew. Cresce o poderio naval soviético. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 24 jun. 1950. Carrossel do Mundo p. 82.

<sup>312</sup> PEARSON, Drew Cem milhões de dólares para Franco. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 16 set. 1950. Carrossel do Mundo, p. 72.

<sup>313</sup> PEARSON, Drew Cem milhões de dólares para Franco. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 16 set. 1950. Carrossel do Mundo, p. 72.

que os ingleses largaram o da Grécia. [...] **Informa-se que um grande exército comunista se encontra preparado na fronteira da Indochina. Se a paz na Coréia for concluída, haverá mais tropas e mais material de guerra para sustentar a "a revolta" comunista contra os franceses.**<sup>314</sup>

De acordo com o comunicado secreto que o General Eisenhower enviou ao Presidente Truman, ao qual o jornalista teve acesso, refere-se às relações entre os Estados Unidos e a França, assegurando que há necessidade imediata de diálogo, pois as relações entre os dois países dão sinais de estarem ruindo. Dessa forma, cabe salientar as colocações feitas pelo autor Eric Hobsbawm sobre as articulações político-econômicas realizadas pelos Estados Unidos para alcançar seus objetivos. Para autor, “os Estados Unidos eram incapazes de impor seus planos político-econômicos aos europeus, mas eram suficientes fortes para dominar seu comportamento internacional”.<sup>315</sup>

Pearson finaliza o artigo afirmando que os responsáveis pela instabilidade das alianças são os comunistas, e que isto está contaminando toda a Europa:

Talvez o pior de tudo seja o Sentimento anti-americano cada vez maior e o isolacionismo, também cada vez maior, dos franceses. A França esquiva-se de colaborar no projeto do exército europeu. **A estratégia do Kremlin é “dividir para vencer” e não haverá necessidade de medidas sobre-humanas por parte de um líder que inspire confiança para unir-nos de novo estreitamente aos nossos aliados.**<sup>316</sup>

A URSS estava frequentemente representada como um elemento de discórdia, todos os seus movimentos eram calculados para afetar as alianças e afastar os países aliados dos Estados Unidos. E a França estava representada como um aliado instável, pois se utilizava do comunismo para adquirir empréstimos.

No artigo de 20 de janeiro de 1951, intitulado *Ao invés de rublos, armas e munições*<sup>317</sup>, temos uma peculiaridade já mencionada anteriormente. Todos os artigos têm um atraso de, em média, 21 dias entre o recebimento e sua publicação. Isso pode ser comprovado nesse artigo, datado de 20 de janeiro, que, em seu início, menciona o mês de dezembro passado.

<sup>314</sup> PEARSON, Drew Cem milhões de dólares para Franco. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 16 set. 1950. Carrossel do Mundo, p. 72 (grifo nosso).

<sup>315</sup> HOBBSAWM, 1995, p. 238.

<sup>316</sup> PEARSON, Drew. Cem milhões de dólares para Franco. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 16 set.1950. Carrossel do Mundo, p. 72 (grifo nosso).

<sup>317</sup> PEARSON, Drew. Ao invés de rublos, armas e munições. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 20 jan. 1951. Carrossel do Mundo, p. 58.

Neste artigo, a URSS estava representada com uma nação que nada fazia pelo bem da humanidade, como podemos observar nesse trecho:

**Ainda que a Rússia trate de fazer todo o barulho possível, a verdade é que muito pouco tem realizado em benefício do mundo, do ponto de vista social e econômico.** Eis algumas cifras que falam com mais força do que toda propaganda soviética:

Organização Internacional de Socorros - Os Estados Unidos contribuíram com 237 milhões de dólares. A Rússia nada deu. Fundo Internacional de Emergência para socorro de crianças: os Estados Unidos deram 74 milhões e a Rússia, nada.

Fundo Internacional para o desenvolvimento das regiões atrasadas – Os estados Unidos já deram 635 milhões de dólares e ofereceram mais de 3 bilhões. A Rússia deu sua adesão, mas até agora não concorreu com um só rublo. Organização para auxiliar os refugiados judeus - Os Estados Unidos deram 30 milhões de dólares e a Rússia, nada.

A União Soviética não pagou as suas quotas na Organização Mundial de Salubridade e saqueou mais do que reabilitou os países ocupados pelas suas tropas. Em contraste com essa atitude, os Estados Unidos não pagaram as suas quotas, como ainda emprestaram a outras nações para fins de reabilitação, 28 bilhões de dólares.<sup>318</sup>

Por fim, Drew Pearson ainda complementa que a URSS investia somente em munição e armamentos. Estes estavam sendo enviados para Coreia do Norte e China, para que esses países pudessem entrar em conflito com os Estados Unidos. Como se pode verificar no trecho a seguir:

**Na realidade, a única contribuição da Rússia é a constituída por armas e munições para os países satélites,** tais como a Coreia do Norte e a China, para que lutem com as Nações Unidas, das quais faz parte a União Soviética...<sup>319</sup>

No discurso de Drew Pearson, a URSS se configura como um inimigo em potencial, considerada uma potência de primeira classe<sup>320</sup> que deve ser contida, pois estava colocando em risco as alianças e instigando novos conflitos.

Isaac Deutscher afirma que a URSS tratou de se militarizar depois das iniciativas norte-americana, pontuando que

Somente um ano depois da proclamação da Doutrina Truman, foi que Stalin decidiu reiniciar a mobilização; depois, no curso de três ou quatro anos, após a OTAN ter

<sup>318</sup> PEARSON, Drew. Ao invés de rublos, armas e munições. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 20 jan. 1951. Carrossel do Mundo, p. 58 (grifo nosso).

<sup>319</sup> PEARSON, Drew. Ao invés de rublos, armas e munições. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 20 jan. 1951. Carrossel do Mundo, p. 58 (grifo nosso).

<sup>320</sup> Drew Pearson estava convencido de que “o maior milagre dos tempos modernos é constituído pela transformação da Rússia, de um país subdesenvolvido, ainda na fase do carro de bois, na potência que é atualmente. [...] Somos da opinião que o norte-americano que se aventure a declarar que o reconhecimento da Rússia como potência de primeira-classe”. PEARSON, Drew; ANDERSON, Jack, 1959, p. IX.

vido formada e iniciado o rearmamento da Alemanha. Ele elevou o número de seus homens em armas para 5 milhões. Mais de uma vez na história, potências de vulto formaram alianças e até mesmo encetaram hostilidades com o auxílio de falsos temores, mas nunca antes haviam estadistas responsáveis levantado um temor tão gigantesco e irreal como foi o alarme sobre o desígnio russo de conquista e dominação mundiais, alarme em meio ao qual surgiu a Aliança do Atlântico Norte.<sup>321</sup>

Para o autor, o que desencadeou uma reação da URSS, ou melhor, de Stalin, foi a proclamação da Doutrina Truman, que ainda estava agindo de forma lenta e prudentemente, a fim de evitar ofender seus aliados do tempo da guerra.<sup>322</sup>

A URSS estava inserida num contexto precário nas primeiras fases da Guerra Fria, mas tanto Harry Truman como Winston Churchill, em seus discursos, proferiam que não tardaria para os soviéticos se voltarem contra o mundo capitalista. Isaac Deutscher descreve a fala de Winston Churchill, em seu famoso discurso de Pulton, em março de 1946:

[...] a Rússia Soviética e sua organização internacional comunista pretende fazer no futuro ou quais são os limites, se é que os há, para as suas tendências expansivas e proselitivas. Falou do crescente desafio e perigo soviéticos à civilização, da idade de trevas que poderia retornar e exclamou: “Acautelai-vos, eu digo, porque o tempo pode ser curto” Não nos deixeis tomar o rumo de permitir que os acontecimentos nos conduzam até que seja tarde demais”.<sup>323</sup>

As previsões de Winston Churchill e Harry Truman sobre as energias potenciais da URSS se confirmaram. Deutscher coloca que logo os soviéticos conseguiram desintegrar o átomo, porém existiam especulações de que seriam incapazes de armazenar um estoque substancial de bombas atômicas. Também, especulava-se que pudessem deter um grande número de bombas atômicas, mas que não seriam capazes de fabricar bombas-H. E, quando isso provou estar errado e os peritos sustentaram que os soviéticos possuíam as ogivas nucleares, a especulação passou a girar em torno que eles não tinham e nem teriam poder de atingir o continente americano.<sup>324</sup>

A preocupação com o desenvolvimento atômico da URSS refletiu-se no artigo de 3 de março de 1951, intitulado *Projeteis de artilharia atômica*.<sup>325</sup> Nele, Pearson destaca que os Estados Unidos começavam a dar sinais de que estavam se mobilizando para combater a União Soviética, e que estavam sendo realizadas importantes discussões no Pentágono:

<sup>321</sup> DEUTSCHER, 1968, p. 180.

<sup>322</sup> DEUTSCHER, 1968, p. 181.

<sup>323</sup> DEUTSCHER, 1968, p. 179.

<sup>324</sup> DEUTSCHER, 1968, p. 187.

<sup>325</sup> PEARSON, Drew. Projeteis de artilharia atômica. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 3 mar. 1951. Carrossel do Mundo, p. 70.

Trava-se no momento, no Pentágono importante discussão, de cujo resultado dependerá a organização de um grande exército norte-americano, especialmente com o recrutamento de casados e jovens de dezoito anos.

O debate se centraliza em torno da questão de saber se é melhor para ganhar uma guerra ter um grande exército terrestre ou uma poderosa esquadra aeronaval.

Os velhos militares, encabeçados pelo general Lawton Collins, chefe do Estado-Maior Combinado, do Exército, são favoráveis à organização de um grande exército terrestre, sustentando que a vitória final sempre se obtém nas batalhas terrestres.

**Por outro lado, a Força Aérea afirma que os Estados Unidos não poderão nunca superar, nem ao menos igualar, as hordas russas e asiáticas e que a única probabilidade de vitória é a que assegurem os aviões e as armas superiores.**

Dizem eles que a Rússia não poderia ser vencida em terra, porque as suas reservas humanas são ilimitadas, e os russos não dão praticamente valor algum à vida dos seus soldados.<sup>326</sup>

A discussão presente nesse artigo centrava-se na articulação de uma resistência a uma possível guerra contra a URSS. O discurso de Drew Pearson alimentava a ideia de que o exército russo era muito poderoso, e de que os Estados Unidos estavam subestimando seu inimigo. Como se pode observar:

Stuart Syminton [chefe da Junta de Recursos para a Segurança Nacional], é o chefe do movimento para concentrar a defesa na aviação e nas armas táticas. **O principal adversário desse ponto de vista é o General Marshall, ex-oficial de infantaria, que afirma que é indispensável e melhor criar um grande exército de terra.**<sup>327</sup>

Acrescentando, ainda, que existiam possibilidades de conter o poderio soviético, pois as armas ainda estavam sendo testadas, para o jornalista, o importante era que os Estados Unidos não ficassem aguardando um ataque surpresa:

O Presidente Truman tem estado de acordo Marshall. Mas é possível que o resultado das experiências atômicas que se estão realizando em Nevada ajudem a resolver a questão. Sabe-se que uma das armas mais importantes que ali se estão testando são os projeteis de artilharias atômicas, segundo anunciou o general Collins. **Se essas novas armas forem satisfatórias, a famosa artilharia do exército vermelho ficará inutilizada da noite para o dia e os exércitos de terra não serão mais necessários.**<sup>328</sup>

<sup>326</sup> PEARSON, Drew. Projeteis de artilharia atômica. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 3 mar. 1951. Carrossel do Mundo, p. 70 (grifo nosso).

<sup>327</sup> PEARSON, Drew. Projeteis de artilharia atômica. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 3 mar. 1951. Carrossel do Mundo, p. 70 (grifo nosso).

<sup>328</sup> PEARSON, Drew. Projeteis de artilharia atômica. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 3 mar. 1951. Carrossel do Mundo, p. 70 (grifo nosso).

Em outro artigo de 16 de maio de 1953, intitulado *A ofensiva de Paz da Rússia*<sup>329</sup>, Pearson se refere aos partidos comunistas que estão se espalhando pelo mundo e alude à importância da amizade entre Estados Unidos e URSS, afirmando que os mais interessados nessa paz eram os russos:

**Os diplomatas norte-americanos se mostram surpresos com a mais interessante iniciativa política da Rússia desde a vitória aliada na Europa. Trata-se da atual atitude amistosa do Kremlin para com os Estados Unidos. Considerados separadamente, talvez os gestos soviéticos não tivessem grande importância. Mas examinados em conjunto não deixam de impressionar.** Os diplomatas julgam tratar-se de uma tentativa de fazer os Estados Unidos afrouxarem a sua vigilância, mas os fatos são tão significativos que não é possível deixar de tomar conhecimento deles.

[...] os diplomatas americanos não sabem em que consiste a estratégia russa nesse caso. Talvez seja um novo truque russo e talvez seja uma atitude sincera, ainda que disse duvide quase todos.<sup>330</sup>

Observando o artigo do dia 13 de setembro de 1952, intitulado *Os russos estão à espera da sucessão de Truman*<sup>331</sup>, é possível perceber que neste o jornalista declara que os soviéticos estão se infiltrando nos Estados Unidos no período eleitoral, quando a população está mais suscetível a ser manipulada. Com o subtítulo “A bomba de hidrogênio”, o artigo relata que

Quando a Casa Branca resolveu, há cerca de dezoito meses, **empreender a produção da bomba de hidrogênio, julgou-se que o projeto era ainda muito incerto.** Os cientistas acreditavam que sabiam fabricar a bomba, mas não tinham certeza. Não podiam assegurar o êxito dos seus esforços. Entretanto, agora, pode revelar-se que os seus trabalhos se acham tão adiantados que se pode dizer que o êxito é certo. **Os cientistas já sabem que é possível fazer explodir a bomba de hidrogênio.** [...] O que os preocupa é a possibilidade de que a bomba não estoure. [...] Entretanto, o que os preocupa igualmente é o rápido progresso que se diz ter sido feito pelos russos no que diz respeito a diversos tipos de armas atômicas.<sup>332</sup>

Drew Pearson finaliza o artigo afirmando que um dos motivos para o presidente Truman ter preparado um orçamento adicional de 5 milhões de dólares para a Comissão de Energia Atômica estava relacionado ao progresso dos soviéticos na área. Percebemos que o

<sup>329</sup> PEARSON, Drew. A ofensiva de Paz da Rússia. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 16 mai. 1953. Carrossel do Mundo, p. 86.

<sup>330</sup> PEARSON, Drew. A ofensiva de Paz da Rússia. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 16 mai. 1953. Carrossel do Mundo, p. 86 (grifo nosso).

<sup>331</sup> PEARSON, Drew. Os russos estão à espera da sucessão de Truman. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 16 dez. 1952. Carrossel do Mundo, p. 110.

<sup>332</sup> PEARSON, Drew. Os russos estão à espera da sucessão de Truman. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 16 dez. 1952. Carrossel do Mundo p. 110 (grifo nosso).

discurso de Pearson avalia positivamente a condução da política externa adotada pelo presidente Truman.

Em 6 de dezembro de 1952, no artigo *Os russos estão se armando até os dentes*<sup>333</sup>, o jornalista descreve que

**O serviço de informação militar da Inglaterra advertiu os Estados Unidos de que o último plano quinquenal russo demonstra que, mais uma vez o Pentágono subestimou a capacidade de produção de material bélico da Rússia.** Um estudo realizado pelos ingleses revela que os russos produzirão entre 15 e 20% mais canhões, tanques e aviões do que os peritos americanos julgam possível. Os ingleses advertiram também os Estados Unidos de que é conveniente mudar de ideia quanto à capacidade de produção soviética antes que seja tarde demais.<sup>334</sup>

Podemos perceber que Drew Pearson destaca que a URSS é superior aos Estados Unidos e, através do serviço de espionagem inglês, que o Pentágono continua a subestimar os soviéticos. Ele alerta para a produção em larga escala de armamentos soviéticos e para a necessidade urgente de que os Estados Unidos tomem as devidas precauções.

Nessa perspectiva, entendemos que todo jornalista, no caso, Drew Pearson, interpreta e analisa o acontecimento “em função da sua própria experiência, de sua própria racionalidade, de sua própria cultura, tudo isso combinado com técnicas próprias a seu ofício.”<sup>335</sup> Para Charaudeau, “o jornalista [é aquele] que está na origem da informação.”<sup>336</sup> O pesquisador acrescenta, ainda, que o jornalista “não está na posição de relator, que tem de expor as conclusões de um estudo diante de uma comissão, nem na de um especialista que deva apresentar os resultados de uma perícia ou estudo científico.”<sup>337</sup>, mas sim, que ele detém “uma posição de testemunha esclarecida, o que aumenta sua responsabilidade em relatar fielmente o acontecimento”<sup>338</sup> que constrói em seu próprio discurso.

Como podemos observar no artigo *A explosão da bomba de hidrogênio*<sup>339</sup>, de 27 de dezembro de 1952, Pearson relata que estava sendo divulgado com grande entusiasmo a notícia da explosão da primeira bomba de hidrogênio pelos Estados Unidos. Que o empreendimento fora um sucesso, mas as bombas seriam fabricadas em número limitado. O

<sup>333</sup> PEARSON, Drew. Os russos estão se armando até os dentes. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 6 dez.1952. Carrossel do Mundo, p. 52

<sup>334</sup> PEARSON, Drew. Os russos estão se armando até os dentes. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 6 dez. 1952. Carrossel do Mundo, p. 52 (grifo nosso).

<sup>335</sup> CHARAUDEAU, 2006, p. 156.

<sup>336</sup> CHARAUDEAU, 2006, p. 241.

<sup>337</sup> CHARAUDEAU, 2006, p. 157.

<sup>338</sup> CHARAUDEAU, 2006, p. 157.

<sup>339</sup> PEARSON, Drew. A explosão da bomba de hidrogênio. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 27 dez. 1952. Carrossel do Mundo, p. 30.

que mais anima os cientistas, dizia o jornalista, seria o fato de que se os soviéticos houvessem anunciado antes dos americanos que haviam aperfeiçoado a bomba de hidrogênio, o mundo livre, especialmente a Europa Ocidental, seria dominado pelo pânico. Ao longo do artigo, ele salienta que os cientistas não sabiam precisar os efeitos e as proporções que poderiam atingir as bombas de hidrogênio, que seriam utilizadas para destruir centros industriais soviéticos. A preocupação dos cientistas perpassava pela incerteza de quanto a Terra poderia suportar, e qual seria a quantidade exata necessária para uma total destruição.<sup>340</sup>

Para Drew Pearson, todo o poder bélico produzido pelos Estados Unidos deveria ser usado contra o avanço da URSS, considerando-a um perigo eminente, que precisava ser contido. Como podemos acompanhar no artigo *Bomba atômica Russa*<sup>341</sup>, de 1º de agosto de 1953, Drew Pearson salienta que

**o General Hoyt S. Vandenberg quem fez a primeira insinuação sobre o que até agora tem constituído um segredo oficial: o aumento do número de bombas atômicas em poder da Rússia.** A comissão de energia atômica informa à Casa Branca que os russos pretendem fazer explodir novas bombas atômicas no verão deste ano. Já se passaram 3 anos desde que a Rússia fez as suas primeiras experiências atômicas e o estranho silêncio posterior tem intrigado os peritos. Entretanto, a Casa Branca foi informada de que os russos se veem abstendo de efetuar experiências suficientemente grandes para serem registradas pelos nossos contadores Geiger.<sup>342</sup>

Acrescentando, ainda, no subtítulo seguinte, “A outra bomba russa”, que

Um diplomata russo alarmou recentemente o pessoal do ministério do exterior da França, quando ali entrou com uma bomba debaixo do braço.

**Tratava-se do primeiro-secretário da embaixada russa, Nicolai Korugin, que apresentou a bomba a Guy de la Tournelle, do ministério do exterior, o qual ficou quase petrificado. O russo explicou asperamente que havia encontrado a bomba no peitoral de uma janela da embaixada russa e que, ao invés de dirigir uma nota de protesto às autoridades, o embaixador havia resolvido enviar a bomba ao ministério do exterior como sinal de que a polícia francesa devia dar mais proteção aos russos designados para Paris.**

E havendo pronunciado o seu pequeno discurso, o diplomata russo saiu do gabinete, deixando o atônito diplomata francês com a bomba na mão.<sup>343</sup>

<sup>340</sup> PEARSON, Drew. A explosão da bomba de hidrogênio. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 27 dez. 1952. Carrossel do Mundo, p. 30.

<sup>341</sup> PEARSON, Drew. Bomba atômica Russa. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 1 ago. 1953. Carrossel do Mundo, p. 16.

<sup>342</sup> PEARSON, Drew. Bomba atômica Russa. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 1º ago. 1953. Carrossel do Mundo, p. 16 (grifo nosso).

<sup>343</sup> PEARSON, Drew. Bomba atômica Russa. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 1º ago. 1953. Carrossel do Mundo, p. 16 (grifo nosso).

A partir da ideia de que URSS estava acumulando estoques de bombas atômicas com muita rapidez, os peritos norte-americanos calculavam que haveria bombas suficientes para que eles se engajassem numa guerra em 1956. Para Drew Pearson, a URSS não tardaria em atacar as regiões aliadas ao capitalismo.

Em outro artigo, *A bomba russa é superior à Americana*<sup>344</sup>, do dia 21 de novembro de 1953, o colunista relata que

**Esta notícia não é agradável, mas é melhor que o público tome conhecimento mais tarde.** Esta notícia pouco agradável é que os russos estão agora com vantagem sobre os Estados Unidos, pelo menos numa fase da investigação da bomba de hidrogênio. Os cientistas americanos, dedicados aos estudos atômicos, chegaram a essa conclusão depois de analisar as amostras de ar recolhidas da explosão da bomba de hidrogênio russa. **O estado das experiências russas é importante, mas como os detalhes poderiam revelar segredos de um inimigo potencial,** a natureza do caso não será discutida nesta coluna.<sup>345</sup>

No decorrer do artigo, Pearson argumenta que o assunto bomba de hidrogênio era a pauta de todas as reuniões e conferências que estavam sendo realizadas na Casa Branca, primeiramente as preocupações com os testes realizados pelos soviéticos e depois com o avanço das experiências realizados pelos cientistas norte-americanos. Percebemos “que o interesse principal do discurso de Drew Pearson reside na sua força argumentativa”<sup>346</sup> para construir um inimigo, “assim a verdade não está no discurso, mas somente no efeito que produz”.<sup>347</sup>

*Dividir para vencer-o jogo dos russos*<sup>348</sup>, estava assim intitulado o artigo do dia 16 de janeiro de 1954, que descreve a Conferência das Bermudas, acontecida em 1953 e solicitada por Churchill, que desejava que as 4 grandes potências se encontrassem. A reunião teria tido o propósito de recompor as antigas alianças entre as potências. A análise de Drew Pearson sobre esse assunto:

Detalhes significativos da maneira pela qual os russos estão executando o seu jogo de “dividir para vencer”:

1 Moscou propôs um tratado de não agressão entre a França e a Rússia. O Kremlin acrescentou: “por que aderir ao Exército Europeu e tolerar o perigo alemão? Por

<sup>344</sup> PEARSON, Drew. *A bomba russa é superior à Americana*. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 21 nov. 1953. Carrossel do Mundo, p. 88.

<sup>345</sup> PEARSON, Drew. *A bomba russa é superior à Americana*. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 21 nov. 1953. Carrossel do Mundo, p. 88 (grifo nosso).

<sup>346</sup> CHARAUDEAU, 2006, p. 61.

<sup>347</sup> CHARAUDEAU, 2006, p. 63.

<sup>348</sup> PEARSON, Drew. *Dividir para vencer-o jogo dos russos*. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 16 jan. 1954. Carrossel do Mundo, p. 88.

que, antes não concluir um pacto de não-agressão com a Rússia, eliminando, assim o perigo de guerra?”

**A ideia teve calorosa acolhida em Paris, primeiro, porque o partido comunista francês é poderoso e segundo, porque o Exército Europeu se destina a impedir uma invasão do exército Vermelho.**

2 - O embaixador Bohlen informou ao Departamento de Estado que o Kremlin estava cortejando abertamente a Inglaterra. Há dias,

o Primeiro-Ministro Malenkov tomou a iniciativa sem precedentes de pedir ao Embaixador britânico que fosse imediatamente ao Kremlin.

Malenkov deu um prazo de apenas trinta minutos ao Embaixador William Hayter, que não teve tempo de telefonar para Londres pedindo instruções.

**Entretanto, no Kremlin, ambos tiveram uma conversa amistosa, na qual Malenkov desenvolveu toda a sua simpatia, havendo dito a Hayter que a Inglaterra poderia ocupar a posição de maior destaque no mundo se não se empenhasse em viver agarrada à República Americana.**<sup>349</sup>

A URSS está sempre representada como uma ameaça eminente, pois tenta persuadir todos aqueles que estão a sua volta. Outro ponto em destaque nesse trecho faz referência ao Partido Comunista Francês, mostrado por Pearson como o grande perigo de disseminação do comunismo.

Os artigos instigam que sejam tomadas medidas preventivas, ou que haja uma intervenção para frear o avanço do comunismo. Em *A bomba de hidrogênio inquieta Malenkov*<sup>350</sup>, de 1 de maio de 1954, Pearson aborda:

O Embaixador norte-americano em Moscou, Charles Bohlen, enviou à Conferência de Washington um telegrama muito importante no qual trata das repercussões políticas da explosão da gigantesca bomba de hidrogênio no Pacífico. Bohlen acredita que a força quase incrível da bomba experimentada recentemente foi talvez o motivo da declaração do “premier” Malenkov contra a guerra. **Foi a primeira vez em que o Kremlin reconheceu que uma guerra significaria a destruição de toda a civilização, inclusive a Rússia.** Parece que o Embaixador acredita que a Rússia sabia alguma coisa sobre os tremendos efeitos da experiência realizada no Pacífico antes de Malenkov proferir seu discurso. Os contadores Geiger da Rússia tiveram nove dias para registrar a radioatividade produzida pela explosão e devem ter estado em condições de medir a sua violência.<sup>351</sup>

Drew Pearson é categórico ao afirmar que uma guerra atômica somente poderia ocorrer se partisse da URSS. Foi realizado pelos Estados Unidos, em 1º de março de 1954, o primeiro teste da bomba de hidrogênio com combustível seco, “Castle Bravo”, uma das

<sup>349</sup> PEARSON, Drew. Dividir para vencer-o jogo dos russos. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 16 jan. 1954. Carrossel do Mundo, p. 88 (grifo nosso).

<sup>350</sup> PEARSON, Drew. A bomba de hidrogênio inquieta Malenkov. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 1 mai. 1954. Carrossel do Mundo, p. 96.

<sup>351</sup> PEARSON, Drew. A bomba de hidrogênio inquieta Malenkov. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 1 mai. 1954. Carrossel do Mundo, p. 96 (grifo nosso).

maiores bombas termonucleares já construídas, detonada no Atol de Bikini, no Pacífico.<sup>352</sup> E inferia que nada mais apropriado que Malenkov estivesse apreensivo.

Joseph Morray relata que, em março de 1954, os Estados Unidos experimentavam armas atômicas nas Ilhas Marshall, produzindo explosões que eram “inacreditáveis”, inferindo que

Essas bombas tinham capacidade destruidora várias centenas de vezes superior às usadas contra Hiroshima e Nagasáqui. Vinte três pescadores japoneses que navegavam em seu barco, o Dragão Afortunado, foram atingidos pela precipitação radioativa provocada pela explosão de 1º de março nas Ilhas Marshall. Isso levantou nova agitação na opinião mundial, particularmente na Ásia. As pessoas se preocupavam agora não só com a escala certa de destruição em caso de guerra, mas também com os perigos incertos provocados pelas provas continuadas de armas nucleares.<sup>353</sup>

Drew Pearson, ainda, refere que

**O Embaixador Bohlen apontou um dos descuidos mais graves do Governo de Eisenhower e do povo americano.** Mas a explosão da bomba de hidrogênio, juntamente com o discurso de Malenkov, **talvez forneça a oportunidade que os americanos há tanto tempo esperam, a oportunidade de exigir a supressão da Cortina de Ferro, a barreira à paz e ao entendimento erguida pelo Kremlin,** unicamente porque o comunismo tem medo do contato com o mundo exterior. Um Tratado com a Rússia para o controle da energia nuclear não será mais do que um pedaço de papel escrito, mas o entendimento com o povo russo pode ter como resultado a paz permanente.<sup>354</sup>

Quando os artigos mencionavam o presidente Eisenhower, Pearson tratava de criticá-lo de forma indireta, valendo-se dos comentários dos membros do governo americano e se colocando apenas como porta voz destes. O jornalista, pelo que foi possível constatar, considerava Eisenhower fraco e sem atitude contra o avanço do comunismo.

Marialva Barbosa salienta que o discurso é um produto, uma construção, carregado de significações:

Há que se considerar também que cada época está imersa num grau de consciência histórica que foi sendo construído pelos sujeitos que “vivem sua própria história”. Se ao construir um texto que lança um determinado olhar sobre o passado estamos

<sup>352</sup> Hiper Ciência. Disponível em: <<http://hypescience.com/testes-nucleares/>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

<sup>353</sup> MORRAY, 1961, p. 242.

<sup>354</sup> PEARSON, Drew. A bomba de hidrogênio inquieta Malenkov. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 1 mai. 1954. Carrossel do Mundo, p. 96 (grifo nosso).

tentando produzir conhecimento ou epistême, por outro lado não se pode esquecer que o que se constrói são sempre [representações].<sup>355</sup>

A autora complementa, ainda, que a tarefa da história não é, pois, recuperar o passado tal como ele se deu, mas interpretá-lo. Deve-se partir dos sinais que identificamos e compreender a mensagem produzida no passado dentro de suas próprias teias de significação.<sup>356</sup> Compreender as representações realizadas por Drew Pearson significa perceber como o jornalista vai construindo um inimigo que precisa ser combatido. Como podemos observar no artigo *Os foguetes atravessarão os oceanos*<sup>357</sup>, de 30 de outubro de 1954:

Como na próxima guerra os projetis dirigidos atravessarão o Atlântico e **como se sabe que a Rússia está muito adiantada no setor desses elementos de ataque, é estranhável que a Marinha dos Estados Unidos esteja com muitos meses de atraso na construção da plataforma para lançamento de foguetes em Dahlgreen, Vancouver.** As Forças navais americanas realizaram um trabalho extraordinário com o desenvolvimento dos projetis dirigidos, que são inúteis quando não se dispõe de uma plataforma para o seu lançamento. Essa plataforma deveria estar terminada, de acordo com o programa, a 23 de março deste ano [1954], para ser experimentado o último modelo de um foguete supersecreto.<sup>358</sup>

Percebemos novamente que o discurso de Drew Pearson representa a URSS como um inimigo em real, atribuindo-lhe superioridade e representando os Estados Unidos como desorganizados e falhos no combate.

Em *A superioridade aérea anima os comunistas*<sup>359</sup>, de 26 de março de 1955, Pearson aborda a questão da ilha de Formosa, que havia gerado inúmeras discussões no Congresso dos Estados Unidos. Dentre tantas opiniões, o jornalista salienta a de Alexander P. Seversky<sup>360</sup>:

<sup>355</sup> BARBOSA, 2010, p. 13.

<sup>356</sup> BARBOSA, 2010, p. 13.

<sup>357</sup> PEARSON, Drew. Os foguetes atravessarão os oceanos. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 30 out. 1954. Carrossel do Mundo, p. 14.

<sup>358</sup> PEARSON, Drew. Os foguetes atravessarão os oceanos. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 30 out. 1954. Carrossel do Mundo, p. 14 (grifo nosso).

<sup>359</sup> PEARSON, Drew. A superioridade aérea anima os comunistas. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 26 mar. 1955. Carrossel do Mundo, p. 40.

<sup>360</sup> Formado em engenharia aeronáutica, o russo Alexander P. Seversky (1894-1974) foi tenente da Marinha Imperial da Rússia em 1915. Em 1917 foi para os EUA, oferecendo seus serviços para o Departamento de Guerra, fazendo contribuições relevantes para a sua produção do britânico projetado SE-5 lutador e servindo como piloto de testes. A eclosão da 2ª Guerra Mundial encontrou nosso arsenal ar lamentavelmente negligenciado. Para trazer a magnitude deste problema à atenção do público. O presidente Truman concedeu-lhe a Medalha de Mérito. Até então, ele havia se tornado mundialmente conhecido como um especialista nas áreas do poder aéreo e defesa. Sua Seversky Electroatom Corp de 1952 direcionou seus esforços para defender os EUA contra o ataque nuclear, e à extração de partículas radioativas do ar. As investigações nesta área levaram à descoberta do Ionacraft, uma aeronave, que deriva de elevação e de propulsão de emissões iônicas. Para que serve como um consultor especial para os Chefes de Estado-Maior da USAF, ele recebeu a Medalha de Serviço excepcional em 1969. Seversky foi consagrado no Hall da Fama Nacional de Aviação em 1970. Instituto

De acordo com a autorizada opinião de Seversky advertiu aos senadores que, embora os vermelhos chineses não estejam em condições de apoderar-se de Formosa, o seu grande poderio aéreo pode dar-lhes ensejo a castigar espantosamente a dita ilha, transformando-o em escombros. Diante disso, os Estados Unidos se veriam forçados a executar bombardeios de represálias sobre o continente chinês, o que poderia arrastar-nos a uma guerra geral.

**“As forças aéreas dos comunistas chineses – advertiu Seversty – estão em condições de passar por cima da Sétima Esquadra dos Estados Unidos, de livrar-se do fogo antiaéreo da mesma e de destruir completamente as instalações, defesas e homens que os nacionalistas possuem em Formosa. A ameaça dos comunistas chineses não é o seu exército terrestre mas a sua aviação”.**

“Por conseguinte, a ilha só pode ser defendida mediante uma ação preventiva para a qual é necessário haver preparação, como o disse o General Eisenhower na declaração que fez: devemos estar alerta a qualquer concentração ou emprego das forças comunistas chinesas para evitar que encontrem facilidade num ataque a Formos, ao mesmo tempo que devemos estar preparados para opor-nos a qualquer agressão”.<sup>361</sup>

Os Estados Unidos estiveram frequentemente representados por Drew Pearson como inferiores tanto em força aérea quanto terrestre, que não seriam suficientes para protegerem o país numa guerra imediata. Nitidamente, até 1951 os Estados Unidos detinham incontestável supremacia nuclear. Os soviéticos possuíam poucos bombardeiros estratégicos e, além disso, suas bases estavam longe dos possíveis alvos a serem atingidos. Somente a partir de 1960, os soviéticos conseguiram estabelecer paridade nuclear com os Estados Unidos, nunca superioridade, ocasião em que os mísseis balísticos intercontinentais tornaram-se os principais vetores estratégicos das duas superpotências.<sup>362</sup>

Na concepção de Drew Pearson,

Isso significa que o Presidente da República tem o poder de atacar parte ou a totalidade das concentrações dos comunistas chineses no continente, a qualquer momento e de acordo com o seu critério, desde que se considere que tais concentrações representam uma ameaça contra Formosa.

**Um ataque preventivo em defesa da ilha, ou um bombardeio de represália, se Formosa for destruída pelos vermelhos apesar das nossas advertências, significaria provavelmente o início de uma guerra atômica em grande escala entre os Estados Unidos e a União Soviética.**

Salvo hipótese de que os acontecimentos em torno de Formosa possam arrastar os Estados Unidos a uma guerra – e quem escreve estas linhas continua a acreditar que isso nunca acontecerá – pode ter-se como certo que o efeito sobre os negócios neste país chegará ao ponto de uma pequena guerra atômica.<sup>363</sup>

---

Americano de Aeronáutica e Astronáutica (AIAA). Disponível em: <<https://www.aiaa.org/SecondaryTwoColumn.aspx?id=15185>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

<sup>361</sup> PEARSON, Drew. A superioridade aérea anima os comunistas. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 26 mar. 1955. Carrossel do Mundo, p. 40 (grifo nosso).

<sup>362</sup> PEREIRA, 1984, p. 88.

<sup>363</sup> PEARSON, Drew. A superioridade aérea anima os comunistas. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 26 mar. 1955. Carrossel do Mundo, p. 40 (grifo nosso).

A questão aqui não diz respeito à proteção de Formosa, mas sim se, caso os Estados Unidos defendessem a ilha dos chineses comunistas, isso resultaria num embate com a União Soviética. Pois, se de acordo com as informações contidas nos artigos de Drew Pearson, os financiadores desse conflito eram os soviéticos, nada seria mais lógico do que o confronto acontecer entre soviéticos e americanos.

Joseph Morray caracteriza o ano de 1955 como clímax, pois esse período resultou em negociações entre as duas potências, que jamais estiveram mais perto de um acordo. Caracterizava-se pelas iniciativas independentes da parte da França, Grã-Bretanha e União Soviética. Os Estados Unidos consideraram esse projeto, por meio do qual todos entrariam num acordo, perigoso e ilusório. E, finalmente, a contraproposta de manter os céus abertos nas negociações, de adiar a proibição do uso de energia nuclear, foi feita pelo presidente Eisenhower em Genebra, na Conferência de Chefes-de-Governo, em julho de 1955.

O autor acrescenta que

Uma das realidades que condicionavam as negociações era a concentração desigual, nos dois blocos, de armas nucleares. Supunha-se geralmente que os Estados ocidentais necessitavam ter poderio nuclear superior a fim de equilibrar o poderio humano superior da União Soviética. Ao anunciar a prova, com êxito, de um canhão de 280 mm com cargas atômicas, o Secretário do Exército dos E.U.A., Robert T. Stevens, acrescentava que tais canhões estavam sendo fornecidos às forças ocidentais na Europa, como medida para aumentar a capacidade ofensiva que compensará o maior número de homens.<sup>364</sup>

Joseph Morray complementa que a União Soviética seria a mais interessada, por isso a insistência na proibição imediata do uso de armas nucleares. Isso ameaçava privar imediatamente os Estados ocidentais de uma superioridade crucial, ao passo que a redução no número de soldados exigiria tempo. Durante esse intervalo, a balança de poder<sup>365</sup> penderia a favor da União Soviética.<sup>366</sup>

O sentido das doutrinas nucleares soviéticas, que começaram a ser concretamente elaboradas nos anos 1950 a 1960, comprova que, desde então, a “ URSS ganhava terreno nas disputas com o bloco Ocidental nos países recém-libertados do domínio colonial, e que a abertura do processo de desestalinização permitia maior publicidade das atividades

<sup>364</sup> PEARSON, Drew. A superioridade aérea anima os comunistas. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 26 de mar. 1955. Carrossel do Mundo, p. 26.

<sup>365</sup> Os modos específicos pelos quais os recursos podem ser usados para exercer o Poder, ou seja, os modos de exercício do Poder, são múltiplos: da persuasão à manipulação, da ameaça de uma punição à promessa de uma recompensa. Alguns autores preferem falar de Poder só quando a determinação do comportamento alheio se funda sobre a coação. Neste sentido, se distingue, às vezes, entre Poder e influência (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 933-942).

<sup>366</sup> MORRAY, 1961.

soviéticas<sup>367</sup>. A partir disso, vários trabalhos sobre as doutrinas nucleares do país foram sendo conhecidos. O fim do stalinismo gerou mudanças políticas significativas na política e na economia, as quais alteraram as concepções doutrinárias no setor estratégico da URSS em face ao contexto mundial.<sup>368</sup>

Por seu turno, o governo dos EUA também evitava fornecer maiores informações ao público sobre a questão nuclear desenvolvida no país. Pearson, por sua vez, seguia publicizando notícias dessa área. No artigo de 27 de julho de 1957, intitulado *Canadá – Estado Unidos*<sup>369</sup>, o jornalista informava que

O Segredo do “Atlas” - O segredo do que ocorreu com o projétil teleguiado “Atlas”, da Força Aérea, quando explodiu misteriosamente na semana passada sobre as águas da Flórida, desencadeou uma pequena tempestade dentro do Pentágono. A pergunta que motivou a discussão foi a seguinte: deveriam os fatos ser transmitidos à imprensa? O certo é que a Força Aérea se preparava para dar informação aos jornais quando recebeu ordens de Murray Snyder, antigo porta-voz da Casa Branca e agora Secretário Auxiliar da Defesa, para que não fizesse tal coisa. **Os fatos que não forma revelados são os seguintes: O “Atlas” não explodiu em virtude de desarranjos internos, conforme divulgaram os jornais. Foi deliberadamente destruído por oficial de segurança em terra, devido ao receio de que se descontrolasse. Um projétil teleguiado pode sair subitamente da rota prefixada.**<sup>370</sup>

A crítica subentendida de Pearson refere-se à falta de planejamento e estudos quanto à produção de armamentos americanos eficientes, sendo que, em outras ocasiões, ele já mencionara as recorrentes falhas técnicas cometidas pelos cientistas norte-americanos. Pearson admitia que, em virtude desses fracassos, as notícias não eram divulgadas à imprensa. Mais uma vez ele criticava o governo norte-americano, que acusava de não conseguir proteger o povo norte-americano.

Assim se produziam críticas sobre críticas ao governo norte-americano. No artigo *Exame de consciência da política americana*<sup>371</sup>, de 23 de novembro de 1957, Drew Pearson tratou de avaliar o governo de Eisenhower e seu Secretário de Estado, John Foster Dulles, afirmando que:

<sup>367</sup> PEREIRA, 1984, p. 93.

<sup>368</sup> PEREIRA, 1984, p. 92-93.

<sup>369</sup> PEARSON, Drew. *Canadá – Estado Unidos. Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 27 jul. 1957. Carrossel do Mundo, p. 18P.

<sup>370</sup> PEARSON, Drew. *Canadá – Estado Unidos. Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 27 jul. 1957. Carrossel do Mundo, p. 18P (grifo nosso).

<sup>371</sup> PEARSON, Drew *Exame de consciência da política americana. Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 23 nov. 1957. Carrossel do Mundo, p. 48.

Pouco depois de iniciar-se o governo de Eisenhower, o seu novo Secretário de Estado, John Foster Dulles, anunciou que a política externa americana reclamava “um escrupuloso exame de consciência”. Dulles fez tal declaração em referência à ajuda dos Estados Unidos à França, precisamente na ocasião em que essa ajuda ia ser reduzida. Estava ele na posição de um país poderoso diante de outro mais débil. **Entretanto, depois dos sensacionais triunfos russos nos campos da ciência e da arte militar chegou o momento definitivo de realizar esse exame.** Deve ser ele minucioso e genuíno por mais duro que isso venha a torna-se. São evidentes as razões que exigem tal análise.<sup>372</sup>

Para Drew Pearson, a política externa realizada por Eisenhower era precária e não se comparava a administração anterior realizada por Truman. Enquanto o mundo estava passando por um período de expansão tecnológica russa, os EUA estariam ficando para trás. Partindo dessa premissa, Pearson assinala que:

1 quando Dulles convidou o ministro do Exterior da União Soviética, Andrei Gromyko, a vir Washington para adverti-lo de que o seu país não devia continuar a expandir-se no Oriente Médio, o ministro zombou da advertência ao voltar a New York. Gromyko disse aos seus amigos que o país que pode agora falar de uma posição de força é a União Soviética e não os Estados Unidos.

2 Em Roma, o periódico conservador “Candido” publicou uma caricatura de um antigo comunista italiano que comparecia à sede do Partido Comunista e pedia que lhe fosse de novo entregue a ficha de membro Partido. Por que resolveu voltar: perguntou-lhe. Porque a Rússia agora tem o projétil balístico internacional, respondeu o ex-comunista. **Se julgarem que a Rússia vai dominar o universo, os italianos se verão tentados a votar nos comunistas.**<sup>373</sup>

Acrescentando que

**É evidente que os progressos científicos russos encheram Khruchtchev de soberba.** A situação política na frente interna poderá levá-lo ao desespero. Não me agrada ser pessimista, mas quando está em jogo o futuro do mundo livre, creio que é melhor estar preparado do que chegar tarde.<sup>374</sup>

A partir desse último trecho podemos resumir como Pearson representou o governo dos EUA em seus artigos, destacados nesse item a questão da energia nuclear: uma administração para assuntos externos era debilitada, por parte do governo de Eisenhower, que não reagia aos avanços da ideologia comunista, ao poderio bélico russo e a baixa produção de armamento norte-americano em relação ao dos inimigos.

<sup>372</sup> PEARSON, Drew Exame de consciência da política americana. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 23 nov. 1957. Carrossel do Mundo, p. 48 (grifo nosso).

<sup>373</sup> PEARSON, Drew Exame de consciência da política americana. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 23 nov. 1957. Carrossel do Mundo, p. 48 (grifo nosso).

<sup>374</sup> PEARSON, Drew Exame de consciência da política americana. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 23 nov. 1957. Carrossel do Mundo, p. 48 (grifo nosso).

### 3.2 Ameaça comunista

O temor do avanço comunista, liderado pela URSS, sobre a América, foi, pelo que se pode verificar nos artigos de Drew Pearson, um de seus principais eixos de abordagem na coluna Carrossel do Mundo. Para deter a escalada do comunismo, Pearson defendia a concessão de empréstimos para reforço das economias dos países entendidos como vulneráveis.

O comunismo foi o tema central de 51 dos 355 artigos, que ofereciam amplas discussões sobre o assunto. Identificamos, também, que a palavra comunismo esteve presente em 93 dos 355 artigos. O período com maior recorrência vai de 1950 a 1953, com 53 artigos, momento em que teve início a Guerra na Coreia (1950-53), o que aumentou o medo do avanço comunista ser disseminados para as demais regiões do planeta. Em 1953 a expressão esteve presente em 9 artigos, no entanto voltou a ser referida em 1954 e 1955, ao longo de 22 artigos nos anos de 1956 e 1957.

Como se pode observar durante várias edições, Pearson fazia um mapeamento da situação de disputa EUA x URSS por todo o planeta. Ele apontava probabilidades de o comunismo se instalar em regiões debilitadas, tais como a Indochina francesa, que, para Drew Pearson, era uma zona vital para impedir a propaganda do comunismo<sup>375</sup>; outro era o Irã, também considerado uma presa fácil para os comunistas, pois o país já estava mantendo relações com URSS; em seguida vinham Grécia<sup>376</sup> e Egito<sup>377</sup>; Itália<sup>378</sup>; Iugoslávia, que a qualquer momento poderia voltar-se para a URSS, ou fazer um jogo duplo<sup>379</sup>; Espanha,<sup>380</sup> França; Mônaco, que enfrentava problemas para adquirir empréstimos<sup>381</sup>; Coreia Meridional<sup>382</sup>; e, na América Latina, Argentina<sup>383</sup> e Brasil<sup>384</sup> como os principais.

<sup>375</sup> Ver PEARSON, Drew. 125 milhões para a Argentina. *Revista. O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 10 jun. 1950. Carrossel do Mundo, p. 70

<sup>376</sup> Ver PEARSON, Drew. Apurado o "incidente" do Báltico. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 17 jun. 1950. Carrossel do Mundo, p. 68.

<sup>377</sup> Ver PEARSON, Drew. Os "voluntários" russos para o Egito. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 15 dez.1956. Carrossel do Mundo, p. 16.

<sup>378</sup> Ver PEARSON, Drew. A Europa e o comunismo. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 28 abr. 1951. Carrossel do Mundo, p. 72.

<sup>379</sup> Ver PEARSON, Drew. A Europa e o comunismo. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 28 abr. 1951. Carrossel do Mundo, p. 72.

<sup>380</sup> Ver PEARSON, Drew. Cem milhões de dólares para Franco. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 16 de set. 1950. Carrossel do Mundo, p. 72.

<sup>381</sup> Ver PEARSON, Drew. Por que o senador Church foi a Buenos Aires. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 21 set.1957. Carrossel do Mundo, p. 122.

<sup>382</sup> PEARSON, Drew. O Problema dos médicos militares. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 9 dez. 1950. Carrossel do Mundo, p. 82.

Nossa pesquisa demonstrou que os países ou regiões vulneráveis durante o período analisado seriam basicamente as regiões da Europa, Oriente Médio, Oriente e América Latina.<sup>385</sup> Dedicaremos este momento a apresentação de um panorama geral de como o comunismo foi apresentado nos artigos de Drew Pearson.

O temor do avanço do comunismo esteve presente em várias discussões políticas e diplomáticas desde o final da Segunda Guerra Mundial. Na IX Conferência Internacional dos Estados Americanos, que se realizou em Bogotá, em abril de 1948, a “ameaça comunista influenciou e teve precedência sobre muitos dos temas discutidos”.<sup>386</sup> É interessante situar a análise de Gerson Moura sobre esse contexto:

A competição entre as superpotências por influência era mascarada por uma densa névoa de ideologia, com cada lado defendendo a “verdade” de sua própria Cruzada. **Os Estados Unidos defendiam a “liberdade” e a URSS, a “paz”, e cada um buscava solapar a verdade de seu oponente.** O efeito político de qualquer guerra é a polarização, e a guerra fria, que não era exceção à regra, dividiu o mundo em duas metades incompatíveis. Neste contexto, as instituições e os mecanismos criados para assegurar a paz após a Segunda Guerra Mundial foram transformados em campos de batalha das superpotências e seus aliados, ao invés de serem usados como uma maneira de colaborar com a criação de uma nova ordem internacional pacífica.<sup>387</sup>

A “guerra fria” era travada em várias frentes e o espaço jornalístico era um espaço destacado para expor a bipolarização. Assim o fez Drew Pearson. No entanto, para além de demonizar o comunismo, Pearson alertava sobre aquilo que entendia como sendo erros do governo norte-americano. Buscar as razões de um texto alarmista tal como o do jornalista norte-americano nos levou a encontrar em Eric Hobsbawm uma possível explicação:

Pois o governo soviético, embora também demonizasse o antagonista global, não precisava preocupar-se com ganhar votos no Congresso, ou com eleições presidenciais e parlamentares. O governo americano precisava. Para os dois propósitos, um anticomunismo apocalíptico era útil. Um inimigo externo ameaçando os EUA não deixava de ser conveniente para governos americanos que haviam concluído, corretamente, que seu país era agora uma potência mundial, na verdade, de longe a maior, e que ainda viam o “isolacionismo” ou protecionismo defensivo como seu grande obstáculo interno.<sup>388</sup>

---

<sup>383</sup> CERVO, 2007, p. 114

<sup>384</sup> PEARSON, Drew. Vargas pretende reviver o comunismo. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 3 jun. 1950. Carrossel do Mundo, p. 78

<sup>385</sup> PEARSON, Drew. A guerra, a borracha e a América Latina. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 30 dez. 1950. Carrossel do Mundo, p. 86.

<sup>386</sup> MOURA, Gerson. *Relações exteriores do Brasil 1939-1950: mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial*. Brasília, DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012, p. 202.

<sup>387</sup> MOURA, 2012, p. 179 (grifo nosso).

<sup>388</sup> HOIBSBWAM, 1995, p. 232.

O teórico complementa, ainda, que

Mais concretamente, a histeria pública tornava mais fácil para os presidentes obter de cidadãos famosos, por sua ojeriza a pagar impostos, as imensas somas necessárias para a política americana. **E o anticomunismo era genuína e visceralmente popular num país construído sobre o individualismo e a empresa privada, e onde a própria nação se definia em termos exclusivamente ideológicos, (“americanismo”) que podiam na prática conceituar-se como o polo oposto ao comunismo.**<sup>389</sup>

Passaremos a destacar alguns artigos de Pearson que tomam a questão do anticomunismo como eixo de discussão. No artigo *A grande batalha pela paz*<sup>390</sup>, de 6 de maio de 1950, o jornalista afirmava que nem todos os soviéticos “apoiam o comunismo, mas Stalin está realizando algumas manobras para unir o povo e Estado para que o comunismo comece a ser acolhido.”<sup>391</sup> Salienta, ao final do artigo, que a Ucrânia, por exemplo, resistia ao comunismo, porém não se sabia até quando.

No subtítulo “Sob a Cúpula do Capitólio”, de maio de 1950, Pearson afirmava que “o presidente Truman tem recebido informes até agora não confirmados de que a bomba atômica russa explodiu prematuramente por acidente” Inferimos que quando Drew Pearson se referia ao Capitólio, no título da notícia, ele estava noticiando de dentro da Casa Branca, considerando a existência das especulações de que possuía uma sala dentro da sede do governo americano.<sup>392</sup> Drew Pearson, naquele momento, representava uma fonte de informação direta das movimentações políticas dos Estados Unidos em relação à URSS.

No artigo de 27 de maio de 1950, intitulado *Desacordo entre os generais americanos*<sup>393</sup>, podemos verificar que Drew Pearson interpreta o entendimento do governo americano em relação ao avanço da URSS nos seguintes termos:

Em declarações extraoficiais feitas na Conferência de Orientação Civil, o Secretário da Defesa Johnson declarou dramaticamente: **Sabemos que a Rússia não pretende conquistar os Estados Unidos pela força das armas.** Pretende, sim, lançar-nos num caos econômico que daria aos comunistas uma oportunidade de apoderar-se do país por infiltração.

<sup>389</sup> HOBBSAWM, 1995, p. 232 (grifo nosso).

<sup>390</sup> PEARSON, Drew. A grande batalha pela paz. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 6 mai. 1950. Carrossel do Mundo, p. 68.

<sup>391</sup> PEARSON, Drew. A grande batalha pela paz. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 6 mai. 1950. Carrossel do Mundo, p. 68.

<sup>392</sup> Inferimos a partir dos artigos, pois, quando utiliza Capitólio, as informações fornecidas por Drew Pearson são sobre episódios que ocorreram dentro da Casa Branca, descritos por ele (GUAREZI, 2014, p. 34).

<sup>393</sup> PEARSON, Drew. Desacordo entre os generais americanos. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 27 mai. 1950. Carrossel do Mundo, p. 72.

Explicou que a Rússia não tem os recursos necessários para atacar os Estados Unidos, mas tratar de levá-los a bancarrota, acrescentando: No Departamento da Defesa todos sabem qual é o perigo e o que é preciso fazer para enfrentá-la.<sup>394</sup>

Novamente os comunistas estão representados como perigosos. Intitulado *Os comunistas espalham venenos*<sup>395</sup>, artigo do dia 13 de dezembro de 1952, Drew Pearson afirma que, logo após a efervescente campanha eleitoral de Eisenhower, os olhares se voltaram para os conflitos externos, destacando as acusações contra os soldados norte-americanos na Guerra da Coreia. Numa quantidade expressiva de artigos os comunistas aparecem denominados como *venenosos*, pois não precisam matar, contaminando a todos por onde passam. Com o subtítulo *Ataques e Mentiras*, o jornalista salienta,

**Com o notório prazer com que os comunistas misturam os ataques e as mentiras, o jornal “Nova Coréia”, acrescenta: “Na aldeia de Spahenni, na zona rural de Seném, duzentas mulheres foram objeto de escárnio. Maltratando as indefesas mulheres, os inimigos as despojaram das roupas e as amarraram em grupos de cinco e dez. Os verdugos usaram essas mulheres para exercitar-se no tiro de pistola.” [...] “Aviões de caça se lançaram em pique sobre essa gente indefesa, metralhando-a brutalmente. Desse modo, mais de trezentos inocentes perderam a vida.”**<sup>396</sup>

Seu discurso se dedicava a denominar os comunistas como monstros ou pessoas sem piedade. Tendo como subtítulos seguintes “Histórias Pavorosas” e “A Brutalidade dos Comunistas”, os textos relatam que não se trata das primeiras afirmações segundo as quais os soldados norte-americanos são injustiçados com falsas acusações dos comunistas, descrevendo que tais ataques estão vinculados às reações a denúncias realizadas pelos norte-americanos na imprensa sobre as atrocidades cometidas pelos comunistas. Como o colunista descreve neste trecho:

**Alguns funcionários do Departamento de Estado creem que talvez a propaganda atual sobre as “atrocidades” dos americanos seja uma reação à denúncia feita pela “Voz dos Estados Unidos” sobre o caso de Katyn. Os nossos programas de rádio nesse sentido têm sido tão eficientes que Foy Kohler, administrador da “Voz dos Estados Unidos”, tem recebido numerosas petições do outro lado da Cortina de Ferro para que remeta cópias dos mesmos. O pedido de que mais orgulhoso se sente é um que lhe chegou às mãos por intermédio**

<sup>394</sup> PEARSON, Drew. Desacordo entre os generais americanos. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 27 mai. 1950. Carrossel do Mundo, p. 72 (grifo nosso).

<sup>395</sup> PEARSON, Drew. Os comunistas espalham venenos. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 13 dez. 1952. Carrossel do Mundo, p. 30.

<sup>396</sup> PEARSON, Drew. Os comunistas espalham venenos. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 13 dez. 1952. Carrossel do Mundo, p. 30 (grifo nosso).

de agentes do movimento de resistência e foi enviado por uma valorosa mulher de Moscou.<sup>397</sup>

Para compreender o que *é verdadeiro* no discurso de Drew Pearson, recorremos a Patrick Charaudeau:

O efeito de verdade está mais para o lado do “acreditar ser verdadeiro” do que o do “ser verdadeiro”. Surge da subjetividade do sujeito em sua relação com o mundo, criando uma adesão ao que pode ser julgado verdadeiro pelo fato de que é compartilhável com outras pessoas, e se inscreve nas normas de reconhecimento do mundo. [...] **O que está em causa aqui não é tanto a busca de uma verdade em si, mas sim a busca de “credibilidade”, isto é, aquilo que determina o “direito à palavra” dos seres que comunicam, e as condições de validade da palavra emitida.**<sup>398</sup>

O autor entende que “diferente do valor de verdade, que se baseia na evidência, o efeito de verdade baseia-se na convicção, que cada discurso modula seus efeitos de verdade de uma maneira particular.”<sup>399</sup> A particularidade do discurso de Drew Pearson, não é a busca da verdade, mas da credibilidade e a validade da informação.

A capacidade de remontar e articular os fatos, que Drew Pearson demonstra em seus artigos, vem ao encontro do que Patrick Charaudeau denomina como “meios discursivos”. Para consolidar sua credibilidade, o jornalista faz uso de inúmeros informantes fora dos Estados Unidos, de membros do governo norte-americano e conta, imprescindivelmente, com a disseminação de seus artigos. Requisitos básicos para solidificar sua credibilidade, que é necessariamente transmitir, remontar e expor sua opinião diante da informação.

Patrick Charaudeau salienta a função do jornalista, afirmando que

O jornalista tem por função transmitir informação. Mas essa informação se compõe de um conjunto de acontecimentos ou de saberes que aparentemente preexistem ao ato da transmissão, o que faz com que o jornalista se encontre numa posição que consiste em coletar os acontecimentos e os saberes, e não criá-los, antes de tratá-los e transmiti-los. Pode-se assim determinar os dois papéis fundamentais que o jornalista deve desempenhar o de pesquisador-fornecedor da informação e o de descritor-comentador da informação.<sup>400</sup>

Privilegiamos em nosso estudo o conteúdo dos artigos, identificando o discurso de Drew Pearson diante dos acontecimentos que envolvem o embate entre os dois blocos. Aliada

<sup>397</sup> PEARSON, Drew. Os comunistas espalham venenos. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 13 dez. 1952. Carrossel do Mundo, p. 30 (grifo nosso).

<sup>398</sup> CHARAUDEAU, 2006, p. 49 (grifo nosso).

<sup>399</sup> CHARAUDEAU, 2006, p. 49-50.

<sup>400</sup> CHARAUDEAU, 2006, p. 74-75.

à sua credibilidade, está a simplicidade nos jogos com as palavras e a clareza com a qual o discurso é construído.<sup>401</sup>

No artigo *Influência duma secretária na administração*<sup>402</sup>, destaca em especial dois subtítulos: “Industriais que apoiam o comunismo” e “Continua a influência comunista”. No primeiro deles, Drew Pearson destaca que

**O Congresso se viu em apuros ao tratar do projeto que declara ilegal o Partido Comunista.** Isso se deveu a que o Governo havia solicitado uma lei de anulação do domínio que os comunistas exercem nas organizações operárias.

Mas o fato paradoxal é que o Comitê Nacional de Conciliação trabalhista vem mostrando pouca disposição a permitir que os não-comunistas desalojem os vermelhos das organizações dos trabalhadores. Naturalmente, agora, o Presidente Eisenhower controla aquela entidade central.

E embora pareça mentira, algumas grandes fábricas têm realizado manobras para conservar em suas empresas certas organizações comunistas. Eis os fatos.

No verão de 1952, o Sindicato de Eletricistas para Máquinas Agrícolas decretou uma greve em diversas empresas do ramo. Três anos antes em 1949, esse sindicato foi desligado do Congresso das Organizações Industriais por Phil Murray, em virtude do predomínio comunista na mesma. Por isso, não é de surpreender que uma das grandes fábricas de instrumentos agrícolas tenha mandado imprimir um adorno com a foice e o martelo soviéticos e que começava com as seguintes palavras: **“Acreditamos que os dirigentes de mais influência do Sindicato dos Eletricistas para Máquinas Agrícolas são comunistas declarados ou simpatizantes”**.<sup>403</sup>

No discurso de Drew Pearson, as representações feitas sobre o comunismo estão sempre atreladas à espionagem e à corrupção, com o objetivo de colocar tanto os partidos como os indivíduos comunistas na ilegalidade.

O artigo segue argumentando que os comunistas estão dominando os operários:

**Entretanto, embora essa companhia houvesse afirmado que o sindicato dos eletricistas estava sob domínio comunista, uma no depois defendeu e protegeu a continuação desses elementos comunistas na organização operária da sua indústria.**

Houve depois uma série de manobras para ajudar os grupos comunistas, nas quais intervieram certas personagens que inclusive estavam vinculadas ao Comitê Operário de Atividades Antiamericanas. Afinal, realizaram-se as eleições, dando ao abandono do Sindicato dos Eletricistas dominado pelos comunistas em favor do sindicato anticomunista da indústria automobilística.

**Ainda que o Presidente Eisenhower controle o Comitê Nacional de Conciliação Trabalhista, não pode ajudar muito os operários anticomunistas, porque existe em diversos Estados grande quantidade de sindicatos dominados pelos comunistas.**<sup>404</sup>

<sup>401</sup> CHARAUDEAU, 2006.

<sup>402</sup> PEARSON, Drew. *Influência duma secretária na administração*. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 25 set. 1954. Carrossel do Mundo, p. 16.

<sup>403</sup> PEARSON, Drew. *Influência duma secretária na administração*. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 25 set. 1954. Carrossel do Mundo, p. 16 (grifo nosso).

<sup>404</sup> PEARSON, Drew. *Influência duma secretária na administração*. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 25 set. 1954. Carrossel do Mundo, p. 16 (grifo nosso).

No artigo do dia 25 de dezembro de 1954, *McCarthy*<sup>405</sup> *adora táticas comunistas*<sup>406</sup>, Pearson ressalta a famosa marcha dos “macarthistas”<sup>407</sup> sobre Washington, na qual os agitadores profissionais acusaram o Presidente Eisenhower de ser “fraco” em relação ao comunismo, afirmando que McCarthy devia ser o candidato a Presidente no próximo período presidencial. Proposta recebida com gritos de entusiasmo.

Déa Fenelon afirma que

a questão do equilíbrio e da rivalidade de poder assumia um aspecto secundário, cedendo lugar a uma disputa ideológica entre dois polos ideológicos de comunismo e anticomunismo. E os lances desta cruzada ideológica não foram menos marcantes do que os da própria guerra, sendo a histeria autodestruidora do MacCartismo o exemplo mais amargo dos limites atingidos neste radicalismo ideológico que mais para justificar a expansão da hegemonia do que propriamente a defesa interna.<sup>408</sup>

O ano de 1955 revela-se um período em que Drew Pearson destaca os comunistas e os soviéticos nos títulos e no conteúdo de seus artigos, como podemos perceber no texto do dia 26 de março, *A superioridade aérea anima os comunistas*<sup>409</sup>:

Um dos fatores que até hoje tem passado despercebidos e que faz com que os comunistas se mostrem audaciosos e insolentes relativamente à questão de Formosa, é a sua grande superioridade aérea sobre os Estados Unidos naquela zona. Não é que os americanos têm cerca de 2.500 aviões de combate no Japão, em Okinawa, na Coreia do Sul e em Formosa. Mas os chineses e russos, em conjunto, dispõem de 8.500 aviões na mesma zona, inclusive a Sibéria.

**E ainda os russos podem reforçar esses elementos de guerra num prazo de vinte e quatro horas, ao passo que os Estados Unidos teriam de gastar dois ou três dias para levar os seus aviões até ao Pacífico. Por fim, os aviões de caça russos são geralmente mais modernos do que os americanos,** embora os Estados Unidos estejam mais adiantados no que se refere a aparelhos estratégicos de bombardeio.

<sup>405</sup> Joseph Raymond McCarthy (1908-1957), senador dos Estados Unidos entre 1950 e 1954, emprestou seu nome ao termo Macarthismo. McCarthy dominou o clima político dos EUA no início dos anos 1950, através de acusações sensacionais, mas não comprovadas, de subversão comunista em altos círculos governamentais. Em 1954, em um movimento raro no Senado, McCarthy foi oficialmente censurado por seus por conduta imprópria. Encyclopædia Britannica – Escola e Biblioteca. Disponível em: <<http://www.britannica.com/biography/Joseph-McCarthy>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

<sup>406</sup> PEARSON, Drew. McCarthy adora táticas comunistas. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 25 dez. 1954. Carrossel do Mundo, p. 64.

<sup>407</sup> Macarthismo é um termo de uso político norte-americano. Indica a atitude de um anticomunismo absoluto, concretizada numa visão política maniqueísta e numa verdadeira e autêntica perseguição aos homens e instituições declarados antiamericanos, porque "comunistas". Historicamente, o Macarthismo representa o auge da Guerra Fria na política interna dos Estados Unidos, coincidindo com os anos 1950-1954, em que finda a trajetória do senador republicano do Wisconsin, Joseph McCarthy (1907-1957) (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 725).

<sup>408</sup> FENELON, 1983, p. 28.

<sup>409</sup> PEARSON, Drew. A superioridade aérea anima os comunistas. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 26 mar. 1955. Carrossel do Mundo, p. 40.

**A Rússia vem afirmando que dispõe de 20.000 aviões de combate.** Essa cifra é provavelmente exata cabendo acrescentar que a União Soviética iniciou a fabricação de aviões a jacto dois anos antes do que os Estados Unidos. Sabe-se que a sua frota desse tipo de aviões foi completamente modernizada. O total da força aérea americana de combate se calcula em 12 mil aparelhos.<sup>410</sup>

Artigo do dia 16 de julho de 1955, *Não haverá guerra em breve no extremo oriente*<sup>411</sup>, há indícios de que os Estados Unidos poderão desfrutar de um período de paz no Extremo-Oriente, embora não se possa saber até quando; havia indícios da suspensão, por parte dos soviéticos, do fornecimento de armas à China Vermelha, o que estava indignando os comunistas de Pequim. Por isso da afirmação de Drew Pearson de que não haveria guerra e existiria um período de paz. Os estadistas Mohammed Ali Sastramijojo, da Indonésia, procuraram, naquele momento, acalmar os chineses vermelhos para evitar qualquer conflito em torno de Formosa, ao passo que os diplomatas dos Estados Unidos esperavam e acreditavam que a tempestade que ameaçava desabar sobre as ilhas de Quemoy e Matsu se acalmaria por algum tempo.

No dia 6 de agosto, o artigo *A secretária hobby quer imitar Molotov*,<sup>412</sup> traz comentários sobre o incidente no Alasca, com a derrubada de um avião americano que invadira o território russo e sobre o fato de que os Estados Unidos estavam enviando, em silêncio, consideráveis equipamentos e materiais para a Ilha de Quemói.

A política interna norte-americana e as eleições presidenciais também são abordadas por Pearson em 10 de setembro, no artigo *Os russos a reeleição de Eisenhower*<sup>413</sup>. Nesse texto, o jornalista afirmava que era “a preferência dos russos a candidatura de Eisenhower, pois consideram o presidente fraco diante dos assuntos russos”.

De fato, Eisenhower privilegiaria os assuntos internos dos Estados Unidos, não se destacando na política externa. Fato que será duramente criticado por Pearson nas edições da coluna.

Para Raymond Aron, até os anos de 1949 os Estados Unidos eram os únicos a possuir bombas atômicas (mas o estoque norte-americano era pequeno).<sup>414</sup> Do ponto de vista militar,

<sup>410</sup> PEARSON, Drew. A superioridade aérea anima os comunistas. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 26 mar. 1955. Carrossel do Mundo, p. 40 (grifo nosso).

<sup>411</sup> PEARSON, Drew. Não haverá guerra em breve no extremo oriente. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 16 jul. 1955. Carrossel do Mundo, p. 34.

<sup>412</sup> PEARSON, Drew. A secretária hobby quer imitar Molotov. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 6 de ago. 1955. Carrossel do Mundo, p.18.

<sup>413</sup> PEARSON, Drew. Os russos a reeleição de Eisenhower. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 10 de set. 1955. Carrossel do Mundo, p.74.

<sup>414</sup> ARON, 2002, p. 531.

é incontestável que houve uma alteração da relação das forças globais.<sup>415</sup> Em 1950 a soviética em forças clássicas era grande, mas havia evidente superioridade norte-americana em armas atômicas, vetores e bases (quantitativa e qualitativa).<sup>416</sup>

Raymond Aron insiste na teoria de que somente por volta de 1955 as duas superpotências tinham bombas termonucleares, mas

a aviação estratégica dos Estados Unidos era mais numerosa, tecnicamente superior e melhor adestrada do que a da União Soviética - e, sobretudo, dispunha de bases mais numerosas, mais dispersas e mais próximas dos seus objetivos. Num *first strike* a aviação norte-americana poderia destruir a maioria das cidades soviéticas; mesmo se atacasse em primeiro lugar, a aviação soviética não teria a mesma capacidade de destruição.<sup>417</sup>

Para o autor, a União Soviética esteve em posição de clara inferioridade em relação aos Estados Unidos. Tal posição pode ser dividida em duas fases: durante a primeira fase (até 1950 ou 1951) os Estados Unidos detinham o monopólio das armas atômicas; na segunda, a União Soviética dispunha de bombas atômicas (e, a partir de 1955, de bombas termonucleares), mas como vetores só tinha bombardeiros estratégicos, menos numerosos do que dos Estados Unidos.<sup>418</sup>

Raymond Aron afirma que somente

Dez anos mais tarde, a União Soviética possui um estoque considerável de bombas atômicas e termonucleares, bombardeiros de grande alcance e engenhos balísticos intercontinentais. O território dos Estados Unidos é hoje tão vulnerável a um ataque quanto o território soviético.<sup>419</sup>

O discurso de Drew Pearson aponta essa debilidade dos norte-americanos. No artigo de 19 de novembro, *Alguns problemas críticos do mundo*<sup>420</sup>, torna-se explícito o fato de a URSS representar a principal preocupação do governo norte-americano, visto que buscava expandir sua zona de influência pelo mundo todo. A situação se torna ainda mais grave em razão do estado de saúde do então presidente Eisenhower e das complicações de sua doença.

No ano de 1956 sobressaem os artigos que destacavam a espionagem, os riscos das manipulações com energia atômica e as inquietações com relação à URSS. Porém, a grande

---

<sup>415</sup> ARON, 2002, p. 828.

<sup>416</sup> ARON, 2002, p. 828.

<sup>417</sup> ARON, 2002, p. 531.

<sup>418</sup> ARON, 2002, p. 513.

<sup>419</sup> ARON, 2002, p. 513.

<sup>420</sup> PEARSON, Drew. Alguns problemas críticos no mundo. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 19 nov. 1955. Carrossel do Mundo, p. 18.

maioria está dedicada a condução do governo do presidente Eisenhower e as articulações políticas do Secretário de Estado Foster Dulles.

No artigo *Graves acusações ao departamento de defesa dos EE.UU*<sup>421</sup>, de 17 de março de 1956, Drew Pearson aponta falhas na política de defesa dos EUA:

Numa declaração tão eletrizante que deixou atônitos os legisladores do Congresso, mas tão secreta que só se podem revelar detalhes simples, o técnico em projéteis das forças aéreas americanas, Sr. Trevor Gardener, acusou o Departamento da Defesa de haver fracassado, por desprezar vitais descobertas científicas que poderiam revolucionar a guerra aérea. **Dando ao seu testemunho um tom de fervorosa convicção, advertiu que os russos podem prosseguir na aplicação de tais princípios científicos e com isso ganhar uma vantagem militar que poderia traduzir-se num desastre para os Estados Unidos.**<sup>422</sup>

Acrescentando sobre os desacertos internos na política de enfrentamento da Guerra Fria, Pearson informa que

O Sr. Gardner se mostrou vigorosamente contrário ao sistema de prioridade do Departamento da Defesa, que dedica interesse igual aos projéteis intercontinentais com carga explosiva e aos projéteis dirigidos de alcance médio. **Advertiu que isso poderia significar que os russos estarão em condições de conseguir antes dos americanos o primeiro tipo de projétil.**

Em sua declaração, Sr. Gardner denunciou que o orçamento total das forças aéreas foi perigosamente reduzido.<sup>423</sup>

No artigo do dia 21 de abril de 1956, cujo subtítulo é “Desacordos entre os irmãos Dulles sobre a Rússia”, Pearson abre espaço para criticar o secretário Dulles:

Os irmãos Dulles procedem em geral, com tamanha harmonia que quase todos se esquecem do grau de parentesco entre esses dois irmãos altos funcionários do governo americano. John Foster Dulles, Secretário de Estado, está constantemente na primeira página dos jornais, revistas e outros meios de publicidade, ao passo que seu irmão, **Allen Dulles, vive na sombra. Chefe do Escritório Central do Serviço Secreto dos Estados Unidos, dirige uma repartição que procura funcionar à margem da publicidade e tem trabalho de informar ao Departamento de Estado ou ao Estado-Maior Combinado sobre o poderio da Rússia e dos seus satélites**, além de cobrir os pontos críticos em que há risco de guerra em qualquer lugar do mundo.<sup>424</sup>

<sup>421</sup> PEARSON, Drew. *Graves a acusações ao departamento de defesa dos EE.UU*. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 17 mar. 1956. Carrossel do Mundo, p. 106.

<sup>422</sup> PEARSON, Drew. *Graves a acusações ao departamento de defesa dos EE.UU*. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 17 mar. 1956. Carrossel do Mundo, p. 106 (grifo nosso).

<sup>423</sup> PEARSON, Drew. *Graves a acusações ao departamento de defesa dos EE.UU*. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 17 de mar. 1956. Carrossel do Mundo, p. 106 (grifo nosso).

<sup>424</sup> PEARSON, Drew. *Eisenhower Vetará a Lei Agrária*. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 21 abr.1956. Carrossel do Mundo, [s.p.] (grifo nosso).

O colunista descreve que os dois irmãos tiveram atritos no que diz respeito aos avanços tecnológicos da URSS, relatando que:

Há pouco tempo, os irmãos Dulles tiveram um choque do qual os jornais não falaram. Com efeito, Allen foi procurar John com um dos seus auxiliares e disse ao seu irmão mais velho que julgava um erro o Secretário de Estado dizer, **em seus discursos, que a Rússia estava perdendo terreno na guerra fria, porque isso não era verdade.**

John Foster o olhou aborrecido, mas Allen continuou censurando-o pelo seu equívoco, pois os seus discursos davam a impressão de que os Estados Unidos não tinham, nestes dias, a menor dificuldade internacional. A verdade - disse ele - era inteiramente outra. Os russos estavam ganhando terreno e os Estados Unidos se achavam em situação realmente difícil.<sup>425</sup>

Com ironia, Drew Pearson conclui: “a obrigação do irmão era de fornecer ao governo as informações secretas necessárias e não de dar conselhos ao Secretário de Estado sobre seus discursos”. O discurso do jornalista era contundente quando afirmava que os soviéticos estavam avançando, ganhando terreno, e o governo dos Estados Unidos nada fazia para conter esse avanço.

São múltiplas e recorrentes menções de que os Estados Unidos estão menosprezando os avanços tecnológicos dos soviéticos e ao alerta de que existe sim um avanço que deve ser divulgado para a sociedade norte-americana.

No artigo do dia 12 de maio 1956, *Planeja-se uma visita de Zhukov aos Estados Unidos*<sup>426</sup>, o colunista destaca a ideia de que receber dois visitantes comunistas num ano de eleições nos Estados Unidos seria uma decisão equivocada e perigosa. Ao longo do artigo, Pearson relata que é incessante a proposta dos Estados Unidos pela paz com a URSS.

Em outro artigo, de 21 de setembro de 1957<sup>427</sup>, Drew Pearson declara que

**Mônaco precisa de Comunistas:**

Chester Bowles, ex-embaixador na Índia, disse outro dia na Comissão de Negócios Estrangeiros da Câmara que o Primeiro Ministro de Mônaco solicitou há tempos um auxílio de 10 milhões de dólares, de acordo com o Plano Marshall. E que tal é o problema do comunismo em Mônaco, perguntaram ao Primeiro Ministro.

**Lá não há comunistas, respondeu ele. Não há comunistas?!, Exclamaram os funcionários do Plano Marshall. Como então espera que lhes possamos dar**

<sup>425</sup> PEARSON, Drew. Eisenhower Vetará a Lei Agrária. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 21 abr. 1956. Carrossel do Mundo [s.p.] (grifo nosso).

<sup>426</sup> PEARSON, Drew. Planeja-se uma visita de Zhukov aos Estados Unidos. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 12 mai. 1956. Carrossel do Mundo, p. 18f.

<sup>427</sup> PEARSON, Drew. Por que o senador Church foi a Buenos Aires. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 21 set. 1957. Carrossel do Mundo, p. 122.

**auxílio?** Não podemos ir ao Congresso pedir dinheiro para Mônaco se lá não houver comunistas.<sup>428</sup>

O caso de Mônaco é muito peculiar, pois Pearson afirma que este somente iria receber auxílio do Plano Marshall se estivesse sob ameaça do comunismo. O comunismo está representado como justificativa para o recebimento de ajuda dos Estados Unidos, sendo imprescindível que exista realmente suspeita de avanço desse inimigo ideológico, do contrário não receberá auxílio.

Bowles continuou a sua história: “Ao passar por Paris, o Primeiro Ministro de Mônaco foi procurar o Ministro do Exterior da França no Quai d’Orsay. Estamos numa situação difícil em Mônaco, disse ele. Precisamos de dinheiro e os americanos nada querem dar porque não temos comunistas. Poderia a França emprestar-nos 1.500 comunistas neste fim de semana?

**É preciso que sejam comunistas desses que promovem desordens e quebram vidraças.** Tiraremos as fotografias necessárias para os jornalistas dos Estados Unidos e com certeza obteremos o dinheiro.

Afirma-se que o Ministro francês confiou a barba, olhou pela janela e disse: “Não, meu amigo. A França bem que gostaria de fazer esse favor a Mônaco. Mas precisamos de todos os comunistas que temos”.

A ideia de Bowles era que os Estados Unidos não deveriam emprestar dinheiro apenas para combater o comunismo, mas para fazer amigos e fomentar a paz.<sup>429</sup>

Compreendemos que quando Drew Pearson utiliza a palavra comunismo, expressa as práticas anticomunistas. Todos estavam aliados aos Estados Unidos por medo da União Soviética. Nesta conjuntura, Eric Hobsbawm afirma que

Todos os governos europeus ocidentais, com ou sem grandes partidos comunistas, eram empenhadamente anticomunistas, e decididos a proteger-se de um possível ataque militar soviético. Nenhum deles teria hesitado, caso solicitados a escolher entre os EUA e a URSS, mesmo aqueles que, por história, política ou negociação, estavam comprometidos com a neutralidade.<sup>430</sup>

O autor acrescenta, ainda, que a conspiração comunista era necessária, mesmo com o descontentamento em relação à política externa adotada pelos Estados Unidos. Pearson afirma que:

Contudo, a “conspiração comunista mundial” não era um elemento sério das políticas internas de nenhum dos governos com algum direito a chamar-se democracias políticas, pelo menos após os anos do imediato pós-guerra. Deve-se

<sup>428</sup> PEARSON, Drew. Por que o senador Church foi a Buenos Aires. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 21 set.1957. Carrossel do Mundo, p. 122 (grifo nosso).

<sup>429</sup> PEARSON, Drew. Por que o senador Church foi a Buenos Aires. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 21 set.1957. Carrossel do Mundo, p. 122 (grifo nosso).

<sup>430</sup> HOBBSAWM, 1995, p. 234.

acrescentar, no entanto, que os governos membros da OTAN, embora longe de satisfeitos com a política dos EUA, estavam dispostos a aceitar a supremacia americana como o preço da proteção contra o poderio militar de um sistema político antipático, enquanto este continuasse existindo. Tinham tão pouca disposição a confiar na URSS quanto Washington. Em suma, “contenção” era a política de todos [em prol da] destruição do comunismo.<sup>431</sup>

Podemos concluir que as principais representações realizadas por Drew Pearson em seu discurso dizem respeito a construção de um inimigo – o comunista – na figura da URSS, considerada uma ameaça eminente para o mundo Ocidental, uma vez que detinha uma superioridade tática e armamentista muito superior à dos Estados Unidos. Assim, o jornalista instigava os Estados Unidos a manterem uma política de contenção à expansão do comunismo e criticava a morosidade para superar a URSS no campo militar.

Os artigos projetam os Estados Unidos e União Soviética em posições opostas, revela as posições ideológicas de ambos, registrando que de um lado temos os norte-americanos que lutam pela democracia no capitalismo e os soviéticos que trilham um caminho comunismo.

As opiniões de Drew Pearson seguem os interesses norte-americanos, pois, mesmo identificando o governo de Eisenhower como frágil, indica meios para que este se torne forte e possa combater seus inimigos. Num primeiro momento, podemos pensar que existiam duas vozes distintas no discurso de Drew Pearson, no entanto, numa avaliação mais criteriosa, aparece apenas uma, que instiga, motiva e sugere meios de combater o comunismo. As críticas poderiam ser a segunda voz, pois estão denegrindo a imagem dos Estados Unidos, mas essas, na verdade, estão sendo utilizadas para mostrar as falhas que deveriam ser avaliadas e eliminadas.

A partir dos artigos compreendemos que o objeto simbólico presente no discurso de Drew Pearson se configura no que podemos chamar de disseminação ideológica. O que nos possibilita identificar esse elemento são os dados catalogados em sua coluna, que apresentam uma URSS forte, determinada a atacar os aliados dos Estados Unidos e disseminar o comunismo em todas as regiões, inclusive na América Latina. Dentre as regiões mencionadas, trataremos de privilegiar a Argentina e o Brasil, por uma questão quantitativa – 40 artigos – e por uma questão qualitativa – a riqueza de detalhes que ilustram a situação da América Latina no discurso de Drew Pearson.

Para Drew Pearson, em virtude do abandono das políticas governamentais em relação à América Latina, o comunismo não tardaria para dominar essa região, mais precisamente se

---

<sup>431</sup> HOBSBAWM, 1995, p. 234.

instalaria na Argentina, pois o jornalista considerava Juan Perón suscetível às ideologias comunistas.

Discutiremos, no capítulo 4, o discurso de Drew Pearson sobre a América Latina, tratando de perceber as relações internacionais e comerciais entre os países latino-americanos com os Estados Unidos e a União Soviética apresentadas na coluna. Será observado, também, o modo como Pearson descrevia as intervenções realizadas pelos norte-americanos para refrear essas aproximações com o bloco socialista.

#### **4 RELAÇÕES INTERNACIONAIS: CORRE PERIGO A POLÍTICA DE BOA VIZINHANÇA ENTRE ESTADOS UNIDOS E AMÉRICA LATINA**

Ao final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a América Latina estava aliada aos Estados Unidos: “ficaram sob nítida hegemonia<sup>432</sup> norte-americana, quer sob o ponto de vista político, quer sob o econômico e cultural”.<sup>433</sup> A América Latina ficou isolada por muito tempo, porém, durante o conflito, os Estados Unidos viram-se diante da necessidade de manter as alianças com os latino-americanos contra os nazistas. Sabemos, no entanto, que a

---

<sup>432</sup> Entendemos o conceito de Hegemonia como um campo de aplicação do sistema internacional e das relações entre os Estados. A potência hegemônica exerce sobre as demais uma preeminência não só militar, como também frequentemente econômica e cultural, inspirando-lhes e condicionando-lhes as opções, tanto por força do seu prestígio como em virtude do seu elevado potencial de intimidação e coerção; chega mesmo a ponto de constituir um modelo para as comunidades sob a sua Hegemonia. O conceito de Hegemonia não é, portanto, um conceito jurídico, de direito público ou de direito internacional; implica, antes, uma relação interestatal de potência, que prescinde de uma clara regulamentação jurídica. Segundo este critério, poder-se-ia definir a Hegemonia como uma forma de poder de fato que, no continuum influência-domínio, ocupa uma posição intermédia, oscilando ora para um ora para outro polo. (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 579).

<sup>433</sup> CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. *História da política exterior do Brasil*. 4. ed. Brasília, DF: Ed. Universidade de Brasília, 2011, p. 247.

guerra não era o único interesse que movia a consolidação dessa aliança. “Tratava-se de conquista de mercados e de relações econômicas com vistas ao crescimento da economia dos Estados Unidos e da consolidação de seu sistema de poder.”<sup>434</sup> A América Latina (do México para baixo) foi um campo para a aplicação de capitais americanos desde o início do século XX.<sup>435</sup> O alinhamento da “América Latina, liderada pelos Estados Unidos, iniciou após a assinatura do Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR)”<sup>436</sup>.

De acordo com Gerson Moura<sup>437</sup>, “a Conferência do México em 1945 pode ficar registrada como o primeiro ato da Guerra Fria”, nela foram determinados os fundamentos para declarar uma futura luta contra a União Soviética e o “comunismo internacional”.<sup>438</sup> Estava declarada a “nova corrida armamentista e a acirrada propaganda ideológica.”<sup>439</sup> Para o autor, as disputas entre Estados Unidos e URSS podem ser definidas pelo ato de competir:

A competição entre as superpotências por influência era mascarada por uma densa névoa de ideologia, com cada lado defendendo a “verdade” de sua própria Cruzada. Os Estados Unidos defendiam a “liberdade” e a URSS, a “paz”, e cada um buscava solapar a verdade de seu oponente. O efeito político de qualquer guerra é a polarização, e a guerra fria, que não era exceção à regra, dividiu o mundo em duas metades incompatíveis. Neste contexto, as instituições e os mecanismos criados para assegurar a paz após a Segunda Guerra Mundial foram transformados em campos de batalha das superpotências e seus aliados, ao invés de serem usados como uma maneira de colaborar com a criação de uma nova ordem internacional pacífica.<sup>440</sup>

A reconstrução da Europa tornou-se prioridade após a Segunda Guerra Mundial, a situação em que se encontravam os países europeus inviabilizava “o estabelecimento de uma economia internacional fundada no livre comércio, na conversibilidade da moeda e na abertura dos mercados”<sup>441</sup>, e esses princípios eram determinantes para consolidação da hegemonia norte-americana.

No caso da América Latina, Carlos Fico argumenta que as atenções foram restritas e quase insistentes se comparadas com as que foram destinadas para Europa, salientando que:

<sup>434</sup> CERVO; BUENO, 2011, p. 247.

<sup>435</sup> CÁCERES, Florival. *História da América: segundo grau*. São Paulo: Moderna, 1986, p. 163.

<sup>436</sup> No Rio de Janeiro, em 2 de setembro de 1947, com a presença, inclusive, do secretário de Estado norte-americano, Marshall. O TIAR integrava o sistema interamericano ao sistema mundial e previa mecanismos de manutenção da paz e segurança do hemisfério. O sistema regional, todavia, teria liberdade de atuação no continente, em relação à Organização Universal (CERVO; BUENO, 2011, p. 271).

<sup>437</sup> MOURA, 2012.

<sup>438</sup> MOURA, 2012, p. 161.

<sup>439</sup> MOURA, 2012, p. 179.

<sup>440</sup> MOURA, 2012, p. 179.

<sup>441</sup> FICO, Carlos. *O grande irmão: da operação Brother Sam aos anos de chumbo: o governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 21.

Para a América Latina restaram, quando muito, sugestões e conselhos baseados no receituário da internacionalização da economia mundial [...]. O próprio George Marshall, em visita ao Rio de Janeiro, em 1947, para participar da Conferência Interamericana sobre Defesa do Continente, foi constrangido a afirmar que desenvolvimento latino-americano não passaria por um plano nos moldes do que ajudava a reconstrução da Europa.<sup>442</sup>

Em agosto de 1947 ocorreu a Conferência Interamericana sobre Defesa do Continente, as tratativas buscavam como resultado político o Tratado Interamericano da Assistência recíproca (TIAR), que reafirmava o pan-americanismo político, agora anticomunista. Nesse encontro, os poderes norte-americanos, representados pelo presidente Harry Truman e por George Marshall, “recomendavam ao governo brasileiro a utilização prioritária de recursos internos e a criação de clima propício à atração de capital privado norte-americano”.<sup>443</sup>

Acordou-se a criação da Comissão Brasil-Estados Unidos, que se encarregaria de estudar a elaboração de um programa para o desenvolvimento.<sup>444</sup> Os trabalhos dessa comissão e dos Estados Unidos procuraram permanecer no plano das análises e sugestões. O relatório da comissão se deteve apenas ao plano das recomendações liberais acima apontadas, não se comprometendo com qualquer apoio concreto ao Brasil.<sup>445</sup> O estabelecimento do TIAR teve como desdobramento a criação da Organização dos Estados Americanos (OEA), em Bogotá, pela IX Conferência Interamericana de 1948. O TIAR e a OEA constituem elementos decisivos para a compreensão das relações entre os Estados Unidos e os países latino-americanos. Estes comprometiam-se a apoiar os EUA em caso de ameaça armada externa, ou seja, ameaça comunista. Aos poucos a Guerra Fria estava se materializando precocemente na América Latina.<sup>446</sup> A OEA configurou-se numa organização regional e “institucionalizava a versão pan-americanista desenvolvida pela Doutrina Monroe e constituía um elemento valioso para a diplomacia americana manter sob controle a política dos países do continente”.<sup>447</sup>

Paulo Vizontini afirma que a Carta da OEA estava norteada por princípios

que encarnava as disputas regionais como sua esfera de competência, e não da ONU, e o da incompatibilidade, segundo o qual nenhum dos Estados-membros poderia afastar-se do “modelo político democrático” vigente no ocidente e no continente. O

<sup>442</sup> FICO, 2008, p. 21.

<sup>443</sup> VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. O nacionalismo desenvolvimentista e a política externa independente (1951-1964). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Coord.). *O Brasil republicano: O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964* 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

<sup>444</sup> Chefiada por John Abbink do lado americano e Otávio Golvea de Bulhões pelo lado brasileiro, a comissão ficou conhecida comissão Abbink-Bulhões (VIZENTINI, 2006, p. 201).

<sup>445</sup> VIZENTINI, 2006, p. 200.

<sup>446</sup> VIZENTINI, 2006, p. 201.

<sup>447</sup> VIZENTINI, 2006, p. 201.

primeiro princípio, condenava a região a um certo isolamento internacional em termos políticos, enquanto o segundo legitimava a ação norte-americana contra qualquer alteração reformista e ou nacionalista do *status quo*, executando-se, é claro, as ditaduras “purificadoras e amigas”.<sup>448</sup>

No início da década de 1950, como afirma o historiador Eric Hobsbawm<sup>449</sup>, os países europeus encontravam-se no auge da sua expansão econômica. Muitos deles viviam tal momento em virtude da assistência do Plano Marshall e a América Latina ainda apresentava um pequeno desenvolvimento.

Na obra *Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia*, Luiz Fernando Ayerbe analisa os interesses dos Estados Unidos em se aproximar da América Latina, afirmando que

a preocupação dos Estados Unidos em relação à América Latina no início da guerra fria se concentra especialmente nas posturas nacionalistas de alguns governos e movimentos que visualizam uma perspectiva equidistante da influência do país como base para qualquer política de afirmação nacional. A maior preocupação é com a disponibilidade dos recursos naturais da região em caso de uma guerra com a União Soviética e a eventualidade de um boicote de governos, sindicatos e demais movimentos, em que a infiltração de ideias antiamericanas possa ser decisiva.<sup>450</sup>

A América Latina era considerada como uma área geoestratégica numa possível guerra entre Estados Unidos e União Soviética. Para proteger essa área, os norte-americanos envolveram os latino-americanos numa redoma de vidro através de acordos e tratados, de modo a conter o avanço comunista. Os norte-americanos iniciaram uma batalha contra o possível avanço comunista, “buscando realizar alianças com vários países, visando implantar um ‘cerco’ ao mundo socialista”.<sup>451</sup>

Nos Estados Unidos o clima era de histeria, alimentada pela mídia e fomentada até pelo Congresso. Difundia-se a ideia de que os comunistas estavam em todos os lugares. Por que não estariam na América? Insidiosos, eles se infiltraram em setores fundamentais da vida norte-americana, buscando destruir os valores da sociedade cristã e ocidental. [...] de onde menos se esperava, os comunistas surgiam, tal qual vampiros sedentos de sangue, para devorar criancinhas e escravizar homens e mulheres ao totalitarismo. Muitos norte-americanos acreditavam em todo esse discurso anticomunista, reforçado pelos órgãos de imprensa e de entretenimento.<sup>452</sup>

<sup>448</sup> VIZENTINI, 2006, p. 202.

<sup>449</sup> HOBBSAWM, 1995.

<sup>450</sup> AYERBE, Luis Fernando. *Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia*. São Paulo: Editora UNESP 2002, p. 81.

<sup>451</sup> FARIA, R.; MIRANDA. M. 2003 p. 30.

<sup>452</sup> FARIA, R.; MIRANDA. M. 2003 p. 30 (grifo nosso).

Naquele momento, qualquer país que mantivesse relações diplomáticas<sup>453</sup> ou comerciais à revelia dos Estados Unidos seria caracterizado como de atitude a favor do comunismo<sup>454</sup>. Declarar-se neutro também configurava uma atitude “antipan-americanista, na interpretação da política externa norte-americana”<sup>455</sup>.

Nessa conjuntura, percebe-se a importância de apropriarmos os eixos norteadores dos artigos de Drew Pearson, no que se refere às Relações Internacionais com a América Latina. Este item inclui acordos governamentais que envolvem relações comerciais, políticas de investimentos econômicos ou de industrialização de setores de base para o desenvolvimento da América Latina, assim como as relações comerciais que se estabeleceram entre os países latino-americanos e a União Soviética. A imprensa, nesse contexto, exerceu um papel fundamental, minando e alarmando a possível expansão do comunismo. Surgem, assim, as manifestações do anticomunismo e a luta dos Estados Unidos contra a expansão da União Soviética.

Quando se analisa o discurso jornalístico, como alerta a autora Bethania Mariani, deve-se considerar o

ponto de vista do funcionamento imaginário de uma época: o discurso jornalístico tanto se comporta como uma prática social produtora de sentidos como também, direta ou indiretamente, vincula as várias vozes constitutivas daquele imaginário. Em suma, o discurso jornalístico assim como qualquer outra prática discursiva que integra uma sociedade, sua história. Mas ele também é história, ou melhor, ele está entranhado de historicidade.<sup>456</sup>

O objetivo deste capítulo é compreender como Drew Pearson descreveu as relações internacionais que se configuravam em articulações comerciais, empréstimos e investimentos militares, tendo como pano de fundo o desenrolar da Guerra Fria.

Passaremos a trabalhar com o Eixo Temático Relações Internacionais<sup>457</sup>. Neste foram levantados 124 artigos que se referem especificamente aos países da América Latina e suas

---

<sup>453</sup> A diplomacia compreende a ação externa dos governos expressa em objetivos, valores e padrões de conduta vinculados a uma agenda de compromissos pelos quais se pretende realizar determinados interesses. Essa agenda é, em princípio, determinada muito mais de fora do que de dentro de cada nação. O elevado grau de determinação externa da diplomacia pode ser observado em sua dimensão global, regional e bilateral (CERVO, 2008, p. 8).

<sup>454</sup> FARIA, R.; MIRANDA, M. 2003.

<sup>455</sup> CAVALAK, 2006, p. 65.

<sup>456</sup> MARIANI, 1993, p. 33.

<sup>457</sup> Compreendemos que o conceito de Relações Internacionais evoca, pois, um fenômeno ainda mais abrangente do que diplomacia e política exterior. As relações internacionais compreendem três categorias de agentes: a diplomacia, o governo com sua política e a sociedade com suas forças. Esses agentes das relações internacionais se relacionam entre si de forma a se poder vislumbrar um esquema de influências recíprocas. Assim, as forças

relações com os Estados Unidos. Desses artigos, os países que mais estiveram presentes na coluna foram Argentina e o Brasil.

Drew Pearson afirmou em um de seus artigos que “corria perigo a política de boa vizinhança entre Estados Unidos e a América Latina”<sup>458</sup>, pois considerava que o governo norte-americano estava adotando uma política de distanciamento em relação aos latinos, argumentando que essa atitude abriria brechas para o avanço do comunismo na região.

Para fins de análise, convém ressaltar que o discurso de Drew Pearson no eixo temático denominado Relações Internacionais consistiu em dois temas centrais: 1) Nos empréstimos que foram concedidos aos países da América Latina pelos Estados Unidos, e 2) Nas relações comerciais que estavam se intensificando com a União Soviética.

Destacamos um grupo de artigos no qual o jornalista expôs os pontos estratégicos das relações dos Estados Unidos com a América Latina, e que levantou os seguintes questionamentos: Como a América Latina, esquecida pelos Estados Unidos, tornou-se, de repente, algo interessante a ser salvo do comunismo? Como Drew Pearson definiu as áreas de influência norte-americana? Como o governo atuou nelas e como o jornalista representou o posicionamento da sua política externa com relação à América Latina? Foram criados planos de auxílio para as reconstruções do pós-guerra, destinando empréstimos milionários aos países europeus e aos países asiáticos, como essa postura adota pelos Estados Unidos afetou a América Latina?

Qual o fator determinante na escolha dos textos para serem publicados no Brasil? Quais as pretensões dos Estados Unidos sobre a América Latina e principalmente sobre o Brasil, numa era de jogo de estratégias e articulações diplomáticas? Para tentarmos responder a essas indagações, este estudo estará centrado no discurso e na visão do jornalista norte-americano que investigou os movimentos dos Estados Unidos ao longo do jogo de xadrez que caracterizou a Guerra Fria.

Os artigos publicados por Drew Pearson na revista *O Cruzeiro* no período de 1950 a 1957 retrataram uma América Latina esquecida e vulnerável aos comunistas. Destacando que os Estados Unidos abandonam suas políticas intervencionistas com os países da América Latina, e os norte-americanos, optando por estabelecer negociações diplomáticas e um relacionamento pacífico, oferecem auxílio econômico e militar para aproximar e reforçar os laços com os latino-americanos. Havia o entendimento de que, mantendo uma aliança segura

---

sociais que espelham o grau de desenvolvimento econômico, como a apropriação de conhecimento científico, a inovação tecnológica, a organização empresarial e a concentração de capital (CERVO, 2008, p. 11).

<sup>458</sup> PEARSON, Drew. Corre perigo a política de boa vizinhança. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 30 jun. 1951. Carrossel do Mundo, p. 66.

e estável, a aproximação com os países europeus seria contida. Isso modificou profundamente as relações político-estratégicas, acirrando a competição internacional nas esferas das relações de poder. Ressaltando “a política inepta<sup>459</sup> de Washington”<sup>460</sup>, no artigo do dia 30 de junho de 1951. Trataremos de explorar o conteúdo desse artigo, percebendo que essa política manteve-se assim até o ano de 1957.

Os estudos realizados pelos autores Amado Cervo e Clodoaldo Bueno<sup>461</sup> relatam que a Política de Boa Vizinhança<sup>462</sup> foi adotada pelo presidente dos Estados Unidos, Franklin D. Roosevelt, durante o mandato que compreendeu o período 1933-1945, e que esta modificou “a política exterior norte-americana e inaugurou uma nova etapa nas relações entre as nações do hemisfério”<sup>463</sup>.

Para Henry Steele Commager e Allan Neveni, a política americana em relação à Europa, depois da Segunda Guerra, havia sido um sucesso visível em relação à Ásia, não havendo um suscetível equilíbrio entre o sucesso e o fracasso, apenas existindo um abismo entre ambos. Era possível afirmar que o aspecto mais visível das relações com a América Latina era a ausência de qualquer política.<sup>464</sup> Os autores acrescentam que

Franklin Roosevelt, certamente, havia lançado a política de “boa vizinhança”, mas ser um bom vizinho parecia mais ser um caso negativo, do que positivo, uma questão de manter as mãos fora dos negócios internos dos países latino-americanos e de fazer a Doutrina Monroe, pelo menos em forma, multilateralidade. Durante o pós-guerra, os países da América - o México e o Chile foram exceções parciais - sofriram os espasmos de uma grande crise econômica e social. A população estava crescendo mais rapidamente do que qualquer outra parte do globo, sem um aumento comparável nas riquezas e na produtividade; a distância entre os pobres e os ricos era cada vez maior; e como os ricos e poderosos se voltavam para os militares para a preservação da ordem e seus privilégios, os pobres se voltavam para a revolução.<sup>465</sup>

Para os autores, os Estados Unidos estavam profundamente envolvidos em outras partes do mundo, dando pouca atenção à sorte ou ao azar de seus vizinhos do sul, e, quando intervinham, permaneciam do lado da ordem e do *status quo*, ao invés de defenderem a reforma.<sup>466</sup> Os pesquisadores seguem em seu pensamento:

---

<sup>459</sup> Uma política de descaso com relação à América Latina.

<sup>460</sup> PEARSON, Drew. Corre perigo a política de boa vizinhança. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 30 jun. 1951. Carrossel do Mundo, p. 66

<sup>461</sup> CERVO, A; BUENO, C. 2011.

<sup>462</sup> Para uma leitura mais aprofundada indicamos a obra: GAMBINI, Roberto. *O Duplo jogo de Getúlio Vargas: influência e alemã no Estado Novo*. São Paulo: Símbolo, 1977. HILTON, Stanley. *O Brasil e a Crise Internacional: 1930 -1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A, 1977.

<sup>463</sup> Conforme CERVO, A; BUENO, C. 2011.

<sup>464</sup> NEVINS, Allan; COMMAGER, Henry Steele. *História dos EUA*. Rio de Janeiro: Bloch, 1967, p. 508.

<sup>465</sup> NEVINS, A; COMMAGER, H. S., 1967, p. 508.

<sup>466</sup> NEVINS, A; COMMAGER, H. S., 1967, p. 508-509.

Os Estados Unidos estavam tão amedrontados com a perspectiva de comunismo na América Latina que preferiam os ditadores aos reformadores, que se poderiam inclinar para a esquerda, e assim mantinham por exemplo, Batista em Cuba(1933-1944), Trujillo na República Dominicana (1930-1961), Perón na Argentina (1946 - 1955) e Jiménez na Venezuela (1952- 1958).<sup>467</sup>

Para os Estados Unidos, essas políticas tornavam-se convenientes porque dificultavam a entrada do comunismo, centralizavam o poder nas mãos de poucos e evitavam manifestações populares e revoluções. Para Henry Steele Commager e Allan Nevins, o presidente Eisenhower tentou consertar os laços na América Latina somente no final do seu mandato, mais precisamente nos últimos dois anos de governo, após a revolução cubana.<sup>468</sup>

A restauração da Política de Boa Vizinhança com a América Latina foi retomada pelos Estados Unidos, pela necessidade de conter a aproximação da União Soviética e continuar com sua posição privilegiada nas relações econômicas com os países latino-americanos. O contexto da Guerra Fria visava estratégias bem articuladas, para a conquista de novos mercados consumidores e a intensa busca de aliados. E os Estados Unidos temiam a expansão comunista.

Os artigos de Drew Pearson, em sua maioria, evidenciam os acontecimentos ligados à política interna e externa dos Estados Unidos, suas estratégias para atrair novos aliados e manter os antigos, a articulação de suas relações comerciais e, principalmente, o fato de que os EUA se colocavam como uma barreira contra o avanço do comunismo.

Consideramos de suma importância o que o autor Irieneu Strenger<sup>469</sup> comenta sobre as relações entre Relações Internacionais e o Poder Midiático, introduzindo o fator “*mediático*” para caracterizar aquele que exerce uma pressão social por meio dos processos da informação e divulgação”. Ele define assim o papel das mídias:

As mídias atuam como poder, pois já demonstraram sua força em várias oportunidades históricas. O poder midiático pode causar inúmeros efeitos como:

- acelerar processo de decomposição ou desestabilização;
- confrontar um poder que tem legitimidade, mas atravessa grande crise;
- tornar permeáveis fronteiras impermeáveis;
- internacionalizar uma crise ou um conflito regional e local;
- reforçar a solidariedade internacional e a assistência humanitária;
- isolar tal ou qual regime político;
- forçar a democratização dos regimes autoritários e favorecer o advento dos Direitos Homem;

<sup>467</sup> NEVINS, A; COMMAGER, H. S., 1967, p. 509.

<sup>468</sup> NEVINS, A; COMMAGER, H. S., 1967, p. 508.

<sup>469</sup> STRENGER, Irieneu. *Relações internacionais*. São Paulo: LTr, 1998.

Em conclusão, a guerra radiofônica, a guerra das imagens, a guerra das palavras são um fator cada vez mais importante das relações internacionais contemporâneas.<sup>470</sup>

Compreendemos que as mídias não são o “quarto poder”<sup>471</sup>, mas como atua nas entranhas das outras instâncias de poder, elas detêm mais influência do que o inverso. Consideramos os artigos de Drew Pearson como o importante elemento nas relações internacionais, atuando como um correspondente das informações mais relevantes sobre o desenrolar do confronto bipolar entre Estados Unidos e URSS.

Um dos marcos na história para América Latina foi a Segunda Guerra Mundial, inserida num período que floresceu no contexto internacional e que em seguida perdeu o seu viço. Octávio Ianni<sup>472</sup> salienta que, depois da Segunda Guerra Mundial, tornou-se cada vez mais evidente, para os governantes norte-americanos, que deveriam ser adotadas práticas que pudessem desenvolver um padrão de diplomacia capaz de abarcar todas as relações e estruturas básicas desenvolvidas em sua supremacia sobre as outras nações do continente. O autor destaca ainda que,

Desde então, os interesses econômicos, políticos e militares, além dos acordos, tratados, e programas culturais, universitários, científicos, sindicais e religiosos, passaram a ser encarados como elementos mais ou menos importantes, conforme o caso, das relações hegemônicas dos Estados Unidos sobre os outros países do hemisfério. Tanto assim, que a espionagem e os programas destinados a preparação de forças especiais para repressão dos movimentos sociais também passam a fazer parte desse sistema de relações. A partir dessa perspectiva os governantes norte-americanos e os aliados latino-americanos – da diplomacia global dos Estados Unidos, no mundo capitalista em face ao mundo socialista.<sup>473</sup>

O autor procurou caracterizar a diplomacia total como sendo a supremacia dos Estados Unidos sobre os países do hemisfério, não se limitando apenas às relações econômicas, políticas e militares, compreendendo também problemas sociais.<sup>474</sup>

Celso Pereira examina que o contexto internacional se tornou bastante complexo no pós-guerra, afirmando que

As relações Norte/Sul, que compreendem, principalmente, conteúdos econômicos, têm, de forma clara e inofismável, inegáveis implicações políticas. Os países do Terceiro Mundo vêm lutando para romper a pesada herança do período colonial e os

---

<sup>470</sup> STRENGER, 1998, p. 92.

<sup>471</sup> Nos apropriamos das concepções adotadas pelo autor Patrick Charaudeau, que não percebe as mídias como um poder institucionalizado (CHARAUDEAU, 2006).

<sup>472</sup> OCTÁVIO, Ianni. *Diplomacia e Imperialismo na América Latina*. São Paulo, CEBRAP. Caderno nº 12, 1971, p. 1-98.

<sup>473</sup> OCTÁVIO, 1971, p. 7.

<sup>474</sup> OCTÁVIO, 1971, p. 8.

condicionantes que os mantêm na dependência dos centros industrializados, principalmente dos Estados Unidos. No caso específico da América Latina, a situação não deixa dúvidas. Os países da região, ao longo de suas histórias, têm sido impelidos por acontecimentos políticos vários e, em consequência, têm procurado romper as bases estruturais dessa dependência em relação ao Império norte-americano.<sup>475</sup>

O autor completa, ainda, que todas as tentativas e processos para provocar rupturas estruturais na América Latina e diminuir a dependência externa realmente não lograram os objetivos almejados.<sup>476</sup>

Em tempos de Guerra Fria, o espaço de manobra ficava limitado para atrair atenção dos Estados Unidos, não evitando o descaso para com a América Latina. Para Paulo Vizontini, a política externa americana tinha suas prioridades nas regiões afetadas pela guerra mundial, e que agora constituíam as fronteiras da Guerra Fria. Tendo por objetivo estratégico a abolição das barreiras alfandegárias e as restrições de qualquer ordem ao livre fluxo comercial e financeiro, visava a uma dimensão global e não regional.

Nesse quadro, a América Latina via-se “abandonada” pelos Estados Unidos, que a encorajava a eliminar restrições e controles cambiais para obter a entrada de capitais privados, e a orientava a reforçar a segurança interna contra a esquerda. A mesma América Latina que percebida com descaso até a revolução cubana.<sup>477</sup> Os artigos de Drew Pearson descrevem em larga medida essa realidade.

A América Latina não detinha o olhar atento de Eisenhower, como havia acontecido com o presidente Truman, sempre elogiado por Drew Pearson. Karl Deutsch explica que “entre os anos de 1952 e 1961, houve um fluxo maior de dinheiro da América Latina para os Estados Unidos do que na direção oposta”.<sup>478</sup>

Para Luis F. Ayerbe, uma das “preocupações com a América Latina estava diretamente relacionada com a percepção de inviabilidade do potencial da região”.<sup>479</sup>

Nesse sentido, trataremos de analisar os artigos publicados por Drew Pearson, extraíndo a finalidade da comunicação, considerando as informações como representações implícitas em seu discurso.

No Eixo temático Relações Internacionais, trataremos de expor as opiniões presentes nos artigos de Drew Pearson. Partindo do levantamento de dados, a América do Sul foi

<sup>475</sup> PEREIRA, 1984, p. 132.

<sup>476</sup> PEREIRA, 1984.

<sup>477</sup> VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. *O nacionalismo desenvolvimentista e a política externa independente (1951-1964)*. Rev. Bras. Polít. Int. 37 (1): 24-36 [1994], p. 31.

<sup>478</sup> DEUTSCH, 1983, p. 16.

<sup>479</sup> AYERBE, 1996, p. 37.

referenciada em 84 artigos da coluna Carrossel do Mundo. Destes, 25 artigos descrevem o contexto político-econômico da Argentina, sobre Juan D. Perón e o seu governo, e 15 artigos salientam o contexto do Brasil, descrevendo a política, a economia e as relações entre brasileiras e norte-americanas.

A América Latina estava longe das fronteiras da União Soviética, ainda estava ameaçada pelo comunismo soviético, e, portanto, não exigia muita atenção.<sup>480</sup> Em contrapartida, para o jornalista Drew Pearson, a América Latina estava sim à mercê de uma expansão comunista.

É oportuno refletir sobre as razões que motivaram Drew Pearson a alertar os Estados Unidos em relação ao avanço comunista na América Latina? Para Drew Pearson, o primeiro ponto que deveria ser considerado em relação à América Latina é sua posição geoestratégica<sup>481</sup>. O jornalista considerava essa região de suma importância para a exportação de matéria prima, pois afirmava que não tardaria para as regiões asiáticas serem dominadas pelo comunismo, e os latinos seriam a salvação.<sup>482</sup> Outro ponto que o preocupava estava centrado no quesito empréstimos, a falta de concessão de recursos financeiros fomentaria a possibilidade do avanço comunista, pois, afirmava, o enfraquecimento da economia atrairia as atenções da URSS.<sup>483</sup> Por fim, acreditamos que as percepções de Drew Pearson estivessem também sendo alimentadas pelo clima de histeria que se instalava no Congresso norte-americano e nas mídias internacionais com relação ao avanço da ideologia comunismo sobre o capitalismo.

Com base no eixo temático Relações Internacionais, foram catalogados 125<sup>484</sup> artigos que compreendem os anos de 1950 a 1957 e caracterizam as relações diplomáticas e comerciais entre América Latina e os demais países do globo, assim como entre os dois rivais da Guerra Fria. Identificamos 124<sup>485</sup> artigos que mencionam especificamente o México, América Central e América do Sul ou que fazem referência somente à América Latina, sem pontuar países em especial, mas sim a região. Nos gráficos a seguir não foram especificadas essas menções, consideramos apenas quando o país era referenciado. Para melhor

<sup>480</sup> SCHIULTZ, Lars. *Estados Unidos: poder e submissão, uma história da política norte-americana em relação à América Latina*. São Paulo: EDUSC, 2000, p. 370.

<sup>481</sup> PEARSON, DREW. Exame de consciência da política americana. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 23 nov. 1957. Carrossel do Mundo, p. 48.

<sup>482</sup> PEARSON, Drew. A guerra, a borracha e a América Latina. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 30 dez. 1950. Carrossel do Mundo, p. 86.

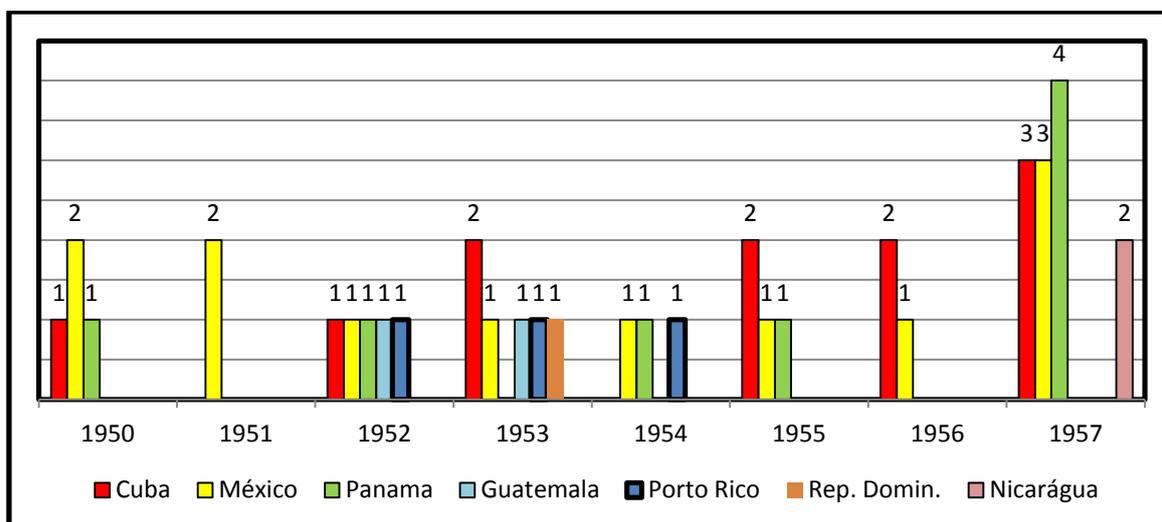
<sup>483</sup> PEARSON, Drew. Turquia versus União Soviética. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 21 abr. 1951. Carrossel do Mundo, p. 78.

<sup>484</sup> Mencionados anteriormente no capítulo 1 expostos na tabela 1.

<sup>485</sup> Os 124 artigos mencionam especificamente as regiões latinas, pois 1 artigos trata de relações internacionais e destaca um país que não está inserido nesta região.

compreensão dos dados<sup>486</sup>, apresentamos os gráficos contendo os países latino-americanos mencionados nos artigos, como podemos observar a seguir:

Gráfico 5 - Países da América Central e México mencionados nos artigos e seus percentuais (1950-1957)



Fonte: Elaboração da autora com base na revista *O Cruzeiro*.

Com relação ao gráfico 5 podemos observar que os países da América Central e o México<sup>487</sup>, totalizam 39 menções, se destacam com 30,77% (México) e 28,20% (Cuba). É possível perceber, também, que a visibilidade cubana aconteceu no período de 1953 a 1957. Sobre o Panamá, com 20,52% das menções, questões centram-se especificamente no Canal do Panamá. Em seguida, com 7,70 %, Porto Rico, 5,12% respectivamente para a Nicarágua e Guatemala, com 2,57% a República Dominicana.<sup>488</sup> A partir dos dados sistematizados na pré-análise e na categorização, propomo-nos a realizar uma breve descrição<sup>489</sup> de como cada país foi representado por Drew Pearson em sua coluna Carrossel do Mundo. Os países da América Central, na sua totalidade, não foram mais atuantes no discurso de Drew Pearson, sendo que o México o foi em 12 artigos.

<sup>486</sup> Os dados catalogados referem-se a qualquer tipo de menção sobre os países. Realizamos um levantamento das palavras, como sugere a análise de conteúdo.

<sup>487</sup> Para Drew Pearson, o México pertencia à América Central, pois o jornalista considerava mais relevante o aspecto cultural do que o geográfico.

<sup>488</sup> Cabe salientar que os dados equivalentes aos percentuais, foram ajustados para números inteiros.

<sup>489</sup> Não descreveremos os artigos que se referem a cada país descrito no gráfico 4, pois a presente dissertação não comportaria tamanho estudo. Comprometemo-nos a expor e analisar detalhadamente esse material em outra ocasião, num futuro trabalho ou artigo científico.

Para Drew Pearson, o México era uma nação ativa e próspera.<sup>490</sup> O jornalista relatou, em um artigo de 1950, que o governo mexicano desejava desesperadamente empréstimos para serem direcionados à procura de novas jazidas petrolíferas. A concessão desse empréstimo<sup>491</sup> não era vista com bons olhos pelos investidores norte-americanos.<sup>492</sup> Os artigos descreviam a exportação de gado mexicano<sup>493</sup> para os Estados Unidos. Num artigo específico de 1951, Pearson relatava um corte ocorrido nas importações de gado, em virtude de um problema com a febre aftosa.<sup>494</sup> Em um pequeno trecho, mencionava as eleições no México, que ocorreriam em 1952.<sup>495</sup> Por fim, o artigo apresentava um caso de fraudes numa linha aérea da Pan American World Airways, ocorrida no México.<sup>496</sup>

Os artigos representam as relações de reciprocidade<sup>497</sup> entre Estados Unidos e Cuba. Cuba esteve presente em 11 artigos, de 1950 a 1957. Em 1950, há a menção, numa pequena nota, a respeito da demissão do General Damera, chefe do exército cubano do presidente Prio Socarras (1948-1952). Tal demissão justificava-se pelo fato de que o chefe do exército estava tentando estabelecer uma divisão entre o presidente e as forças armadas.<sup>498</sup> O jornalista anunciava, em um dos artigos de 1953, o novo embaixador em Cuba, Arthur Gardner. Para Drew Pearson, “Arthur trabalhará com afinco, mas não conseguirá grande coisa nem ofenderá ninguém”.<sup>499</sup> Em seguida, ele relata sobre uma refinaria de níquel administrada pelos Estados Unidos.<sup>500</sup> A lei de quotas para o açúcar foi sancionada durante o governo do Presidente Roosevelt, estabelecendo as quantidades do produto provenientes de Cuba, Porto Rico, Peru, México e outros países estrangeiros que poderiam entrar nos Estados Unidos. Porém, durante

<sup>490</sup> PEARSON, Drew. A ofensiva de Paz da Rússia. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 25 ago. 1951. Carrossel do Mundo, p. 86.

<sup>491</sup> O empréstimo, que não foi concedido ao México, contempla nossa tese de que a América Latina, no discurso de Drew Pearson, esteve abandonada. Trataremos de retomar essa questão mais adiante.

<sup>492</sup> A concessão de tal empréstimo estaria nas mãos do presidente Truman, pois o senado e os investidores haviam negado o pedido. PEARSON, Drew. Dólares para o petróleo Mexicano. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 11 fev. 1950. Carrossel do Mundo, p. 62.

<sup>493</sup> PEARSON, Drew. Bomba-A ou "JIU-JITSU" diplomático. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 22 abr. 1950. Carrossel do Mundo, p. 74.

<sup>494</sup> PEARSON, Drew. Pearson irá para a cadeia? *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 7 jul. 1951. Carrossel do Mundo, p. 72.

<sup>495</sup> PEARSON, Drew. A ofensiva de Paz da Rússia. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 25 ago. 1951. Carrossel do Mundo, p. 86.

<sup>496</sup> PEARSON, Drew. Dulles não quer dar trigo à Polônia. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 25 mai. 1957. Carrossel do Mundo, p. 86.

<sup>497</sup> PEARSON, Drew. Frente a frente com generais. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 8 mar. 1952. Carrossel do Mundo, p. 80.

<sup>498</sup> PEARSON, Drew. A bomba atômica russa. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 21 jan. 1950. Carrossel do Mundo, p. 58.

<sup>499</sup> PEARSON, Drew. Escassez de munição na Coreia. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 28 mar. 1953. Carrossel do Mundo, p. 112.

<sup>500</sup> PEARSON, Drew. Bomba atômica russa. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 1 ago. 1953. Carrossel do Mundo, p. 16.

a Segunda Guerra Mundial, a quota cubana foi elevada e, agora, em tempos de paz, voltou a ser limitada ao que a lei previa, e isso estava gerando atritos com os engenhos de açúcar cubanos.<sup>501</sup>

Drew Pearson realiza uma entrevista exclusiva com Fulgêncio Batista, em Cuba.<sup>502</sup> Durante o ano de 1957, o país começava a ganhar mais espaço<sup>503</sup>, pois se encontrava em grande agitação política e a situação era muito instável. Tal condição exigia que os Estados Unidos ficassem atentos e começassem a observar as movimentações revolucionárias cubanas.<sup>504</sup>

O Panamá esteve presente em 8 artigos, ao longo do ano de 1950. Drew Pearson chamava atenção para uma suposta movimentação de submarinos, que poderiam ser soviéticos, e identificava o canal do Panamá com um local desprotegido, que poderia sofrer um ataque a qualquer momento.<sup>505</sup> No entanto, no decorrer do período estudado, o mesmo canal foi mencionado com ponto de encontro entre governantes<sup>506</sup>, assim como o destino de viagens empreendidas por membros do governo norte-americano<sup>507</sup>: o presidente do Panamá, José Antônio Remón (1952-1955), participou de um jantar com o senador republicano Alex Wiley, que em breve se tornaria o presidente da Comissão de Relações Exteriores;<sup>508</sup> o país era identificado como uma rota para porta-aviões<sup>509</sup> e ponto de parada de tropas para abastecimento;<sup>510</sup> o presidente Ernesto de la Guardia (1956-1960) estudava a possibilidade de nacionalizar o canal do Panamá e os funcionários americanos consideravam a ideia de abrir um novo canal através da Nicarágua;<sup>511</sup> Drew Pearson travou, em fevereiro de 1956, uma

---

<sup>501</sup> PEARSON, Drew. Quatrocentas toneladas de propaganda. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 8 out. 1955. Carrossel do Mundo, p. 116

<sup>502</sup> PEARSON, Drew. Batista não persegue os inimigos políticos. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 22 out. 1955. Carrossel do Mundo, [s.p.].

<sup>503</sup> PEARSON, Drew. O rei Saud prometeu apoiar o rei Hussein. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 23 nov. 1957. Carrossel do Mundo, p. 48.

<sup>504</sup> PEARSON, Drew. Exame de consciência da política americana *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 23 nov. 1957. Carrossel do Mundo, p. 48.

<sup>505</sup> PEARSON, Drew. Medfocres os comandantes americanos. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 23 set. 1950. Carrossel do Mundo, p. 78.

<sup>506</sup> PEARSON, Drew. Eisenhower e a imprensa. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 22 set. 1956. Carrossel do Mundo, p. 16.

<sup>507</sup> PEARSON, Drew. O rei Saud prometeu apoiar o rei Hussein. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 1 jun. 1957. Carrossel do Mundo, p. 120.

<sup>508</sup> PEARSON, Drew. O Irã e a cortina de ferro. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 30 ago. 1952. Carrossel do Mundo, [s. p.].

<sup>509</sup> PEARSON, Drew. Os russos trataram de intimidar Adenauer. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 15 jan. 1955. Carrossel do Mundo, p. 54.

<sup>510</sup> PEARSON, Drew. A ofensiva de paz da Rússia. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 16 mai. 1953. Carrossel do Mundo, p. 98.

<sup>511</sup> PEARSON, Drew. A nacionalização do canal do Panamá. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 30 mar. 1957. Carrossel do Mundo, p. 16.

conversa com o ex-presidente Harry Truman, que lhe assegurou que, para manter a paz mundial, ele trataria de fazer uma oferta para internacionalizar o canal do Panamá.<sup>512</sup>

Porto Rico foi mencionado em 4 artigos na coluna Carrossel do Mundo. Num deles, Drew Pearson alude ao fato de que secretário de Estado auxiliar realizou um visita a sua terra natal, na cidade de Juncos, em Porto Rico<sup>513</sup>; destaca, no texto datado de 9 de agosto de 1952, que um nova constituição porto-riquenha foi aprovada pelo Congresso;<sup>514</sup> noutro relata que tropas porto-riquenhas e colombianas vindas da Coreia pararam no canal do Panamá, onde foram servidos de suprimentos e bebidas alcoólicas;<sup>515</sup> por fim, o jornalista afirma que Porto Rico gozava de uma semi-independência, pois quem ditava as regras eram os Estados Unidos.<sup>516</sup>

Nicarágua esteve presente em 1 artigo, de 1957, no qual é destacado o assassinato do ditador da Nicarágua, Anastasio Somoza Garcia (1936-1956).<sup>517</sup> A República Dominicana também é mencionada em um artigo, que destaca a nomeação do embaixador Willian T. Pheiffer para o país, por ter relações com um membro da Casa Branca.<sup>518</sup> Estes dois últimos países não estavam associados às relações diplomáticas com os Estados Unidos, muito menos com a União Soviética.

Os artigos não serão descritos na íntegra e nem analisados qualitativamente, por motivos de pouca bibliografia capaz de contemplar todos os países no período definido para o estudo, assim como pela falta conteúdo relacionado ao tema proposto nesta pesquisa.

Numa escala de proporção, os países da América Central não detêm a mesma expressão que os países da América do Sul. Como podemos observar no gráfico 6, os percentuais atingem 41 menções na coluna Carrossel do Mundo, enquanto os demais atingem 85 menções. De acordo com o gráfico 6:

---

<sup>512</sup> PEARSON, Drew. Algumas opiniões do ex-presidente Truman. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 17 ago. 1957. Carrossel do Mundo, p. 72.

<sup>513</sup> PEARSON, Drew. Cresce a impopularidade de Truman. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 12 abr. 1952. Carrossel do Mundo, p. 38.

<sup>514</sup> PEARSON, Drew. O estranho caso da Sr.<sup>a</sup> Mittman. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 9 ago. 1952. Carrossel do Mundo, p. 70.

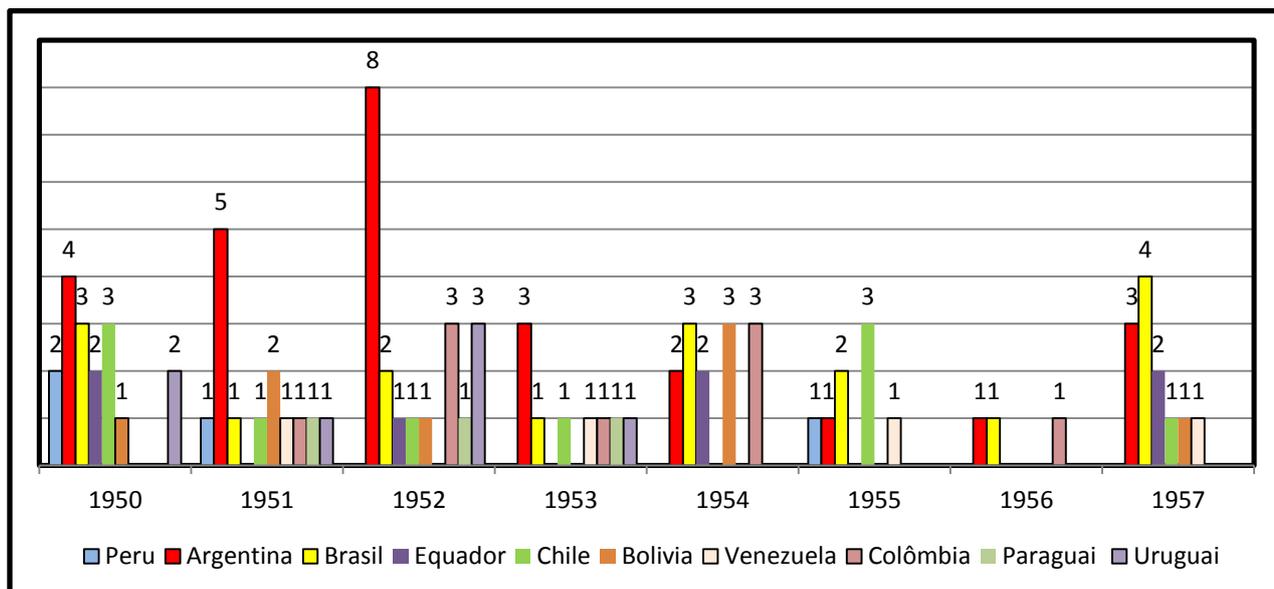
<sup>515</sup> PEARSON, Drew. Ofensiva de paz na Rússia. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 16 mai. 1953. Carrossel do Mundo, p. 98.

<sup>516</sup> PEARSON, Drew. Porto Rico e a independência. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 3 abr. 1954. Carrossel do Mundo, p. 92.

<sup>517</sup> PEARSON, Drew. Pioram as relações entre os EE.UU. e o Canadá. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 29 jun. 1957. Carrossel do Mundo, p. 30.

<sup>518</sup> PEARSON, Drew. Bomba atômica russa. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 1 ago. 1953. Carrossel do Mundo, p. 16.

Gráfico 6 - Países da América do Sul mencionados nos artigos e seus percentuais (1950-1957)



Fonte: Elaboração da autora com base na revista *O Cruzeiro* do período de 1950 a 1957.

Com base nos dados do gráfico 6, foram constatadas 96 menções, com podemos perceber que a Argentina detém o maior destaque com 28,12% das menções, principalmente entre os anos de 1950 a 1953. Atingindo 17,70% encontra-se o Brasil, aparecendo significativamente entre os anos de 1954 a 1957. Com 10,41% o Chile, com 9,38% Colômbia, Bolívia com 8,34%. Com uma pequena expressão de 7,30% o Equador e Uruguai respectivamente, com 4,17% o Peru e a Venezuela e com 3,12% o Paraguai.<sup>519</sup>

Propomo-nos a realizar uma breve descrição dos países apresentados no gráfico, com exceção da Argentina e do Brasil, que serão privilegiados pela expressiva quantidade de menções e pela compatibilidade ao tema proposto nesta pesquisa, de perceber a América Latina abandonada no discurso de Drew Pearson, no que se refere a relações internacionais desta com os Estados Unidos e a URSS.

O Chile foi mencionado em 10 artigos da coluna Carrossel do Mundo no período de 1950 a 1953, assim como nos anos de 1955 e 1957. Em 1950, Drew Pearson relatava que o presidente chileno, Gonzalez Videla (1946-1952) fez uma visita à Casa Branca para interceder no projeto de um porto na Bolívia, na costa do Pacífico, perto de Arica. O que interessava ao governo chileno eram os benefícios que iriam conseguir através da Bolívia e do dinheiro que,

<sup>519</sup> Cabe salientar que os dados equivalentes aos percentuais, foram ajustados para números inteiros.

possivelmente, os Estados Unidos iriam investir nesse empreendimento.<sup>520</sup> Observou, também, que o Chile era considerado um aliado dos Estados Unidos na luta contra o comunismo.<sup>521</sup>

O artigo que mais chamou nossa atenção foi o de 1 de janeiro de 1955, que relatava que “os banqueiros americanos foram surpreendidos na Conferência Econômica Interamericana do Rio de Janeiro.”<sup>522</sup> Durante a conferência foi anunciado um plano para a criação de um banco exclusivamente latino-americano, por iniciativa do Sr. Arturo Maschke, presidente do Banco Central do Chile.<sup>523</sup> Esse banco seria integrado unicamente pelas nações da América Latina com a exclusão dos Estados Unidos. Drew Pearson pontuou que a iniciativa estava preocupando os banqueiros de “Wall Street”, pois os latino-americanos tinham como meta retirar todo o capital depositado nos Estados Unidos para organizar o referido banco. Inúmeros empréstimos foram negados aos países da América Latina, para que isso não ocorresse mais, o capital latino-americano ficaria a cargo dos próprios donos e destinados aos que solicitassem, sem intervenção norte-americana.<sup>524</sup> Foi mencionado com pesar a morte do embaixador do Chile Carlos Dávila.<sup>525</sup> Em 1957, o embaixador Marino Puga tentou uma reaproximação dos Estados Unidos, pois desde 1941, quando o Chile não apoiou os Estados Unidos contra o Eixo na Segunda Guerra Mundial, os dois países se mantinham distantes.<sup>526</sup>

A Bolívia foi mencionada em 8 artigos da coluna, no período de 1950 a 1953, e nos anos de 1954 e 1957. Em 30 de junho de 1951, Drew Pearson observa que a eleição de Vitor Paz Estensoro (1952-1956), considerado pelo jornalista um candidato antiamericano, para o cargo de Presidente da Bolívia acontecera porque este estava sendo apoiado pelos comunistas. E afirmava veementemente que essa seria “prova da política inepta de Washington em relação

<sup>520</sup> Drew Pearson acrescenta ainda que os portos de Tacna e Arica, localizados na costa do Pacífico, foram, durante longos anos, objeto de atritos entre Chile, Peru e Bolívia. Ver em PEARSON, Drew. 125 milhões para a Argentina. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 10. jun. 1950. Carrossel do Mundo, p. 70

<sup>521</sup> PEARSON, Drew. Os dois revólveres do presidente Truman. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 14 out. 1950. Carrossel do Mundo, p. 78

<sup>522</sup> O artigo não menciona em que ano aconteceu essa conferência e também não encontramos registros específicos. Não foi encontrado nenhum registro bibliográfico sobre esse plano de criação de um banco exclusivamente latino. Atribuímos-lhe o valor de verdade até o momento que seja refutado.

<sup>523</sup> PEARSON, Drew. A América Latina deixa de defender os EUA. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 1 jan. 1955. Carrossel do Mundo, p. 18.

<sup>524</sup> PEARSON, Drew. A América Latina deixa de defender os EUA. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 1 jan. 1955. Carrossel do Mundo, p. 18.

<sup>525</sup> Nesse artigo foi mencionada toda a trajetória de vida de Carlos Dávila. Ver em PEARSON, Drew. Morreu o espírito de Genebra. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 17 dez. 1955. Carrossel do Mundo, p. 44.

<sup>526</sup> Nesse artigo a Argentina também foi mencionada por não ter se aliado aos Estados Unidos contra o Eixo em 1941. Ver em PEARSON, Drew. Truman não irá à Grécia nem à Turquia. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 13 abr. 1957. Carrossel do Mundo, p. 116.

à América Latina, cuja plataforma era o estabelecimento de uma democracia pacifista, a retomada da amizade com a URSS”.<sup>527</sup>

Drew Pearson afirmava que, para os Estados Unidos, o que importava na Bolívia era o estanho<sup>528</sup>. Por esse motivo, o país era considerado um dos mais interessantes da América Latina. Se os EUA falhassem na luta contra as dificuldades econômicas bolivianas, era quase certo que o comunismo absorveria esta nação e, com ela, a única fonte de estanho, além do sudeste da Ásia (que não estava sob ameaça comunista).<sup>529</sup> Drew Pearson comenta, em 11 de dezembro de 1954, que, numa passagem recente pela América do Sul, percebeu que a ONU estava realizando um importante trabalho de colonização em áreas indígenas da Bolívia, do Peru e do Equador, e que, acreditem ou não, os índios estavam se adaptando ao cultivo das terras e a criação de gado.<sup>530</sup>

A Colômbia foi mencionada em 9 artigos na coluna, durante o período de 1951 a 1954 e no ano de 1956. Drew Pearson relata, em 17 de novembro de 1952, que há mais de 3 anos a Colômbia vinha sofrendo com o regime impiedoso, de tipo fascista, do presidente Lorenzo Gomez (1950-1951). Seu governo já totalizara 300 mil mortos<sup>531</sup> e a imprensa estava fortemente censurada na Colômbia durante o período de 1952 a 1956.<sup>532</sup> O jornalista descreve a importância política que o ex-presidente Galo Plaza ainda possuía nas esferas políticas colombianas, e que por isso continuava a ser a figura mais discutida nessa nação.<sup>533</sup>

O Equador esteve presente em 7 artigos, nos anos de 1950, 1952, 1954 e 1957. No artigo de 29 de abril de 1950, Pearson salienta que o Congresso dos Estados Unidos estudava a possibilidade de uma doação de 5 milhões de dólares ao Equador, que sofria com as consequências de um terremoto.<sup>534</sup> Nos demais artigos, o país foi apenas inserido no contexto

---

<sup>527</sup> Acrescentando, ainda, que os comunistas bolivianos que dominam a maior parte dos trabalhadores das minas de estanho apoiam decididamente Paz Estensoro. Ver em PEARSON, Drew. Estensoro, candidato do Cominform. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 30 jun. 1951, p. 58.

<sup>528</sup> PEARSON, Drew. Duvidosa a neutralidade de um jornalista. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 5 jan. 1957. Carrossel do Mundo, [s.p.].

<sup>529</sup> PEARSON, Drew. A revolução social na Bolívia. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 20 nov. 1954. Carrossel do Mundo, p. 50L.

<sup>530</sup> PEARSON, Drew. Importante realização da ONU na América do Sul. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 11 dez. 1954. Carrossel do Mundo, p. 74.

<sup>531</sup> PEARSON, Drew. Graves acusações a um senador. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 18 out. 1952. Carrossel do Mundo, p. 30.

<sup>532</sup> PEARSON, Drew. Ministro de Eisenhower deixarão os cargos. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 14 abr. 1956. Carrossel do Mundo, [s.p.].

<sup>533</sup> PEARSON, Drew. Os políticos são como os tigres. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 8 nov. 1952. Carrossel do Mundo, p. 54.

<sup>534</sup> PEARSON, Drew. A Rússia e o Plano Marshall. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 29 abr. 1950. Carrossel do Mundo, p. 74.

da América Latina, relacionado às relações comerciais, juntamente com Brasil e Argentina, que serão salientados ao longo do capítulo.

O Uruguai foi mencionado em 7 artigos, no período de 1950 a 1953. Drew Pearson salientou que esse país era considerado pelo Secretário auxiliar de Estado, Edward Miller, como um dos países mais democráticos<sup>535</sup> da América Latina.<sup>536</sup> Em 29 de abril de 1950, Drew Pearson reforça suas críticas ao governo norte-americano, que ainda não havia enviado auxílio ao Equador por conta do terremoto. No entanto, saudava as atitudes do Uruguai, que, considerado o menor país sul-americano, foi o primeiro a se prontificar a contribuir na reconstrução do Equador, juntamente com as contribuições de Brasil, Chile, Colômbia, Bolívia e Venezuela.<sup>537</sup> Pearson relata que o Uruguai é o único país do hemisfério ocidental que opera com os partidos socialistas e comunistas<sup>538</sup>. Entretanto, menciona que os dois partidos não somaram 50% dos votos nas últimas eleições.<sup>539</sup>

A Venezuela esteve presente em 4 artigos, nos anos de 1951, 1953, 1955 e 1957. No artigo de 21 de março de 1951, Drew Pearson mencionava que o ditador Perez Jimenez era o homem forte da Venezuela, mas não conseguia manipular com propriedade seus interesses no congresso.<sup>540</sup> Em 26 de fevereiro de 1953, o jornalista descrevia que o governo venezuelano sofreu um golpe quando os Estados Unidos limitaram as importações de petróleo por conta de novas companhias petrolíferas norte-americanas.<sup>541</sup>

Em 1957, Drew Pearson comentava sobre as declarações de “Oswaldo Aranha, que estava em New York como chefe da delegação brasileira na Assembleia Geral das Nações Unidas.” “E Aranha insistiu a respeito de que a Venezuela iria estabelecer um fundo para fazer empréstimos a outros países latino-americanos”, pois os Estados Unidos “não estavam dando retorno às solicitações de empréstimos”, então estavam encontrando outra solução.”<sup>542</sup>

<sup>535</sup> Menciona novamente o Uruguai como o país mais democrático da América Latina. Ver em PEARSON, Drew. A bomba atômica russa. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 1 ago. 1953. Carrossel do Mundo, p. 16.

<sup>536</sup> PEARSON, Drew. 125 milhões para a Argentina *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 10. jun. 1950. Carrossel do Mundo, p. 70.

<sup>537</sup> PEARSON, Drew. A Rússia e o Plano Marshall. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 29 abr. 1950. Carrossel do Mundo, p. 74.

<sup>538</sup> Menciona que o Uruguai tomou grande interesse pelas manobras soviéticas, pois o embaixador em Montevidéu estava articulando bem suas táticas diabólicas nos partidos comunistas. Ver em PEARSON, Drew. Moscou prepara um novo golpe. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 27 set. 1952. Carrossel do Mundo, p. 30.

<sup>539</sup> PEARSON, Drew. Atritos entre Truman e a Imprensa. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 9 fev. 1952. Carrossel do Mundo, p. 80.

<sup>540</sup> PEARSON, Drew. Na cozinha da Casa Branca. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 21 mar. 1953. Carrossel do Mundo, p. 80.

<sup>541</sup> PEARSON, Drew. Ford II e a revolução nos salários. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 26 fev. 1955. Carrossel do Mundo, [s.p.]

<sup>542</sup> PEARSON, Drew. Três causas do lançamento do satélite americano. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 21 dez. 1957. Carrossel do Mundo, p. 16.

O Peru esteve presente em 4 artigos, nos anos de 1950, 1951 e 1955. Drew Pearson foi enfático com relação ao General Manuel Odria, que se apoderou do governo derrubado. O jornalista afirmava que este estava instalando outra pseudodemocracia, e que esperava ser absolvida mediante manobras escusas, por meio das quais se realizariam eleições presidenciais.<sup>543</sup> No artigo de 17 de novembro de 1951, Pearson relatou que o Peru estava passando por um momento complexo em suas relações diplomáticas com a Colômbia e o Equador. Já na Colômbia a situação era bastante tensa, pois envolvia o exílio do refugiado Victor Haya de la Torre<sup>544</sup>, que há dois anos se encontrava na embaixada colombiana em Lima. E destacava, também, as notícias de novos choques na fronteira entre tropas peruanas e equatorianas. Para examinar a questão fronteiriça, o Equador convocou uma reunião de representantes dos Estados Unidos, do Brasil, do Chile e da Argentina para auxiliar na pacificação desse conflito.<sup>545</sup>

O Paraguai aparece em 3 artigos, e todas as menções estão relacionadas a Argentina, que serão exploradas mais adiante, quando trataremos especificamente dos artigos que relatam as relações argentinas.

Países como Equador, Peru, Uruguai e Colômbia não estavam relacionados ao desenrolar da política internacional no contexto da Guerra Fria, as questões abordadas pelo jornalista centraram-se em conflitos com seus vizinhos da América do Sul.

As abordagens sobre a América Latina podem ser divididas em dois momentos distintos: no período de 1950 a 1953 são 20 artigos relacionados à Argentina, mesmo com uma redução brusca na coluna durante os anos de 1954 a 1957, o assunto ainda aparece em 7 artigos. Dos 85 artigos que mencionam a América do Sul, somente a Argentina obteve 31% de permanência entre os 7 países referenciados nesse período. E o Brasil obteve 19%, como maior índice nos anos de 1954 a 1957, totalizando 16 artigos no período analisado. Partindo da premissa de que Argentina e Brasil totalizam 50% dos artigos publicados, trataremos de privilegiar esses países pelo fator quantitativo e qualitativo na coluna Carrossel do Mundo, sendo respeitada a ordem cronológica dos artigos na revista *O Cruzeiro*.

---

<sup>543</sup> PEARSON, Drew. Automóveis americanos no Brasil. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 25 fev. 1950. Carrossel do Mundo, p. 62.

<sup>544</sup> Víctor Raúl Haya de la Torre (1895-1979), teórico político peruano e ativista que fundou e liderou o Partido Aprista, que tem sido veículo para a dissidência radical no Peru desde 1924. O general Manuel Odría derrubou Bustamante (1948), Haya de la Torre assumiu asilo na embaixada da Colômbia em Lima, a partir de 1949 até 1954, quando foi autorizado a ir para o México. Ele permaneceu lá até 1957, quando o governo constitucional no Peru foi restaurado e ele retornou ao Peru. Disponível em: <<http://global.britannica.com/biography/Victor-Raul-Haya-de-la-Torre>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

<sup>545</sup> PEARSON, Drew. É trade de mais para agir no Irã. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 17 nov. 1951. Carrossel do Mundo, p. 76.

#### 4.1 Drew Pearson e seu olhar sobre Argentina

A Argentina foi o país da América Latina que mais esteve presente na coluna, sendo mencionada em todos os anos dentro do nosso recorte cronológico. O único país mencionado por Drew Pearson em sua coluna que recebeu empréstimo da América Latina foi a Argentina. Nem mesmo o Equador, que foi desolado por um terremoto, recebeu qualquer empréstimo norte-americano.

Os temas destacados sobre a Argentina estavam ligados a acontecimentos do cotidiano e eventos da família peronista; a manobras governamentais de Perón, denominado na coluna como um ditador que estava contra a democracia popular, negando direitos de liberdade de imprensa; avanços com relação à energia nuclear, esse tema foi destacado apenas na Argentina. Percebemos que para Drew Pearson, a Argentina pode ser o próximo país a ser tomado pelo comunismo, pela autonomia desenvolvida por Perón em relação à política externa.

Os norte-americanos avaliavam que a “Argentina de Perón era um enigma e, por isso, sua política em relação a ela foi contraditória.”<sup>546</sup> Pois, “a neutralidade argentina na Segunda Guerra Mundial foi precursora da 3ª posição, política exterior do peronismo que não significava equidistância dos polos americano e soviético.”<sup>547</sup>

No pós-guerra, a

Argentina passou a alimentar um importante comércio bilateral e a empregar os japoneses, que lhe vendiam ferro e aço destinados à construção de fábricas e de usinas de fabricação de armas e de energia elétrica, e adquiriam o trigo, as peles, os couros e outras matérias-primas. A propaganda argentina no Japão desencadeou uma pequena corrente de migração.<sup>548</sup>

Paralelamente, as relações com os “Estados Unidos pareciam entrar em uma nova fase no início de 1950. Após a passagem por Buenos Aires, do subsecretário de Estado Edward G. Miller”<sup>549</sup> e os norte-americanos esperavam a visita do “ministro da Fazenda argentino, Ramón A. Cereijo, com a finalidade de empreender negócios globais sobre as questões pendentes e as mobilidades das relações bilaterais.”<sup>550</sup>

<sup>546</sup> RAPOPORT, 1994 apud CERVO, 2007, p. 86.

<sup>547</sup> CERVO, 2007, p. 74.

<sup>548</sup> CERVO, 2007, p. 84-85.

<sup>549</sup> CERVO, 2007, p. 85.

<sup>550</sup> CERVO, 2007, p. 85.

Essas movimentações nas relações internacionais deram-se pelo fato de que, em final dos 1940, diluiu-se a “capacidade latina de barganhar algum ganho concreto em troca de aliança anticomunista no contexto da Guerra Fria e conformavam-se os países da América Latina com a hegemonia norte-americana”.<sup>551</sup> Para os Estados Unidos, a América Latina “deveria construir-se em área de expansão do capital privado, para garantia de maior poderio.”

Nessa época, Cervo comenta, foi registrado um significativo declínio nas exportações norte-americanas, e o governo norte-americano visava manter os empréstimos de governo a governo moderadamente. Sobre isso, Drew Pearson relatava em sua coluna que

O Secretário de Estado Acheson está dizendo aos delegados latino-americanos às Nações Unidas **que se queixam de não obter ajuda econômica dos Estados Unidos que o Banco Internacional e o Fundo Monetário fizeram setenta por cento dos seus empréstimos à América Latina.** Acheson assinala que o mencionado Banco teria dado mais dinheiro aos países latino-americanos se estes houvessem pedido. Todos os pedidos feitos àquela instituição foram oportunamente atendidos.<sup>552</sup>

Estava, assim, baseada “a tarefa dos delegados norte-americanos nas diversas conferências econômicas internacionais consistia em encontrar meios para acelerar o afluxo de capital de desenvolvimento para a América Latina”.

Nesse período nenhum recurso econômico foi destinado à América Latina, na concepção de Drew Pearson os latinos seriam perdidos devido a isso, e em especial ao fato de se negar empréstimos, e isso possibilitaria a expansão do comunismo.

No artigo de 1 de abril de 1950<sup>553</sup>, Drew Pearson descreve as formas ditatoriais de Juan Perón, que, além de escravizar o povo com sua ditadura, estava interferindo no futebol, impedindo os jogadores argentinos de jogarem por times da Colômbia. Estes, acusados de não pagar impostos à Argentina, eram presos no aeroporto de Buenos Aires, proibidos de embarcar.

Drew Pearson direciona suas atenções aos argentinos. No artigo do dia 10 de junho de 1950, intitulado *125 milhões para a Argentina*<sup>554</sup>, de subtítulo “Os trabalhadores americanos e

<sup>551</sup> CERVO, 2007, p. 82.

<sup>552</sup> PEARSON, Drew. Dólares para o petróleo mexicano. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 11 fev. 1950, p. 62 (grifo nosso).

<sup>553</sup> PEARSON, Drew. Carta aberta a Dean Acheson. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 1º abr. 1950. Carrossel do Mundo, p. 68.

<sup>554</sup> PEARSON, Drew. 125 milhões para a Argentina. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 10. jun. 1950. Carrossel do Mundo, p. 70

a ajuda à Argentina”, Pearson menciona que as organizações proletárias americanas não estão satisfeitas com o crédito de 125 milhões de dólares que o Departamento de Estado recomenda para o Presidente Perón da Argentina.

Foi realizada uma reunião para argumentar acerca das razões pelas quais esse crédito havia sido destinado aos argentinos. Nessa reunião, representantes dos trabalhadores norte-americanos se mostravam inconformados com a remessa de recursos aos argentinos, promovendo diversos ataques à Argentina, destacando o ataque realizado por Martim Kyne do Congresso das Organizações industriais:

– Não se pode lutar contra o totalitarismo da direita ou da esquerda numa parte do mundo e, ao mesmo tempo, auxiliar a ditadura na outra, e, ainda mais, por assim dizer, no nosso jardim. Causaríamos um prejuízo irreparável à democracia mundial, ao mesmo tempo, que comprometeríamos o nosso prestígio ante os povos livres do mundo, se salvássemos esse ditador do caos econômico a que levou a Argentina.

**Kyne acrescentou que de qualquer maneira o empréstimo projetado seria um “jogo de azar” e provavelmente não seria pago.** Além de aniquilar as liberdades civis do seu país, Perón demonstrou que é um homem de negócios notoriamente incapaz.<sup>555</sup>

O Secretário de Estado auxiliar Edward Miller, que convocou a reunião para dar esclarecimentos sobre o empréstimo, argumenta que:

Sem dúvida é um risco que vamos correr. E estou de acordo em que devem proteger-se as liberdades civis, mas não poderemos reconciliar o governo argentino com o nosso conceito de democracia ou manter a sua amizade, atirando-lhe pedras.<sup>556</sup>

Outro membro da reunião que argumentou em defesa do empréstimo foi o Serafino Romualdi, da Federação Americana do Trabalho, destaque que “deve-se ajudar América Latina, são os sindicatos trabalhistas que os comunistas tratam de dominar e nós tornaremos essa tarefa mais fácil.”<sup>557</sup> Ao final do artigo, o Secretário de Estado auxiliar afirma que a situação está sendo analisada por outro ângulo a partir do qual a Federação do Trabalho Americano está observando a questão. As percepções de Drew Pearson estão centradas em perceber que a Argentina é outro país ameaçado pelo comunismo e que, por isso, exige atenção.

<sup>555</sup> PEARSON, Drew. 125 milhões para a Argentina. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 10. jun. 1950. Carrossel do Mundo, p. 70 (grifo nosso).

<sup>556</sup> PEARSON, Drew. 125 milhões para a Argentina. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 10. jun. 1950. Carrossel do Mundo, p. 70 (grifo nosso).

<sup>557</sup> PEARSON, Drew. 125 milhões para a Argentina. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 10. jun. 1950. Carrossel do Mundo, p. 70.

Pearson relatou no artigo de 15 de julho de 1950, intitulado “*As mentiras de Drew Pearson*”<sup>558</sup>, que estava sendo acusado de ser mentiroso primeiramente pelo presidente Roosevelt em 1943 e, em 1950, pelo Presidente Truman e demais políticos. Nesse sentido, o jornalista norte-americano relatou uma série de episódios em que foi também acusado de ser mentiroso ou de levantar falsas acusações, sendo que mais tarde foi comprovado que tais acusações eram verdadeiras. Dentre esses relatos são evidenciados assuntos sobre as relações internacionais dos Estados Unidos com outras nações.

No caso do Presidente Truman, Drew Pearson foi acusado de ser mentiroso por confirmar suas suspeitas de que o ditador Perón só condecorou com uma medalha argentina o general Vaughan<sup>559</sup> para logo depois conseguir um considerável empréstimo dos Estados Unidos, considerando que o General era ajudante do presidente. Confirmando suas evidências, Drew Pearson comenta:

Desde então, o Congresso se recusou a autorizar Vaughan a ter a sua medalha. Perón recebeu 125 milhões de dólares do Banco de Importações e Exportação e uma comissão de investigação do Senado julgou Vaughan culpado de toda a espécie de irregularidades.<sup>560</sup>

Esse mesmo episódio relatado por Drew Pearson consta em estudos posteriores do autor Amado Cervo, como em sua obra *Relações internacionais da América Latina: velhos e novos paradigmas*. O autor destaca que essas articulações políticas se estabeleciam pelo perigo que a União Soviética e suas aproximações políticas avançam na América Latina, que

qualquer encontro entre autoridades argentinas e soviéticas levantava suspeitas de alianças que a imprensa alardeava com especulações alarmistas, como fazia o periódico uruguaio *El Pais*, em outubro de 1949, após um jantar oferecido pelo chanceler soviético ao delegado argentino nas Nações Unidas: um *entente* entre o comunismo staliniano e o justicialismo peronista não seria capaz de neutralizar o Plano Marshall ou Pacto Atlântico. Em meio a essas pressões externas oriundas de Moscou e de Washington, entre o liberalismo e o comunismo, a América Latina inclinava-se para o lado ocidental, dando provas disso e amiúde o regime mais autonomista que era o peronismo. No início de 1949, Perón condecorou o general Harry Vaughan, assessor do presidente Truman.<sup>561</sup>

<sup>558</sup> PEARSON, Drew. *As mentiras de Drew Pearson*. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 15 jul. 1950. Carrossel do Mundo, p. 62.

<sup>559</sup> Amigo pessoal de Harry S. Truman, desde 1917; tesoureiro para comitê da campanha de reeleição do senador 1940 Truman; secretário ao senador Truman, 1941; um oficial de ligação para o Comitê Truman, 1944; e Aide Militar ao Sr. Truman quando ele foi Vice-Presidente e Presidente, 1945-1953. Disponível em: <<http://www.trumanlibrary.org/oralhist/vaughan2.htm#153>>. Acesso em 30 mai. 2015.

<sup>560</sup> PEARSON, Drew. *As mentiras de Drew Pearson*. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 15 jul. 1950, p. 62.

<sup>561</sup> CERVO, 2007, p. 114.

Primeiramente, qualquer país latino-americano que se encontrava com a União Soviética gerava apreensão e suspeitas. As preocupações de Drew Pearson poderiam ser válidas, pois, para Adolf Berle, a Argentina era o país mais progressista e ambicioso entre os latino-americanos quando estava sob o primeiro governo de Perón.<sup>562</sup> Torna-se, assim, inevitável que a Argentina esteja no centro das atenções de Drew Pearson. Consideramos, como determina Charaudeau, Drew Pearson como um informador, e que este se compromete com o valor de verdade de sua informação, insistindo em manifestar sua adesão e sua sinceridade, mas seu engajamento aponta para as suas próprias convicções.<sup>563</sup> Charaudeau acrescenta que o valor de verdade da informação reduz sua intensidade, mas a explicitação do posicionamento do informador lhe confere crédito, torna-o digno de fé, e permite considerar a informação como verdadeira, até que se prove o contrário.<sup>564</sup>

Noutro artigo, de agosto de 1951<sup>565</sup>, Pearson destaca em seu segundo subtítulo “A Energia atômica na Argentina”, um relatório do físico holandês Cornelius J. Bakker, enviado à Argentina para verificar e analisar os avanços nos estudos com energia nuclear. Esse relatório foi fornecido à Drew Pearson, que o usa de base para afirmar que

**O Dr. Cornelius J. Bakker, físico holandês, que visitou recentemente a Argentina em virtude do tão propalado progresso "termonuclear" atômico, informou ao seu governo que, apesar de tudo, há alguma coisa no barulho feito pelo Sr. Perón.** Alguma coisa, mas não muito. Bakker, que visitou os laboratórios experimentais argentinos - situados numa ilha - e confidenciou com o Dr. Ronald Richter, o cientista austríaco encarregado dos trabalhos atômicos em questão fez as seguintes observações no seu relatório, altamente secreto, às autoridades holandesas que o mandaram à Argentina.<sup>566</sup>

O cientista encarregado dos estudos com energia nuclear na Argentina descobriu uma forma simples de liberar energia atômica, baseando-se no princípio termodinâmico da radiação. O físico holandês Cornelius Bakker, relatando que

**a aplicação desse método tem sido feita em escala muito pequena, como uma prova de laboratório.** Em cada experiência, equipamento utilizado foi destruído pela evaporação. Nem a capacidade de Richter como físico nem os progressos

<sup>562</sup> BERLE, Adolf Augustus. *América Latina: diplomacia e realidade*. Rio de Janeiro: Record, 1963.

<sup>563</sup> CHARAUDEAU, 2006, p. 54.

<sup>564</sup> CHARAUDEAU, 2006, p. 55.

<sup>565</sup> PEARSON, Drew. Eisenhower e a Casa Branca. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 11 ago. 1951. Carrossel do Mundo, p. 72.

<sup>566</sup> PEARSON, Drew. Eisenhower e a Casa Branca. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 11 ago. 1951. Carrossel do Mundo, p. 72 (grifo nosso).

técnicos argentinos são suficientemente altos para indicar que o novo método possa ser aplicado em nível prático proximamente ou mais tarde, sem auxílio externo.<sup>567</sup>

O relatório apresentado por Cornelius Bakker inclui, ainda:

O relatório acrescenta que o ditador Perón disse a Bakker que desde que seu governo ficasse com todo o mérito pelo novo método e todos os trabalhos se limitassem à Argentina, não lhe importaria quantos estrangeiros participassem das experiências. **Em consequência disso, a Holanda e a Argentina estão negociando um acordo para realizar em conjunto certos projetos de energia nuclear**, dos quais se acredita que possa haver resultados positivos dentro de dois ou três anos.<sup>568</sup>

Nenhum dos países latino-americanos foi identificado por Drew Pearson como um país que estava desenvolvendo estudos sobre energia nuclear. A questão da informação, aqui, toma feições particulares. Para Charaudeau, desde o momento em que tal questão foi levantada, não somente como objeto, mas também como uma atividade de informar alguém de alguma coisa, cabe às mídias informar o cidadão, por meio das convicções do jornalista.

De acordo com Cervo, essa situação se deu desde “os dois decretos em 1950 na Argentina, que criaram a Comissão Nacional de Energia Atômica e a Junta de Investigações Científicas das Forças Armadas.”<sup>569</sup> Essa comissão tinha como meta “coordenar e estimular as investigações realizadas no país e propor medidas que tendessem a assegurar o bom uso da energia atômica na atividade econômica do país”.<sup>570</sup>

Começava-se sentir o peso da Guerra Fria, e os Estados Unidos examinavam sua política na América Latina. Para Donghi, “os Estados Unidos haviam sofrido uma derrota política, já que não tinham conseguido impedir o que o Coronel Perón – herdeiro político do governo militar argentino, fosse eleito em 1946”.<sup>571</sup> Os Estados Unidos estavam dispostos agora à convivência com aquele estadista autoritário, e pretendiam comprometê-lo na nova cruzada antibolchevista. A Argentina peronista continuava a chefiar a resistência contra o avanço de um pan-americanismo da nova potência hegemônica.<sup>572</sup>

Sobre as relações entre os Estados Unidos e a Argentina, a autora Ana Luiza Reckziegel afirma que,

<sup>567</sup> PEARSON, Drew. *Eisenhower e a Casa Branca*. Revista O Cruzeiro. Rio de Janeiro, 11 ago. 1951. p. 72 (grifo nosso).

<sup>568</sup> PEARSON, Drew. *Eisenhower e a Casa Branca*. Revista O Cruzeiro. Rio de Janeiro, 11 ago. 1951. p. 72 (grifo nosso).

<sup>569</sup> CERVO, 2007, p. 127.

<sup>570</sup> CERVO, 2007, p. 127.

<sup>571</sup> DONGHI, Tulio Halperin. *História da América Latina*. São Paulo: Círculo do Livro, 1994, p. 313.

<sup>572</sup> DONGHI, 1994, p. 313-314

No início da década de 1950, não poderiam ser classificadas como amistosas. A insistência de Perón em defender a terceira posição, acirravam as desconfianças entre ambos. Entretanto, essa dose de rebeldia continental apresentada pelos argentinos começaria a diminuir a partir do momento em que constataram dificuldades no processo de modernização econômica, que teria inevitavelmente de contar com recursos dos capitais estrangeiros. O presidente argentino pareceu tomar consciência de que seu projeto de hegemonia regional poderia rapidamente suplantado por outro país com estrutura econômica superior. Assim, sob pena de agravar ainda mais o atraso econômico Perón enviaria, a partir de 1951, sinais de uma certa abertura em relação aos Estados Unidos.<sup>573</sup>

Inferimos que uma das justificativas seja a terceira posição defendida por Perón, que não estava aliado aos Estados Unidos e nem a URSS, adotando uma posição de suposta neutralidade ou reciprocidade em relação a ambos os lados. Para Drew Pearson, esse ponto de inflexão que era preocupante.

No entanto, cabe salientar que os artigos não retratam fielmente a realidade. Patrick Charaudeau percebe que as mídias não são o espelho fiel da realidade. O pesquisador afirma que:

Se são um espelho, as mídias não são mais do que um espelho deformante, ou mais ainda, são vários espelhos deformantes ao mesmo tempo, daqueles que se encontram nos parques de diversões e que, mesmo deformando, mostram, cada um à sua maneira, um fragmento amplificado, simplificado, estereotipado do mundo.<sup>574</sup>

Considerando que o Drew Pearson é um ator das relações internacionais, por meio das instâncias midiáticas, os espelhos que refletem sua opinião atuam como uma transmissão de um saber, produzindo, assim, o sentido de seu discurso. Nossa análise não prima pela verdade, mas sim pelo o efeito de verdade que se estende ao receptor.

Em outro artigo, de 1951, *Perón e o Vice-reinado do Prata*<sup>575</sup>, Drew Pearson dedicou um artigo especificamente sobre a Argentina. Haveria uma suposta aliança entre Moscou e Argentina, capaz de desencadear uma possível concessão de financiamento dos Estados Unidos ao Brasil para se armar contra a Argentina e contra Evita, que resolvera aspirar à vice-presidência argentina. Entretanto, o jornalista aponta questões relativas à América Latina que se consideram importantes de serem abordadas.

Nas palavras de Drew Pearson:

<sup>573</sup> RECKZIEGEL, Ana Luiza Gobbi Setti. *O pacto ABC: as relações Brasil-Argentina na década de 1950*. Passo Fundo: EDIUPF, 1996, p. 59-60.

<sup>574</sup> CHARAUDEAU, 2006, p. 20.

<sup>575</sup> PEARSON, Drew. Perón e o vice-reinado do Prata. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 20 out. 1951. Carrossel do Mundo, p. 74.

**A campanha eleitoral de Juan Perón parece estar inspirada por Moscou, na parte relativa aos seus ataques aos Estados Unidos.** Perón clama que o principal partido oposicionista o Radical, é financiado pelo “imperialismo ianque” e **que a política de boa vizinhança não passa de um disfarce para executar revoluções e crimes políticos.**<sup>576</sup>

Com o primeiro subtítulo, “A Argentina se arma contra os seus vizinhos”, Drew Pearson explicava que Argentina estava se rearmando contra seus vizinhos, por isso a solicitação do Brasil em comprar e fabricar mais armamentos, argumento usado pelo general Pedro Góis Monteiro. O jornalista traça uma trajetória no tempo, discorrendo sobre os antigos interesses argentinos nos territórios de seus vizinhos, desde a Segunda Guerra Mundial:

Os planos em questão mencionados pela primeira vez num memorando do estado-maior argentino aos comandantes do exército em maio de 1944. Naquela época, todo mundo sabia perfeitamente que a Alemanha Nazista estava derrotada. Entretanto naquele, sensacional documento se fala confiantemente uma nova ordem entre os povos da Europa e que será a hora do destino para a Argentina, que resumirá o seu papel histórico de líder dos povos que formaram o vice-reinado do Rio do Prata. Em outras palavras, a **Argentina pretendia apoderar-se do Paraguai, do sul da Bolívia e de duas terças partes do Chile e do Uruguai.** Não há dúvidas a respeito do modo pelo qual tencionava conseguir isso.<sup>577</sup>

Na ocasião, Hitler não resistiu e perdeu a guerra. Consequentemente, a Argentina, como salienta Drew Pearson, “arquivou seu projeto”. Porém,

Em 1949, o ditador Perón e os seus principais generais ratificaram os propósitos básicos do plano, combinando dar início à execução do mesmo quando a Rússia e os Estados Unidos estivessem em guerra. A Argentina avançaria sobre os seus vizinhos como uma “aliada” das democracias, para “frustrar” levantes comunistas.<sup>578</sup>

O artigo descreve que essas informações foram concedidas ao Brasil pela embaixada norte-americana na Argentina. Que a capital, Buenos Aires, se encontraria pronta para colocar o plano em prática a qualquer instante e tomar o poder desses territórios. Drew Pearson expôs uma declaração do general Góis Monteiro aos funcionários do Departamento de Defesa:

[...] que os argentinos parecem acreditar que a terceira Guerra Mundial estourará antes do final do ano, dando lhes a oportunidade que consideram ideal para execução do plano. O chefe do exército brasileiro declarou também categoricamente que o seu país não tolerará nenhum ato de agressão da Argentina, afirmando que se

<sup>576</sup> PEARSON, Drew. Perón e o vice-reinado do Prata. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 20 out. 1951. Carrossel do Mundo, p. 74.

<sup>577</sup> PEARSON, Drew. Perón e o vice-reinado do Prata. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 20 out. 1951. Carrossel do Mundo, p. 74 (grifo nosso).

<sup>578</sup> PEARSON, Drew. Perón e o vice-reinado do Prata. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 20 out. 1951. Carrossel do Mundo, p. 74.

**o Brasil fôr [sic] devidamente equipado poderá encarregar-se sozinho da situação.**<sup>579</sup>

Nesse artigo são expostas duas situações particulares: a primeira diz respeito a origem dos informantes dos episódios que ocorrem na Argentina e foram repassados ao governo brasileiro, chegando através de oficiais norte-americanos, tanto por militares como pela embaixada norte-americana em Buenos Aires, e que davam conta de que as alianças já estavam formadas: brasileiros e ianques versus argentinos e soviéticos.

Drew Pearson escreve em seu artigo:

**Enquanto isso, a Argentina se arma contra seus vizinhos. Embora o fato tenha sido conservado no mais absoluto segredo tanto em Washington quanto no Rio de Janeiro, sabemos que o mais forte argumento manejado pelo general brasileiro Pedro Góis de Monteiro para solicitar mais e melhores armamentos para o seu país é o da ameaça de uma agressão argentina.** Fontes oficiais brasileiras informaram que em julho que os chefes militares argentinos haviam tirado dos arquivos os seus famosos “planos de conquista” e estavam trabalhando febrilmente para atualizá-los. E provável que isso seja negado publicamente, mas o adido militar norte-americano em Buenos Aires confirmou.<sup>580</sup>

Marcelo F. G. da Costa descreve em seu trabalho com estava estruturada a política externa peronista no pós-guerra:

A Argentina tinha esperanças de integrar o Plano Marshall como fornecedora de alimentos, mas em 1947, anos depois da guerra, os Estados Unidos discriminaram as compras de alimentos argentinos com dólares, quando justo este país mais precisava de divisas. [...] administração do Plano Marshall negaria deliberadamente que capitais norte-americanos comprassem produtos agropecuários argentinos. A Argentina ficaria ilhada das possibilidades que brindavam a Europa, precisamente no exato momento em que o inchaço do Estado, os créditos industriais, as nacionalizações [...] e todo aparato redistributivo estavam na sua máxima expansão.<sup>581</sup>

Entretanto, o jornalista afirma que a política adotada desestimulou as exportações e teve efeitos devastadores, levando a uma crise que fez com que a política econômica sofresse modificações a partir de 1951.

Marcelo F. G. da Costa acrescenta, ainda, que:

<sup>579</sup> PEARSON, Drew. Perón e o vice-reinado do Prata. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 20 out. 1951. Carrossel do Mundo, p. 74 (grifo nosso).

<sup>580</sup> PEARSON, Drew. Perón e o vice-reinado do Prata. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 20 out. 1951. Carrossel do Mundo, p. 74.

<sup>581</sup> COSTA, Marcelo Fernando González da. *As repercussões da política externa do primeiro Governo de Perón (1946-1952) na imprensa Sul-Rio-Grandense*. 2004. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2004, p. 80.

Esta conjuntura externa desfavorável, percebe-se um déficit orçamentário a partir de 1949, fruto da política adotada pelo Banco Central e da retração da poupança interna. Essas dificuldades econômicas, fruto da expansão estatal e política redistributiva, que se materializou com Plano Marshall “às avessas”, em 1950 o Governo Peronista, recorre a um empréstimo de 125 milhões de dólares dos Estados Unidos.<sup>582</sup>

Os artigos de Drew Pearson tratam de perceber esses progressos econômicos e políticos argentinos, salientando que empréstimos foram destinados a essa nova política adotada por Perón. A coluna reservava uma atenção especial aos acontecimentos na Argentina: eleições argentinas; falta de liberdade de imprensa no país; destituição de oito generais e, ressaltava, o governo peronista era abusivo e ditatorial.

No artigo de 20 de dezembro de 1952<sup>583</sup>, Drew Pearson salienta que:

Por trás da atual disputa com o Uruguai, está a história da mais ignominiosa derrota sofrida pelo ditador Perón nas suas tentativas de imiscuir-se nos negócios dos países ibero-americanos.

Há alguns meses, os trabalhadores ANCAP organização do governo uruguaio que controla álcool, fumo e outros produtos, encontrou pleiteando 30% de aumento dos salários. O aspirador da greve foi um adido operário da embaixada argentina. Os operários da ANCAP queriam um aumento de 12%. Desde o começo da greve uruguaia, os diplomatas argentinos se portaram como se também estivessem participando da greve. Houve até reuniões na embaixada argentina para discutir a estratégia que devia seguir o comitê diretor da greve. Os prospectos distribuídos, os anúncios em jornais, as transmissões pelo rádio, tudo isso pago por Buenos Aires.<sup>584</sup>

Acrescenta, ainda, que

Enquanto isso, o governo uruguaio deu aos argentinos a corda de que necessitavam para enforcar-se. Ao fim de algum tempo, a Argentina se mostrou tão agressiva e chegou a intervir de modo tão flagrante na greve uruguaia que a maioria dos grevistas se irritou com essas intervenções. Por fim, os operários da ANCAP tiveram o período de 48 horas para escolher entre a voltar ao trabalho com 10% de aumento ou a dispensa.

Essa dupla manobra estratégica deu bons resultados. Os grevistas voltaram ao trabalho poupando abertamente a Argentina pela demora a chegar a uma solução. O prestígio argentino no Uruguai foi seriamente ferido e um dos regimes verdadeiramente democráticos da América do sul ficou fortalecido.<sup>585</sup>

<sup>582</sup> COSTA, 2004, p. 81.

<sup>583</sup> PEARSON, Drew. Viagem de Eisenhower a Coreia. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 20 dez. 1952. Carrossel do Mundo, p. 24.

<sup>584</sup> PEARSON, Drew. Viagem de Eisenhower a Coreia. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 20 dez. 1952. Carrossel do Mundo, p. 24.

<sup>585</sup> PEARSON, Drew. Viagem de Eisenhower a Coreia. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 20 dez. 1952. Carrossel do Mundo, p. 24.

Nesse contexto, a autora Ana Luiza Reckziegel registra que a política desenvolvida pela Argentina apresentou conotações intervencionistas. E um dos países atingido por essa política foi o Uruguai considerado o portador da maior debilidade econômica.<sup>586</sup>

Em agosto de 1953<sup>587</sup> Pearson escreve que:

**Milton Eisenhower, Reitor da Universidade da Pensilvânia e Embaixador extra-oficial do Presidente dos Estados Unidos da América Latina, teve calorosa acolhida na Argentina**, onde o jornal oficioso “Democracia”, disse que não haveria dificuldades entre os Estados Unidos e Argentina se não fossem os jornais americanos (as agências de notícias Associated Press United Press foram proibidas de funcionar na Argentina).<sup>588</sup>

Sarcasticamente, Drew Pearson afirmou que Perón e sua política secreta encontraram um jeito rápido, fácil e eficaz de não divulgarem mais críticas contra o seu governo, mandou “prender mais de 6 mil indivíduos por propagarem boatos contra o governo”. A população argentina teria sido alertada pelo próprio Perón de que “nem mesmo numa conversa entre amigos ou na fila do mercado poderiam comentar sobre as medidas governamentais, que seriam presos”. Finaliza Drew Pearson:

Em consequência disso, estão desaparecendo em Buenos Aires as críticas contra o governo, os argentinos externaram [comentaram] suas ideias quanto à escassez de carne ou o elevado preço do leite ou da manteiga foram simplesmente presos.<sup>589</sup>

No artigo de 26 de setembro de 1953<sup>590</sup>, Drew Pearson destaca que a Argentina e a URSS estão acordando relações comerciais. Desde 1945 era a primeira vez que os soviéticos davam algum passo à frente na América Latina. O jornalista faz algumas críticas ao governo de Perón e depois descreve uma conferência com Milton Eisenhower, irmão do presidente dos Estados Unidos:

**Embora o pacto comercial soviético-argentino determine que se efetuará um intercâmbio de artigos e produtos avaliados em 130 milhões de dólares, ambas as partes consideram que o verdadeiro efeito do acordo será psicológico.** Havendo terminado a guerra coreana e tendo ganho algum terreno a "ofensiva de

<sup>586</sup> RECKZIEGEL, Ana Luiza Gobbi Setti. *A diplomacia marginal: vinculações políticas entre o Rio Grande do Sul e o Uruguai (1893-1904)*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 1999.

<sup>587</sup> PEARSON, Drew. O romance da princesa Margaret. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 29 ago. 1953. Carrossel do Mundo, p. 56

<sup>588</sup> PEARSON, Drew. O romance da princesa Margaret. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 29 ago. 1953. Carrossel do Mundo, p. 56

<sup>589</sup> PEARSON, Drew. O romance da princesa Margaret. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 29 ago. 1953. Carrossel do Mundo, p. 56.

<sup>590</sup> PEARSON, Drew. Perón e a visita de Milton Eisenhower. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 26 set. 1953. Carrossel do Mundo, p. 86.

paz" de Malenkov, o Kremlin confia em que o pacto Argentina lhe servirá de cunho para insinuar-se na amizade dos nossos vizinhos do sul.

Quanto a Juan Perón, os seus planos de governo sempre foram tão desastrosos que procura apenas efetuar qualquer manobra capaz de firmar-lhe a posição. Sabe que o comércio com a Rússia nunca poderá ter real importância para a Argentina, mas simples fato de haver sido negociado o acordo lhe proporcionou uma vantagem durante uma conferência com Milton Eisenhower.

Na realidade, apesar disto e da recepção insistentemente cordial de que foi alvo o irmão do Presidente, Perón não obteve qualquer aquiescência ou declaração do primeiro relativamente a um possível auxílio econômico dos Estados Unidos.<sup>591</sup>

O artigo pontua que o ditador argentino utilizou como barganha suas possíveis relações comerciais com a URSS para tirar proveito e tentar garantir um empréstimo junto aos Estados Unidos. A conferência de nada adiantaria, pois, como argumenta Drew Pearson, Milton Eisenhower não tinha autoridade para assumir qualquer compromisso dessa natureza com Perón. Em segundo lugar, ele fora advertido, antes de sair de Washington, de que encontraria grande pressão para que fizesse concessões específicas durante a sua permanência em Buenos Aires.

O artigo salienta, ainda, que:

O que o ditador argentino está pretendendo são outros 200 milhões de dólares em empréstimos e créditos dos Estados Unidos. Até agora, porém, se tem mostrado pouco explícito a respeito do que está disposto a fazer em troca desse dinheiro. Parece acrescentar que **as ameaças veladas de manter mais extensas relações comerciais com os países de trás da cortina de ferro sejam suficientes para fazer o governo americano adotar uma atitude conciliatória.**

Perón terá uma surpresa desagradável. Quando o assunto for reduzido a termos concretos.

Perón descobrirá que Dwight Eisenhower, antes de falar sequer em auxílio econômico lhe exigirá mais do que tudo o que se pediu à Argentina desde que se lhe solicitou que eliminasse os espões nazistas há oito anos.

Eis o que Eisenhower exigirá:

1 - A cessação total da propaganda antiamericana retirada oficialmente na imprensa argentina e nos discursos das autoridades.

2 - Colaboração efetiva por parte da Argentina nos diversos projetos pan-americanos.

3 - garantia particular, de governo a governo, no sentido de que Perón deixará de intervir nos negócios internos das outras repúblicas latino-americanas.<sup>592</sup>

Pearson conclui que, a partir do momento em que Perón se mostre disposto a assumir seus compromissos durante um tempo razoável, e demonstrar lealdade ao governo de Eisenhower, os EUA estarão dispostos a discutir alguma forma de auxílio à Argentina.

<sup>591</sup> PEARSON, Drew. Perón e a visita de Milton Eisenhower. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 26 set. 1953. Carrossel do Mundo, p. 86.

<sup>592</sup> PEARSON, Drew. Perón e a visita de Milton Eisenhower. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 26 set. 1953. Carrossel do Mundo, p. 86 (grifo nosso).

A política de restrição de produtos importados do governo de Eisenhower estava minando as relações com a América Latina. Os Estados Unidos passaram a adotar uma política “linha dura”, com restrições ao capital estrangeiro, à concessão de empréstimos e importação de produtos. Assim, como explana José Rego,

Dos 500 milhões prometidos para financiar os projetos da Comissão Mista<sup>593</sup>, apenas 63 milhões foram recebidos: além disso, o Banco Mundial só se propunha a financiar projetos específicos, exatamente o oposto do pretendido pelo governo brasileiro, que preferia que coubesse a ele as decisões quanto à ordem para a execução dos projetos. [...] Embora às empresas estrangeiras fosse permitido participar na comercialização do petróleo e de seus derivados, as relações com o governo Eisenhower pioraram. Além do mais, a prioridade dos EUA era então a reconstrução europeia e japonesa, e não a América Latina, onde a situação política parecia mais sob controle.<sup>594</sup>

A América Latina não detinha o olhar atento de Eisenhower, como havia sido o do presidente Truman, sempre elogiado por Drew Pearson. Karl Deutsch explica que, “entre os anos de 1952 e 1961, houve um fluxo maior de dinheiro da América Latina para os Estados Unidos do que na direção oposta”.<sup>595</sup>

Drew Pearson examinava atentamente as relações de Perón e o governo chileno através da senadora Maria de la Cruz. Considerada a Eva Perón chilena, a senadora estava realizando frequentes viagens a Buenos Aires, pois era convidada especial do presidente Perón e dele recebia dinheiro para fomentar a causa peronista entre as mulheres chilenas.<sup>596</sup> Segundo Cervo, Perón também estava realizando visitas no Chile e aos demais países da América Latina em meados de 1953. Essas relações “foram interpretada com certa frieza pela imprensa e chancelarias dos Estados Unidos e de outros países do continente.”<sup>597</sup> Na realidade, a iniciativa correspondia à disposição de Perón em se aliar aos vizinhos para reforçar a política exterior da 3ª posição.

Aliando-se às concepções negativas de Drew Pearson na revista *O Cruzeiro*, a imprensa norte-americana também julgava de forma hostil as articulações políticas adotadas

<sup>593</sup> Trata-se de uma óbvia referência ao Plano de Metas. A Comissão Mista Brasil Estados Unidos foi criada em 1951, dentro dos mecanismos de cooperação técnica previstos pelo Ponto IV. De seus trabalhos, entre 1951 e 1953, resultaram não apenas 41 projetos específicos, que priorizavam a área de energia e transportes, mas também um extenso diagnóstico sobre as deficiências da economia brasileira. Os financiamentos para os projetos previstos pela Comissão, que deveriam vir do Eximbank e do Banco Mundial, terminaram prejudicados pelos conflitos nas relações Brasil EUA ao final do segundo governo Vargas. Mas suas recomendações tiveram influência decisiva na elaboração do Plano de Metas de JK. De acordo com SILVA, Alexandra de Mello e. *A Política Externa de JK: operação Pan-americana*. Rio de Janeiro: CPDOC, 1992. p. 44.

<sup>594</sup> REGO, 2003. p. 43-44.

<sup>595</sup> DEUTSCH, 1983, p. 16.

<sup>596</sup> PEARSON, Drew. Perón e a visita de Milton Eisenhower. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 26 set. 1953. Carrossel do Mundo, p. 86.

<sup>597</sup> CERVO, 2007, p. 89.

por Perón, sobretudo as manobras do regime peronista no sentido de se aproximar de seus vizinhos no Cone Sul.<sup>598</sup> Segundo Cervo, Perón era muito hostilizado pela imprensa internacional, principalmente pela imprensa suíça e francesa, que refletiam o temor da dominação política e da expansão econômica da Argentina peronista na América Latina.<sup>599</sup>

O discurso de Drew Pearson não só temia pela expansão peronista, mas também por suas alianças com a URSS, trazendo a reflexão de que o comunismo não tardaria para se instalar na Argentina, e Perón trataria de minar os demais países vizinhos. Essa é a natureza simbólica do discurso de Pearson, que evoca e associa a ameaça comunista.

No artigo de 15 de maio 1954, o jornalista descreve a Conferência Pan-americana, realizada em Caracas no ano de 1954:

[...] quando os Estados Unidos se negaram a discutir os problemas econômicos, começou a ganhar importância à ideia argentina de que só com uma frente unida seria possível negociar com Washington. **Se houvesse necessidade de mais alguma coisa para aumentar o prestígio de Perón na América Latina, isso se conseguiu com a deferência excepcional com a qual os delegados americanos trataram os argentinos.**<sup>600</sup>

Ao longo do artigo, Pearson pontua que Perón ganhou muito prestígio na conferência, tanto que o presidente da Colômbia realizaria, nos próximos meses, uma visita a Buenos Aires. As articulações políticas peronistas estavam surtindo efeito. Os artigos de Pearson, no que concerne à relação dos Estados Unidos com a América Latina aprofundam, paulatinamente, a tônica do “abandono”, o qual, para o jornalista, deveria ser contornado, sob pena de que a fragilidade econômica permitiria a instalação da doutrina comunista através de Perón. Entendemos dessa forma o discurso de Pearson como práticas de significação, “expressando sua dimensão ideológica num processo de relacionar acontecimentos a outros, está de fato filiando aqueles sentidos já existentes”.<sup>601</sup>

No artigo de 3 de julho de 1954<sup>602</sup>, Pearson sustentava que agentes comerciais estavam percorrendo a América do Sul tratando de comprar produtos para o bloco comunista. Ele afirmava que os chineses também mostram interesse em comercializar com a América do Sul.

O jornalista argumenta que:

<sup>598</sup> CERVO, 2007, p. 89

<sup>599</sup> CERVO, 2007, p. 82.

<sup>600</sup> PEARSON, Drew. Os EE.UU. e a guerra da Indochina. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 15 mai. 1954. Carrossel do Mundo, p. 84.

<sup>601</sup> MARIANI, 1996, p. 103.

<sup>602</sup> PEARSON, Drew. O novo rival de Malenkov. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 3 jul. 1954. Carrossel do Mundo, p. 16.

Agentes comerciais soviéticos estão percorrendo a América do Sul, tratando de comprar certos produtos para o bloco comunista. Desejam particularmente algodão brasileiro e couros argentinos. E, infelizmente, **muitos exportadores sul-americanos parecem bastante dispostos a cooperar com eles.**

A Argentina embarcou há pouco meio milhão de couros para países situados atrás da Cortina de Ferro. **Até os comunistas chineses estão mostrando interesse pelo comércio com a América do Sul**, tanto assim que, segundo se informa, já partiu de Pequim uma missão comercial para a Argentina.<sup>603</sup>

Basicamente, buscamos evidenciar no discurso de Drew Pearson, como a Argentina estava representada nas suas articulações políticas pela manutenção do poder de persuasão. O governo peronista, de acordo com Pearson, mantinha relações comerciais com qualquer país independentemente de sua ideologia – capitalista ou comunista –, o que importava era o comércio. Perón realizava manobras diplomáticas com os países da América Latina em busca de expandir seu território e mantinha a instabilidade de se associar ao comunismo. As denominações no discurso de Drew Pearson designam um conjunto específico do sujeito (Perón) dentro do contexto político, os artigos são descritos a partir de seus pressupostos ideológicos, classificando e qualificando o sujeito dentro de um sistema de valores e, por fim, associando-o, basicamente, à principal ameaça comunista na América Latina.<sup>604</sup> Portanto, como sugere Mariani, as denominações vistas isoladamente não significam nada, mas percebidas em conjunto, no discurso jornalístico, significam muito e dão direção ao sentido.<sup>605</sup>

O discurso de Drew Pearson, a partir de 1955, direcionou-se sobre as questões referentes à queda de Perón. A derrocada peronista “pôs por terra os planos de um dos maiores negócios de petróleo que já se projetaram na América Latina. Se Perón tivesse ficado no poder o negócio teria sido feito.”<sup>606</sup> Pearson comenta que o negócio do petróleo com uma companhia norte-americana pode ter contribuído para a queda de Perón.

Assim como o artigo salienta, Cervo complementa que “à medida que melhoravam as relações com os Estados Unidos, Peron via sua situação interna agravar-se com o malogro de sua política, a ascensão das oposições e um conflito com a igreja.”<sup>607</sup> A queda de “Perón em 1955 deixou sequelas nas relações com os Estados Unidos, tanto econômicas, quanto políticas.”<sup>608</sup>

<sup>603</sup> PEARSON, Drew. O novo rival de Malenkov. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 3 jul. 1954. Carrossel do Mundo, p. 16 (grifo nosso).

<sup>604</sup> MARIANI, 1996, p. 140.

<sup>605</sup> MARIANI, 1996, p. 143.

<sup>606</sup> PEARSON, Drew. Um grupo de homens governa o país. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 5 nov. 1955. Carrossel do Mundo, p. 54.

<sup>607</sup> CERVO, 2007, p. 90.

<sup>608</sup> CERVO, 2007, p. 90.

Nos anos seguintes, de 1956 e 1957, foi mencionada uma pequena nota sobre a imprensa argentina<sup>609</sup> e depois uma referência, datada de 1941, de que Perón se mantivera neutro durante a Segunda Guerra Mundial. O artigo estava direcionado ao governo chileno, e o presidente argentino apenas foi citado como exemplo. Encerrava-se, assim, a presença da Argentina na coluna, que, sem Perón, não tinha mais significado para o jornalista.

#### 4.2 O Brasil na coluna carrossel do mundo

O Brasil aparece referenciado em 17 artigos. Neles estão presentes desde negociações, relações de amizade entre os governos até relações comerciais, no período de 1950 a 1957.

Durante a vigência do governo Dutra (1946-1951), o Brasil só obteve concessões “minúsculas” nas relações bilaterais com os Estados Unidos, como retribuição ao seu alinhamento automático à estratégia americana.<sup>610</sup> No caso brasileiro, a situação era complicada, pois o governo esperava maiores vantagens, não bastava somente estar alinhado aos Estados Unidos. Para Cervo, a presença norte-americana poderia ser considerada avassaladora sobre a América Latina no início da Guerra Fria, as relações entre as partes tenderiam a evidenciar não mais a interdependência, mas a dominação econômica e ideológica.<sup>611</sup>

Moniz Bandeira afirma que, para os Estados Unidos, os países da América Latina, e entre eles o Brasil, não significavam qualquer perigo para a ordem internacional, devendo permanecer, com suas economias complementares, na condição de fornecedores de matérias-primas estratégicas para as indústrias de armamentos.<sup>612</sup> Nessa conjuntura, Drew Pearson observa as movimentações políticas internas da América Latina, percebendo que estas eram as brechas para o comunismo se infiltrar.

Em um dos primeiros artigos sobre o Brasil, Pearson aborda um caso de corrupção. No artigo *Automóveis americanos no Brasil*<sup>613</sup>, de 25 de fevereiro de 1950, o jornalista relata que

---

<sup>609</sup> Em 1956, Drew Pearson descreve em um pequeno trecho sobre a imprensa amordaçada, no qual saliente que o jornal “La Prensa”, de Buenos Aires, está sofrendo repressão, que se mantém em silêncio por conta do presidente Gustavo Rojas Pinilla da Colômbia vem fechando os principais jornais colombianos. PEARSON, Drew. Ministro de Eisenhower deixarão os cargos. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 14 abr. 1956. [s.p.].

<sup>610</sup> VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. O nacionalismo desenvolvimentista e a política externa independente (1951-1964). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Coord.). *O Brasil republicano*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

<sup>611</sup> CERVO, 2007, p. 80.

<sup>612</sup> MONIZ, 1989, p. 30.

<sup>613</sup> PEARSON, Drew. *Automóveis americanos no Brasil*. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 25 fev. 1950. Carrossel do Mundo, p. 62.

Um grande escândalo em torno do mercado negro de automóveis, refrigeradores e máquinas de lavar roupa norte-americana estão agitando o Brasil. A questão começou com um vitorioso discurso pronunciado na Câmara pelo deputado Rui Almeida que revelou entre 17 de dezembro do ano passado e 11 de janeiro haviam chegado ao Rio de Janeiro 349 automóveis de luxo. Essa importação drenou 523.000 dólares de precioso dinheiro estrangeiro. **Segundo Almeida, os automóveis chegaram em navios argentinos e bolivianos com licenças falsas preparadas no Brasil. E dispôs-se também a dar detalhes acerca das compras de refrigeradores e máquinas de lavar.** Declarou ainda que os pedidos de automóveis estrangeiros feitos por brasileiros ascendiam a 4 milhões de dólares.

No ano passado na mesma Câmara alguns membros da Comissão de Compras do Brasil, que se encontra em Washington, foram acusados de intervir em operações ilegais.<sup>614</sup>

Pearson menciona que este não se trata de um caso isolado, e sim de que essas fraudes já haviam ocorrido anteriormente. O jornalista representava, assim, um Brasil corrupto, e o associava aos argentinos e bolivianos.

Em *Vargas pretende reviver o comunismo*<sup>615</sup>, artigo do dia 3 de junho 1950, Drew Pearson comenta sobre uma declaração feita pelo ex-presidente do Brasil, Getúlio Vargas, que se candidataria novamente:

A decisão de Vargas tem também importância internacional por que o partido comunista brasileiro que foi declarado ilegal e conta com maior número de stalistas do hemisfério ocidental apoia Vargas. Entretanto dentro do próprio Brasil o problema comunista não será tão explosivo quanto à encarnada luta que o nome de Vargas provoca. Para os brasileiros não a meio termo em relação ao homem que os governou durante 15 anos com um regime virtualmente totalitário. Ou é um salvador nacional ou é o pior governante que o Brasil possa ter.<sup>616</sup>

Para o jornalista, não restam dúvidas de que Vargas seria eleito presidente, pois conta com a ajuda de Luis Carlos Prestes, “competente hábil dirigente, do poderoso movimento clandestino”.<sup>617</sup> Pearson argumenta, ainda, que Vargas está aliado aos comunistas:

Enquanto isso a significação da aliança de Vargas com os comunistas merece ser cuidadosamente examinada, nestes momentos críticos para história do mundo. O fato é que durante os últimos 5 anos Vargas tem mostrado intenso ódio aos Estados Unidos em virtude de que considera uma traição de Washington. Adolph Berie Jr., que era embaixador norte-americano no Rio de Janeiro tomou parte ativa no movimento que o derrubou do poder. E considera isso particularmente imperdoável porque ocorreu precisamente depois, Vargas, se mostrou disposto a romper com o

<sup>614</sup> PEARSON, Drew. Automóveis americanos no Brasil. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 25 fev. 1950. Carrossel do Mundo, p. 62.

<sup>615</sup> PEARSON, Drew. Vargas pretende reviver o comunismo. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 3 jun. 1950. Carrossel do Mundo, p. 78

<sup>616</sup> PEARSON, Drew. Vargas pretende reviver o comunismo. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 3 jun. 1950. Carrossel do Mundo, p. 78.

<sup>617</sup> PEARSON, Drew. Vargas pretende reviver o comunismo. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 3 jun. 1950. Carrossel do Mundo, p. 78.

Eixo para ficar do lado dos Estados Unidos. O desejo de Vargas de vingar se é tão intenso que levou a esperar pacientemente a sua oportunidade com a esperança de voltar à presidência legitimamente e assim humilhar Washington.<sup>618</sup>

Nas considerações finais, Drew Pearson pontua que a parte mais sombria de Vargas “é de permitir que o partido comunista, que foi banido, readquirira direitos legais com outro nome e está disposto a dar aos comunistas duas pastas no ministério”. Num primeiro momento o Brasil passa ser considerado o primeiro país da América Latina a estar ameaçado pelo comunismo. Entretanto, desde que Oswaldo Aranha havia assumido a presidência da Assembleia Geral da ONU, em 1947 o Brasil cortara relações diplomáticas com a URSS.<sup>619</sup>

Rodrigo Patto Sá localiza o anticomunismo no Brasil ainda antes de 1947:

No caso da “onda” anticomunista relacionada à guerra fria, pode-se dizer que no Brasil ela começou antes que nos Estados Unidos. Enquanto naquele país o rompimento efetivo com a URSS ocorreu a partir de 1947, com a Doutrina Truman e o Plano Marshall, por aqui a perseguição ao Partido Comunista começou um ano antes, quando se iniciou o processo de cassação do registro eleitoral do PCB. Quando o governo Dutra resolveu cortar relações diplomáticas com a URSS, em 1947, dando prosseguimento a sua ofensiva contra o comunismo, a chancelaria norte-americana considerou a atitude precipitadas, o que evidencia **a autonomia das autoridades brasileiras no tratamento da questão**. Nesta época, o governo dos EUA ainda não havia colocado o anticomunismo como prioridade máxima, independente de outras considerações.<sup>620</sup>

Entretanto, Rodrigo Patto Sá destaca que existia uma preocupação dos Estados Unidos em relação a expansão do comunismo no Brasil, nos anos de 1950, em razão de que:

Diferentemente do governo Dutra, as administrações subsequentes chefiadas por Vargas e Kubitschek, especialmente no último caso, não consideravam grave o “risco” comunista, e não demonstraram empenho em combatê-lo.<sup>621</sup>

No caso brasileiro, a partir da década de 1950 a situação começava a se configurar de maneira diferente. Um novo perfil sócio-político estava tomando forma com o crescimento econômico da sociedade brasileira, que impunha novas demandas políticas. O período abria-se com o incremento da industrialização e a afirmação de uma burguesia industrial.<sup>622</sup> Vargas lançava a Campanha “O Petróleo é nosso” e a questão da Petrobrás evoluía em direção a um movimento popular, de caráter autenticamente nacionalista e anti-imperialista. Tudo isso

<sup>618</sup> PEARSON, Drew. Vargas pretende reviver o comunismo. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 3 jun. 1950. Carrossel do Mundo, p. 78.

<sup>619</sup> MOURA, 2012, p.190.

<sup>620</sup> SÁ MOTTA, 2002, p. 18-19 (grifo nosso).

<sup>621</sup> SÁ MOTTA, 2002, p. 19.

<sup>622</sup> VIZENTINI, 2006, p. 203.

gerava, inevitavelmente, atritos com os Estados Unidos. Além disso, o nacionalismo<sup>623</sup> estava voltado para obtenção de unidade interna necessária ao projeto de industrialização. Destituindo o conteúdo anti-imperialista que estava por ficar galvanizado. “Vargas chegou a declarar, em 7 de setembro de 1953, que ‘o imperialismo era a falta de investimentos dos países ricos nos pobres, impedindo o desenvolvimento.’”<sup>624</sup>

Para Octávio Ianni, o papel do nacionalismo populista na luta contra a hegemonia norte-americana na América Latina procurava reformular as estruturas políticas e econômicas identificadas com as condições de uma dependência herdada das situações nas quais predominava o imperialismo. O autor afirma que alguns governos latino-americanos exemplificam bastante bem as novas tendências, como no caso do México, o governo Cárdenas (1934-40); no Brasil, o governo Vargas (1930-45); na Argentina, o governo Perón (1945-55); na Bolívia, o governo Paz Estensoro-Siles Suazo (1952-64);<sup>625</sup>

Octávio Ianni acrescenta, ainda, que,

Em perspectiva histórica podemos afirmar que o “nacionalismo populista” foi a primeira e mais generalizada reação, a nível governamental, ao tipo de imperialismo exercidos pelos Estados Unidos na América Latina. Pode-se mesmo dizer que foi a primeira reação bem-sucedida, no sentido de que os grupos sociais, classes e partidos políticos identificados com o nacionalismo populista propuseram e levaram à prática das novas diretrizes políticas externas.<sup>626</sup>

Na sequência, no artigo do dia 30 de dezembro de 1950, *A guerra, a borracha e a América Latina*<sup>627</sup>, relata que os Estados Unidos sofreram com a guerra, pois o Japão capturou Singapura, o seu maior fornecedor de borracha, estanho e quinino, resultando em uma crise econômica para os norte-americanos.

Drew Pearson destaca que

Durante quatro anos, o povo norte-americano sofreu a escassez desses artigos. Muitas pessoas tiveram de guardar os seus automóveis por falta de pneus. **Os vasilhames de estanho quase desapareceram. Gastaram-se milhares de dólares com a plantação de árvores de quinino (chinchonas) na América Latina.** Agora,

---

<sup>623</sup> Compreendemos Nacionalismo no sentido mais abrangente. O termo designa a ideologia nacional, a ideologia de determinado grupo político, o Estado nacional (v. NAÇÃO), que se sobrepõe às ideologias dos partidos, absorvendo-as em perspectiva. O Nacionalismo, na medida em que suas estruturas de poder, burocráticas e centralizadoras, possibilitam a evolução do projeto político que visa à fusão de Estado e nação, isto é a unificação, em seu território, de língua, cultura e tradições. Dicionário de política, 799.

<sup>624</sup> VIZENTINI, 2006, p. 204.

<sup>625</sup> OCTÁVIO, 1971, p. 33-39.

<sup>626</sup> OCTÁVIO, 1971, p. 34.

<sup>627</sup> PEARSON, Drew. A guerra, a borracha e a América Latina. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 30 dez. 1950. Carrossel do Mundo, p. 86.

embora estejam mais bem aparelhados no que diz respeito à borracha artificial, é possível que a situação em parte se reproduza.<sup>628</sup>

A crise da borracha foi relacionada ao expansionismo do comunismo. Como podemos acompanhar no seguinte trecho do artigo:

A principal lição que se pode tirar da ameaça comunista à economia americana é que **nos descuidamos lamentavelmente dos nossos melhores vizinhos, os países latino-americanos**. Conquanto alguns funcionários do Departamento de Estado, sob a direção do dinâmico, Secretário Auxiliar Edward Miller, continuassem a fomentar a amizade pan-americana a verdade é **que grande parte da nossa ajuda econômica é concedida a cartéis industriais europeus, prejuízo da América Latina**.<sup>629</sup>

Manaus era considerada a capital da borracha, e também a cidade fantasma da indústria da borracha. Destacando no subtítulo “A cidade fantasma da indústria da borracha”, o jornalista afirmava que:

Hoje em dia, porém Manaus, a capital da borracha na América Latina, se transformou numa cidade fantasma, depois que os ingleses levaram de contrabando sementes de borracha para Ceilão. Pouco a pouco, o cartel norte-americano e, quando conseguiu obter quase um monopólio do mercado, não teve dúvidas em fixar preços terríveis para o consumidor dos Estados Unidos. Apesar dos vigorosos protestos do então Secretário de Estado Charles Evans Hughes foi preciso pagar ao mencionado cartel os preços o mesmo desejava. **Os Estados Unidos animaram o Brasil, O México, a Nicarágua, o Salvador, Costa Rica Equador o Haiti e Honduras a produzir borracha a qualquer preço. Adotou-se então o lema "Isto não tornará a acontecer". Mas está tornando a acontecer. Em outubro de 1947 os delegados norte-americanos à conferência econômica de Genebra concordaram em dar cerca de dois terços do mercado norte-americano de borracha aos produtores asiáticos** controlados principalmente pela Inglaterra. Isso significa duas coisas: **colapso completo da nova indústria da borracha na América Latina** e o fechamento de várias fábricas de borracha sintética nos Estados Unidos. Algumas foram vendidas por preços muito baixos.<sup>630</sup>

Percebe-se que mais uma vez o comércio com a América Latina sofria um boicote. O artigo destaca que, caso explodisse a guerra, os Estados Unidos viveriam uma crise da borracha, mesmo a produzindo de forma sintética. Pearson detalhava, ainda, que “o comunismo tem ganhado terreno entre os vizinhos latino-americanos, em grande parte por motivos econômicos, entre os quais a escassez de trabalho”.<sup>631</sup>

<sup>628</sup> PEARSON, Drew. A guerra, a borracha e a América Latina. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 30 dez. 1950. Carrossel do Mundo, p. 86.

<sup>629</sup> PEARSON, Drew. A guerra, a borracha e a América Latina. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 30 dez. 1950. Carrossel do Mundo, p. 86 (grifo nosso).

<sup>630</sup> PEARSON, Drew. A guerra, a borracha e a América Latina. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 30 dez. 1950. Carrossel do Mundo, p. 86 (grifo nosso).

<sup>631</sup> PEARSON, Drew. A guerra, a borracha e a América Latina. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 30 dez. 1950. Carrossel do Mundo, p. 86.

Para Drew Pearson, as relações internacionais estabelecidas pelos Estados Unidos estavam repletas de contradições e de muita corrupção, sempre utilizando falsas acusações comunistas para denegrir a imagem dos políticos.

O plano norte-americano tinha como objetivo que não se circunscrevesse à conjuntura da guerra armada ou desencadeasse uma destruição em massa, o que significaria a sua própria destruição. “Tratava-se de conquistar mercados e fortalecimento das relações econômicas visando ao crescimento da economia e à consolidação de sistema de poder dos Estados Unidos.”<sup>632</sup>

Convém refletir sobre o discurso de Drew Pearson no que se refere às relações dos Estados Unidos com os países latino-americanos. Na perspectiva de Patrick Charaudeau, “as representações (são) em um teatro”:

As representações são diversificadas, cada peça é objeto de uma encenação particular e, dentre elas, está à cena política, na qual se representam relações de poder segundo os lugares, os papéis e os textos previstos por essa dramaturgia e segundo a relativa margem de manobra de que dispõem os atores. Trata-se, portanto de ver em um primeiro momento quais são as características dessa cena, que valem para todos os atores, para observar melhor, em seguida, o jogo pessoal deles.<sup>633</sup>

Nesse jogo das relações de poder, perder o controle da América Latina, na ótica do colonista, significaria abrir caminho para o avanço comunista. Não se tratava somente de desperdiçar um mercado consumidor, mas sim de uma perda de território e de aliados na luta contra a URSS.

O posicionamento do jornalista norte-americano reflete na construção de seu discurso, no qual está nitidamente evidenciada a junção das instâncias midiática e política. A instância midiática serve para estabelecer a ligação entre os governantes e a sociedade, tornando seus interesses públicos. Desse modo, Charaudeau chama atenção “sobre o papel das mídias no campo político, é porque elas teriam uma influência sobre a opinião dos cidadãos, portanto, porque repercutem nas estratégias de comunicação dos políticos”.<sup>634</sup>

Os artigos publicados na coluna da revista *O Cruzeiro* visavam produzir um impacto na opinião pública, mostrando a importância que os países da América Latina estavam recebendo por parte do governo norte-americano. No entanto, o Brasil habitava as margens desses privilégios, recebendo apenas críticas por ficar de braços cruzados, permitindo que o comunismo avançasse.

---

<sup>632</sup> CERVO, A.; BUENO, C. 2002, p. 269.

<sup>633</sup> CHARAUDEAU, 2013, p. 51.

<sup>634</sup> CHARAUDEAU, 2013, p. 280

No artigo *Ao invés de rublos, armas e munições*<sup>635</sup>, a América Latina aparece em destaque em virtude da alta do café. No texto, Pearson afirma que o aumento do preço do café era culpa dos agricultores latino-americanos.

No subtítulo seguinte do artigo, “Os Estados Unidos e a América Latina”, o jornalista continua argumentando que

Os Estados Unidos pediram-no ao Brasil urgentemente manganês, que este conta com os maiores depósitos mundiais de manganês. Mas o Brasil é também o maior produtor de café. Por isso, embora esteja fornecendo manganês, não o agiu com o mesmo entusiasmo de sempre. Há outros materiais da América Latina de que os Estados Unidos necessitam também. **Por isso, o povo norte-americano, deve voltar seus esforços em prol da política de boa-vizinhança.**<sup>636</sup>

Novamente o jornalista norte-americano refere-se à política de boa-vizinhança e se mostra preocupado com o avanço comunista, criticando a péssima atuação diplomática com a América Latina. Drew Pearson salienta que Oswaldo Aranha, “que há muito tempo é amigo dos Estados Unidos”, realizou uma declaração:

“É quase inconcebível que o Presidente Truman, **que deve perceber o ressentimento criado pela evidente indiferença dos Estados Unidos em relação aos problemas econômicos da América Latina desde a guerra passada**, permite que toda uma nação seja levada dessa maneira à beira da ruína. Não poderemos nunca ter esperança de que nos compreendem e ajudem?”<sup>637</sup>

Drew Pearson trata de salientar que a insatisfação dos latino-americanos em relação às políticas adotados pelos Estados Unidos representa uma América Latina descontente, que não tardará a ficar em ruínas, sendo assim uma presa fácil para o comunismo.

Na publicação de 9 de agosto de 1952<sup>638</sup>, Pearson elege o Brasil como o melhor amigo dos Estados Unidos na América Latina. Essa posição é referendada por Gerson Moura, quando este afirma que a amizade entre o Brasil e os Estados Unidos havia sido “o resultado de um processo de negociações difíceis e continuadas”<sup>634</sup>:

O alinhamento oficial do Brasil aos Estados Unidos continuou a ser sinônimo de antissovietismo e medo da revolução social. Assim, a política externa do Brasil foi

<sup>635</sup> PEARSON, Drew. *Ao invés de rublos, armas e munições*. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 20 jan. 1951. Carrossel do Mundo, p. 58.

<sup>636</sup> PEARSON, Drew. *Ao invés de rublos, armas e munições*. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 20 jan. 1951. Carrossel do Mundo, p. 58 (grifo nosso).

<sup>637</sup> PEARSON, Drew. *Política contra a economia latino-americana*. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 15 mar. 1952. Carrossel do Mundo, p. 88.

<sup>638</sup> PEARSON, Drew. *Ao invés de rublos, armas e munições*. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 9 ago. 1952. Carrossel do Mundo, p. 70.

perfeitamente representada pelos pressupostos da guerra fria e as ações do Itamaraty foram consistentes com esta visão ideológica da política internacional até o fim da década.<sup>639</sup>

Com o subtítulo “Um bom vizinho, no artigo de 21 de fevereiro de 1953”<sup>640</sup>, Pearson descreve que o ex-ministro do Exterior, Oswaldo Aranha, constituía-se no maior amigo dos Estados Unidos na América Latina.

Pearson descreve uma afirmação que Aranha havia feito por ocasião de sua estada nos Estados Unidos em uma conversa com políticos norte-americanos:

Aranha, que tem um grande senso de humor, fez algumas pilherias com Stassen no sentido de que **os Estados Unidos vêm desprezando os seus bons vizinhos hemisféricos e dedicando mais atenção à Europa.**

“É verdade, disse Stassen, “mas temos o Ponto Quarto”. Ouvindo isso, Aranha replicou: Sem dúvida, mas estamos esperando o Ponto Quinto. Uma vez aplicado o Ponto Quarto, estaremos em tão má situação que terão de empregar o Plano Marshall para que possamos continuar vivos, como aconteceu na Europa”. [...] O Plano Marshall envia materiais e dinheiro.<sup>641</sup>

Drew Pearson tratou de elucidar que fora um diálogo bem humorado, mas que rendera uma acalorada discussão. Não foi a primeira vez que o colunista destacou que os Estados Unidos estavam interessados em investir somente na Europa. Sabe-se que os EUA não estavam dispostos a incentivar o desenvolvimento dos países periféricos.

Mesmo salientando que o Brasil era o melhor amigo dos Estados Unidos, cabe ressaltar que Drew Pearson referenciou apenas as manipulações com energia nucleares argentinas. E o Brasil não foi citado em momento algum. Contudo, sabemos que os Estados Unidos e o Brasil, em 1951, negociavam a assinatura do Acordo Militar, o envio de soldados para a Coreia e a garantia de suprimento de materiais estratégicos para as suas indústrias. Vargas, em contrapartida, impusera como condição a cooperação do governo de Washington, na industrialização do petróleo<sup>642</sup>. Moniz Bandeira afirma que o Eximbank negava-se a

<sup>639</sup> MOURA, 2012, p. 245.

<sup>640</sup> PEARSON, Drew. Planos de Eisenhower para a Coreia. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 21 fev. 1953. Carrossel do Mundo, p. 80.

<sup>641</sup> PEARSON, Drew. O estranho caso da senhora Mittman. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 9 ago. 1952. Carrossel do Mundo, p. 70 (grifo nosso).

<sup>642</sup> Em 1953 o Brasil restringiu as remessas de lucros estrangeiros, quando o Congresso aprovou, nesse mesmo ano, a Lei 2004. E a exploração do petróleo poderia ser um dos principais problemas a intrinchar as relações entre os Estados Unidos e o Brasil, mas não se configurava no único. A obtenção de minerais estratégicos, naquela conjuntura, interessava, muito mais aos Estados Unidos, a fim de atender a demanda nuclear, e o Brasil possuía o precioso urânio, considerado como a maior riqueza que um país poderia ter, como afirmava Gordon Dean presidente da Comissão de Energia Nuclear dos Estados Unidos, e também havia outras jazidas de minérios estratégicos, como tântalo, manganês e areias monazíticas, os quais não se podia substituir nas produções nucleares. MONIZ, 1986, p. 36.

conceder empréstimos para o desenvolvimento da indústria petrolífera, sob alegação de que disponibilizavam de capitais privados estrangeiros interessados no setor.<sup>643</sup>

Os olhares estavam voltados para o conflito que se deflagrava na Coreia, como salienta a autora Alexandra Silva:

A eclosão da guerra da Coreia (1950/1953) significaria não só a transposição dos conflitos da Guerra Fria da Europa para a Ásia como também o seu recrudescimento, inaugurando uma nova etapa na política norte-americana de "contenção". Como consequência, **reforçou-se ainda mais o elemento anticomunista no discurso e na ação externa norte-americana, o que não deixou de se refletir nas relações com a América Latina.** Também no caso da política econômica, os elementos anteriores seriam reforçados: atribuição de um papel primordial ao capital privado nacional e estrangeiro, para o qual se deveria criar um "clima" político e econômico favorável, e recusa em assumir quaisquer compromissos de ajuda econômica governamental.<sup>644</sup>

Os países da América Latina não significavam, naquela conjuntura, qualquer perigo para a ordem internacional, pois compreendiam que os latinos deveriam continuar na condição de fornecedores de matérias-primas estratégicas para as suas indústrias de armamentos.<sup>645</sup> Os Estados Unidos solicitaram ajuda de seus vizinhos latinos no conflito contra a Coreia, no entanto, os vizinhos latinos tentaram barganhar, como fizeram durante a Segunda Guerra Mundial. O governo de Washington foi cauteloso nas negociações, tanto que foram poucos os países que contribuíram com soldados e suprimentos estratégicos. O Brasil tentou barganhar com a Guerra da Coreia, mas não obteve sucesso.

Conforme Alexandra M. e Silva salienta,

A postura norte-americana, independentemente do peso das prioridades estratégicas, atuava claramente no sentido de perpetuar um padrão de relacionamento econômico totalmente assimétrico, no qual as economias latino-americanas deveriam manter-se basicamente como fornecedoras das matérias-primas necessárias ao consumo doméstico e à produção industrial norte-americana, cujos bens manufaturados deveriam continuar importando. A própria pauta de relações comerciais EUA e América Latina, bem como a importância desta última em termos do comércio e do investimento privado norte-americanos, expressavam e confirmavam esta assimetria. A América Latina exportava café, açúcar, petróleo, cobre e estanho, entre outros produtos básicos, e importava dos EUA máquinas, automóveis, produtos alimentícios, equipamento agrícola e elétrico, têxteis, produtos químicos, ferro e aço, - constituindo-se no segundo maior mercado para o comércio e o investimento externo americanos, atrás apenas da Europa.<sup>646</sup>

<sup>643</sup> MONIZ, 1989, p. 35

<sup>644</sup> SILVA, 1992, p. 9 (grifo nosso).

<sup>645</sup> MONIZ, p. 30

<sup>646</sup> SILVA, Alexandra de Mello e. *A Política Externa de JK: operação Pan-americana*. Rio de Janeiro: CPDOC, 1992, p. 6.

Os Estados Unidos insistiam em que a América Latina avaliasse o investimento na Europa como uma contingência do momento da Guerra Fria.

Para Lars Schoultz,

os funcionários dos EUA esperavam que eles [latino-americanos] compreendessem que a Europa necessitava do Plano Marshall, não porque tivesse sido destruída pela guerra, mas também porque havia se tornado o local de confronto entre o comunismo e o capitalismo, entre o totalitarismo e democracia. A Europa era apenas o primeiro alvo do comunismo, como observou o Conselho de Segurança Nacional do Presidente Truman: “o objetivo final do comunismo mundial dirigido pelos soviéticos é o domínio do mundo.”<sup>647</sup>

Momentos antes da Conferência<sup>648</sup> de Bogotá, em 1948, a Equipe de Planejamento Político do Departamento de Estado concluiu “que o comunismo na América é um perigo potencial, mas que, com umas poucas, possíveis exceções, não é seriamente perigoso atualmente.”<sup>649</sup>

Esta análise era compartilhada pelo Secretário de Estado, John Foster Dulles,

que concordava que o Kremlin não estava pronto ainda para expandir-se nos países latino-americanos, mas alertava para o fato de que “muitos de seus trabalhadores – industriais e agrícolas – não desfrutavam de bons padrões de vida. Isto oferece oportunidade para a propaganda comunista.” O Departamento de Estado delineava também sua análise de 1948 alertando que “estas avaliações da capacidade comunista podem requerer revisão se a dominação comunista espalhar-se ainda mais pela Europa, particularmente para a Itália e França. Existem grandes colônias de imigrantes italianos em várias das Repúblicas americanas onde os comunistas podem ter êxito e ganhar influência crescente, que pode constituir um importante acréscimo à força comunista. A influência da cultura e das ideias francesas sempre foi forte nas Repúblicas americanas, e todo o esforço seria feito através de uma França dominada pelos comunistas para usar plenamente esta vantagem.”<sup>650</sup>

Dessa forma, o “temor Vermelho apareceu pela primeira vez na América Latina, não devido a subversão comunista clara, mas por causa do que estava ocorrendo na Europa e como um produto da principal questão da política doméstica dos EUA, o anticomunismo”. Mas nenhuma política efetiva foi posta em prática na América Latina até os anos de 1954, pelo menos não que se tenha registro. Neste contexto, Donald Dozer afirma que não existiam motivos para os Estados Unidos temerem uma expansão comunista na América Latina, pois

<sup>647</sup> SCHOULTZ, 2000, p. 370.

<sup>648</sup> IX Conferência Internacional Americana, realizada em Bogotá, em 1948, que reuniu os estadistas de todo o continente e durante a qual foi assinado o Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (Tiar).

<sup>649</sup> SCHOULTZ, 2000, p. 370.

<sup>650</sup> SCHOULTZ, 2000, p. 370 e 371.

o problema de implantar a justiça econômica e social na América Latina pela ação governamental tem sido complicado pela força do comunismo no mundo pós-guerra. O moderno caudilho do Estado providencial pode sustentar a sua concepção de governo, dará a mesma prioridade suprema que dão os governantes soviéticos às necessidades materiais do seu povo. Perón e Vargas, típicos caudilhos do moderno Estado providencial, buscaram e obtiveram a adesão do proletariado urbano e social. Graças aos países com os seus programas, lograram frustrar os avanços do comunismo e diminuir o atrativo que ele exerce sobre as massas do povo. O prestígio do comunismo soviético é igualmente limitado pela orientação predominantemente católica da maioria dos latino-americanos, se bem que em muitos países da América Latina. Em geral, as soluções oferecidas pelos comunistas não têm seduzido os latinos, por não serem soluções indígenas.<sup>651</sup>

Dozer acrescenta ainda, que

Os partidos comunistas da América Latina macaqueiam as linhas de ação europeias, que as elites dominantes tradicionais e as suas burocracias. Mas, à medida que se patenteiam os fracassos dessas elites, o comunismo, que parece ter demonstrado a sua eficácia na Rússia Soviética, exerce um crescente fascínio sobre a mocidade que recebeu instrução técnica e que, em virtude do seu adestramento nos processos industriais do Ocidente, se sente insatisfeita com estruturas que não funcionam e é atraída pelo sistema administrativo do comunismo. Todas as nações latino-americanas estão igualmente empenhadas na conservação de sua independência nacional e na rejeição de qualquer controle por parte de nações estranhas ao hemisfério.<sup>652</sup>

Para Drew Pearson, essa realidade não foi salientada, pois afirmava que o comunismo seria instalado no governo de Vargas (1951-1954). Os Estados Unidos somente tomariam uma atitude com relação à América Latina depois da Revolução Cubana, acontecida em 1959. E depois da posse do presidente Eisenhower, em 1953, o Brasil não receberia qualquer colaboração tecnológica para seu programa nuclear, compensação pelas vendas de areias monazíticas, nem recursos necessários à execução dos projetos de desenvolvimentos elaborados pela Comissão Mista.<sup>653</sup>

Drew Pearson saiu em defesa do Brasil no artigo de 6 de março de 1954, *O Brasil não é culpado pela alta do café*<sup>654</sup>, sustentando que os verdadeiros culpados por tal condição não eram os brasileiros. Deveria ser do conhecimento de todos que a maior parte dos lucros com o café ficava no bolso dos norte-americanos, ou melhor, nas mãos dos distribuidores.

O jornalista argumenta que:

<sup>651</sup> DOZER, Donaldo Marquand. *América Latina: uma perspectiva histórica*. Porto Alegre: Globo, 1966, p. 591-592.

<sup>652</sup> DOZER, 1966, p. 591-592.

<sup>653</sup> MONIZ, 1989, p. 38

<sup>654</sup> PEARSON, Drew. Brasil não é culpado pela alta do café. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 6 mar. 1954. Carrossel do Mundo, p. 42.

**Um fato importante que não deve ser esquecido em relação à alta vertiginosa do preço do café nos Estados Unidos é que os lucros produzidos por esse aumento não irão para as mãos dos agricultores brasileiros, muitos dos quais foram seriamente prejudicados pelas geadas que lhes arruinaram as safras e produziram a escassez de café.** Também não se deve o aumento a qualquer manobra efetuada no mercado pelo governo brasileiro, como claramente expôs o Ministro do Exterior do Brasil, Vicente Rao, na carta que há alguns dias escreveu ao jornal “Washington Post”.<sup>655</sup>

Drew Pearson acrescenta, ainda:

Como de costume, os lucros têm ido parar, pela maior parte, nas mãos dos distribuidores, dos torradores e dos intermediários especuladores que intervêm nas negociações do café. Outra circunstância importante que é **preciso recordar antes de acusar o Brasil de responsabilidade nessa alta é que a maior parte do dinheiro em café permanece nos Estados Unidos.** [...] Andrés Uribe, presidente em exercício do Bareau Pan-Americano do Café, atestou que os Estados Unidos gastam anualmente mais de 2 bilhões de dólares no negócio de café. Dessa cifra, 62% permanecem nos Estados Unidos, sendo repartidos entre intermediários, importadores, torradores, retalhistas, carregadores, vendedores, etc. Os 38% é que vão aos países produtores, inclusive o Brasil.<sup>656</sup>

Thomas Skidmore<sup>657</sup> reforça que esse foi um dos problemas que afetaram as relações entre Estados Unidos e Brasil:

[...] as relações econômicas brasileiras com os Estados Unidos se tornaram tensas em razão das severas críticas dentro da América do Norte com vistas ao nível alto dos preços do café, depois de pesadas geadas haverem reduzido à safra de 1953.<sup>658</sup>

Outra questão que o autor Skidmore salienta:

O governo Truman, que lançou o programa do ponto quatro e que mostrara solidário com os problemas financeiros dos países em desenvolvimento, foi substituído em janeiro de 1953, por um governo republicano que desconfiava abertamente da necessidade de quaisquer medidas especiais, para ajudar o desenvolvimento dos países mais pobres. Acreditavam firmemente nas regras ortodoxas das transações econômicas internacionais. Além disso, o secretário de Estado Foster Dulles, a política externa americana ganhou um tom mais rígido, anticomunista e com negócios com o terceiro mundo. O governo de Eisenhower decidiu de início, reavaliar o alto nível de assistência assumido na política econômica externa de Truman, prevendo predominantemente a se empenhar pelos investimentos particulares.<sup>659</sup>

<sup>655</sup> PEARSON, Drew. Brasil não é culpado pela alta do café. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 6 mar. 1954. Carrossel do Mundo, p. 42.

<sup>656</sup> PEARSON, Drew. Brasil não é culpado pela alta do café. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 6 mar. 1954. Carrossel do Mundo, p. 42.

<sup>657</sup> SKIDMORE, Thomas. *E. Brasil: de Getúlio a Castello (1930-64)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

<sup>658</sup> SKIDMORE, 2010, p. 153.

<sup>659</sup> SKIDMORE, 2010, p. 152.

O argumento dos países capitalistas desenvolvidos centrava-se no investimento dos lucros e de seu capital, que deveriam ser aplicados no seu país de origem. O Brasil sofreu um baque, sobretudo porque estava habituado à forma de governo do presidente Truman e, naquele momento, sofria com as políticas do então presidente Eisenhower.

Como podemos notar na publicação de 8 de janeiro, *Corre perigo a política de boa-vizinhança*<sup>660</sup>, o presidente norte-americano Eisenhower não se fez presente na Conferência Econômica Internacional realizada no Rio de Janeiro, para não criar atrito com o Secretário Humphrey. Em decorrência de tal atitude, a situação dos Estados Unidos começou a se complicar:

Isso representou a terceira mudança importante na delegação dos Estados Unidos à citada conferência. Em primeiro lugar, o Secretário de Estado Sr. John Foster Dulles, esquivou-se de ir ao Rio de Janeiro, embora houvesse prometido na Conferência Interamericana de Caracas comparecer, declarando que a Conferência econômica seria a mais importante do ano.<sup>661</sup>

Os dois personagens mais importantes do cenário político norte-americano não compareceram à conferência, o que impulsionou Drew Pearson a não poupar críticas para expressar a sua indignação pelo descaso com que estavam tratando suas próprias políticas externas, sendo que, na opinião do jornalista, não tardaria a eliminar por completo a política de Boa Vizinhança com os países latino-americanos.

O embaixador especial Merwin Bohan, dos Estados Unidos, era o encarregado da preparação da Conferência do Rio de Janeiro e, naquele momento, posicionava-se contra o Secretário do Tesouro. Pearson relatava que o Embaixador dizia:

O governo [norte-americano] não devia intervir nos empréstimos à América Latina, pois julgava que o melhor meio de deter o comunismo naquela parte do continente era um auxílio eficiente de ordem econômica para desenvolver a riqueza daquelas regiões. Por tudo isso, não é de estranhar que os delegados latino-americanos à Conferência do Rio de Janeiro se mostrem cépticos a respeito dos seus resultados e de que o Chile tenha proposto a criação de um Banco Interamericano, que formaria todo o seu capital com 19 nações não saxônicas, sem necessitar de um só dólar dos Estados Unidos.<sup>662</sup>

---

<sup>660</sup> PEARSON, Drew. Corre perigo a política de boa vizinhança. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 8 jan. 1955. Carrossel do Mundo, p. 16.

<sup>661</sup> PEARSON, Drew. Corre perigo a política de boa vizinhança. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 8 jan. 1955. Carrossel do Mundo, p. 16.

<sup>662</sup> PEARSON, Drew. Corre perigo a política de boa vizinhança. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 8 jan. 1955. Carrossel do Mundo, p. 16

Para Drew Pearson, essa era a notícia mais agradável que poderia ser dada ao Kremlin, os EUA estavam assim entregando a América Latina de bandeja para o comunismo. A URSS não avançava sobre um território sem o terreno estar propício para a sua inserção, essa era umas das brechas que, o colunista afirmava, os soviéticos estavam aguardando. Para Raymond Aron, “a Rússia é sempre a mesma, prudente, mas pronta a aproveitar todas as oportunidades para estender sua zona de influência ou de domínio”.<sup>663</sup>

No artigo de 21 de dezembro de 1957<sup>664</sup>, com o subtítulo “Oswaldo Aranha e a liderança dos Estados Unidos na América Latina”, Drew Pearson descreve que:

Aranha veio aos Estados Unidos como embaixador e se tornou um grande artífice da amizade brasil-americana. Depois, voltou ao Rio de Janeiro para ser Ministro do Exterior. Embora Aranha se tenha retirado da política ativa, voltou a New York como chefe de delegação brasileira à Assembleia Geral das Nações Unidas, da qual já foi uma vez presidente.

**O líder brasileiro ainda é um bom amigo dos Estados Unidos, apesar de que este país não tenha atualmente muito interesse pela América Latina.** A respeito disso, ele recentemente me disse o seguinte: “Se os Estados Unidos não permanecerem à frente do continente americano, outros tomarão esse lugar. A Venezuela já estabeleceu um fundo para fazer empréstimos a outros latino-americanos. Até agora, esperávamos que os Estados Unidos nos dessem essa ajuda”.<sup>665</sup>

Os artigos mencionam novamente o descaso com a América Latina, e mais uma vez quem salienta tal fato é Oswaldo Aranha, uma figura importante no discurso de Drew Pearson, considerado seu amigo de longa data e uma personalidade de destaque no contexto norte-americano.

Patrick Charaudeau afirma que ocorre dentro da instância midiática um processo de manipular e ser manipulado, argumentando que

o poder político é também parte interessada na construção da agenda midiática e, de maneira geral, no jogo de manipulação. Há uma guerra entre políticos e jornalistas, guerra simbólica, mas cujo objetivo é influenciar a opinião pública.<sup>666</sup>

O discurso que encontramos na coluna Carrossel do Mundo pressupõe a posição ideológica do jornalista. Num primeiro momento há a impressão de que Pearson está criticando e realizando julgamentos sobre as decisões norte-americanas em relação à América

<sup>663</sup> ARON, 2002, p. 29.

<sup>664</sup> PEARSON, Drew. Três causas do lançamento do satélite americano. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 21 dez. 1957. Carrossel do Mundo, p. 16.

<sup>665</sup> PEARSON, Drew. Três causas do lançamento do satélite americano. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 21 dez. 1957. Carrossel do Mundo, p. 16 (grifo nosso).

<sup>666</sup> CHARAUDEAU, 2006, p. 25.

Latina. Contudo, quando observamos os artigos no seu conjunto, percebemos que são realmente críticas, julgamentos, que ele aponta erros que podem ser cruciais para abalar as relações com os países aliados, garantindo assim sua legitimidade<sup>667</sup>. Trata-se de algo que assombra os governantes e políticos norte-americanos, que afirmam, em muitos momentos, que Drew Pearson é um antigovernista.

Pela ótica de Charaudeau, o julgamento que Drew Pearson desencadeia nos leitores, de tomar partido em determinados assuntos, poderia ser interpretado nos termos abaixo:

O discurso do comentário jornalístico é, em princípio, marcado por uma argumentação de ponderação: uma dosagem equilibrada entre julgamentos pró e julgamento contra, entre apreciação favorável e apreciação desfavorável, entre exposição de determinada opinião ou de outra. Se o discurso do comentário jornalístico coloca uma problematização, não desenvolver um ato de persuasão que, ao final da argumentação revele o ponto de vista do argumentador e permita ao leitor ou ouvinte tomar partido. [...], pois o jornalista é, ele próprio, um ator social que reage aos acontecimentos.<sup>668</sup>

O discurso de Drew Pearson provocava questionamentos e indagações mediante as manobras políticas realizadas pelos Estados Unidos na América Latina. A problematização torna-se o maior inimigo político, como descreve Patrick Charaudeau:

Uma vez feita a problematização, passa-se tentar a fornecer as razões pelas quais os fatos pôde produzir-se e o que ele significa. Como o comentário pressupõe a veracidade do fato, é preciso então explicar o porquê e o como abordando-o de um ponto de vista global e distanciado. Elucidar será, então esclarecer o não se vê, o que está oculto, o que é latente, e que constitui as razões mais ou menos profundas do surgimento do fato. Esse oculto esse latente, é o que as mídias se propõem fazer emergir, para fornecer ao consumidor de informações as circunstâncias e as implicações do fato. Isso pode ser obtido tanto desvendando as intenções, os motivos que animaram os protagonistas dos acontecimentos, quanto expondo suas causas externas.<sup>669</sup>

O discurso de Drew Pearson problematiza as questões que o governo dos Estados Unidos deseja silenciar. Nesse sentido os comentários do jornalista causam alguns transtornos para membros do governo. O discurso jornalístico é carregado de intencionalidade, mobilizado pela “máquina midiática”, como Patrick Charaudeau denomina. O autor francês argumenta que estão imbuídos no discurso uma série de filtros, que constroem sentidos e transformam o acontecimento, desde sua origem de interpretação, salientando, ainda, que

<sup>667</sup> Trataremos com mais ênfase no próximo capítulo como age a legitimidade do discurso.

<sup>668</sup> CHARAUDEAU, 2006, p. 183-184.

<sup>669</sup> CHARAUDEAU, 2006, p. 178.

Não há captura de realidade empírica que não passe pelo filtro de um ponto de vista particular que é dado como um fragmento do real. [...] Ou seja, para que o acontecimento exista é necessário nomeá-lo. O acontecimento não significa em si. O acontecimento só significa enquanto acontecimento em discurso. O acontecimento significado nasce num processo evenemencial que, se constrói ao término de uma mimese. É daí que nasce o que se convencionou a chamar de notícia.<sup>670</sup>

O jornalista, através das mídias, trata de tornar público os acontecimentos, passando também pelos filtros de quem escreve e torna público, materializando a construção de seu discurso e de sua ideologia.

A autora Valéria Almeida acrescenta que:

Essa perspectiva que observamos o papel da mídia na sociedade contemporânea, como um novo e poderoso macrossujeito a agir nos processos sócio-históricos em relação assimétrica com os demais sujeitos sociais. [...] a globalização da informação fez da mídia uma máquina que processa incessantemente a interpretação da realidade e a dispõe para um público que, apesar de capaz de construir significados para o que lê, ouve ou vê, só poderá fazê-lo diante do que lhe é dado a conhecer do mundo, por meio de palavras e imagens impregnados dos sentidos que se colam às paredes dos filtros por que passam os fatos até se tornarem visíveis.<sup>671</sup>

O papel do jornalista se define como um formador de opinião, pois as informações que são selecionadas tornam-se visíveis através da sua percepção. A posição adotada por Drew Pearson é de informar e questionar o leitor a partir do seu ponto de vista.

No contexto da Guerra Fria, os países da América do Sul estavam alinhados aos Estados Unidos e às ideologias capitalistas. Na América Latina, Raymond Aron afirma que não existe o perigo de uma agressão direta das potências comunistas, por isso os tratados que são assinados pelos Estados Unidos têm apenas uma função psicológica, para evitar que os Estados tornem-se neutros ou se associem ao campo soviético.<sup>672</sup> O autor acrescenta, ainda, que

Na América Latina, são os Estados Unidos que são vistos como potência imperialista, por terem uma posição dominante: são mais ricos e mais fortes do que todos os Estados da América Central e da América do Sul reunidos - embora no fim deste século sua população deva ser menor do que a do conjunto daqueles países. São empresas norte-americanas que investem na América Latina, exploram seus recursos naturais e aparecem como responsáveis pela falta de desenvolvimento industrial em toda parte onde os governos e as classes dirigentes não são capazes de promover o crescimento harmonioso.<sup>673</sup>

<sup>670</sup> CHARAUDEAU, 2006, p. 132.

<sup>671</sup> ALMEIDA, Valéria Paz de. *Nas redes dos telejornais: o tecido discursivo e a formação de memória social*. 2006. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

<sup>672</sup> ARON, 2002, p. 491.

<sup>673</sup> ARON, 2002, p. 664.

Isso comprova que o discurso tem o poder de construir ou modificar o que ocorre na política. O poder das palavras resulta do efeito de verdade e a oficialização dos acontecimentos na imprensa.

**política inepta de Washington em relação à América Latina.** Os comunistas bolivianos que dominam a maior parte dos trabalhadores das minas de estanho, apoiam decididamente Paz Estensoro, cuja a plataforma prometia o estabelecimento de uma democracia realmente pacifista, em estreita amizade com a União Soviética. Prometia também a explosão dos imperialistas capitalistas e a nacionalização das minas de estanho, que são de vital importância para a defesa do continente americano.<sup>674</sup>

Nesse artigo, Drew Pearson tratou de ser enfático, criticando severamente os embaixadores que estavam sendo enviados para a América Latina, mencionando sua indignação em relação ao descaso para com os latino-americanos. Como podemos verificar neste trecho:

Os observadores competentes julgam que esse grave golpe à causa da democracia ocidental não ocorreria se os Estados Unidos se tivessem mantido alerta. **A prática do governo de Truman de preencher as embaixadas norte-americanas na América Latina com políticos ineptos é apenas uma das muitas faltas que temos cometido para com nossos vizinhos do sul.** Muitos diplomatas mandados para os países latino-americanos desconhecem o espanhol - ou o português, no caso do Brasil - e não fazem o menor empenho em aprendê-lo enquanto estão no exercício do cargo. É comum preencher esses cargos com diplomatas que solicitaram designação para outros países e, assim, tratam apenas de marcar passo, enquanto esperam a vez de ser transferidos.<sup>675</sup>

Concebemos o discurso de Drew Pearson como um elo entre os Estados Unidos e a América, acompanhando as articulações diplomáticas e verificando os resultados dessas movimentações entre os norte-americanos e os latino-americanos.

Com o corte nas exportações aos Estados Unidos, os outros países latino-americanos começaram a ficar preocupados que essas medidas poderiam ser estendidas aos outros produtos.

Sobre isso, Pearson afirma:

Foi então que as vizinhas repúblicas latino-americanas começaram a interessar-se seriamente pela crise do estanho. Havia acreditado que se chegaria a um acordo antes que fosse demasiadamente tarde, mas naquela época se tornou evidente que Symington não modificaria a sua política em hipótese alguma. Os cafeicultores do

<sup>674</sup> PEARSON, Drew. Estensoro, candidato do cominform. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 30 jun. 1951. Carrossel do Mundo, p. 66 (grifo nosso).

<sup>675</sup> PEARSON, Drew. Estensoro, candidato do cominform. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 30 jun. 1951. Carrossel do Mundo, p. 66 (grifo nosso).

México, do Brasil, da Colômbia e da Guatemala, os plantadores de cana e os proprietários das minas de nitrato e cobre do Chile, **começaram a perceber que o que havia sucedido com o estanho boliviano poderia também suceder com os produtos, se os Estados Unidos resolvessem estender aos demais produtos importados a política de compra por intermédio do departamento já mencionado.**<sup>676</sup>

A partir desse trecho compreendemos que o problema não era somente ideológico, mas possuía um fundo econômico, sendo que o avanço comunista estava calcado nas esferas comerciais. Raymond Aron argumenta que o comunismo na América Latina favoreceu os Estados Unidos, explicando que:

**Os Estados Unidos desejam preservar do comunismo o maior número possível das novas repúblicas,** não para nelas estabelecer bases militares, nem mesmo para assegurar mercados ou jazidas de matérias-primas; simplesmente para opor obstáculos a uma inundação que poderá cobrir toda a terra. Os Estados Unidos podiam considerar o hemisfério ocidental como sua zona de influência, independente das regiões disputadas da guerra fria. A política de boa vizinhança e a Organização dos Estados Americanos pareciam garantir-lhes a segurança e a influência predominante. É verdade que a propaganda comunista agia ativamente dentro da maioria das repúblicas americanas.<sup>677</sup>

É evidente que não somente os Estados Unidos se utilizavam da ameaça comunista, mas também os países que necessitavam de ajuda financeira, alegando que, se os norte-americanos não colaborassem, os soviéticos colaborariam.

Como acrescenta o autor Raymond Aron:

O sinal de que uma região foi atingida pela guerra fria é a inversão do relacionamento ordinário entre os países fortes e os fracos. "**Ajuda-me, ou o comunismo me dominará**": este é o argumento, repetido de muitas formas diferentes, com que os governantes que se consideram favoráveis ao Ocidente pedem assistência aos Estados Unidos. "**O que me recusas, os outros me darão**": com esta fórmula, um governo que se declara neutro, e se julga bastante sólido, faz com que o Ocidente lhe dê o que deseja. "Desejo tua ajuda, mas em troca não farei nenhuma concessão. Pior para mim, e para ti, se o comunismo dominar minha população": este é o argumento de um Estado neutro.<sup>678</sup>

No segundo subtítulo do artigo, "O cacau e a quinina", Drew Pearson destaca que a maioria dos produtos que os Estados Unidos compravam provinham da América Latina. Tais produtos, no entanto, passaram a ser adquiridos da Ásia.<sup>679</sup>

<sup>676</sup> PEARSON, Drew. Política contra a economia latino-americana. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 15 mar. 1952. Carrossel do Mundo, p. 88 (grifo nosso).

<sup>677</sup> ARON, 2002. p. 498 (grifo nosso).

<sup>678</sup> ARON, 2002. p. 479 (grifo nosso).

<sup>679</sup> PEARSON, Drew. A revolução social da Bolívia. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 20 nov. 1954. Carrossel do Mundo, p. 50.

Apresentado como o primeiro título do ano de 1955 da coluna, o artigo *A América Latina deixa de defender os Estados Unidos*<sup>680</sup>, do dia 1º de janeiro, estava disposto em duas colunas nas primeiras páginas da revista, como 4 subtítulos mencionando dois tópicos: o primeiro sobre as relações entre Estados Unidos e América Latina e outro sobre o ex-presidente Truman e suas relações governamentais.

A autora Alexandra de M. Silva refere-se à política adota por Eisenhower para questões envolvendo a América Latina como secundária, esclarecendo que:

As diretrizes estabelecidas pelo governo Truman (1945-1953) em sua política para a América Latina, que teriam continuidade durante a administração Eisenhower (1954-1960), poderiam ser divididas em duas vertentes básicas, configurando aquilo que Green denomina "um hemisfério fechado num mundo aberto". **No plano estratégico, a região ocupava papel secundário nos interesses de segurança dos EUA**, voltados prioritariamente para as regiões onde se desenrolavam os principais conflitos da Guerra Fria - a Europa, e depois a Ásia. Tratava-se, portanto, de consolidar e aprofundar uma esfera de influência política e militar, visando não apenas a exclusão de potências e "ideologias" estrangeiras, mas, sobretudo, a manutenção da coesão e do apoio político que o bloco latino-americano emprestava à política global dos EUA. As relações militares foram complementadas ainda pela assinatura de uma série de acordos bilaterais entre EUA e países latino-americanos, com o objetivo de assegurar o virtual monopólio norte-americano sobre o equipamento, o treinamento e o fornecimento de armas às Forças Armadas da região.<sup>681</sup>

As preocupações estavam voltadas para a Europa e a Ásia, com a expansão do comunismo, que já havia tomando conta da China. Raymond Aron<sup>682</sup> define a América Latina como sendo meramente um território para os Estados Unidos explorarem recursos naturais e instalarem empresas multinacionais durante o período da Guerra Fria.

O autor Karl Deutsch complementa que:

O fluxo internacional de bens e dinheiro, os interesses econômicos americanos no exterior incluem a aquisição de títulos de propriedade de terras, prédios, recursos minerais e de produção. Os interesses norte-americanos podem ainda incluir a preservação ou a obtenção de condições particularmente favoráveis de comércio e de financiamentos de empresas norte-americanas situadas naqueles países que, em alguns casos, sejam relativamente dependentes dos Estados Unidos.<sup>683</sup>

Assim como em outros países desenvolvidos e denominados como grandes potências econômicas, o capital está nas mãos das grandes empresas privadas, que recebem

<sup>680</sup> PEARSON, Drew. A América Latina deixa de defender os EUA. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 1 jan. 1955. Carrossel do Mundo, p. 18.

<sup>681</sup> SILVA, 1992, p. 6 (grifo nosso).

<sup>682</sup> ARON, 2012.

<sup>683</sup> DEUSTSCH, 1983, p. 16-17.

investimentos para expandir nos países subdesenvolvidos com a abundância de mão de obra barata e vastos recursos naturais.

O artigo do dia 20 de abril de 1957<sup>684</sup> chama atenção com o subtítulo “Descontente a América Latina com a viagem de Nixon”, no qual Drew Pearson direciona suas críticas ao governo norte-americano com relação às falsas promessas feitas à América Latina.

**Enquanto isso, a América Latina já passou pela sua revolução social, para salários mais altos e não quer saber de comunismo. Dezesesseis países latino-americanos não têm relações com Moscou.** Nem ao menos se falam. Desse modo, os americanos não têm necessidade de conquistá-los para que se afastem órbita soviética. Não obstante, os latino-americanos se inquietam com os novos rumos dos Estados Unidos. **Lembram-se de que Nixon foi ao Brasil há mais de um ano e proferiu um grande discurso sobre a solidariedade interamericana. Mas sabem que se os americanos aumentarem as suas importações da África, os trabalhadores latino-americanos sentirão maiores simpatias pelo comunismo.** Pode quase assegurar-se que maiores vendas do cacau de Gana provocarão uma revolução no Equador.<sup>685</sup>

O artigo argumenta que, por não oferecerem ameaça comunista, os latino-americanos não precisavam receber de atenção. Outra justificativa para o descaso estava relacionada ao rompimento das relações diplomáticas e comerciais com os soviéticos comunistas. Nesse caso, a América Latina estava salva e, por consequência, não receberia atenção norte-americana. Não havia sequer a necessidade de fornecer os recursos prometidos durante as supostas expansões comunistas. No entanto, o jornalista alerta para o excesso de confiança dos norte-americanos, e para o perigo constante de uma possível revolução.

Pearson argumenta, ainda, que o principal foco do conflito era criar situações que fizessem dos “imperialistas” norte-americanos os vilões, conseguindo despertar um proveitoso sentimento antiamericano, que iria se espalhar por todas as classes sociais.

Por fim, afirma que:

A primeira fase foi que Roberto Fuentes Alvarado, presidente do Congresso e simpatizante declarado dos comunistas, fosse nomeado delegado ao próximo “Congresso da Paz” de Viena, patrocinado pelos vermelhos. Embora Fuentes, Alvarado pudesse ter ido facilmente ao Panamá para de lá embarcar rumo à Europa, os estrategistas comunistas fizeram o governo da Guatemala solicitar ao dos Estados Unidos um visto no passaporte do dito delegado, para poder ele tomar o vapor em New York. Os funcionários consulares norte-americanos na Guatemala responderam a essa solicitação dizendo que não tinham autorização para conceder tal visto, encaminhando o pedido ao Departamento de Estado. Se visto for negado, os

<sup>684</sup> PEARSON, Drew. Conselho de guerra para Coronel. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 20 abr. 1957. Carrossel do Mundo, p. 16.

<sup>685</sup> PEARSON, Drew. Conselho de guerra para Coronel. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 20 abr. 1957. Carrossel do Mundo, p. 16.

comunistas terão um bom pretexto de agitação... e Fuentes Alvarado poderá de qualquer maneira embarcar para a Europa, via Panamá.<sup>686</sup>

Ainda no mesmo artigo, Drew Pearson acrescenta que

Havendo quase a certeza de que a Indochina Francesa cairá sob o domínio do comunismo, este não é o momento apropriado para que os Estados Unidos não percam terreno na produção de estanho e de borracha da América Latina.<sup>687</sup>

Partindo dessas observações, acompanhamos a análise realizada por Gerson Moura:

Desde a Conferência do México de 1945, o governo estadunidense havia tentado convencer a América Latina dos benefícios de sua política econômica, resumida pelo professor R. A. Humphreys nos seguintes princípios: a não discriminação; abolição de práticas comerciais restritivas, eliminação de nacionalismo econômico “em todas as suas formas”; tratamento justo e igualitário de empresas e capital estrangeiros; promoção de empresas privadas e desestímulo às estatais na condução do comércio; a necessidade do desenvolvimento industrial ter “bases sólidas”; e, por último, a necessidade de padrões de vida mais altos e padrões trabalhistas mais progressistas. Dois anos depois, na Conferência do Rio, o secretário Marshall disse que o governo dos Estados Unidos estava dando prioridade para a Europa e pediu que a América Latina cooperasse com estes esforços, e que os Estados Unidos continuariam a buscar, enquanto isso, uma base sólida de “cooperação prática” com suas repúblicas irmãs.<sup>688</sup>

Compreendemos que esta poderia ser uma justificativa para os Estados Unidos não estarem honrando com os acordos sobre uma área de livre comércio, com o intuito da criação de uma união alfandegária; acordos estes que foram firmados anteriormente nas Conferências Pan-americanas. Mas Drew Pearson não deixa de expressar suas preocupações e de alertar os Estados Unidos para a possível perda de dois mercados fornecedores, um por incompetência diplomática e outro pelo avanço do comunismo.

O jornalismo de Drew Pearson é composto de uma facilidade peculiar de obter as informações e declarações de órgãos e de personalidade importantes, tanto nos Estados Unidos quanto nos demais países do mundo. Sustentando-se, assim, em linhas gerais como um analista dos problemas que o governo norte-americano estava criando e cuja gravidade parecia ignorar. O governo dos EUA criava acordos que posteriormente não seriam cumpridos e perdia prestígio diplomático com a América Latina, que, além de aliada, era um excelente parceiro comercial.

<sup>686</sup> PEARSON, Drew. *Os republicanos admitem a derrota*. Revista O Cruzeiro. Rio de Janeiro. 12 jan. 1952.

<sup>687</sup> PEARSON, Drew. *Posição dos EUA em Caracas*. Revista O Cruzeiro. Rio de Janeiro, 10 abr. 1954, [s.p.].

<sup>688</sup> MOURA, 2012, p. 203.

Confirmamos nossa hipótese de que os artigos de *O Cruzeiro* têm origem da rádio *Merry-Go-Round*, mas não são publicados na íntegra e, sim, reescritos, ou podem ter sido reelaborados pelo próprio Drew Pearson e posteriormente publicados numa composição mais densa e complexa. Podemos citar como exemplo o mês de junho de 1950, que faz referência aos acontecimentos relacionados às políticas diplomáticas dos Estados Unidos com a América Latina.

Nesse mês, todos os artigos fazem menção a esse tema em especial, por isso acreditamos que os artigos são publicações diárias, posteriormente compilados em um só artigo e subdividido durante o mês.

Torna-se impossível relatar todos os artigos publicados por Drew Pearson na Coluna Carrossel do Mundo. Trata-se de textos extremamente densos e carregados de informações distintas. Para que pudéssemos sintetizar e sistematizar o discurso de Drew Pearson, optamos por realizar uma amostragem dos principais artigos, numa seleção de textos que apresentaram um panorama geral de como foi publicado ao longo daqueles sete anos em relação à América Latina.

Desse modo, aplicamos as interpretações sugeridas pela análise de conteúdo, no que corresponde à essência da pesquisa. A informação foi tratada de maneira que pudéssemos compreender as opiniões expostas nos artigos.

Compreendemos que está explícita a construção da ameaça comunista na América Latina no discurso de Drew Pearson. De acordo com as representações presentes na coluna, constatamos que os países que mais obtiveram destaque foram Argentina e Brasil, considerados alvos fáceis ao avanço comunista. O Brasil foi o segundo país mais mencionado nos artigos, passando por momentos distintos. Os demais países foram mencionados brevemente, através de pequenas notas. Numa escala mais moderada, percebemos o Chile, a Bolívia, o México e o Panamá.

O Brasil foi identificado no discurso de Drew Pearson como um país latino-americano que, num primeiro momento, foi acusado de comunista em virtude do lançamento da campanha à presidência de Getúlio Vargas e que empresários brasileiros realizavam contrabando com auxílio de outros países latinos e de membros do governo norte-americano. Num segundo momento, o país aparece como um fornecedor de matéria-prima, em especial manganês e café. Nos demais artigos, o Brasil é considerado o melhor amigo dos Estados Unidos na América Latina, enfatizando a amizade e a influência do ex-ministro do Exterior, Oswaldo Aranha. Salientamos dois momentos em que o Brasil destacou seu

descontentamento com as políticas econômicas norte-americanas destinadas aos países latinos. Os artigos de Drew Pearson reservam um espaço de destaque para as “reclamações brasileiras”, que foram sempre salientadas por Oswaldo Aranha.

Concluimos que as opiniões de Drew Pearson em relação à América Latina referem-se a não concessão de empréstimos aos países que não foram considerados como áreas de risco para a expansão do comunismo. E, na ótica do jornalista, a América Latina seria a próxima região a ser dominada pela URSS, pois estava abandonada pelos Estados Unidos, num primeiro momento acreditava-se que a Argentina se tornaria comunista, ou uma forte aliada do comunismo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo foi desvendar, interpretar e compreender a postura do jornalista norte-americano Drew Pearson retratada nos artigos analisados ao longo desta pesquisa. Ao lado dos eixos temáticos construídos como categorias que expressavam seu posicionamento frente ao grande conflito ideológico do século XX, a Guerra Fria, nos inquietava o título de seu livro, *EUA: uma potência de segunda classe?*<sup>689</sup> Assim, tentamos situar as razões que levaram Pearson a cogitar que os Estados Unidos poderiam se tornar uma potência de segunda classe. Quais os motivos que corroboraram para essa afirmativa? Quais elementos que foram utilizados no discurso de Drew Pearson para construir essa imagem dos Estados Unidos? Quais as justificativas presentes no discurso de Pearson que sustentaram a construção da URSS como um inimigo em potencial?

Esta dissertação, partindo de tais inquietações, procurou se aproximar primeiramente do indivíduo. Quem foi o jornalista e por que a revista *O Cruzeiro* tratou de trazê-lo em suas páginas. Constatamos, primeiramente, que Drew Pearson teceu uma rede de relações, estando presente na mídia internacional e na imprensa nacional desde 1930. Sua trajetória no Brasil pode ser conferida através dos jornais *O Globo*, *O Semanário*, *Correio Paulistano*, *Última Hora*, *A Noite*. Identificamos, também, no decorrer da investigação, que Pearson era próximo a um político de destaque da época, Oswaldo Aranha. Isto é, o jornalista norte-americano

---

<sup>689</sup> PEARSON, Drew; ANDERSON, Jack. *USA: Potência de segunda classe?* São Paulo: Besrseller, 1959.

circulava nas esferas oficiais e oficiosas do poder nacional. Teria sido essa a razão de sua inserção como colunista em *O Cruzeiro*? Acreditamos que, primeiramente, sua presença no periódico esteve relacionada à lógica econômica. Seu prestígio poderia ser um dos fatores de atração de anunciantes, numa época na qual a penetração de empresas norte-americanas no país estava em ritmo acelerado. Isso, por si só, poderia explicar a presença dos artigos na revista. Entretanto, pautamos, também, que o alinhamento ideológico ao periódico, em um momento em que posições nacionalistas poderiam ser confundidas com desvios à esquerda do espectro político, reforçavam a ideia de preencher o espaço da revista com críticas aos comunistas.

Para esta pesquisa, a revista não foi meramente mais uma fonte histórica utilizada pelo historiador, mas sim uma ponte entre as relações sociais e o cotidiano dos cidadãos de um determinado período da história. Considerada fonte de sua própria história e da sociedade e seus costumes, as publicações trazem informações sobre questões políticas, econômicas e culturais inseridas em suas páginas, por meio de palavras e imagens.

A fim de interpretarmos as fontes, a análise de discurso foi nossa escolha metodológica para tratar o *corpus documental*. Através da análise do discurso e da análise de conteúdo, chegamos à identificação dos sujeitos no discurso de Drew Pearson e dos eixos temáticos sobre os quais ele mais discorria em sua prédica. Para sistematizar os elementos qualitativos, a análise de conteúdo nos auxiliou na categorização dos eixos, o que, por sua vez, nos possibilitou compreender a importância dos temas que estavam expostos, facilitando a identificação do que estava sendo dito. Dessa forma, foi possível compreender, a partir do exame dos 355 artigos selecionados, como o discurso do jornalista norte-americano foi sendo construído, no período de 1950 a 1957.

Neste trabalho foram apresentados dados que indicaram que as soluções encontradas para frear a URSS, na ótica de Drew Pearson, baseavam-se em fortalecer a defesa ideológica, ampliar o arsenal bélico e reestruturar as relações internacionais com os países considerados vulneráveis ao avanço comunista que, para o jornalista, eram os da América Latina.

Pearson pontuou falhas e sugeriu medidas que, em sua percepção, os Estados Unidos precisavam tomar para não se tornarem uma potência de segunda classe, pois o país estava abrindo seus flancos para uma derrota na Guerra Fria. O discurso de Pearson centrou-se em detalhar os pontos fracos que, para o jornalista, deixavam as defesas norte-americanas vulneráveis diante do avanço comunista e da superioridade bélica soviética.

A partir da análise de conteúdo identificamos como pontos significativos os eixos temáticos Comunismo, Arsenal Bélico e Relações Internacionais, inseridos na estrutura dos artigos de Drew Pearson. Os textos expunham a Guerra Fria como uma guerra ideológica entre duas superpotências pela manutenção e expansão de suas áreas de influência. Entretanto, a dimensão que envolve as ideologias postas por Estados Unidos e União Soviética está além da prática do capitalismo e do comunismo.

Compreendemos que esse conflito tinha uma natureza particular, pois repercutia no campo das estratégias diplomáticas, políticas, militares, fazendo com que as duas potências envolvidas construíssem, dessa forma, seus aliados e inimigos. Interpretamos, à maneira de Hobsbawm, que a Guerra Fria foi mais uma guerra de nervos ou a paz no terror<sup>690</sup>, assentando-se no equilíbrio do poder.

Imerso nessa disputa de poder, o eixo temático Arsenal Bélico apresentou os artigos que contemplavam a produção de material bélico, nas dimensões de armamentos, bombas atômicas e hidrogênio, aviões e submarinos. Esses elementos foram os mais salientados por Drew Pearson e, na sua percepção, seriam fundamentais para eliminar o risco de os EUA perderem a Guerra Fria, tornando-se, assim, uma “potência de segunda classe”.

No eixo temático Comunismo, a União Soviética foi observada em sua estratégia de consolidação e expansão de poder, com a constituição do bloco os países da Europa Oriental, para evitar e defender-se de possíveis ataques das potências capitalistas, visava ampliar o bloco socialista para zonas periféricas do mundo, tais como a Ásia, África e América Latina. Pearson detinha-se a associar o comunismo a práticas ilegais, traficantes de armas, espões e qualificava os problemas e as fragilidades sociais e econômicas do chamado Terceiro Mundo como terrenos propícios para o avanço do comunismo. Qualquer fracasso econômico, em sindicatos, agitações políticas e, principalmente, nos países latino-americanos, a falta de empréstimos dos EUA para o desenvolvimento, poderiam resultar na instalação do comunismo. O jornalista afirmava, inclusive, que os comunistas se infiltrariam nos Estados Unidos não por meio da força, mas por meio do caos econômico.

A guerra ideológica foi a resposta encontrada para os artigos de Drew Pearson permanecerem na revista, evidenciando que os Estados Unidos estavam sendo superiores com relações aos demais países. Essa ideologia é vista nos artigos de Drew Pearson como força-motriz da rivalidade entre o capitalismo e comunismo.

---

<sup>690</sup> HOBBSAWM, 1995.

O jornalista evidenciou a construção de um inimigo para o Ocidente, elegendo a União Soviética como tal, através das representações de constante superioridade atômica, de produção de munição, bombas de hidrogênio, aviões, forças terrestres, gozando de seus triunfos nas esferas militares, ideológicas e na educação, além de todo esse arsenal. Pearson estimulou a crença de que a URSS estava se preparando para destruir a humanidade. A URSS esteve presente em 54% dos artigos da coluna, sempre associada às representações do comunismo e da espionagem, sendo impossível dissociá-las: os espões eram sempre soviéticos ou estavam a serviço dos soviéticos.

No que tange ao eixo temático Relações Internacionais, o discurso do jornalista centrou-se na América Latina. Pearson considerava que a situação de abandono da América Latina abriria brechas para o avanço comunista. O discurso de Drew Pearson expôs uma singularidade nas representações para cada país, mas o que predomina nos artigos são os pedidos de empréstimos, o avanço do comunismo sobre as regiões latino-americanas abandonadas pelos Estados Unidos, o distanciamento de investimentos e a restrição da importação de produtos dessa região.

O Brasil oscilou no discurso, de corrupto para uma relação de amizade, pois mais tarde Pearson defendeu os cafeicultores brasileiros na questão da alta do café. Rotulados como fornecedores de matérias primas para os Estados Unidos, os brasileiros não ganharam destaque nos artigos publicados na coluna de Drew Pearson.

Sem dúvida, o país que mais esteve presente nos artigos de Drew Pearson foi a Argentina. As representações sobre esse país eram benevolentes. Foi o único país da região a receber empréstimos dos EUA e auxílio para manipulação de energia nuclear. Para Pearson, o comunismo não tardaria a se instalar na Argentina. Juan Domingo Perón era representado como um ditador que mandava até nas partidas de futebol e nos jogadores; Pearson especulava sobre a possibilidade de Eva Perón se tornar a próxima presidente da Argentina e destacava que Perón não tardaria a se tornar o vice-rei do Prata, pois suas pretensões, que haviam sido postas em cheque com a derrota de Hitler, agora que o comunismo estava ganhando terreno, poderiam se concretizar.

Consideramos, ao fim, que Pearson desempenhou o papel de um ator na rede de relações internacionais, pois ocupava uma posição privilegiada, como correspondente internacional, jornalista investigativo, formador de opinião, transitando pela Casa Branca e mantendo contato com importantes estadistas.

Seus artigos demonstraram uma certa leitura da realidade do contexto da Guerra Fria, e traduziram em temas específicos a disputa EUA X URSS. Neste contexto macro, a imprensa em geral, e Pearson em particular, estabeleceram uma condição de atores das relações internacionais, pois o último possuía *status* na máquina midiática, uma vez que seus discursos expressavam sua opinião na imprensa nacional e internacional.<sup>691</sup> Por fim, à maneira de Charaudeau, “não procuramos nos deter ao sentido de verdade dos artigos, mas apurar a materialidade histórica”<sup>692</sup> que os embasou.

Ao final deste estudo, podemos afirmar com segurança que a mídia, apesar de não se constituir em um “quarto poder”<sup>693</sup>, atua nas entranhas de outras instâncias de poder. As mídias usufruem mais do seu poder de influência do que o inverso. Consideramos, a partir dessa posição, que o discurso de Drew Pearson salientou as movimentações do jogo de poder da era bipolar.

A pesquisa ressaltou, ainda, que a história pode ser reconstruída através da imprensa e que esta supre os historiadores de vasto *corpus* documental. A imprensa revela o cotidiano do mundo, não apenas pelos acontecimentos que relata e descreve, mas também do momento histórico em que foram produzidos, e que demandam do pesquisador uma necessária e clara vontade de identificar esse processo histórico.<sup>694</sup>

Consideramos primordial que o fator determina o estudo da imprensa está inevitavelmente atrelado ao uso teórico-metodológico que se aplica no fazer histórico. A imprensa é detentora do processo pelo qual perpassa a construção da notícia, o que não se encontra distante das ordens política e econômica. Assim, a imprensa assume um papel fundamental na construção dos fatos históricos.

Chegamos ao final cientes de que Pearson nos legou uma fonte riquíssima de análise sobre o período e que, por meio dela, é possível interpretarmos como os contemporâneos da época anunciaram aquela complexidade. Há muito que desejamos saber sobre Pearson e sua atuação, em particular, e sobre seus artigos, em geral. Os artigos de Drew Pearson publicados na coluna Carrossel do Mundo permitirão outras abordagens além daquela que fizemos nessa pesquisa. Como já citamos, trata-se de material profícuo para o historiador. As abordagens sobre a política interna dos Estados Unidos e a Guerra da Coreia (1950-1953), por exemplo,

---

<sup>691</sup> CHARAUDEAU, 2006, p. 24.

<sup>692</sup> ORLANDI, 1994, p. 59.

<sup>693</sup> Apropriadamente aqui das concepções adotadas pelo autor Patrick Charaudeau, que não percebe as mídias como um poder institucionalizado (CHARAUDEAU, 2006).

<sup>694</sup> SOSA, Derocina Campos Alves. *Imprensa e História*. Biblos, Rio Grande, 19: 109-125 2006.

são temas que esperamos ter a oportunidade de investigar em futuras pesquisas ou, ao menos, ver contemplados por outros historiadores.

## REFERÊNCIAS

ALBERT, P.; TERROU, F. *História da imprensa*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

ALMEIDA, Valéria Paz de. *Nas redes dos telejornais: o tecido discursivo e a formação de memória social*. 2006. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

ANDRADE, Ana Maria Mauad de Sousa. *Sob o signo da imagem: A Produção da Fotografia e Controle dos Códigos de representação Social da Classe Dominante, no Rio de Janeiro, na Primeira Metade do Século XX*. 1990. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1990.

ARBEX JÚNIOR, José. *Guerra fria: terror de estado, política e cultura*. São Paulo: Moderna, 2000.

ARON, Raymond. *A política do equilíbrio bipolar*. In: Curso de Introdução às Relações Internacionais. *Relações Internacionais do Poder*. 2. ed. Unidade IV, Brasília: Universidade de Brasília, 1983.

\_\_\_\_\_. *Estratégia e diplomacia*. In: Curso de Introdução às Relações Internacionais. *O Estado-Nação e as Relações Internacionais*. 2. ed. Unidade II. Brasília: Universidade de Brasília, 1983.

\_\_\_\_\_. *O fator Ideológico*. In: Curso de Introdução às Relações Internacionais. *Relações Internacionais do Poder*. 2. ed. Unidade IV. Brasília: Universidade de Brasília, 1983.

\_\_\_\_\_. *Paz e guerra entre as nações*. São Paulo: UnB, 2002.

AYERBE, Luis Fernando. *Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia*. São Paulo: Editora UNESP, 2002, p. 81.

BAMMANN, Kellen. *Americanização no Brasil e na Alemanha: uma proposta de interpretação através dos grupos de pressão de O cruzeiro e Der Spiegel (1947-1957)*. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

BANDEIRA, Moniz. *Brasil – Estados Unidos: a rivalidade emergente 1950-1988*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BERLE, Adolf Augustus. *América Latina: diplomacia e realidade*. Rio de Janeiro: Record, 1963.

BEZERRIL, Simone da Silva. *Usos do Passado: Leitura da História na perspectiva jornalística de Laurentino Gomes livro 1808*. 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

BIAGI, Orivaldo Leme. *O Imaginário da Guerra Fria*. Revista de História Regional 6(1):61-111, Verão 2000.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

CÁCERES, Florival. *História da América: segundo grau*. São Paulo: Moderna, 1986.

CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria L. *O Bravo Matutino*. São Paulo: Editora Alfa-Romeu, 1980.

CAVALAK, Yuri. *Brasil e Argentina na primeira metade dos anos 50: tentativa de um MERCOSUL avant la tette*. Relações Internacionais em Revista, Curitiba, n. 6, p. 37-68, 2006.

CERVO, Amado Luiz. *Relações internacionais da América Latina: velhos e novos paradigmas*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. *História da política exterior do Brasil*. 4. ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2011.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. *Discurso Político*. São Paulo: Contexto, 2013.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

COSTA JÚNNIOR, Arnaldo Monteiro. *A história da Agência Brasileira de Inteligência: a contra-espionagem organizacional*. Trabalho de Conclusão de Curso – Especialização em Relações Internacionais. Universidade de Brasília. Brasília, 2011.

COSTA, Carlos. *O caso Policarpo Júnior e a imprensa*. Conjur. Disponível em: <<http://www.conjur.com.br/2012-mai-23/direito-midia-policarpo-junior-imprensa-golpista>>. Acesso em: 3 out. 2015.

COSTA, Helouise; SILVA, Renato Rodrigues da. *A fotografia moderna no Brasil*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

COSTA, Marcelo Fernando González da. *As repercussões da política externa do primeiro Governo de Perón (1946-1952) na imprensa Sul-Rio-Grandense*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós- Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2004.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos Cristãos*. São Carlos: Ed. Universidade Federal de São Carlos, 2009.

DALMÁZ, Mateus. *Democracia e concerto americano: A visão de O Cruzeiro sobre a Argentina nas relações interamericanas (1946-1966)*. 2014. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

DE LUCA, Tânia Regina. *Fontes Impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSK, Carla Bassanezi (Org.) *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

DELMAS, Claude. *Armamentos Nucleares e Guerra Fria*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

DEUTSCH, Karl. *Como se faz Política Externa*. In: Curso de Introdução às Relações Internacionais. *O Estado-Nação e as Relações Internacionais*. 2. ed. Unidade II. Brasília: Universidade de Brasília, 1983.

DEUTSCHER, Isaac. *Ironias da História: Ensaios sobre o comunismo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

DIJK, Teun A. van. *Discurso e Poder*. São Paulo: Contexto, 2008.

DIMENSTEIN, Gilberto. *As armadilhas do poder: bastidores da imprensa*. São Paulo: Summus, 1990.

- DONGHI, Tulio Halperin. *História da América Latina*. São Paulo: Círculo do Livro, 1994.
- DOZER, Donald Marquand. *América Latina: uma perspectiva histórica*. Porto Alegre: Globo, 1966.
- FARIA, Ricardo de Moura; MIRANDA, Mônica Liz. *Da Guerra Fria à Nova Ordem Mundial*. São Paulo: Contexto, 2003.
- FENELON, Déa R. *A Guerra Fria*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- FICO, Carlos. *O grande irmão: da operação Brother Sam aos anos de chumbo: o governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- FRANCHINI NETO, Hélio. *A Política Externa Independente em ação: a Conferência de Punta del Este de 1962*. Rev. Bras. Polít. Int. 48 (2): 129-151 [2005].
- GAMBINI, Roberto. *O Duplo jogo de Getúlio Vargas: influência alemã no Estado Novo*. São Paulo: Símbolo, 1977.
- GAVA, José Estevam. *Momento Bossa Nova: Arte, cultura e representação sob os olhares da revista O CRUZEIRO*. 2003. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP, Assis, 2003.
- GAWRYSZEWSKI, Alberto (Coord.). *O Cruzeiro: uma revista (muito) ilustrada*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009.
- GRADIM, Anabela. *Manual de Jornalismo*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2000.
- GUAREZI, Vagner Paulo Cazarotto. *Visão de um jornalista norte-americano na imprensa brasileira: Drew Pearson na revista O Cruzeiro: 1959-1961*. 2014. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Passo Fundo, 2014.
- HALLIDAY, Fred. *Repensando as relações internacionais*. 2. ed. porto alegre: UFRGS, 2007.
- HILTON, Stanley. *O Brasil e a Crise Internacional: 1930 -1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A, 1977.
- HOBBSAWM, E. J. *Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- LAURENZA, Ana Maria de Abreu. *Batalhas em letra de forma: Chatô, Wainer e Lacerda*. In: LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza (org.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza. *Imprensa e cidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

MAGNOLI, Demétrio. *Relações internacionais: teoria e história*. São Paulo: Saraiva, 2011.

MARCONDES FILHO, C. *O Capital da Notícia: Jornalismo como produção social da segunda natureza*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. *O comunismo imaginária: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989)*. 1996. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

MAUAD, Ana Maria. *O olho da História: fotojornalismo e a invenção do Brasil contemporâneo*. In: NEVES, Lúcia M. Bastos. P. MOREL, Marco. FERREIRA, Tania M. Bessone da C. (Org.) *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006.

MEYRER, Marlise Regina. *Representações do desenvolvimento nas Fotorreportagens da Revista O Cruzeiro (1955-1957)*. 2007. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade de Católica do Rio Grande do Sul, 2007.

MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX*. São Paulo, Olho D'água: Fapesp, 2001.

MORAES, Denis. *Mídia, Poder e Contrapoder: Da concentração monopólica à democracia da informação*. São Paulo: Biotempo, 2013.

MORAIS, Fernando. *Chatô, o Rei do Brasil: A vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MORRAY, Joseph. P. *Origens da Guerra Fria: De Yalta ao Desarmamento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1961.

MOURA, Gerson. *Relações exteriores do Brasil 1939-1950: mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial*. Brasília, DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012.

NEVINS, Allan; COMMAGER, Henry Steele. *História dos EUA*. Rio de Janeiro: Bloch, 1967.

OCTÁVIO, Ianni. *Diplomacia e Imperialismo na América Latina*. São Paulo, CEBRAP. Caderno nº 12, 1971.

ORLANDI, Eni Puccinelli. (Coord.) *Gestos de Leitura: da história no discurso*. Campinas: Ed. Universidade Estadual de Campinas, 1994.

\_\_\_\_\_. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 3.ed. Campinas: Pontes, 2001.

PEARSON, Drew; ANDERSON, Jack. *USA: Potência de segunda classe?* São Paulo: Bessseller, 1959.

PENA, Felipe. *Teoria do Jornalismo*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2013.

PEREIRA, Antônio C. A. *Os Impérios Nucleares e seus reféns: relações internacionais contemporâneas*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

RECKZIEGEL, Ana Luiza Gobbi Setti. *O pacto ABC: as relações Brasil-Argentina na década de 1950*. Passo Fundo: EDIUPF, 1996.

\_\_\_\_\_. *A diplomacia marginal: vinculações políticas entre o Rio Grande do Sul e o Uruguai (1893-1904)*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 1999.

REGO, José Márcio; MARQUES, Rosa Maria. *O processo de substituições de importações*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

ROMANELLO, J. L. *A natureza no discurso fotográfico da revista O Cruzeiro: paisagens e imaginários no Brasil desenvolvimentista*. 2006. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2006.

SÁ MOTTA, R. P. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

SCHIULTZ, Lars. *Estados Unidos: poder e submissão, uma história da política norte-americana em relação à América Latina*. São Paulo: EDUSC, 2000.

SILVA, Alexandra de Mello e. *A Política Externa de JK: operação Pan-americana*. Rio de Janeiro: CPDOC, 1992.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

SKIDMORE, Thomas. E. *Brasil: de Getúlio a Castello (1930-64)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

SOSA, Derocina Campos Alves. *Imprensa e História*. Biblos, Rio Grande, 19: 109-125, 2006.

STRENGER, Irineu. *Relações internacionais*. São Paulo: LTr, 1998.

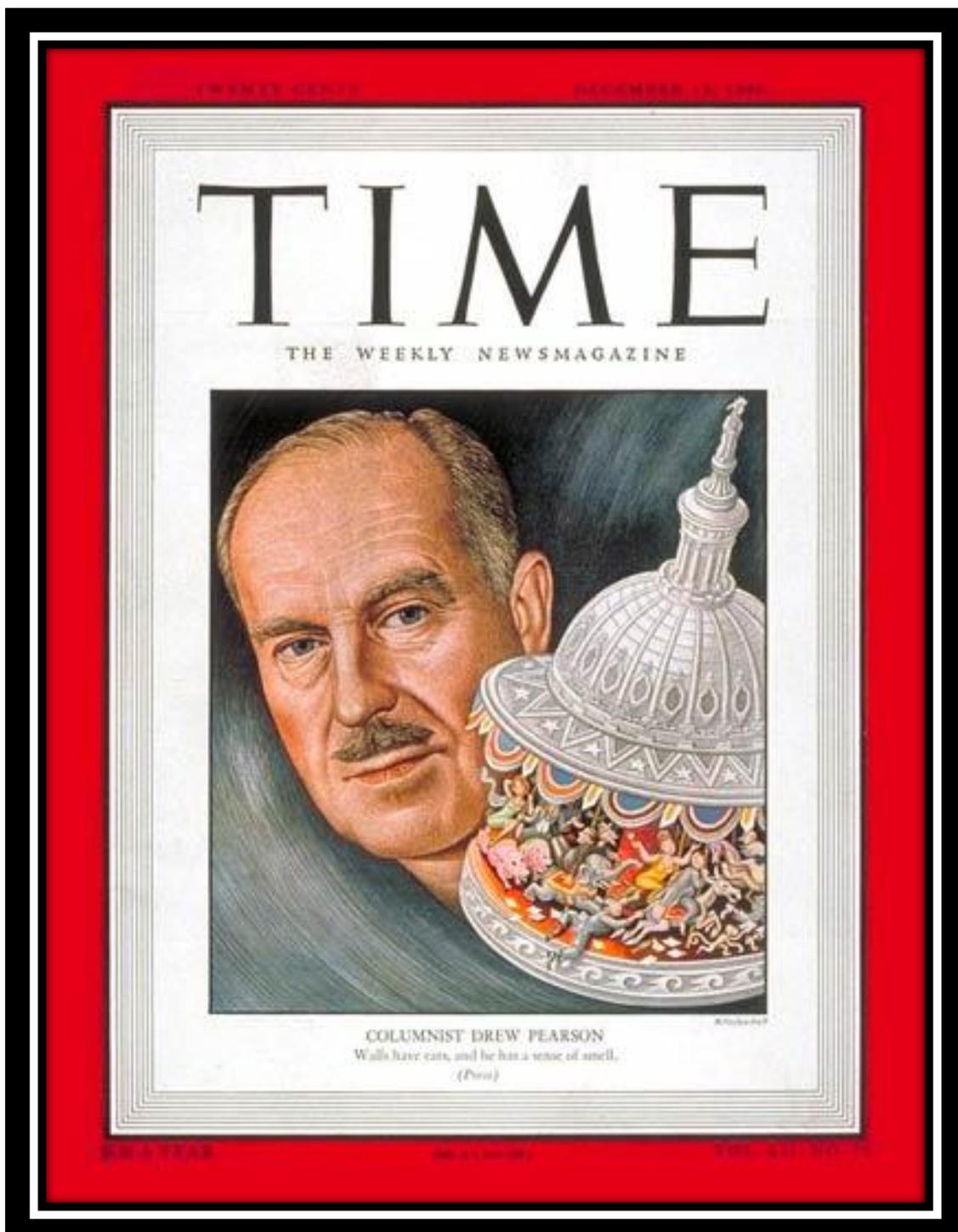
VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. *O nacionalismo desenvolvimentista e a política externa independente (1951-1964)*. Rev. Bras. Polít. Int. 37 (1): 24-36 [1994].

\_\_\_\_\_. *A Guerra Fria (1947-1987): conflito ou sistema?* Revista do Programa Pós-Graduação em História, Passo Fundo, v. 6, n. 2, jul./dez. 2006.

\_\_\_\_\_. Fagundes. *O nacionalismo desenvolvimentista e a política externa independente (1951-1964)*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Coord.). *O Brasil republicano* 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

## ANEXOS

Anexo1: Figura 1: Foto do jornalista Drew Pearson na capa da revista norte-americana *Time* no dia 13 de dezembro1948.



Fonte: <http://content.time.com/time/magazine/0,9263,7601481213,00.html>

Anexo 2: Artigo Bomba atômica russa, O Cruzeiro de 1º de agosto de 1953

## CARROSSEL DO MUNDO

## A BOMBA ATÔMICA DA RÚSSIA

DREW PEARSON



Drew Pearson

WASHINGTON, via rádio. — Foi o General Hoyt S. Vandenberg quem fez a primeira insinuação sobre o que até agora tem constituído um segredo oficial: o aumento do número de bombas atômicas em poder da Rússia. Foi por isso que Vandenberg instou para que não se reduzisse o orçamento da Força Aérea.

Além disso, a Comissão de Energia Atômica informou à Casa Branca que os russos pretendem fazer explodir novas bombas atômicas no verão deste ano.

Já se passaram três anos desde que a Rússia fez as suas primeiras experiências atômicas e o estranho silêncio posterior tem intrigado os peritos. Entretanto, a Casa Branca foi informada de que os russos se vêm abstendo de efetuar experiências suficientemente grandes para serem registradas pelos nossos contadores Geiger.

## A OUTRA BOMBA RUSSA

Um diplomata russo alarmou recentemente o pessoal do Ministério do Exterior da França, quando ali entrou com uma bomba debaixo do braço.

Tratava-se do Primeiro-Secretário da Embaixada russa, Nicolai Korogin, que apresentou a bomba a Guy de la Tournelle, do Ministério do Exterior, o qual ficou quase petrificado.

O russo explicou asperamente que havia encontrado a bomba no peitoril de uma janela da Embaixada russa e que, ao invés de dirigir uma nota de protesto às autoridades, o Embaixador havia resolvido enviar a bomba ao Ministério do Exterior como sinal de que a polícia francesa devia dar mais proteção aos russos designados para Paris.

E havendo pronunciado o seu pequeno discurso, o diplomata russo saiu do gabinete, deixando o atônito diplomata francês com a bomba na mão.

## OS ESFORÇOS DE CHARLES WILSON

A medida que aumenta o calor no Congresso, o Secretário da Defesa, Wilson, está fazendo tudo o que é possível para justificar a redução por ele etuada no orçamento da Força Aérea. A sua última tentativa foi a de tentar tirar um coelho atômico de uma cartola.

Diz Wilson: Os Estados Unidos aperfeiçoaram bombas atômicas mais poderosas desde que se projetou, há dois anos, uma Força Aérea composta de 143 grupos. Por conseguinte, podemos atacar com a mesma intensidade se tivermos uma aviação menor.

A verdade do caso é que primeiro surgiu o plano de reduzir o orçamento para depois se pensar que tínhamos bombas atômicas mais poderosas.

Por outro lado, a nova estratégia de Wilson se baseia num estudo dos efetivos atômicos ainda não terminado. Nem em julho estará concluído o relatório correspondente.

No ano passado, o General Matthew Ridgway pediu que se fizesse um novo estudo da defesa europeia, baseado em quaisquer mudanças que se produzissem nos efetivos atômicos dos Estados Unidos. Chegou à conclusão preliminar de que era possível que se efetuassem algumas reduções nos efetivos armados europeus, mas o seu relatório completo não poderia estar pronto antes de julho. Agora, diz Ridgway que não estará pronto até setembro.

Enquanto isso, a Rússia está acumulando estoques de bombas atômicas com tanta rapidez que os peritos de informação militar dos Estados Unidos calculam que terá bombas suficientes para empenhar-se numa guerra em 1956.

## REPRESENTANTES DE SEGUNDA ORDEM

Quando John Foster Dulles fez o seu relatório à nação pelo rádio, sete dias depois da posse de Eisenhower, prometeu que o novo governo "não dormiria sobre a certeza da amizade da América Latina".

Os latino-americanos receberam com satisfação semelhante declaração. Os observadores estrangeiros,

sabendo da ameaça do comunismo na Guatemala e na Guiana Inglesa, confiavam em que o novo Secretário de Estado fosse sincero no que dizia.

Agora, cinco meses depois, a reação dos governos latino-americanos flutua entre a esperança, o cepticismo e o desalento.

O desalento se manifesta especialmente diante da má qualidade dos Embaixadores que o governo de Eisenhower está mandando para os seus países, bem como diante da maneira injusta pela qual, em relação às tarifas, se está tratando o Uruguai, um dos mais firmes defensores da democracia na América do Sul.

O Secretário Dulles declarou também, pouco depois de haver ocupado o cargo, que nomearia quinze Embaixadores de primeira ordem para a América Latina. Até agora, já escolheu cinco, principalmente indivíduos que contribuiriam com grandes quantias para a campanha eleitoral do Partido Republicano.

O Embaixador no Brasil. — Escolheu-se para esse posto James Kemper, líder republicano arqui-isolacionista do grupo do "Chicago Tribune", diretor da "Lumbermen's Mutual Casualty Company" (companhia de seguros para os madeiros); companheiro de seguros do íntimo do Presidente, George Allen; patrocinador do comentarista isolacionista Upton Close. Kemper foi tesoureiro nacional do Partido Republicano depois da "debacle" de Dewey em 1948; não ardeado muito dinheiro e foi posto de lado quando Guy Gabrielson chegou à presidência do comitê nacional do partido. Kemper sabe muito pouco a respeito do Brasil, o maior amigo que os Estados Unidos têm na América do Sul. Deve a sua nomeação a George Allen, o bufão que Truman tinha na Casa Branca e que agora administra a granja de Eisenhower na Pensilvânia. Em resumo, os brasileiros não se sentem satisfeitos.

O Embaixador no México. — Francis White foi Secretário de Estado auxiliar, encarregado dos assuntos da América Latina, durante o difícil período em que a infantaria da marinha norte-americana de sembarcou na Nicarágua. Os latino-americanos não se esqueceram ainda disso, principalmente os mexicanos, junto a cujo governo White está atualmente acreditado. Depois de abandonar o Departamento de Estado, White passou dez anos como cobrador de dividas externas nos países latino-americanos e não há quem goste de cobradores. Foi Herbert Hoover quem se interessou pela nomeação de White.

O Embaixador em Cuba. — É o afável Arthur Gardner, ex-assessor social de John Snyder, Secretário da Fazenda nos tempos de Truman. A sua esposa, Susy, cujo pai formou uma corporação com a primeira aventura do velho Henry Ford na indústria de automóveis e foi remunerado com ações que hoje em dia valem milhões de dólares, seria uma enviada excelente. Arthur trabalhará com afinco, mas não conseguirá grande coisa nem ofenderá a ninguém.

O Embaixador na República Dominicana. — É William T. Pfeiffer, cuja principal idoneidade para o cargo é ser sócio de escritório de Tom Stevens, secretário da Casa Branca.

O Embaixador em Salvador. — O melhor dos Embaixadores nomeados para a América Latina é Michael McDermott, diplomata de carreira da velha escola, homem cauteloso que tem estado encarregado das relações de imprensa do Departamento de Estado desde os tempos de Frank B. Kellogg.

## POLÍTICA E LINHAS AÉREAS

Um dos milagres realizados pelos advogados administrativos durante o governo de Truman foi o modo pelo qual a "Pan-American Airways" conseguiu meter-se na Casa Branca e obter o que queria de um governo democrata, muito embora os funcionários da "Pan-American" fizessem grande contribuições em dinheiro para a campanha eleitoral republicana.

Entretanto, parece que hoje em dia a "Pan American" pode meter-se também na Casa Branca, estando Eisenhower na presidência.

Os que fazem valer a sua influência em favor dessa companhia acabam de bloquear uma recomendação da Junta de Aeronáutica Civil, relacionada com as rotas da América Latina que não agradavam à "Pan American". Também penetraram na Casa Branca para bloquear uma medida do Congresso destinada

a apresentar ao público a verdade sobre as subvenções às companhias de aviação.

A vitória mais recente da "Pan American" foi obtida quando a Junta de Aeronáutica Civil determinou que a dita companhia teria de colaborar com a "National Airlines" no transporte de passageiros da América Latina para o norte além de Miami e que a "Braniff International Airways" deveria colaborar com a "Eastern Air Lines". A idéia não agradou à "Pan American", que havia proposto aliar-se à "Eastern", mas a Junta de Aeronáutica Civil determinou que uma combinação dessas duas grandes companhias aéreas contra duas companhias pequenas constituiria uma evidente violação do princípio da livre concorrência.

Ao invés disso, a Junta de Aeronáutica Civil decidiu a favor da "concorrência equilibrada", em outras palavras, a favor da união da "Pan American" com a "National", que é menor, contra a "Eastern", outra grande companhia, e a "Braniff", que é pequena.

## TARIFAS À DEMOCRACIA

Os latino-americanos são indivíduos sensíveis. Considerando-se abandonados há muito tempo em virtude do fato de conceder o Plano Marshall maior importância à Europa do que a eles, mostram-se ressentidos ao receber Embaixadores do tipo comum ou de má qualidade.

Também se mostram ressentidos com os direitos compensadores impostos à Uruguai pelo governo de segundo Dulles, "não dormiria sobre a certeza da amizade da América Latina".

No ano passado, o Senador O'Mahoney, firme pilar do Partido Democrata, suplicou ao governo de Truman que impusesse esses direitos ao Uruguai, alegando que a proteção tarifária concedida aos criadores de ovelhas de Wyoming representaria a sua rejeição. Mas Dean Acheson, que queria salvaguardar o comércio entre os bons vizinhos, sabendo que o Uruguai estava lutando com dificuldades para manter a democracia ao lado da Argentina, foi contrário. A lá uruguia continuou a entrar nos Estados Unidos e O'Mahoney foi derrotado.

Agora, apesar do programa de "comércio e não ajuda", Dulles permitiu que se impusessem direitos compensadores à lá uruguia, sendo essa a primeira vez que se impõem esses direitos à América Latina.

"Voltamos aos dias em que se dormia sobre a certeza da nossa amizade", dizem com ironia os diplomatas latino-americanos.

(Exclusividade de O CRUZEIRO em todo o Brasil)

## UM FATO EM FOCO

Doze belas mulheres de diferentes países do mundo reuniram-se novamente em Long Beach, California (E. U. A.), para disputarem o título tradicional de "Miss" Universo. Mas desta vez, segundo informam os correspondentes que lá estiveram, não se observou o mesmo entusiasmo com que foi acompanhado o concurso de 1952, vencido pela jornalista finlandesa Armi Kuusela. Não houve grande dificuldade para os juizes que se reuniram no dia 17 de julho em Long Beach, em escolher the most beautiful girl in the world. Cinco finalistas foram selecionadas: as representantes da França, dos Estados Unidos, do México, da Austrália e do Japão, esta última uma grande surpresa porque podia ser vista com bons olhos tanto por orientais como por ocidentais. O "veredictum" porém não demorou; e a escolhida foi a jovem "Miss" França, Christine Martel, que tem 18 anos e nasceu em Paris. A segunda e a terceira colocadas foram respectivamente "Miss" Estados Unidos (Myrna Bee Ho), além de vários outros prêmios, "Miss" Universo recebeu um automóvel último tipo e um rendoso contrato para trabalhar em Hollywood. Recordar-se a propósito que a "Miss" de 1952 recebeu também, mas recusou oferta idêntica, preferindo fazer cinema na sua pátria — a Finlândia — para depois casar com um filipino, vivendo hoje em dia (dizem), muito feliz. Mas Christine Martel, que vemos à direita em duas fotografias expressivas (quando era coroada pela "esposa" Julia Adams, foto menor), parece que aderindo à seguir o exemplo de sua antecessora, mais esse movimentado concurso, do qual o Brasil, como é costume, não participou.

CRUZEIRO, 1 de agosto de 1953

Anexo 3: Artigo São perigosas as usinas atômicas, O Cruzeiro de 29 de setembro de 1956

**CARROSSEL DO MUNDO**

# SÃO PERIGOSAS AS USINAS ATÔMICAS

DREW PEARSON



**WASHINGTON, setembro** — Num memorando que o presidente da Comissão de Energia Atômica, Sr. Lewis Straus, procurou esconder, vários cientistas, especialistas em questões atômicas, fizeram uma séria advertência no sentido de que a instalação de um poderoso e rápido reator atômico, aprovada já pelo Sr. Straus, nos subúrbios da cidade de Detroit, pode constituir um risco para a saúde e a segurança do público.

Em novembro do ano passado, instalou-se um reator experimental das mesmas características, embora menor, na localidade de Arco, no Estado de Idaho, e toda a instalação se fundiu, ficando transformada num montão fervente de radioatividade, que só pôde ser tocado seis meses depois. Os técnicos no assunto até hoje não descobriram a causa do insucesso. Apesar disso, o Sr. Straus, fazendo caso omissivo da severa e urgente advertência dos seus próprios técnicos em matéria de segurança, aprovou a construção da usina nos subúrbios da populosa cidade de Detroit. Essa enorme central de eletricidade, que funcionará com energia atômica, terá uma capacidade de 150.000 kilowatts e a sua construção estará a cargo da "The Power Reactor Development Company", a mesma que, como o consórcio Dixon-Yates, se formou em virtude da fusão de várias empresas privadas.

Embora não exista qualquer segredo a respeito do embaraçoso memorando, o presidente da Comissão de Energia Atômica o guardou como se fosse o plano da bomba de hidrogênio. Carimbou-o como "altamente secreto" e não de enviá-lo, como exige a lei, a Comissão Unificada de Energia Atômica do Congresso.

O Presidente da Comissão, Sr. Anderson, elevou-o com a solicitação de que se suprimisse do documento o caráter de altamente confidencial. Mas o Sr. Straus só concordou em trocar a classificação para "administrativamente confidencial".

**O MEMORANDO**

O Sr. Straus, por outro lado, recebeu um pedido do Governador do Estado de Michigan, Sr. Mennen Williams, para que se tornasse público o referido documento, alegando inutilmente que o referido reator poderia ser um perigo para os cidadãos do seu Estado. Apesar de todas as precauções do Sr. Straus, o nosso serviço jornalístico pôde conseguir uma cópia do memorando secreto, do qual a seguir reproduziremos algumas das passagens mais interessantes.

Os cientistas da Comissão de Energia Atômica dizem que não podem afirmar com segurança que o reator não era perigoso. O Sr. Straus assegurou ao conceder a licença para a instalação da central atômica, que se fariam novas investigações para garantir a segurança do funcionamento do reator, desde que se complete a sua instalação em 1960. Mas a disputa entre os cientistas é a seguinte:

"Parece duvidoso" — escreveram no memorando — "que se possa ter no futuro suficiente informação experimental para dar a certeza de que o funcionamento desse reator não oferece perigo, salvo se o atual programa da Comissão de Energia Atômica (novas investigações) for ampliado e acelerado".

**UM SOBRINHO DE IKE ACUSADO**

Um dos segredos mais bem guardados pela Academia Militar de West Point, e que agora pode ser revelado, é a saída daquele estabelecimento de um sobrinho do Presidente Eisenhower. Trata-se de Richard Gill, que teve que deixar a academia militar há três anos para não sofrer o tratamento do "gelo" dos outros cadetes.

O jovem sobrinho do Presidente foi acusado por outro cadete de usar de fraude, colando numa prova escrita de Espanhol. Foi julgado, segundo a tradição, por um Conselho de Honra dos próprios cadetes, que o considerou culpado de violar o código de honra dos cadetes. Mas uma comissão de professores, talvez mais impressionada com os laços de parentesco do jovem Gill com o Presidente Eisenhower, desprezou a sentença dos cadetes.

Entretanto, apesar da defesa que fez o Professor de Espanhol, isso não evitou que os cadetes não lhe dirigissem a palavra, nem falassem com ele, obrigando-o finalmente a sair da academia.

**GUERRA DA JUSTIÇA AMERICANA AOS "GANGSTERS"**

O caso do jornalista Victor Riesel, a quem cegaram jogando-lhe ácido nos olhos, pode obrigar o Departamento da Justiça a prosseguir na sua decisão de tratar com mão de ferro as quadrilhas de "gangsters" que se infiltraram nos sindicatos operários. Isso poderia transformar-se num bumerangue contra os republicanos, cujo mais poderoso apoio entre os operários procede do corrompido sindicato dos choferes de caminhão, John Dio, preso pelo Bureau Federal de Investigações, sob a acusação de ser o principal chefe do brutal atentado contra o jornalista Riesel, é um dos homens da confiança do mundo do crime entre os choferes de caminhão, cujo chefe é Jimmy Hoffa.

John Dio conseguiu certa vez a autorização dos choferes de caminhão para organizar em New York o sindicato dos choferes de táxi. Também se uniu em outra ocasião com Hoffa, num esforço para afastar Martin Lacey do cargo de presidente do Conselho Unificado dos Choferes de Caminhão. Atualmente, Hoffa está dirigindo a campanha dos republicanos dentro do sindicato. Contribuiu ainda com o dinheiro do sindicato dos choferes de caminhão para patrocinar os programas de rádio e de televisão em favor dos republicanos, durante a convenção do Estado de Michigan. Dave Becke, que é um dos homens-fortes do sindicato dos choferes de caminhão, foi um dos cinco dirigentes operários que se negaram a apoiar a chapa presidencial democrata numa reunião do Conselho Executivo da Federação Americana do Trabalho e do Congresso das Organizações Industriais.

Tanto Hoffa quanto Dio são amigos íntimos do pitoresco "gangster" de Chicago, Paul Dorfmann, também conhecido como "Vermelho". Dorfmann dirige separadamente os acampamentos para jovens de ambos os sexos em Winosha, Wisconsin, utilizando-os como coréias para as reuniões dos dirigentes do crime. Esse mesmo indivíduo administra uma fazenda de duvidosas finalidades nos arredores de Gulpfort, Minnesota, onde recebe as personalidades do crime e outras celebridades...

**CISÃO OPERÁRIA NO SUL?**

O referido dirigente operário, Sr. Meany, falou claramente e se manteve firme contra a segregação racial, sendo de opinião que isso poderia precipitar uma verdadeira revolta no movimento operário do sul. Antes que desse a sua opinião, havia lido um relatório confidencial que adver-

tiava que "uma revolta de grandes proporções" se estava formando entre os sindicatos do SUL, e o relatório confidencial declarava:

"Fala-se abertamente da formação de uma federação de operários, baseado na segregação. Vários grupos locais dos sindicatos já adotaram soluções para afastar-se no âmbito nacional da Federação Americana do Trabalho e do Congresso das Organizações Industriais. Criou-se essa situação para ordenar uma organização sindical eficiente, com experiência das questões sindicais, a fim de tomar a iniciativa e unir o elemento operário que já se acha representado no movimento em ascensão do Conselho dos Cidadãos Brancos".

O referido relatório calcula que "mais de 250.000 membros dos sindicatos já foram atingidos pelas crises verificadas entre os operários organizados por força do Conselho dos Cidadãos Brancos, no Estado de Alabama, Geórgia, Mississipi, Tennessee e Carolina do Sul". Adverte ainda: "Dispõem de fundos limitados, provenientes dos magnatas de petróleo do SUL, e de outros interesses, empenhados que estão na vitória de um movimento destinado a destruir os sindicatos trabalhistas".

O memorando confidencial chega às seguintes conclusões:

1 — Em virtude da questão racial, o pessoal da Federação Americana do Trabalho e do Congresso das Organizações Industriais muito poucos sindicatos novos pode conseguir no Sul.

2 — Em consequência dessas crises, o movimento trabalhista retrocederá cinco ou dez anos. Se for lançado um movimento sindical independente, baseado na segregação racial, quase todos os elementos brancos dos sindicatos se filiarão ao mesmo. Sem a direção dos brancos, os sindicatos com os elementos de cor se enfraquecerão.

3 — Alguns dirigentes sindicais desejam contruturar um método de ação que lhes permita coexistir com o Movimento dos Cidadãos Brancos. Isso determinaria uma declaração pública do presidente da Federação Americana do Trabalho e do Congresso das Organizações Industriais no sentido de que haveria lugar para os dissidentes no que toca ao problema dos direitos civis.

(Exclusividade de O CRUZEIRO em todo o Brasil)

**UM FATO EM FOCO** →

Foto I. N. P.

A lua de mel estava planejada há muito. Arthur Finn e sua noiva Eileen Narder já tinham Miami como sua presa. Rotinos combinados e recriados pela imaginação tinham seu horário fixado pelo sentimento comum. Era o momento da libertação de todos os quadrantes da realidade cotidiana. Nenhuma dificuldade. Nenhum problema difícil para resolver no escritório. Todas as frases só tinham um compasso regulado pela expressão: "Quando estivermos casados..."

Arthur, de acordo, Eileen, de acordo. No dia do casamento, na igreja de São Tomás, o clássico sim e as despedidas do tempo de um noivado sempre longo demais para a imaginação. Em casa muitos convidados e os abraços de solidariedade ou as lágrimas felizes dos pais. A saída, muito arroz e muita esperança. O carro arrancou entre adeuses. Foi quando à uma hora da madrugada, rumo a Miami, algo aconteceu. A festa acabou, alegria se esqueceu e o carro parou. Um pneu com defeito entrou na história. E os recém-casados tiveram de esperar mais um pouco pelo território prometido.

Na foto: O noivo começa a "dar duro" antes de voltar ao trabalho no escritório. A noiva tem a primeira grande "chance" de ser a "companheira ideal".

O CRUZEIRO, 29 de setembro de 1956

Fonte: PEARSON, Drew. São perigosas as usinas atômicas. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 29 set. 1956. Carrossel do Mundo, p. 16.

Anexo 4: Lista dos títulos do artigo da coluna Carrossel do Mundo

Ano	Mês	Dia	Artigo
1950	Janeiro	14	Senadores em férias na Espanha
	Janeiro	21	A bomba atômica Russa
	Janeiro	28	Segredos atômicos revelados
	Fevereiro	4	John Bull continua míope
	Fevereiro	11	Dólares para o petróleo mexicano
	Fevereiro	18	Tito, Franco e Chiang
	Fevereiro	25	Automóveis americanos no Brasil
	Março	11	Formula para a prosperidade
	Março	18	A armada e a bomba atômica
	Março	25	Moscou se prepara para a guerra
	Abril	1	Carta-Aberta a Dean Acheson
	Abril	8	Carta-Aberta ao Presidente Truman
	Abril	22	Bomba-A ou "JIU-JITSU" diplomático
	Abril	29	A Rússia e o Plano Marshall
	Maio	6	A grande batalha da paz
	Maio	13	Buda vivo mora em Baltimore
	Maio	27	Desacordo entre os generais americanos
	Junho	3	Vargas pretende reviver o comunismo
	Junho	10	125 milhões para a Argentina
	Junho	17	Apurado o "incidente" do Báltico
	Junho	24	Cresce o poderio naval soviético
	Julho	8	A Rússia só compreende a força
	Julho	15	As mentiras de Drew Pearson
	Julho	22	Prêmio por maus serviços prestados
	Julho	29	Coreia, Irã e Formosa
	Agosto	5	MacArthur não esperou a ordem de atacar
	Agosto	12	Stalin x Drew Pearson
	Agosto	19	Será usada na Coreia a bomba atômica?
	Agosto	26	20 anos de história até a Coreia
	Setembro	2	MacArthur e os correspondentes de guerra
	Setembro	9	A Coreia e a Normandia
	Setembro	16	Cem milhões de dólares para Franco
	Setembro	23	Medíocres os comandantes americanos
	Setembro	30	Truman escreve cartas perigosas
	Outubro	7	A Coreia e o prestígio militar dos EUA
	Outubro	14	Os dois revólveres do presidente Truman
	Outubro	21	Kim, a mata-hari coreana
	Novembro	4	Estão por terra os planos do Kremlin
	Novembro	11	Kaiser e a iniciativa privada
	Novembro	18	A visita de Truman a Mac Arthur
	Dezembro	9	O Problema dos médicos militares

	Dezembro	16	O derrotismo domina a Europa Ocidental
	Dezembro	23	O mistério dos discos voadores
Total: 44	Dezembro	30	A guerra, a borracha e a América Latina
1951	Janeiro	20	Ao invés de rublos, armas e munições
	Janeiro	27	Carta á minha filha
	Fevereiro	3	Cérebros mecânicos para os EUA
	Fevereiro	17	Mais armas para os chineses
	Fevereiro	24	O que os chineses pensam dos americanos
	Março	3	Projctis de artilharia atômica
	Março	10	Legião estrangeira nos EUA
	Março	17	Base a 300 mil metros de altura
	Março	31	A dois metros da cortina de ferro
	Abril	7	Os russos abandonaram os chineses
	Abril	14	Os russos atacarão em Junho?
	Abril	21	Turquia versus União Soviética
	Abril	28	A Europa e o comunismo
	Maio	5	A Itália e os sonegadores de impostos
	Maio	12	A burocracia asfixia a Itália
	Maio	19	Três épocas na vida de Berlim
	Junho	2	Para presidente em 52: Earl Warren
	Junho	9	MacArthur e os vermelhos coreanos
	Junho	16	MacArthur, a China e a Europa
	Junho	23	Desastre americano na Coréia
	Junho	30	Estensoro, candidato do cominform
	Julho	7	Pearson irá para a Cadeia?
	Julho	14	O tesouro fraudado em milhões
	Julho	21	O queixo de vidro de Perón
	Junho	28	Malik e os delegados americanos
	Agosto	4	A crise de Petróleo nos EUA
	Agosto	11	Eisenhower e a Casa Branca
	Agosto	18	Acheson não acredita nos comunistas
	Agosto	25	A ofensiva de paz dos russos
	Setembro	8	Os espiões comunistas de Tóquio
	Setembro	15	Inquietações por de trás da Cortina
	Setembro	22	Moscou e Pequim não estão de acordo
	Setembro	29	ABC da estratégia russa
	Outubro	6	Balões e discos voadores
	Outubro	13	A guerra não vira tão cedo
	Outubro	20	Perón e o vice-reinado do Prata
	Outubro	27	Descoberto o segredo da luz solar
	Novembro	3	Não teremos guerra este ano
	Novembro	10	Cristianismo e política na Itália

	Novembro	17	É tarde demais para agir no Irã
	Novembro	24	Os cárceres da liberdade
	Dezembro	1	Nos bastidores do exército americano
	Dezembro	8	Os Estados Unidos e a vitória de Churchill
	Dezembro	15	Proposta de Paz na Europa
	Dezembro	22	Os Estados Unidos e a vitória de Churchill
Total: 46	Dezembro	29	Pressão sobre os vermelhos
1952	Janeiro	5	Expurgo de militares argentinos
	Janeiro	12	Os republicanos admitem a derrota
	Janeiro	19	A luta anticomunista na Rússia
	Janeiro	26	Política contra a economia latino-americana
	Fevereiro	2	Eisenhower discutiu com Churchill
	Fevereiro	9	Atritos entre Truman e a Imprensa
	Fevereiro	16	Perón não confia no exército
	Fevereiro	23	Graves erros de Churchill
	Março	8	Frente a frente com generais
	Março	15	Política contra a economia latino-americana
	Março	22	O príncipe de Rita Hayworth
	Março	29	Pilotos russos treinam na Coreia
	Abril	12	Cresce a impopularidade de Truman
	Abril	19	Inimigos da liberdade de imprensa
	Maior	10	A verdade sobre a desistência de Truman
	Maior	24	A procuração bélica americana
	Maior	31	Por trás da revolução boliviana
	Junho	7	Estão procurando sabotar Eisenhower
	Junho	21	A bomba atômica e os comunistas
	Junho	28	Os russos querem ocupar Berlim
	Julho	12	Golpe baixo dos comunistas franceses
	Julho	19	Dólares para o ditador Espanhol
	Julho	26	Três demissões vergonhosas
	Agosto	2	Como a China foi perdida
	Agosto	9	O estranho caso da senhora Mittman
	Agosto	16	Truman e a lei de imigração
	Agosto	30	O Irã e a Cortina de ferro
	Setembro	6	A força aérea e os discos voadores
	Setembro	13	Os russos à espera da sucessão de Truman
	Setembro	20	Truman e seu provável sucessor
	Setembro	27	Moscou prepara um novo Golpe
	Outubro	18	Graves acusações a um senador
	Outubro	25	A maquiagem do General Eisenhower
	Novembro	1	Um homem astuto e oportunista
	Novembro	8	Os políticos são como os tigres
	Novembro	15	A última cartada de Truman

	Novembro	29	Os isolacionistas republicanos
	Dezembro	6	Os russos estão se armando até os dentes
	Dezembro	13	Os comunistas espalham venenos
	Dezembro	20	A viagem de Eisenhower à Coréia
Total: 41	Dezembro	27	A explosão da Bomba de Hidrogênio
1953	Janeiro	3	Acusado de incendiário pelos comunistas
	Janeiro	10	Mossadegh pede auxílio aos americanos
	Janeiro	17	Problemas da guerra na Coréia
	Janeiro	24	O ministro estimula os comunistas
	Fevereiro	7	A Era atômica vai começar agora
	Fevereiro	14	O maior espião da Europa
	Fevereiro	21	Planos de Eisenhower para a Coréia
	Fevereiro	28	Dificuldade dos americanos na Coréia
	Março	7	Franco quer armas dos EUA
	Março	14	Programa para o Extremo Oriente
	Março	21	Na cozinha da Casa Branca
	Março	28	Escassez de munições na Coréia
	Abril	4	Formação do Exército Europeu
	Abril	18	Revelações sobre Malenkov
	Abril	25	Quando teria morrido Stalin
	Maiο	2	Aperfeiçoamento nas bombas atômicas
	Maiο	9	Dados para compreender o caso da Coréia
	Maiο	16	A ofensiva de Paz da Rússia
	Maiο	23	Por que se suicidou o cunhado de Perón
	Maiο	30	Redução nos orçamentos militares
	Junho	6	Os amigos da China nacionalista
	Junho	13	Alarmante situação no exército americano
	Junho	20	Queixa-se Eisenhower de excesso de trabalho
	Junho	27	Um golpe da Alemanha comunista
	Julho	11	Artilharia atômica desperdício de dinheiro
	Julho	18	Causas da Tensão Anglo-Americana
	Julho	25	Declinará o prestígio dos EUA
	Agosto	1	Bomba atômica russa
	Agosto	8	Começa a desmoronar o comunismo?
	Agosto	15	A verdade sobre a queda de Béria
	Agosto	22	Acusação contra os gastos militares
	Agosto	29	O romance da princesa Margaret
	Setembro	5	Revelações sobre a trégua na Coréia
	Setembro	12	Análise secreta da política russa
	Setembro	19	Os congressistas se divertem
	Setembro	26	Perón e a visita de Milton Eisenhower
	Outubro	3	As verdadeiras causas das greves na França
	Outubro	10	Um documento militar secreto
	Outubro	17	Contrato misterioso na Casa Branca

	Outubro	24	A história da fuga de Béria
	Outubro	31	O caso dos soldados colaboracionistas
	Novembro	7	Consequência das censuras nas notícias de guerra
	Novembro	14	Eisenhower não será candidato a reeleição
	Novembro	21	A bomba hidro russa e superior à América
	Novembro	28	Graves problemas para Eisenhower
	Dezembro	12	As vitórias eleitorais dos democratas
Total: 47	Dezembro	19	O estranho caso Harry Dexter White
1954	Janeiro	2	Dois pesos e duas medidas para julgar
	Janeiro	9	Eisenhower e McCarthy
	Janeiro	16	Dividir para vencer o jogo dos russos
	Janeiro	23	Casa Branca x Congresso
	Janeiro	30	Sucesso de Nixon na excursão à Ásia
	Fevereiro	6	Chefes de polícia em dificuldades
	Fevereiro	20	A força aérea estudará o planeta Marte
	Fevereiro	27	Sabotagem contra o submarino atômico
	Março	6	O Brasil não é culpado da alta do Café
	Março	13	Começaram as manobras presidenciais
	Março	20	Gouzenko prevê a Guerra
	Março	27	S.RHEE quer reiniciar as hostilidades
	Abril	3	Porto Rico e a independência
	Abril	10	Posição dos EUA em Caracas
	Abril	17	McCarthy é inspirado pela vingança
	Abril	24	A política secreta protege Eisenhower
	Maio	1	A bomba de hidrogênio inquieta Malenkov
	Maio	8	Nazistas e comunistas de novo unidos
	Maio	15	Os Estados Unidos e a guerra da Indo-China
	Maio	22	Dulles fará uma advertência a Molotov
	Maio	29	Oppernheimer e a segunda guerra mundial
	Junho	5	Vandenderberg achava que se deveria atacar a Rússia
	Junho	19	O boicote de Jimmy Roosevelt
	Julho	3	O novo rival de Malenkov
	Julho	31	O que se ignora sobre Churchill
	Agosto	7	A viagem a Rússia da senhora Roosevelt
	Agosto	14	Eisenhower quer processar a “United Frut”
	Agosto	21	Generoso com os Magnatas o governo americano
	Setembro	4	O dinheiro dos “gangster” na política
	Setembro	18	A verdade sobre a deserção de Otto John
	Setembro	25	Influência duma secretaria na administração
	Outubro	2	O esporte e delinquência juvenil
	Outubro	9	O que pensam duas substitutas de Drew Pearson
	Outubro	16	Dewey não será mais candidato
	Outubro	23	Eisenhower quer reduzir o orçamento

	Outubro	30	Os foguetes atravessarão os oceanos
	Novembro	6	Dinamite na ONU
	Novembro	13	Os americanos repetiram o erro de Colombo
	Novembro	20	A revolução social da Bolívia
	Novembro	27	O presidente da Libéria na Casa Branca
	Dezembro	4	Os republicanos Utilizaram-se do fantasma comunista
	Dezembro	11	Importante realização da ONU no América do sul
	Dezembro	18	Demissão de um funcionário exemplar
Total: 44	Dezembro	25	McCarthy adora táticas comunistas
1955	Janeiro	1	A América Latina deixa de defender os EUA
	Janeiro	8	Corre perigo a política de boa vizinhança
	Janeiro	15	Os russos tratam de intimidar Adenauer
	Janeiro	29	Eisenhower e a questão de formosa
	Fevereiro	5	Os russos teriam deixado morrer Vichinsky
	Fevereiro	12	A renúncia do secretário de defesa
	Fevereiro	19	Indeciso Eisenhower sobre a sua candidatura
	Fevereiro	26	Henry Ford II e a revolução nos salários
	Março	5	Parece que não haverá guerra na China
	Março	12	Eisenhower acreditava na cessação do fogo
	Março	19	História da queda de Malenkov
	Março	26	A superioridade área anima os comunistas
	Abril	2	Investigação sobre o convênio secreto Dixon-Yates
	Abril	9	Inquérito sobre serviços públicos
	Abril	16	O bloqueio naval da China vermelha
	Abril	23	Foster Dulles não cumpriu sua promessa
	Maio	7	Confusão sobre a defesa de Quemoy e Matsu
	Maio	14	O perigo dos resíduos atômicos
	Maio	21	Eisenhower pretende internar-se num hospital
	Maio	28	O antagonismo entre Eden e Dulles
	Junho	4	A imprensa americana luta pela verdade
	Junho	12	Fiscalização da vacina Salk
	Junho	26	Ainda as vítimas da vacina Salk
	Julho	2	Responsabilidade dos estadistas
	Julho	16	Não haverá guerra em breve no extremo oriente
	Julho	23	A embaixadora Luce quer ser vice-presidente
	Julho	30	A batalha secreta em torno da vacina Salk
	Agosto	6	A secretaria hobby quer imitar Molotov
	Agosto	13	Insucesso do plano de paz um jornalista
	Agosto	20	Uma batalha pela saúde pública
	Setembro	3	Genebra, base de agentes secretos
	Setembro	10	Os russos a reeleição de Eisenhower
	Setembro	17	Dulles não quis que Eisenhower convidasse Bulganin e Zhukov

	Setembro	24	Aumenta a temperatura da terra
	Outubro	1	Prejudicados pelo caso McCarthy
	Outubro	8	Quatrocentas toneladas de propaganda
	Outubro	22	Batista não persegue os inimigos políticos
	Outubro	29	O congresso negou verbas ao médico de Eisenhower
	Novembro	5	Um grupo de homens governa o país
	Novembro	12	A Rússia quer chegar ao mediterrâneo
	Novembro	19	Alguns problemas críticos do mundo
	Novembro	26	Os jornalistas não podem conhecer toda a verdade
	Dezembro	3	Cortina de ferro em torno das notícias
	Dezembro	10	A grave tensão no Oriente Próximo
	Dezembro	17	Morreu o espírito de Genebra
Total: 46	Dezembro	31	Não haverá redução no auxílio externo
1956	Janeiro	7	Um refugiado
	Janeiro	14	A batalha da propaganda externa
	Janeiro	21	Não foi sincero o cardiologista de Eisenhower
	Janeiro	28	Viagem ao Pólo
	Fevereiro	4	Relatório de Dulles sobre a política internacional
	Fevereiro	11	Dulles mostra como fazer inimigos e aborrecer aliados
	Fevereiro	18	Acreditam os republicanos na reeleição de Eisenhower
	Fevereiro	25	Eden e as manobras das empresas petrolíferas
	Março	3	A curva da prosperidade americana
	Março	10	Eden ganhou a batalha
	Março	17	Graves acusações ao departamento de defesa dos EE. UU.
	Março	24	O Egito quer criar um superestado Árabe
	Março	31	Produto perigoso na indústria do pão
	Abril	7	A indústria do petróleo ajudou Eisenhower
	Abril	14	Ministro de Eisenhower deixarão os cargos
	Abril	21	Eisenhower vetará a lei agrária
	Abril	28	Dispostos à luta os partidários de Stevenson
	Maio	5	Divergências entre Stevenson e Kefauver
	Maio	12	Planeja-se uma visita de Zhukov aos Estados Unidos
	Maio	19	Nasser Cesar do mediterrâneo
	Maio	26	História de um traficante de influências
	Junho	2	A visita de Zhukov aos Estados Unidos
	Junho	9	Os advogados e a influencia política
	Junho	16	Uma empresa aérea e as influências oficiais
	Junho	23	Bons negócios para um deputado
	Junho	30	O adiantamento militar russo
	Julho	7	Eisenhower será candidato

	Julho	14	Será Eisenhower o candidato
	Julho	28	O peixe e as bases da Islândia
	Agosto	4	O analfabetismo na Rússia é igual os EUA
	Agosto	11	Nixon comete imprudência no Paquistão
	Agosto	18	Um parente de Eisenhower ganha uma fortuna
	Setembro	15	Caça aos votos dos pretos americanos
	Setembro	22	Eisenhower e a imprensa
	Setembro	29	São perigosas as usinas atômicas
	Outubro	13	Jerusalém, cidade dividida
	Outubro	20	A viagem do presidente da corte suprema a Índia
	Outubro	27	Iminente outra guerra entre e os árabes
	Novembro	3	O ocidente e a viagem do Marechal Tito a Yalta
	Novembro	17	A política e a saúde de Ike
	Novembro	24	Uma guerra com a de Davi e Golias
	Dezembro	8	A verdade histórica sobre a crise
	Dezembro	15	Os “voluntários” russos para o Egito
Total: 44	Dezembro	29	Vai de mal a pior a aliança ocidental
1957	Janeiro	5	Duvidosa a neutralidade de um jornalista
	Janeiro	12	Khruchchen de novo a figura dominante de Moscou
	Janeiro	19	Herbert Hoover Junior - Diplomata Petroleira
	Janeiro	26	Não há ingleses na Groenlândia
	Fevereiro	2	Os fatos verdadeiros
	Fevereiro	9	Prognóstico de Paz para 1957
	Fevereiro	16	O apoio do congresso à doutrina de Eisenhower
	Março	9	O rei Ibn Saud desperdiça as suas riquezas
	Março	16	Interrogatório de senadores a um embaixador
	Março	23	Desaparecido o processo contra as empresas de petróleo
	Março	30	A nacionalização do Canal do Panamá
	Abril	13	Truman não irá à Grécia nem à Turquia
	Abril	20	Conselho de guerra para Coronel
	Maió	4	A Wall Street e os títulos Czaristas
	Maió	11	Ainda há perigo no oriente médio
	Maió	25	Dulles não quer dar trigo á Polónia
	Junho	1	O rei Saud prometeu apoiar o rei Hussein
	Junho	8	Moscou e o canal do Panamá
	Junho	15	O senado e sua influência na nomeação dos embaixadores
	Junho	29	Pior as relações entre os EE.UU. e o Canadá
	Julho	13	A cortina de ferro americana
	Julho	20	O caso do sargento Girad
	Julho	27	Canadá – Estado Unidos
	Agosto	3	Kishi e Eisenhower
	Agosto	10	O BFI quer proteger para os seus arquivos

	Agosto	17	Algumas opiniões do ex-presidente Truman
	Agosto	24	É preciso aproveitar o expurgo russo
	Setembro	7	A Rússia supera os Estados Unidos
	Setembro	14	Manobras Políticas com Diplomatas
	Setembro	21	Por que o senador Church foi a Buenos Aires
	Setembro	28	As vacilações de Eisenhower
	Outubro	5	O congresso e as companhias de transporte
	Outubro	12	Um deputado dá a volta ao mundo às suas custas
	Outubro	19	As causas do alarma em trono da “asiática”
	Outubro	26	Foster Dulles não tem muita simpatia na Grécia
	Novembro	9	O despertar do mundo Árabe
	Novembro	16	As rivalidades militares e os satélites Soviéticos
	Novembro	23	Exame de consciência da política americana
	Novembro	30	Cartas na mesa no Oriente Médio
	Dezembro	7	Transferência do projeto do Satélite
	Dezembro	14	Talvez a visita de Zhukov modificasse a história
	Dezembro	21	Três causas do lançamento do satélite americano
Total: 45	Dezembro	28	O programa americano dos projéteis e satélites
1958	Julho	12	O estranho caso do professor Galindez